

MEU *Policial*
ENVOLVENTE

SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 4

JUJU FIGUEIREDO



MEU *Policial*
ENVOLVENTE

SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 4

1º EDIÇÃO

Copyright © Juju Figueiredo

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Mari Sales

Revisão: Hellen Caroline

Diagramação Digital: Juju Figueiredo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Sumário

[Nota da Autora](#)

[Play List](#)

Sinopse

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Verônica](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 1](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 2](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 3](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 4](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 5](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 6](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 7](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 8](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 9](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 10](#)

[Guilherme](#)

[Bônus 1](#)

[Bóris](#)

[Capítulo 11](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 12](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 13](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 14](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 15](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 16](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 17](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 18](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 19](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 20](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 21](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 24](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 25](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 26](#)

[Samuel](#)

[Capítulo 27](#)

[Verônica](#)

[Bônus 2](#)

[Bóris](#)

[Capítulo 28](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 29](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 30](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 31](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 32](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 33](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 34](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 35](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 36](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 37](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 38](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 39](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 40](#)

[Guilherme](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 41](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 42](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 43](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 44](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 45](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 46](#)

[Guilherme](#)

[Verônica](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 47](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 48](#)

[Verônica](#)

[Guilherme](#)

[Capítulo 49](#)

[Verônica](#)

[Capítulo 50](#)

[Guilherme](#)

[Epílogo](#)

[Verônica](#)

[Nota da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras Obras](#)



Este é o quarto livro da série Envolvente.

Para escrever esse livro fiz várias pesquisas, e para atender ao meu enredo, tive que criar algumas coisas que fogem da realidade da Polícia Federal e da própria Interpol.

Todos os livros se passam dentro de um mesmo universo, porém são casais e épocas diferentes em cada livro, tornando assim cada livro único. Não necessitando da leitura dos anteriores para compreender este, porém se quiser saber mais sobre os outros personagens citados aqui basta procurar os livros anteriores pelos títulos:

- Meu envolvente professor – livro 1
- Meu Juiz Envolvente – Livro 2
- Meu Médico Envolvente – Livro 3

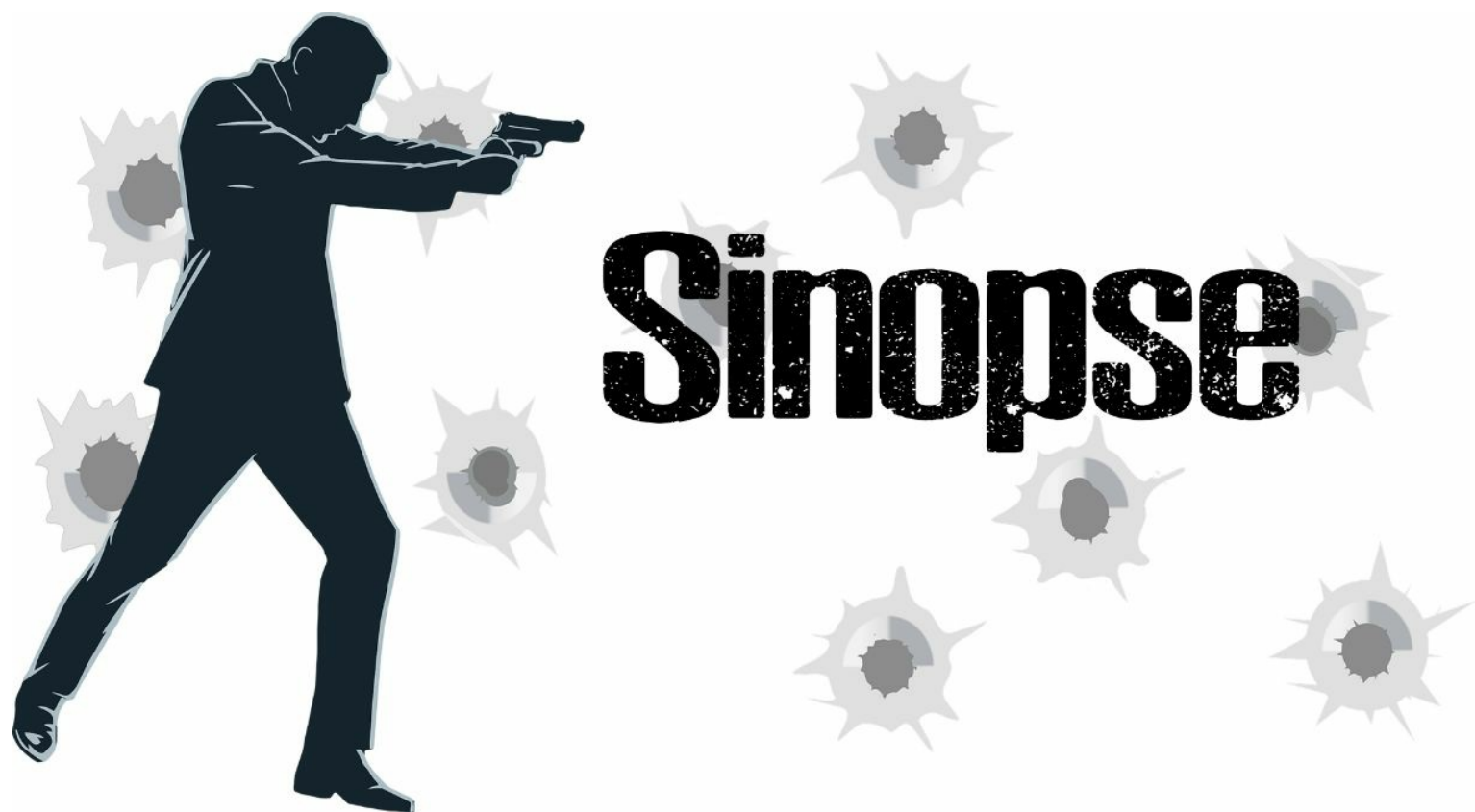
Espero que mergulhem a fundo nessa história e preparem os lenços, porque será impossível não chorar.

Boa leitura!



QR code da PlayList no Spotify





Ela o amava profundamente.

Ele jurou que ficaria com ela pelo resto de suas vidas.

Ela foi abandonada grávida e sem saber que direção tomar.

Ele quebrou sua promessa.

O amor é capaz de resistir ao tempo e às mentiras?

Mais de um ano havia se passado e ela acreditava ter as rédeas de sua vida novamente. Porém, o antigo amor de sua vida estava de volta, disposto a reconquistá-la após ter ido embora deixando um simples bilhete. Mas as coisas não seriam tão fáceis e Verônica entra em uma situação a qual não imaginava: ter seu coração dividido entre o presente e o passado.

Guilherme não sabia responder em qual momento havia se apaixonado pela esposa, mas ele sabia que daria a vida para protegê-la. Quando deixou um bilhete para Verônica, sabia que partiria o coração dela. Mas ao ser chamado para uma missão extraoficial da Interpol juntamente com a Polícia

Federal, precisou tomar uma atitude que colocou seu casamento em cheque. Um passo em falso e ele seria morto.

Mas ele estava de volta e disposto a reconquistá-la, só não esperava a encontrar com a vida refeita e completamente blindada contra ele. Reconquistar sua confiança e seu amor não seria uma tarefa fácil, ainda mais com outro homem disputando o coração da mulher que ele amava.

Mas nem tudo são flores. Eles não sabiam, mas eram vigiados constantemente e o inimigo queria apenas uma coisa: a morte deles.



Epígrafe

*Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar
E cada verso meu será
Pra te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida
Eu sei que vou chorar
A cada ausência tua eu vou chorar
Mas cada volta tua há de apagar
O que essa ausência tua me causou
Eu sei que vou sofrer a eterna desventura de viver
A espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida
Eu sei que vou te amar – Ana Carolina*



Prólogo

*Quando nascer nosso primeiro filho
Quero que tenha seus olhos
Já tô imaginando a gente morando
Em frente aquela praça, o nosso apê
Me desculpe se estou indo rápido demais
Não se assuste com meu jeito a minha intenção
É só viver, viver você, não abro mão
Tô sentindo que é amor no tic tac do meu coração!
Dói só de pensar – Maria Cecilia e Rodolfo*

Verônica

Julho, 2003

Apavorada.

Muito apavorada.

Eu olhava para o teste de gravidez como se ele tivesse cinco pernas, três olhos e pudesse pular em cima de mim a qualquer momento. As lágrimas se formaram rapidamente, mas respirei fundo e tentei me controlar. Fomos irresponsáveis, mas quem poderia imaginar que isso aconteceria?

Sentei-me na cama e olhei para o pequeno quarto. Tínhamos alugado uma kitnet em um bairro um pouco afastado do centro de São Paulo, era o que dava para com o salário do Guilherme, como estagiário, pagar. Além de suprir as necessidades básicas como comida, água, luz e outras emergências. Eu não trabalhava, estava ainda no terceiro ano do ensino médio, já havia tentado arrumar alguma coisa, mas sempre era necessário ter experiência e, no momento, não era algo que eu tinha.

Conheci o Guilherme quando eu tinha 16 anos. Ele passava em frente à escola que eu estudava todos os dias para ir para a faculdade — descobri pouco tempo depois —, passei uns dois meses apenas o observando de longe, minhas colegas falando da minha paixão boba, que ele nunca iria olhar para mim. Eu não era grande coisa, sempre fui baixa e magra, usava óculos e tinha os cabelos loiros e finos, era tipicamente normal e nerd. Enquanto ele, era alto, já dava para perceber seus músculos sob a camisa, tinha cara de sério e centrado, e um pequeno detalhe que nunca me deixaram esquecer: era muito mais velho que eu.

Até que um dia o impossível aconteceu. Ele me notou. Mas não foi aquela coisa de cena de filme em que os olhos se encontram e o homem se apaixona perdidamente pela menina.

Estava voltando da escola um pouco mais tarde que o normal, um tanto distraída, quando

dois homens tentaram me assaltar. Eu tentei relutar, mas eles eram muito mais fortes que eu, então o meu herói apareceu e colocou os dois para correr. Estava tão aterrorizada e com medo que nem o reconheci, mas mesmo assim ele me ajudou e cuidou de mim naquele fim de tarde, fazendo questão de me acompanhar até em casa.

Só me dei conta de tudo que havia acontecido quando estava deitada em minha cama. A ficha só caiu naquele instante e eu sabia que tinha que agradecê-lo, já que mal abri a boca durante todo o percurso até a minha casa. No dia seguinte, quando estava saindo do colégio, eu o vi. Estava encostado em frente ao poste, do outro lado da rua. Minhas colegas começaram a cochichar sobre ele estar ali, até que ficaram completamente mudas quando ele atravessou a rua e veio em nossa direção, parando bem na minha frente.

A partir daquele dia nossa vida mudou. Guilherme disse que queria conversar comigo enquanto me acompanhava até a minha casa e se ofereceu para me ensinar algumas técnicas de defesa pessoal. Ele dava aula de *Muay Thai* em uma academia no centro. Como a faculdade dele era no período da noite e eles estavam em greve já fazia um mês, ofereceu me buscar depois do colégio, me ensinar e depois me levar em casa. Foi exatamente assim nos primeiros meses. Meus pais não gostaram da ideia, mas não puderam negar, pois como morávamos em um bairro perigoso era bom eu saber como me defender. Nesses meses nos tornamos amigos e eu pensei que seríamos apenas isso, até acontecer nosso primeiro beijo.

Foda-se se ele era mais velho, se eu era menor de idade. Eu estava completamente apaixonada por ele, e quando ele disse que gostava de mim, foi o ápice da minha vida, pois eu jamais imaginaria que meus sentimentos fossem ser retribuídos. Meus pais não aprovaram o namoro e proibiu as aulas, as visitas, ameaçando chamar a polícia e tudo. Foram os dois meses mais difíceis da minha vida, pois nos encontrávamos escondidos e eu morria de medo de ser pega pelos meus pais. Quando o Guilherme disse que tinha uma kitnet e que se eu quisesse poderíamos morar juntos, foi como atirar no escuro. Eu não sabia qual alvo atingiria, apenas fui. Meus pais surtaram e quase o

colocaram na cadeia, mas era a minha decisão. Eu já estava com 17 anos e deixei bem claro minha decisão. Eles não aceitaram, mas passaram a me ignorar. Doeu, não vou mentir, mas Guilherme fez essa dor passar, me amando de uma maneira que eu jamais pensei que poderia ser amada.

Quase um ano depois eu estava ali, com um teste de gravidez dando o resultado como positivo, sem emprego e sem nenhuma expectativa de conseguir um. Guilherme continuava dando aula na academia, mas apenas nos fins de semana. Nos outros dias ele trabalhava como estagiário em uma imobiliária. Ele terminaria a faculdade apenas no ano seguinte, para só então prestar o tão sonhado concurso da Polícia Federal, que era o que ele almejava desde que se entendia por gente.

Ouvi a porta da sala se abrir, mas não ousei levantar. Apenas fiquei sentada, encarando a porta do quarto.

— Amor, você está aí? — Olhei a hora no relógio da parede. 22 horas. Ele chegou cedo da faculdade, algum professor devia ter faltado. — Amor? — A porta do quarto foi aberta e ele entrou, já colocando a habitual mochila em cima de uma cadeira atrás da porta. — Verônica, está tudo bem? — Caminhou até mim e segurou o meu rosto.

Eu me sentia muito pequena quando estava perto dele. Tínhamos uma enorme diferença de altura, cerca de 30 centímetros, mas o seu tamanho me passava segurança, sempre me senti protegida por ele.

— Amor... — comecei, mas sem forças para continuar, não consegui controlar as lágrimas. Elas escorreram pelo meu rosto, sem permissão.

— O que foi, pequena? Me conte o que está acontecendo? — Seu tom de voz indicava preocupação, e não era para menos, eu estava apavorada.

Com as mãos trêmulas, estendi o teste de gravidez para ele. A princípio ele não soube como reagir, mas logo após o choque inicial, vi o sorriso em seus lábios.

— É verdade isso? — Os olhos dele me observavam atentamente, mas o sorriso estava ali.

— Ao que tudo indica, sim — respondi fechando olhos e respirando fundo. — Enjoos, menstruação atrasada, meu corpo está diferente, eu... eu estou com medo — eu disse, dessa vez encarando seus olhos castanhos, levando minhas mãos até as suas, que permaneciam em meu rosto.

— Nós vamos conseguir, Verônica, você vai ver.

— Como? Olha a nossa situação, amor. Eu não arrumo um emprego, você tem que trabalhar até no fim de semana para conseguirmos cobrir as despesas... como vamos ter um filho desse jeito?

Desespero estava tomando conta de mim. Me liberei de suas mãos e me levantei, começando a andar de um lado para o outro no pequeno quarto.

— Como vamos criar um filho, Guilherme?

Ele se levantou e se aproximou de mim, segurando meu rosto e se abaixando para me pegar no colo. Minhas pernas automaticamente abraçaram sua cintura e ele caminhou até a cama, sentando-se logo em seguida. Guilherme colou nossas testas e permanecemos um tempo assim, apenas sentindo a respiração um do outro.

— Se Deus nos deu esse filho — começou, olhando dentro dos meus olhos —, Ele vai nos dar condições de criá-lo, da melhor forma possível.

— Eu tenho medo de você me deixar — sussurrei. — Eu estou tirando sua vida. Um filho nessa altura do campeonato? Você tinha tantos planos...

— *Nós* tínhamos planos, meu amor. Nós temos planos. A partir do momento que você entrou na minha vida, o “eu” deixou de existir para ser introduzido um “nós”. Agora tem mais uma vida a caminho — A mão dele foi para a minha barriga — e nós vamos fazer o possível e o impossível para criar esse filho da melhor maneira possível.

— Eu amo você, Guilherme. — Segurei seu rosto. — Obrigada por ter entrado na minha

vida, por ter me amado. Quero ter você ao meu lado pelo resto dos meus dias.

— E você vai ter, Verônica. — As mãos dele acariciaram meu rosto. — Eu amo você, pequena. Com toda a força do meu ser, mais do que qualquer coisa, e farei de tudo para proteger você e esse bebê.

Setembro, 2019

Dias. Fazia dias que ele estava estranho, se esquivava das perguntas e sumia depois do expediente.

Eu tentava entender que era a pressão da delegacia, que era apenas cansaço físico e mental, mas algo lá no fundo me dizia que tinha mais, que ele estava me escondendo algo. Eu o conhecia como a palma da minha mão, eram anos de casamento, anos entendendo seus jeitos e manias, suas peculiaridades, seus medos.

Eu sabia que tinha algo de errado.

Queria poder contar da gravidez. Eu nem estava acreditando, afinal, fazia anos que tentávamos um outro filho e nada, mas eu estava grávida de novo e seríamos pais novamente, mas ele nunca tinha tempo para me ouvir ou conversar comigo.

Então aquele medo veio novamente. O medo do abandono, da rejeição, mas eu rapidamente o expulsei. Não era mais uma adolescente, era uma mulher feita, uma mulher feita que havia construído uma vida ao lado do homem que amava.



Dois dias. Havia dois dias que ele não aparecia em casa. Havia ido resolver um problema externo da delegacia e não voltou, não atendeu o telefone, não deu um sinal de vida.

— Mãe, posso ir ao shopping com alguns amigos? — Nicolas perguntou, já descendo as escadas rapidamente.

— Claro, pode ir. — Mas ele não saiu. Foi até mim e me abraçou.

— Ele vai voltar, não é, mãe?

— Vai, meu amor. Ele tem que voltar. — Beijei a testa dele. — Agora vai sair com seus amigos. Não desligue o telefone e qualquer coisa...

— Você me liga — completou minha frase. — Eu sei, mãe. Te amo.

— Também te amo.

Ele me soltou e saiu, já mexendo no celular.

Voltei a andar de um lado para o outro, então peguei o meu celular e liguei para a única pessoa que podia ter notícias dele: Arthur.

— *Oi, Verônica* — respondeu assim que atendeu, sua voz era calma, então tentei manter a minha também, mas acredito que não tenha dado muito certo.

— Tem notícias do Guilherme? — perguntei de uma vez.

— *Não, não tenho.*

— Tem dois dias que ele não aparece em casa, não aparece na delegacia, o celular está desligado. Estou desesperada.

— *Se acalme. Eu estou indo até aí.*

— Eu só quero saber onde aquele infeliz está, Arthur — explodi, sabendo que minha intuição estava certa, tinha algo de errado.

— *Creio que tenho uma coisa para lhe entregar. Chego em 15 minutos.* — disse antes de encerrar a chamada, me deixando ainda mais desesperada.

Na delegacia ninguém tinha notícias dele. A delegada Geovana apenas me informou que ele avisou que havia cumprido o que lhe foi pedido e foi embora, alegando que iria para casa. O problema é que ele nunca chegou. Eu já havia acionado a polícia, alegado sequestro, porém, a Geovana me mandou apenas esperar, disse que colocaria uma equipe atrás dele.

Voltei a andar de um lado para o outro, minha mente fora do meu corpo, percorrendo lembranças, tentando encontrar algo que pudesse me informar onde ele estaria, mas não tinha nada.

Então a porta da casa foi aberta e o Arthur entrou, acompanhado da Eduarda, sua namorada.

— Onde o Nicolas está? — perguntou.

— Foi ao shopping com alguns amigos. O que você tem para mim? — Milhares de perguntas rondavam minha cabeça, mil e uma possibilidades entravam e saíam dela. Eu estava ficando maluca.

O observei olhar para a Eduarda, que apenas confirmou com a cabeça a mensagem silenciosa dele. Então ele tirou um envelope do bolso e me entregou.

— O que é isso? — Só percebi que minhas mãos estavam tremendo quando as estendi para pegar o papel.

— Há alguns meses o Guilherme me pediu para te entregar isso. Não entendi o que ele quis dizer, mas avisou que eu saberia a hora certa de te entregar.

Rapidamente rasguei o envelope e li o conteúdo da carta. A carta que mudou minha vida para sempre.

As lágrimas caíram sem permissão, eu não tinha forças para contê-las.

— Não acredito que ele fez isso, não pode ser.

Foi a única coisa que sussurrei antes de tudo se perder no ar. Só tive tempo de ouvir a Eduarda gritando meu nome.

— Verônica... — Então tudo se apagou.



“Tudo que vivemos foi intenso, mas acredito que ficamos juntos quando éramos muito novos. Quero conhecer outras pessoas e te dar o direito de conhecer outras também. Nunca me arrependerei do que vivemos, mas agora é melhor cada um tomar seu próprio caminho. Amo o Nicolas e diga que um dia ele entenderá minha decisão.

Até um dia. Guilherme.”

As palavras não saíam da minha cabeça, eu não conseguia parar de pensar no que ele havia feito comigo. Desperdiçou quase 20 anos de casamento porque queria viver novas aventuras. Ele não podia fazer isso comigo, ele não podia fazer isso com a gente.

As lágrimas vieram novamente, eu queria matá-lo, queria bater nele até entender o porquê de estar fazendo aquilo.

Tudo doía, tudo me matava.

Em algum momento eu peguei no sono, acordei apenas com um enjoo enorme e corri para o banheiro. Vomitei tudo que eu havia comido durante o dia. Lavei a boca e me encarei no espelho. Pousei as mãos em minha barriga e suspirei.

Se depender de mim o Guilherme nunca vai saber da existência desse bebê, falei para mim mesma. Eu vou ser forte e ter esse filho sem precisar do apoio dele.

As lágrimas caíram novamente e eu fechei os olhos.

Seria difícil? Sim! Mas eu não entrava em provas para perder. Eu sabia que iria conseguir.

Eu precisava conseguir!

Guilherme

Foi a decisão mais difícil da porra da minha vida. Deus sabia o quanto eu sangrava por dentro. Nunca pensei que poderia chegar a fazer isso, nunca passou pela minha cabeça abandonar a mulher que eu amava.

Encarei o sol se pondo, o avião passando por dentro das nuvens. Estava acabado, destruído. Eu sabia que ela nunca me perdoaria, eu sabia que havia acabado com nosso casamento naquele instante, sabia que eu jamais teria o amor dela novamente.

Levantei a mão e fitei a aliança que mandei fazer com toda a luta e esforço. Uma aliança que significava amor, respeito, companheirismo e confiança. Acabei com tudo isso em poucas palavras.

Suspirei.

— Sabe que ainda pode voltar, não é? — Encarei Georgia, que se sentou à minha frente.

— Não posso consertar o que já está quebrado, Georgia.

— Pode. Vai demorar, mas pode.

— Minha mulher não vai me perdoar nunca.

— Vai sim! O amor de vocês é forte, tenho certeza de que ela te perdoará.

Ri, mas era sem graça, forçado.

Voltei a encarar a janela do bimotor e creio que ela tenha percebido que eu não estava afim de conversas.

— Tome. — Levantei o olhar e ela me entregou uma carteira.

Ergui meu olhar para ela, que apenas esticou ainda mais a mão, então peguei o objeto e abri, olhando o conteúdo.

— Isso é...

— Documentos falsos — completou, se sentando novamente à minha frente.

— A partir de agora você não é mais Guilherme Brandão, e sim Dimitri Dmitriev, e eu sou Tânia Dmitriev. Somos os maiores traficantes internacionais de drogas conhecidos. Vamos lidar com todo o tipo de pessoa e negociadores, mas, Guilherme, jamais fuja do seu personagem e não se esqueça de quem estamos atrás.

— Farei o possível — prometi.

— Sei que sim, policial. — Ela piscou para mim e se levantou.

Voltei a olhar para as nuvens.

Qualquer passo errado e nós dois estaríamos mortos, e eu faria qualquer coisa para que isso não acontecesse. Precisava voltar para minha esposa.



Capítulo

1

Hoje faz trezentos e sessenta e cinco dias

Faz um ano que você se foi

Refazendo um resumo da minha vida

Vejo que tudo que construí não me valeu a pena

Porque tudo que eu fiz foi pensando em nós dois.

365 dias – Thaeme e Thiago

Verônica

Setembro, 2020

Eu não conseguia dormir, estava virando de um lado para o outro há horas, o tempo quente também não estava ajudando. Sentei-me e respirei fundo, levantei devagar e caminhei até o berço onde a Vivi dormia. Minha bebê parecia um anjo de tão serena que estava. Coloquei a mão em sua testa e dei graças a Deus ao ver que ela estava sem febre. Afastei-me delicadamente e saí do quarto, meu objetivo era descer até a cozinha, tomar um copo d'água e voltar a dormir, mas ao invés disso eu parei em frente ao meu antigo quarto. Não entrei, mas também não me mexi para sair dali.

Devagar, levei a mão até a maçaneta, girando-a em seguida. O quarto estava escuro, tateei o lado esquerdo em busca do acendedor e a luz foi acesa. Eu não dormia ali há exatos 365 dias, não conseguia. Passar todo esse tempo no quarto onde fizemos planos, desfrutamos de noites de amor, sem tê-lo, era completamente errado. Não queria me lembrar do que já havíamos sido um para o outro. Fui até a cama e me sentei do lado esquerdo, o lado que ele sempre costumava dormir. Peguei o travesseiro e coloquei sobre o rosto, tentando sentir um pouco do seu perfume, mas fazia tanto tempo que eu não era inebriada por aquele aroma, que ele havia se perdido no ar.

Levantei e fui até o guarda-roupa, abrindo a parte dele e vendo que tudo estava exatamente igual há um ano, completamente intacto. Meus dedos passearam pelos tecidos das camisas de algodão que ele gostava de usar, a costureira jaqueta de couro que ele tanto amava. Haviam poucas camisas sociais, Guilherme nunca foi de usar nada disso. Ele argumentava que não se sentia confortável com elas, mas eu tinha que dar o braço a torcer, porque ele ficava extremamente sexy em qualquer tipo de roupa social, principalmente ternos. Olhei para o lado em busca de um banquinho para pegar uma caixa azul escuro, toda de veludo, que estava na última prateleira.

Sentei-me na poltrona com a caixa em minha mão e, com todo o cuidado, retirei a tampa. Todas as minhas recordações estavam ali, tudo que vivemos juntos, tudo que conquistamos juntos.

Peguei uma foto e sorri ao me lembrar dela, minha formatura na faculdade de administração. Estávamos Nicolas, Guilherme e eu abraçados, o canudo em minhas mãos me mostrando minha mais nova conquista, uma batalha que com muita luta foi vencida.

A próxima foto era minha com o uniforme da polícia Federal. Eu não sabia o que eu queria fazer depois que terminasse a faculdade, não queria seguir dentro da administração, digamos que eu não tivesse cara de ficar de terninho e saia social, mas ver o Guilherme sendo policial me fez criar um carinho enorme pela profissão. Várias vezes durante o tempo de estudo eu pensei em desistir, mas ele dizia que eu iria conseguir, que eu era forte e capacitada para isso. Meu maior medo eram as provas de resistência física. Pelo fato de eu ser pequena, pensaram que eu não iria conseguir, mas led o engano. Guilherme fez questão de me treinar pessoalmente, não pegou leve comigo uma só vez e quando eu vi meu nome na lista dos aprovados o coração quase não aguentou de tanta felicidade.

A outra foto que eu peguei era nossa segurando a chave da casa que havíamos comprado e fizemos uma senhora reforma, ficando tudo do jeito que sempre sonhamos. Foi mais um sonho realizado, de muitos. A outra fotografia era em nosso casamento, o sorriso em meu rosto enorme, denotando muita felicidade. Nos casamos alguns meses depois que o Nicolas nasceu. Optamos por uma cerimônia simples, apenas no civil, não tínhamos condição de realizar algo mais pomposo, como sempre sonhamos, mas naquele dia eu não precisava de muito. Precisava apenas dele ao meu lado e do seu amor.

Logo me dei conta que as lágrimas começaram a cair, era impossível fazê-las parar. Ainda doía tanto, mas tanto... Todas as manhãs eu acordava pedindo a Deus que tudo aquilo que se passou em um ano fosse um pesadelo, mas nunca era. Passei as mãos pelos olhos, os enxugando, não podia mais chorar por ele. Mexi mais um pouco na caixa e encontrei a aliança que me deu no dia em que me pediu em casamento. Meus pensamentos me levaram para aquele dia, o dia em que eu entreguei completamente a minha vida para ele.



Aproveitei o fim da tarde para ir ao mercado comprar algumas coisas que estavam faltando em casa. Como Guilherme só chegaria em casa depois das 23 horas, nem me dei ao trabalho de deixar um bilhete na porta da geladeira avisando aonde eu estaria. Estava com 7 meses de gravidez, graças a Deus nosso bebê estava bem, forte e saudável. A médica que acompanhou minha gravidez não deixou de questionar minha idade, dizendo que eu era muito nova para ter filhos, mas viu o amor entre o Guilherme e eu e disse que eu escolhi muito bem o pai do meu filho.

Guilherme era teimoso, sempre foi, e insistiu em procurarmos uma obstetra em uma clínica particular, mesmo eu insistindo que podíamos fazer isso em um hospital público. No fim eu agradeci a ele. A doutora Nana era um amor de pessoa e viramos amigas. Ela disse que não tinha com o que me preocupar, pois o Nicolas chegaria da melhor forma possível.

Conforme fui andando pelos corredores do mercado, fui colocando as coisas da lista dentro da cesta. Não era muita coisa. Como éramos apenas Guilherme e eu, não precisávamos exagerar nas compras. Peguei um pacote de macarrão e coloquei na cesta, então meus olhos foram atraídos para o outro lado do corredor, a sessão de doces, onde meu olhar capturou uma bela barra de chocolate. O que mais ouvia sobre as grávidas era o imenso desejo que elas sentiam. Durante esses sete meses eu nunca havia sentido desejo de comer algo, mas bastou ver aquela barra de chocolate que minha boca salivou e eu pude sentir o gosto doce em minha língua. Eu sabia apenas de uma coisa: precisava comprar essa barra de chocolate. Deixei o macarrão e comprei o objeto do meu desejo.

Tinha quase certeza que fui para casa praticamente correndo. Eu precisava morder um pedaço daquela preciosidade o mais rápido possível. Já até podia imaginar que meu filho nasceria com cara de chocolate se eu não o ingerisse logo. Destranquei a porta da sala e coloquei

as coisas em cima do pequeno e único sofá que tínhamos, já pegando a embalagem que me hipnotizou no mercado. Sentei-me na cadeira perto da mesa e levei o produto até o meu nariz, fechando os olhos ao sentir aquele aroma maravilhoso me envolver.

— Acho que vou começar a sentir ciúmes de uma barra de chocolate.

Quase pulei de susto, coloquei a mão no peito e olhei para cima. Guilherme estava escorado no batente da porta do nosso quarto e me olhava com um sorriso no rosto.

— Quer me matar de susto, amor?! — perguntei.

— Eu não, mas vi você aí tão apaixonada nesse chocolate que fiquei até com meu ego ferido.

— Besta — respondi, rindo. Me levantei e fui até ele, passei as mãos pelo seu peito, subindo e descendo. Ergui a cabeça e encontrei o olhar amendoado dele sobre mim. — Já estava com saudades. Pensei que iria chegar depois das 23 horas. Não tinha aula hoje?

— Tinha sim, mas decidi que podia me dar ao luxo de faltar para te entregar uma coisa. — Abaixou a cabeça e encostou os lábios nos meus. Nossa diferença de altura era um pequeno problema, às vezes.

— Muito baixa — resmungou, antes de me pegar no colo e me colocar sentada em cima da mesa, me fazendo soltar um pequeno gritinho.

— Pensei que não se importava com minha altura — sussurrei, minhas mãos agora em seu pescoço.

— Não me importo. Você é a baixinha mais gostosa que eu já vi.

— Mesmo parecendo uma baleia? — Pisquei algumas vezes e ele riu. Minha sorte era que eu não havia engordado muito durante a gravidez, apenas estiquei a barriga.

— Uma baleia muito gostosa. — Dei um tapa em seu braço. — Brincadeira, amor — disse, me dando vários selinhos.

— Mas o que você queria me entregar? — Afastei-me e o encarei.

— Quer ver agora mesmo? — Seu rosto afundou em meu pescoço, a barba por fazer arranhando a pele sensível, me fazendo suspirar mais alto que o normal. — Tem uma coisa aqui que está começando a ficar animado. — Mordiscou minha orelha, me fazendo gemer.

— Amor, depois... — falei, porém, fechei os olhos e pendi a cabeça para o lado, lhe dando mais acesso. Sua risada grossa e baixa ecoou em meus ouvidos.

— Você é insaciável, pequena — sussurrou em ouvido —, mas preciso mesmo te dar uma coisa.

Abri os olhos no instante em que ele se afastou de mim e entrou no quarto. Permaneci sentada na mesa, apenas balançando as pernas, já que elas não alcançavam o chão. Guilherme voltou com uma das mãos escondida atrás do corpo, se acomodou entre minhas pernas e sorriu. Aquele sorriso responsável por me deixar ainda mais apaixonada por ele todos os dias.

— Eu não tenho dúvidas de que você é a mulher da minha vida, Verônica. Desde que te vi pela primeira vez, enquanto ia para a faculdade, na saída daquele colégio. Mas eu pensei que seria impossível que tivéssemos algum tipo de contato, no entanto, quando é para ser, o destino cuida de tudo e ele cuidou, orquestrou e conduziu nosso encontro. Eu amo você, minha pequena! Mais do que eu poderia imaginar ser possível.

Eu disse que com a gravidez me tornei mais sensível às palavras? Pois então. Eu estava mergulhada em lágrimas, porque eu amava tanto aquele homem que já cheguei a pensar que não caberia tanto amor dentro de mim.

— Eu...

— Shiu... — Seu dedo indicador cobriu meus lábios e eu me calei. — Por esse motivo, por saber que nenhuma mulher jamais chegará aos seus pés, eu decidi que já está na hora de oficializarmos nossa união.

O braço que estava em suas costas veio para frente, revelando uma caixinha vermelha. Caixinha essa que eu sabia muito bem o que tinha dentro.

— Guilherme...

— Verônica Maldonado — disse, segurando minha mão esquerda —, você aceita se casar comigo? Eu sei que não sou perfeito, muito menos um príncipe encantado, mas sou egoísta o bastante para não querer dividir você com mais ninguém. Eu quero você na minha vida, quero você com essa aliança mostrando para todo mundo que disse que não ia dar certo, que deu certo, que somos uma família. Aceita ser minha esposa?

Tinha como dizer não para um pedido desses?

— É claro que aceito! — Foi tudo que eu disse antes de jogar meus braços em volta do pescoço dele. — Se você me pedisse mil vezes, eu responderia sim em todas elas.

— Eu te amo, Verônica.

— Eu te amo, Guilherme.

Então ele me beijou novamente, fazendo-me suspirar em seus lábios. Os dentes dele prenderam-se em meu lábio inferior, sugando-o depois.

— Amor... — falei entre os beijos.

— Sim?

— Meu chocolate. Preciso comê-lo. — Ele riu, seu hálito fazendo cócegas em minha pele.

— Tudo que você quiser, pequena. — E beijou minha testa. — Tudo.



Capítulo

2

Quero me refazer longe de você[...]

Agora eu quero ir – Anavitória

Verônica

Abri os olhos tentando reconhecer o ambiente em que eu me encontrava. O quarto estava escuro, indicando que ainda era noite. Estava sentada em uma poltrona e em minhas pernas havia uma caixa cheia de fotos, na minha mão a aliança do meu casamento, a qual eu não usava há exatos 365 dias. Levantei já pronta para guardar tudo, tinha acabado dormindo sentada e nem percebi. Coloquei tudo no local e saí daquele quarto.

Aproveitei que já estava de pé e fui até o quarto do Nicolas, abri a porta devagar e o vi deitado na cama. O quarto dele condizia muito com sua atual personalidade. Era todo pintado de azul, havia controles de videogames espelhados por todos os cantos, fora a televisão enorme pregada na parede, ligada por sinal. Havia também uma mesa com um computador de mesa da última geração, três monitores na mesa e uma senhora cadeira. Tentei não pisar em cima de nada enquanto fazia o percurso até sua cama, me estiquei para pegar o controle em cima da cama e desliguei a televisão. Beije o topo da cabeça dele e fiquei alguns minutos velando seu sono.

Nicolas virou um adolescente um tanto problemático desde que se deu conta de que o pai não voltaria mais. Eu não reconhecia o meu filho. Estava rebelde, não tinha limites e na maioria das vezes se trancava dentro do quarto, onde colocava uma música a toda altura e ficava jogando até a madrugada.

Saí de seu quarto e fui beber meu copo d'água, que era o plano inicial. Desci as escadas calmamente, indo em direção à cozinha. A lua tratava de fazer a iluminação da casa, já que as janelas eram de vidro e as cortinas não estavam fechadas. Acendi a luz da cozinha e abri a geladeira, pegando uma jarra e me servindo. Me virei e vi meu celular em cima do balcão que dividia a sala de jantar com a cozinha. Devia tê-lo esquecido ali quando fui colocar a Vivi para dormir. Peguei o aparelho e dei uma conferida nas mensagens, uma fez um pequeno sorriso brotar em meus lábios.

Samuel: *Boa noite, Chihuahua! Amanhã cedo*

eu estou passando aí para buscar você.

Revirei os olhos automaticamente ao ver o apelido. Samuel adorava me irritar com isso. Dei uma olhada na hora, vendo que já passavam das 4 da manhã, e digitei uma resposta.

Verônica: *Chihuahua é a senhora sua...*

Enviei a mensagem e sorri, mas meu celular logo vibrou, indicando uma mensagem dele.

Samuel: *Sabia que é hora de estar na cama e*

não insultando os amigos?

Verônica: *Sabia que é hora de bebês*

estarem dormindo?

Não obtive outra mensagem como resposta, presumindo que ele tivesse ido dormir. Apaguei as luzes da cozinha e fui em direção às escadas, mas meu celular começou a tocar, indicando uma chamada de vídeo. Revirei os olhos. Esse era um gesto muito comum para ele. Sentei-me no segundo degrau da escada e atendi a ligação.

— *Pensei que estaria dormindo, baixinha* — falou assim que eu atendi. Percebi que estava em um local claro, seu rosto mostrava cansaço, os olhos vermelhos de quem estava há horas sem dormir.

— Onde você está, Samuel? — perguntei e o vi respirar fundo, fechando os olhos.

— *Minha mãe teve uma queda de pressão um pouco antes da meia noite, tive que vir com ela para o hospital.*

— O quê? — Fiquei atenta. — Por que não me ligou? Eu teria ido aí!

— *Não se preocupe, baixinha, ela já está bem. Mas o médico recomendou que ela ficasse em observação até amanhã de manhã.*

— Sendo assim não precisa vir aqui, eu vou dirigindo...

— *Nada disso! Eu avisei que iria com você, não foi?*

— Mas a sua mãe...

— *Vamos cedo para casa, e a enfermeira vai estar com ela logo pela manhã. Além do mais, a Vivi só fica quieta nesses exames quando está comigo.*

Revirei os olhos. Não disse? Ele causava esse pequeno gesto várias vezes ao dia.

— A Vivi está muito mal-acostumada, isso sim.

— *O que eu posso fazer se sou irresistível?* — Estreitei os olhos para ele, que apenas riu.

— Convencido nem um pouco! — falei e acabei rindo, o que o fez sorrir e aparecer as covinhas, pelas quais eu era perdidamente apaixonada, em seu rosto.

— *Nos vemos amanhã, Chihuahua! Beijos.*

— Beijos. Hora de dormir, criança — impliquei também e o vi revirar os olhos.

Encerrei a chamada e me levantei, já subindo as escadas. Precisava dormir mais um pouco.



Estava terminando de passar batom quando um choro vindo do meu quarto me fez sorrir. Minha pequena havia acordado. Guardei o batom e fui até o seu berço.

— Bom dia, meu amor! — falei, já sorrindo e conferindo se a febre havia voltado. Graças a Deus, não!

Ela parou de chorar e ficou brincando com uma mecha do meu cabelo.

— Mamãe vai preparar o seu banho. — Beijei a testa dela e fui até o banheiro, preparando a sua banheira e deixando tudo ao meu alcance. Voltei ao quarto, já pegando-a no colo e levando até a

cama onde tirei sua roupa e a fralda, e a levei para o banho.

Viviane tinha três meses de vida e era a bebê mais lindo que eu já tinha visto. Não foi fácil passar toda a gravidez sem o pai dela, mas eu consegui, enfrentei tudo sozinha e venci. Eu precisava vencer uma batalha diária com ela.

Devidamente banhada e vestida, desci com ela em meus braços dando de cara com Heloisa, minha empregada, já colocando o café na mesa.

— Bom dia, dona Verônica! — cumprimentou.

— Bom dia, Heloisa. — Coloquei a Vivi no carrinho e me sentei, puxando-a para perto de mim.

— Quer que eu prepare a mamadeira dela?

— Por favor — pedi, já me servindo de um pouco de leite. — Preciso saber se ela vai tomar.

— Pode deixar. — Ela se virou para abrir a geladeira.

— Heloisa — chamei.

— Sim, senhora?

— Quero que você entre em meu antigo quarto e retire de lá tudo que pertencer ao Guilherme. — Ela se virou e me encarou, sem falar nada a princípio.

— Tem certeza, senhora?

— Sim — confirmei. — Está na hora de deixar o passado para trás.

Foi tudo que eu disse antes de fechar os olhos. Precisava ficar livre. Tinha que me refazer. Apesar de me fazer de forte para os outros, por dentro eu estava quebrada.

A dor era constante.

O ódio também se fazia presente.

Todos esses sentimentos poderiam se dissipar algum dia, mas a mágoa e o rancor pelo que ele fez... Esses dois estavam enraizados em mim de uma forma tão profunda que eu não sabia se algum dia seria capaz de perdoá-lo.

— Você ainda o ama, não é, querida? — Olhei para ela. Heloisa trabalhava em minha casa há muitos anos. Ela foi uma das principais pessoas que me ampararam desde que o Guilherme foi embora, ela via a minha dor. Não tinha como esconder dela.

— O amor não foi suficiente para ele ficar, Heloisa. Ele fez uma escolha. Agora eu estou fazendo a minha. Eu preciso me refazer e esquecer o passado.



Capítulo

3

Você saiu, falou que nunca mais ia voltar

Que iria ser feliz sem mim, tá bom, haha

Haha, eu duvido

Juro que não é praga minha, mas não vai encontrar

Alguém que te ame tanto

Se quer ir então vá

Haha, eu duvido

Bem feito – Thaeme e Thiago

Verônica

Heloisa ainda me encarava com uma cara de quem iria me falar algo, mas o interfone tocou, chamando sua atenção, que apenas balançou a cabeça enquanto ia atender. Me virei e olhei para minha filha, que estava apenas observando tudo a sua volta.

Quando o Guilherme sumiu sem deixar rastros todo mundo estranhou. Passei dias trancada dentro do quarto, não queria falar com ninguém, ver ninguém. Eu estava destruída, mas então percebi que eu não podia viver assim. Ele foi bem claro quando disse que iria procurar novas aventuras. Todas as vezes que as palavras daquele bilhete surgiam em minha mente, eu fervia de raiva. Se ele quis jogar nossa vida fora, tudo bem para ele. Não ficaria trancada chorando pelos cantos. Mas ele jamais encontraria alguém como eu, que o amasse na mesma proporção que eu, que aguentasse suas manias, suas crises de nervosismo, que o conhecesse como eu conhecia. Não ia mesmo.

— Bom dia para as mulheres mais lindas dessa casa! — Olhei para trás a tempo de ver o Samuel entrando na cozinha.

— Bom dia! — cumprimentei no momento em que ele beijou meu rosto e colocou uma sacola com um sonho recheado de doce de leite na minha frente. — Você quer me ver gorda, definitivamente — falei, sorrindo ao ver o pedaço de tentação em minha frente.

— Negativo! — respondeu, brincando com a Vivi. — Já imaginou um Chihuahua gordo? Não acho que ficaria legal. — Atirei um pedaço de pão nele, que apenas riu.

— Vocês dois... — Heloisa comentou e Samuel se levantou para falar com ela.

— Bom dia para a mulher mais linda dessa cozinha! — Ele a abraçou e ela apenas sorriu.

— Menino, não pode iludir uma pobre senhora assim.

— Quem disse que eu estou iludindo? Estou falando sério! Se a senhora não fosse casada, iria pedi-la em casamento agora mesmo.

— Isso é falta de sono, certeza — falei um pouco mais alto para que ele escutasse.

— Sem ciúmes, baixinha. Sabe que meu coração é todo seu. — Revirei os olhos. Não disse?

Automático.

— Convencido...

— Ela não fica linda com esse mau humor matinal? — perguntou para Heloisa e eu acabei sorrindo. — Onde está o Nicolas? — perguntou, se sentando ao meu lado e servindo uma dose de café.

— Lá em cima. — Tomei um gole do meu leite. — Estou preocupada com ele.

— Já disse que seria uma boa procurar uma psicóloga para ele.

— Eu sei, mas... — Respirei fundo. — Não queria chegar a esse ponto.

— Entendo. — Tomou o café. — Posso ir bater um papo com ele?

— Ficaria agradecida se você conseguisse colocar um pouco de juízo naquela cabeça.

— Tentarei! — Se levantou, beijou minha testa e saiu em direção à escada.

— Como é mesmo que os jovens dizem? — Heloisa perguntou assim que me entregou a mamadeira da Vivi.

Peguei minha filha no colo e ajeitei para dar de mamar.

— Dizem sobre o que, Heloisa? — questionei.

— Ah, sim! — disse, como se estivesse lembrando. — Eu super *shippo* vocês dois.

Balancei a cabeça negando.

— Heloisa... — adverti, mas minha voz era de puro divertimento.

— O que tem, dona Verônica? Está na cara que ele gosta da senhora mais do que como

amiga.

— Eu sou onze anos mais velha que ele! — sussurrei, já que ela se sentou na cadeira que ele estava.

— E o que tem? Não são vocês que vivem dizendo que para o amor não tem idade?

Olhei para minha filha e mordi o lábio.

— Não posso, Heloisa — falei, mas não a olhava.

— Está na hora de ser feliz novamente. Eu sei que seu coração ainda pertence ao seu...

— Meu coração pertence a mim mesma, Heloisa — cortei e respirei fundo —, mas não estou pronta para dar esse passo.

— Acredito que quando estiver, já terá alguém esperando por você.

Não disse nada, apenas voltei a prestar atenção na minha filha que acabava de mamar, então coloquei a mamadeira em cima da mesa, me arrumando para ficar de pé e a colocando em posição vertical. Ela emitiu alguns sons incompreensíveis e eu sorri.

Ouvi passos na escada e me virei para olhar. Nicolas desceu os degraus praticamente correndo.

— Nicolas, você vai cair! — repreendi.

— Não estou nem aí! — gritou, já indo em direção à porta da sala.

— Aonde você vai? E o café?

— Como alguma coisa na rua, mãe. — E bateu a porta da sala, me fazendo fechar os olhos.

— É só uma fase, Verônica — Samuel disse, se aproximando, e eu neguei.

— Não, não é. É a falta que o pai dele faz. Nicolas sempre se espelhou nele, foi mais

próximo a ele. Eu não sei o que fazer. — Virei para olhá-lo.

— Vamos dar um jeito. — Apenas assenti em resposta. — Agora vamos? Porque tem uma certa boneca com uma consulta marcada!

— Vamos — concordei e me virei para colocá-la no carrinho. — Samuel, fica com ela enquanto eu pego a bolsa dela lá em cima?

— Claro! Vai ser um prazer ficar com essa princesa.

Sorri e me virei para subir as escadas.



— Está tudo bem com a Vivi, Verônica, todos os exames estão normais. A tireoide está controlada e o exames do coração estão dentro do normal. Ela não conseguiu pegar o seio mesmo?

— Não. Todas as vezes que tentei ela engasgou, então por um tempo eu passei a tirar o leite e armazenar para dar a ela.

— Certo, mas ela tem mais facilidade em pegar a mamadeira?

— Por enquanto ela não teve nenhum problema.

— Devido o tamanho da língua as crianças com síndrome de Down têm mais dificuldade em aprender os movimentos de sucção.

Voltou a olhar a tela do computador e eu me virei para encarar minha filha que estava deitada no carrinho.

Quando estava com 10 semanas de gravidez, descobrimos que meu bebê nasceria com Síndrome de Down. Eu fiquei sem chão, sem saber o que fazer, a quem recorrer. Naquele dia tudo que eu queria era ter o meu marido ao meu lado, mas não foi possível, já que ele havia sumido no

mundo e ninguém tinha notícias dele. Alguns dias depois da descoberta que mudou minha vida, conheci o Samuel. Ele veio transferido do departamento de Curitiba para o de São Paulo. Desde o dia em que nos conhecemos era ele quem tinha sido minha âncora. A amizade surgiu de uma maneira tão fácil e simples, que foi difícil não me sentir acolhida por ele. Por causa dele, acolhi a minha filha da melhor maneira possível. Era muito agradecida por tê-lo em minha vida e por ele despor do seu tempo para cuidar de mim.

— E a febre que você me falou ontem?

A médica voltou a perguntar, chamando minha atenção.

— Hoje pela manhã ela já estava melhor.

— Ela está um pouco gripada, por esse motivo teve febre. — Voltou a olhar para a tela do notebook. — Estou com o resultado do raio-x que a Vivi fez agora há pouco, não temos nenhuma alteração na CIV^[1].

Logo depois que a Vivi nasceu, ela foi submetida à uma bateria de exames, principalmente exames do coração, no qual foi detectado a cardiopatia congênita, do tipo CIV, que, no caso da minha bebê, era uma pequena abertura na parede, que os médicos chamam de septo, que separa o átrio direito do átrio esquerdo. Então a Vivi tinha dificuldade de ganhar peso, se cansando facilmente quando chorava muito ou mamava.

— Nada que eu tenha que me preocupar?

— Não — disse ao se virar para mim. — Como eu expliquei anteriormente, mais de 55% dos bebês com a síndrome de Down têm algum problema cardíaco, dependendo de qual for esse problema e a gravidade dele, temos os tratamentos e medicamentos específicos. O caso da Viviane não é grave, mas precisa ser acompanhado mensalmente, além da aplicação de suplementos por meio da sonda. Até os dois anos de vida dela, se não houver a correção espontânea, iremos fazer a

cirurgia.

— Certo — falei.

Era muita informação. Mesmo que já fosse mãe, era como se fosse a primeira vez, pois eu tinha o dobro do cuidado com a minha princesa.

— Não se preocupe, Verônica, vai ficar tudo bem com a Vivi, ela é um bebê forte. — Apenas assenti. — Os próximos exames já estão marcados, nos vemos nas próximas consultas.

— Obrigada, Doutora. — Me levantei e olhei através do vidro que dava para a sala de espera, rapidamente Samuel me viu e sorriu, indo em direção à sala.

— Com licença — disse ao abrir a porta. Ajeitei a Vivi no colo e me virei para ele.

— Leva o carrinho dela para mim.

— Com certeza.

Se aproximou e colocou as bolsas dentro do carrinho, cumprimentou a doutora e se virou para sair.

— Ainda não entendo como não estão juntos — comentou a médica depois que ele saiu.

— Parece que as pessoas hoje tiraram o dia para falar disso. — Suspirei.

— Deve ser por que todos veem o que você não vê.

— Eloá... — Ela apenas riu e levantou as mãos para cima.

— Qualquer coisa me ligue — disse, ainda sorrindo.

Despedi-me e segui para o carro.



Falar era muito fácil, afinal, você não estava ali sentindo a dor, não estava sofrendo.

Sabem o que é ser abandonada de uma hora para a outra? Ser largada porque o seu marido quis viver outras aventuras? Ser deixada grávida e com um filho entrando na adolescência? Acho que não. Por mais que ele tenha dito que iria viver a vida dele, que ele iria conhecer outras pessoas, eu não iria fazer o mesmo. Mas não mesmo.

— Está tudo bem, Verônica?

Olhei para o Samuel através do retrovisor, já que estava sentada no banco de trás do carro com a Vivi no colo.

— Está sim.

— Estou te achando pensativa desde que saímos da clínica.

— É a falta de trabalho, Samuel. Não aguento mais ficar em casa. — Não era uma mentira, eu realmente estava com saudade de toda a ação que envolvia minha profissão, era apaixonada por isso.

— Imagino que sim. Aquela delegacia não é a mesma sem você — comentou.

— Nossa, grande falta devo fazer lá. — Minha voz era repleta de ironia.

— Pra mim você faz uma falta enorme.

— Samuel...

— Desculpa — pediu rapidamente. — É mais forte que eu.

Não falei nada. Sabia dos sentimentos dele por mim, já tinha tentado afastá-lo, mas ele se recusou, disse que se contentava apenas com minha amizade e me sentia mal por isso.

— Chihuahua, não fica assim.

— Me chama desse apelido de novo e eu mostro que ainda sou boa em dar alguns socos. — Ele apenas riu, descontraído, e eu balancei a cabeça.

Chegamos em minha casa pouco tempo depois, ele me ajudou com o carrinho e as coisas da Vivi. Heloisa tratou de pegar minha filha e já levar para o quarto.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer, baixinha.

— E sua mãe, como está? — perguntei.

— Teimosa como sempre e cobrando uma visita sua.

— Farei uma visita logo para ela — falei, indo à cozinha.

— Vou dizer! — gritou, ainda da sala.

Servi dois copos de suco e levei para ele.

— Obrigado — agradeceu.

Ficamos em silêncio por um tempo, então seu celular começou a tocar. O observei pegar o aparelho e atender em seguida, fazendo um “Geovana” com os lábios, para que eu pudesse ler.

— Certo, estou chegando. — Encerrou a chamada. — Tenho que ir.

— O que houve?

— Ainda não sei. Ela me disse que eu tinha 15 minutos para chegar lá.

— Então é melhor correr.

— Isso. — Beijou meu rosto e saiu correndo.

Fiquei mais um tempo parada, até a voz da Heloisa chamar minha atenção.

— Dona Verônica, todas as coisas do senhor Guilherme foram retiradas do quarto.

Me virei para olhá-la.

— Ótimo! Pode doar ou jogar tudo no lixo, fica a seu critério. — Caminhei em direção às escadas.

— Tem certeza? — Me virei para encará-la, via dúvidas em seus olhos.

— Absoluta. Não quero ver nenhum pertence ou fotografia dele nessa casa.

— Sim, senhora.

Voltei a subir os degraus.

Sim, eu precisava me libertar.



Capítulo

4

Esquece esse cara, enxuga às lágrimas que a vida continua

Você é perfeita, quem perdeu foi ele a culpa não é sua.

Ele não vai mudar – João Neto e Frederico

Verônica

SEIS MESES DEPOIS – MARÇO DE 2021

Dez tiros executados perfeitamente em um tempo de 40 segundos cronometrados, estou a cinco metros de distância do alvo.

— Sete metros de distância agora, Verônica! — o instrutor gritou.

Me afastei mais dois metros do alvo. Meus pés estavam abertos na largura dos ombros, o pé esquerdo um pouco a frente do direito para me manter equilibrada. Estiquei o braço direito completamente, apontando a minha Glock g19 e com o outro braço um pouco flexionado, dei apoio a minha outra mão.

— Agora! — meu instrutor gritou novamente.

Apertei o gatilho.

Primeiro disparo.

— Quatro segundos.

Outro disparo.

— Mais quatro segundos.

Disparei mais uma vez.

— Mais um!

Apertei mais uma vez o gatilho, completamente concentrada.

— Quatro segundos!

Disparei novamente e foi assim até completar quarenta segundos, em um intervalo de quatro, entre os dez tiros feitos.

Apontei minha arma para baixo e acionei a trava de segurança, guardando-a no coldre que estava em minha perna direita.

— Sem dúvidas continua tendo uma mira perfeita, Verônica — André disse ao vir me cumprimentar.

— Obrigada. Pelo menos em algo ainda sou boa — falei após tomar um gole da minha água.

— Seus testes físicos melhoraram muito desde que começamos, seu condicionamento físico está melhor do que antes de você se afastar.

— Isso é uma boa notícia! — falei, sorrindo.

— Com certeza! Acredito que a delegada Geovana não iria gostar de perder a melhor agente dela — comentou, sorrindo.

— Estou longe de ser a melhor agente dela.

— Você se subestima muito, Verônica. — Me virei e vi Geovana indo em nossa direção.

— Não sabia que estaria aqui hoje.

— Vim ver como estava sua preparação física. Você faz falta — disse ela ao me abraçar.

— Agora estou de volta, não se preocupe.

— Como vai, André? — cumprimentou o instrutor que apenas deu um aceno de cabeça e disse que precisava resolver algumas pendências para minha próxima prova, e saiu.

— Pensei que já tivessem se resolvido.

Começamos a caminhar para a área onde eram feitos os testes de barra e salto à distância.

— André é um tanto controlador, Verônica, acredito que veja isso nos treinos.

— Sim, eu vejo.

— Dois controladores não dariam certo.

Preferi não comentar nada.

Continuamos andando caladas, então eu parei ao ver o Samuel treinando mais a frente. Ele estava correndo, totalmente concentrado, enquanto sua preparadora falava algo que eu não conseguia ouvir bem.

— E vocês dois, já se resolveram? — A pergunta da delegada me fez desviar o olhar para encará-la.

— Somos apenas amigos — declarei.

— Amigos... entendo. — Voltou a observar a corrida. — Posso fazer uma pergunta hipotética, Verônica?

— Faça.

— Se o Guilherme aparecesse na sua frente, o que você faria?

Pisquei algumas vezes. Nos últimos meses a possibilidade de ele voltar havia parado de rondar a minha mente. Afinal, já tinha um ano e seis meses que ele havia ido embora. Não tinha notícias dele nem nada. Ele simplesmente sumiu do mapa.

— Não sei. — Era a verdade. Eu não sabia responder o que eu faria.

— Ainda o ama?

— Eu vivi uma vida com ele, Geovana, tivemos dois filhos, apesar de ele não saber da Vivianne. Foram quase 20 anos juntos. Hoje o que mais tenho é mágoa por ter sido abandonada da forma que eu fui.

Voltei meu olhar para ela.

— Ele tinha sorte de ter você, Verônica.

Foi tudo que ela disse antes de se virar e ir embora.

— Ei, baixinha! O que faz aqui? — Me virei ao som da voz do Samuel e paralisei.

Realmente, não tinha como evitar não olhar. Já havia visto várias versões dele, mas essa suada e ofegante era a primeira vez. Pisquei algumas vezes para tentar recuperar a voz que havia me abandonado. Ele era lindo, não tinha como negar esse fato.

— Vim fazer os últimos testes para voltar à ativa definitivamente — respondi.

— Ouvi a Samara falar algo sobre isso mesmo.

— Quem é Samara? — perguntei.

— A policial que estava correndo comigo. Ela é perita criminal, entrou recentemente no batalhão. — Apontou para uma morena indo em nossa direção, roupa colada e coberta de suor. Acreditava que ela fazia o requisito “gostosa”, pois possuía tudo no lugar e era completamente avantajada, se é que dava para me entender.

— Amanhã no mesmo horário, Samuca. Vamos quebrar esse recorde de hoje. — Ela nem se deu ao trabalho de me cumprimentar.

— Pode deixar, Sam — respondeu ele, sorrindo, mas colocou uma mão na minha cintura. — Sam, acredito que já tenha ouvido falar da Verônica.

Nos apresentou.

— Verônica Maldonado, a melhor atiradora da PF — disse, estendendo a mão para mim.

— Prazer, Samara. — Apertei sua mão.

— Você é muito bonita. Ainda não acredito que os rumores que soltam dentro da delegacia sejam reais — comentou, balançando a cabeça.

— Que rumores? — perguntei ao mesmo tempo que o Samuel chamava sua atenção.

— Samara...

— Desculpa, não é nada demais. — Levantou as mãos.

— Agora eu quero saber. — Cruzei os braços e arqueei uma sobrancelha. — Que rumores?

— Que o seu marido fugiu com a sobrinha da delegada e abandonou você.

O silêncio tomou conta do local que estávamos. Esse pensamento habitou em minha cabeça por meses após o bilhete, mas eu recusava a acreditar que eu havia sido traída bem de baixo do meu nariz.

— Desculpa, Verônica.

Não a respondi. Me virei a saí dali, precisava respirar um pouco.

— Verônica! Verônica!

Fui puxada pelo Samuel.

— O quê? — perguntei, mas não ousei olhá-lo. Estava muito próxima de chorar, não queria que ele visse essa fragilidade em meus olhos.

— Olhe para mim. — Neguei. Não podia fazer isso. — Por favor. — Senti seus dedos em meu queixo e ergui o olhar. — Não chore por ele, Verônica. Ele não merece suas lágrimas.

— Eu me pergunto todos os dias o que eu fiz de errado, Samuel. Será que o problema sempre fui eu?

— Não fale isso nunca mais. — Suas mãos seguram meu rosto. — Você é perfeita e o seu ex-marido é um babaca que não soube dar o valor que você merece.

— Você sabia que falavam isso de mim?

— Verônica...

— Só responde, por favor — pedi, precisando saber.

Ele olhou para cima como se buscasse auxílio superior, então voltou a me encarar.

— Sabia.

— Por que não me falou nada? — perguntei, uma lágrima solitária teimou em cair e ele a enxugou.

— Porque não queria ver você nesse estado, para baixo.

— As pessoas falam de mim há mais de um ano e quer que eu fique como?

— Deveria ter te falado antes, ok?! Mas eu não queria ver você nesse estado. Me mata te ver assim por causa desse cara.

— Não estou assim por causa dele, estou assim porque estão falando de mim como se eu fosse um nada, como se meus sentimentos não valessem.

— Verônica, você é a mulher mais foda que eu conheço. Você merece mais. Merece ser tratada como uma rainha.

— Samuel...

— Não, me escuta agora! Você já se prendeu demais por ele, um ano e meio e nada, você tem esperança que ele volte...

— Eu não tenho...

— Tem sim! Esquece *ele*, Verônica. Segue em frente, toca sua vida e seja feliz, independente de ser com alguém ou sozinha.

Ele beijou minha testa e me soltou, se afastando de mim.

— Te ligo à noite, baixinha.

Respirei fundo e coloquei as mãos na cintura. Era inevitável não pensar nisso, no Guilherme com a Georgia.

Eu só queria entender quem era essa mulher e porque a aparição dela tão de repente na delegacia, anos atrás, para depois desaparecer na mesma época que o Guilherme.

Eu não podia ficar pensando nisso, não me faria bem. Samuel tinha razão, eu tinha que seguir em frente, de vez. Me virei e caminhei em direção ao vestiário, precisava fazer uma visitinha.



Entrei com o carro no estacionamento do restaurante, optamos por almoçarmos ali, pois ficava mais perto do meu trabalho e do dela. Ir até a minha casa e voltar seria um pouco cansativo.

Entrei no restaurante tirando meus óculos escuros e fui recepcionada pelo maitre.

— Bem-vinda! Em que posso ajudar? — o homem perguntou.

— Tenho uma reserva feita no nome da Eduarda Medeiros.

— Claro, ela já chegou. Gostaria de me acompanhar, por favor?

Ele estendeu o braço para dentro do salão e eu o acompanhei. Mais a frente sorri ao ver minha amiga conversando ao telefone, ela sorriu ao me ver e se levantou, deixando o celular em cima da mesa.

— Verônica! — Nos abraçamos por alguns segundos.

— Qualquer coisa é só me chamar — o maitre disse, nos deixando sozinhas.

— Eduarda, que saudade — falei ao me sentar.

Ainda mantínhamos a amizade, mas era mais complicado. Antes ela não tinha um namorado

e uma filha para cuidar.

— Também estava. Por que não me avisou antes que essa vida de mãe era tão complicada?

— Sorri para ela. Ainda não tinha visto nada.

— Ainda está no começo, tem muito mais pela frente.

— Céus! — Ela revirou os olhos e eu apenas gargalhei. Maluca e exagerada como sempre.

— Quando me disseram que Eduarda Medeiros e Verônica Maldonado estavam em meu restaurante, não consegui acreditar!

Olhamos para o lado e vimos Débora se aproximar de nós. Ela era uma das donas do restaurante, havia comprado parte do restaurante de Rafael Donato e os dois dividiam o posto dos melhores chefes de São Paulo.

— Débora! — Eduarda se levantou para cumprimentá-la e eu fiz o mesmo.

— Como vai? — perguntei.

— Feliz em vê-las aqui. Algum pedido especial?

Encarei a Eduarda que apenas sorriu para a loira.

— Nos surpreenda, *chef*! — disse simplesmente.

— Pode deixar comigo. — Ela sorriu mais uma vez e nos deixou sozinhas.

— Quem diria, não é? — comentei. — Uma das maiores *chefs* de cozinha de São Paulo.

— Ela merece, passou por muita coisa. Esse reconhecimento veio em boa hora. — No passado, quando Débora era envolvida com prostituição, cheguei a ir até sua casa para levá-la à delegacia a fim de depor. Ficava imensamente feliz pela virada que sua vida deu.

— Ela já se casou? — perguntei, me lembrando que ela era noiva do herdeiro do hospital

Amorim.

— Ainda não, mas está com a data marcada, já. Se dependesse apenas do Jeferson eles já estariam casados há muito tempo.

— Homens — comentei, revirando os olhos e fazendo-a sorrir, mas logo o sorriso morreu.

— Verônica, imagino que o seu convite tenha um motivo especial.

— Sim, ele tem. — Peguei o guardanapo em cima da mesa e comecei a brincar com ele.

Precisava de coragem antes de começar a falar.

— Pode dizer, sou toda ouvidos.

— Eu quero me separar legalmente do Guilherme.



Capítulo

5

Você apenas queria que eu fosse o único

Você estava contando com isso

Me desculpe por ser apenas do jeito que eu sou

E eu te deixei esperando

E eu não sou um homem bom

Heroes – James Arthur

Guilherme

TABATINGA – AMAZONAS

A noite estava caindo, eu apenas olhava o sol sumindo no horizonte, dando lugar à lua cheia.

Estava sentado na varando do quarto do hotel que nos hospedamos desde que havíamos chegado ali.

Um ano e meio.

Eu não sabia que conseguiria ficar tanto tempo longe; eu não sabia que conseguiria mentir por tanto tempo; eu não sabia que poderia resistir ao impulso de tentar ouvir sua voz ou de pesquisar sobre ela. Não sabia que poderia ser tão forte a ponto de fazer tudo que fiz durante todo esse tempo.

Ouvi a porta do meu quarto ser aberta e um perfume conhecido denunciar sua chegada. Um copo de café foi estendido em minha frente e eu peguei.

— Obrigado — agradei, mas permaneci olhando para frente.

Notei que ela se sentou ao meu lado, mas permaneceu calada. Sei que também era difícil para ela, mas o que poderíamos fazer? Eram ordens. Não podíamos colocar ninguém em risco. Não podíamos nos colocar em risco quando a causa era maior do que nossos superiores imaginavam.

— Está acabando — ela disse.

— Um ano e meio, Georgia, sabe o que é isso? Um ano e meio! — Apertei a mão em volta do copo.

— Eu sei. Não sabia que demoraria tanto, eu não sabia que iríamos chegar a esse ponto!

— O que não fazemos por vingança, não é? — sussurrei, mas não para que escutasse, apenas para mim mesmo.

— Eu entendo se quiser desistir, mas eu não...

— Não desisti. — Me virei para olhá-la. — Eu ainda não me lembro do que aconteceu

durante aqueles anos — sussurrei, parecendo o menino de 7 anos assustados novamente. — Mas eu sei que aconteceu. Por que minha mente apagaria dois anos inteiros da minha vida?

— Tem medo de se lembrar?

Olhei para o céu, lembrando-me da enorme cicatriz que tenho nas costas. Sabia que a havia adquirido naquele período que minha mente se recusava a lembrar.

— Todos os dias — respondi sem olhar para ela.

— E os pesadelos?

Desde que descobri a verdade venho tendo pesadelos que mais parecem lembranças do que vivi, mas eram apenas isso, pesadelos esporádicos que não ajudavam em nada no fim. Poderiam ser passagens do que eu vivi, mas não tinha certeza até onde eu poderia acreditar na minha mente.

— Continuam, mas não revelam nada.

— Eu não sei o que pensar, Guilherme. Talvez, se nós...

— O que eles disseram sobre a missão? — Resolvi mudar de assunto, não estava afim de bater naquela tecla. Não naquele momento.

Ela suspirou e olhou para frente também.

— Amanhã à noite, Guilherme. — Olhei para ela, seus cabelos pretos presos em um coque, vestia uma calça de moletom e uma blusa de manga comprida e não levava nenhuma maquiagem no rosto.

— Eu só quero que isso acabe logo, quero voltar para casa, para minha mulher...

Uma dor invadiu meu peito, eu nem sabia se tinha o direito de chamá-la assim. Fazia muito tempo.

— Eu vim te chamar para acertamos os detalhes finais do plano, estão nos esperando.

— Pode ir indo, eu vou logo em seguida.

— Guilherme...

— Eu não demoro, Georgia, prometo. — Olhei para ela.

— Certo. — Ela me deu um beijo na bochecha e me deixou sozinho.

No dia seguinte aquele inferno teria fim.

Estávamos atrás de uma parte da máfia russa procurada pela Interpol há mais de 30 anos. Há cerca de dois anos a polícia Federal recebeu relatórios da Interpol, informando que uma parte dessa máfia estava expandindo seus negócios ilícitos dentro do território brasileiro, através das fronteiras. Estávamos percorrendo o Brasil atrás de pistas que pudessem nos levar aos cabeças dessa pequena parte da máfia ali dentro. Porém, era mais difícil que procurar uma agulha no palheiro. Sabíamos que estávamos atrás dos russos Boris Gusyeva, Nikolai Destoianov e Ivan Adamovich. Mas eles estavam sempre um passo à nossa frente, quando pensávamos que iríamos pegá-los, eles sumiam sem deixar rastros. Nos últimos relatórios conseguimos descobrir que iriam fechar um negócio com um traficante em Manaus, a droga passaria pelo rio Solimões. Estávamos preparando a tropa de elite da polícia federal para conseguir interceptar a droga no momento em que ela entrasse em território brasileiro. Enquanto isso, Georgia, eu, e alguns agentes da própria Interpol, iríamos atrás dos cabeças da máfia.

Esse pesadelo, assim como os meus, estava prestes a terminar. Pelo menos eu esperava que sim.

Levantei-me, colocando o copo em cima da mesinha e indo em direção à casa que foi alugada pela Georgia, já que ela era responsável pelo caso. Passei pela recepção do hotel sendo cumprimentado pela atendente, uma moça bonita que já havia se oferecido para mim algumas vezes, nas quais tentei ser o mais educado para recusar. Uma vez fui salvo pela Georgia que apenas disse para ela procurar alguém do tamanho dela e não atazanar homem casado. Desde então ela parou de dar em cima de mim, o que agradei mentalmente. A casa ficava apenas a alguns metros do hotel que

eu estava hospedado. Entrei e caminhei direto para a cozinha, onde estavam todos reunidos.

— O que já foi decidido? — perguntei no momento que eu entrei.

— Vamos passar o plano mais uma vez — Georgia disse e olhou para mim. — Você tem certeza que consegue fazer isso?

— Eu já te disse que sim. — Sabia o motivo pelo qual ela estava perguntando isso, mas eu tinha certeza. Não era apenas por mim, era por ela também.

— Ótimo. — Caminhou até a pia e se encostou ali. — Kelton, pode começar a explicar o plano novamente.

E foi o que ele fez, mas eu não prestei atenção, apenas foquei na morena a minha frente. Iríamos fazer algo completamente arriscado e poderíamos não sair vivos, essa parte do plano ninguém mais sabia além de nós dois. Tínhamos motivos para isso, motivos claros que apenas nós dois tínhamos conhecimento.

Georgia era uma agente especial de dentro da Interpol, foi ela quem montou toda a equipe que estava trabalhando no caso. Entrei por indicação da delegada Geovana, já havia trabalhado em casos mais básicos de tráfico de drogas dentro de São Paulo, mas minha experiência maior era por conta da COT, a tropa de elite da polícia federal, agentes altamente treinados, prontos para enfrentar qualquer tipo de perigo, desde ataques terroristas, a tráfico de drogas e assaltos a bancos. Mas não foi apenas por isso que entrei. O motivo era muito maior e sujo que se poderia imaginar, era muito mais traiçoeiro e assustador. Envolvia não só acabar com esses bandidos que matavam a sangue frio, envolvia tanto o passado dela quanto o meu, passado esse que eu não me lembrava, mas que eu sabia que existia.

O plano para pegar a mercadoria ilícita que chegaria através do rio Solimões foi elaborado por mim e pelo Kelton, que era o chefe da COT que estava nos acompanhando.

Quando aceitei essa missão extraoficial da Interpol, tive que assinar um termo de compromisso e sigilo. Os cabeças da máfia procurados no Brasil eram altamente perigosos, se algo desse errado eles nos caçariam até a morte. Li relatórios nos quais eles executaram famílias inteiras de policiais que interferiram em seus planos. Eu sabia do que eles eram capazes, senti na pele o que podiam de fazer, não precisava ler relatórios para saber disso. Era exatamente por esse motivo, por saber do que eles eram capazes, que eu não podia arriscar. Eu precisava cortar qualquer laço que tinha com a Verônica. Se eu contasse a verdade, se eu falasse da missão, colocaria a vida dela e do meu filho em risco, e a última coisa que eu queria era expor minha mulher ao perigo. Eu precisava que ela me odiasse. Ela precisava pensar que eu não queria mais nada com ela, porque se algo desse errado... Bem, se algo desse errado e eu não voltasse, minha esposa e meu filho estariam seguros.

— Reunião encerrada. — Fui tirado dos meus devaneios pela voz autoritária da Georgia. Comecei a me levantar, mas sua voz me fez parar novamente. — Você fica, Guilherme.

Sentei-me novamente e esperamos as pessoas nos deixarem sozinhos, então ela se sentou a minha frente e arqueou uma sobrancelha perfeita.

— Você passou a reunião inteira com a cabeça nas nuvens.

Durante esse tempo que passamos juntos ela aprendeu a me ler.

— Eu... — Soltei o ar. — E se der errado, Georgia? E se eu não voltar?

Ela estendeu a mão por cima da mesa e eu a segurei.

— Eu entendo seu medo, mais do que ninguém. Também tenho uma pessoa pela qual eu nutro sentimentos, que não sei se vou voltar a ver caso isso dê errado. Mas eu já estou acostumada com isso. Nem temos nada — disse, dando de ombros. — É só um caso que eu dou mais importância do que deveria. Um caso que minha tia é totalmente contra.

Georgia foi criada como sobrinha da delegada Geovana e foi recrutada para trabalhar na

sede oficial da Interpol muito cedo, graças a sua inteligência aflorada e seu nível de QI altamente elevado.

— Seria o motivo da sua tatuagem nas costas? — perguntei.

Ela tinha uma tatuagem minúscula nas costas. Uma mini-caveira colorida em tons verdes, vermelho e amarelo.

— Ele foi o principal motivador — disse ao se levantar e colocar as mãos na cintura. — Mas já não tem tanta importância assim.

— Georgia, você marcou o seu corpo por causa de um homem e diz que não tem tanta importância assim? — Minha vez de arquear uma sobrancelha para ela. Descobri que ela não gostava muito de expor sua vida pessoal para mim, mas da mesma forma que ela aprendeu a me ler, aprendi a lê-la também.

— É complicado, mas não estamos juntos há um bom tempo, então... — Deu de ombros novamente e voltou a me olhar. — A questão aqui é você.

— A questão aqui, Georgia — falei, me levantando — é que nós não podemos fazer nada em relação a isso.

Virei-me para sair, mas fui detido, novamente, pela sua voz.

— Liga para ela. — Eu não me movi, fiquei olhando para frente, tentando compreender a sua frase. — Liga para ela, Guilherme — repetiu.

— Não posso.

— Ninguém precisa saber.

— Eu. Não. Posso. Georgia — falei pausadamente e me virei para olhá-la, para que ela visse a aflição em meus olhos.

— Ah, Guilherme... — lamentou.

— Não me peça para quebrar um juramento, eu não sou forte o bastante.

Ao terminar a frase me virei e saí dali, antes que ela me fizesse mudar de ideia. Porém, ao andar até o hotel as suas palavras martelavam em minha mente, martelavam de uma maneira que eu não imaginava ser possível. Parecia o diabo me tentando e ele estava conseguindo. Entrei na recepção do hotel indo até o balcão de atendimento, sendo recebido por uma senhora.

— Pois não?

— Posso usar seu telefone um momento? — perguntei, apontando para o aparelho fixo.

— Claro.

Disquei os números do celular dela, torcendo para ser o mesmo.

Chamou.

Chamou.

Chamou.

Chamou.

Chamou.

Quando eu estava prestes a desligar, ele foi atendido.

— *Alô?*

Paralisei.

Ouvir sua voz depois de tanto tempo fazia meu peito doer de tanta saudade que eu sentia dela. Senti meus olhos arderem e me virei, não podia chorar.

— *Alô?* — repetiu, mas eu não podia responder. Eu não podia falar nada, apenas ouvir a voz

dela. — *Olha, estou escutando sua respiração, então pode falar do que se trata?*

Autoritária como sempre.

Fechei os olhos e a ouvi falar mais uma vez.

— *Olha, eu sou da polícia federal, então se isso for algum tipo de trote, eu acho melhor você...*

Desliguei o telefone.

Respiração descompassada.

Coração em ritmo frenético.

— Tudo bem? — a senhora perguntou e eu apenas assenti, saindo para a rua novamente.

Sentei-me na calçada e peguei minha carteira, onde havia uma foto dela, Nicolas e eu abraçados. Essa foto era um aviso, um aviso constante para me lembrar que eu tinha um motivo para voltar para casa.

— Eu vou voltar, minha pequena — falei, passando o dedo em seu rosto na foto e contemplando seu sorriso. — Eu vou voltar por você, custe o custar. Eu te prometo.



Capítulo

6

Saiba que eu sempre 'to aí

Uh, uh, uh, uh, uh

Mesmo sem estar

Que tal apostar

A gente não se fala mais por um mês

Você vai ver que o tempo não muda nada, nada

Nada, nada

Eu 'to aí

Mesmo sem estar

Mesmo sem estar – Luan Santana feat Sandy

Verônica

Desliguei o telefone ainda sem saber o que pensar a respeito, meu coração estava martelando fortemente contra meu peito, minhas mãos suavam. Tinha como reconhecer uma respiração? Sentei no sofá e olhei para o nada, algo me dizia que era ele.

Fechei os olhos e senti uma lágrima cair novamente em meu rosto, rapidamente a enxuguei. Não podia ser ele. Era meu coração querendo me enganar, minha mente querendo me pregar uma bela peça, era apenas isso. Tinha que ser isso.

Geovana tinha razão, o Samuel tinha razão, todos tinham razão. No fundo, bem lá no fundo, eu tinha esperanças de que ele voltasse. Quando a Geovana me perguntou o que eu faria se ele voltasse, não menti quando respondi que não sabia, porque a situação toda era complicada. Eu estava muito magoada, mas ao mesmo tempo a preocupação também me atingia, porque nem para o irmão, uma das pessoas mais importante da vida dele, ele ligou.

Guilherme havia desaparecido completamente do mapa.

Peguei o meu celular e olhei para o número que havia me ligado há alguns minutos. Eu poderia retornar facilmente e descobrir quem havia ligado. O DDD não era dali, parecia ser da região norte do país. Meus dedos tocaram o número e duas opções apareceram: *apagar* e *chamar*.

Seria muito simples ligar novamente, muito fácil perguntar quem havia ligado. A pergunta era: eu estava pronta? Acho que não. Apertei apagar e fechei os olhos, encostando as costas no encosto do sofá, o aparelho caindo sobre meu colo.

Deus, será que não tem como manejar um pouco a minha vida?, perguntei em pensamentos.

Meu celular voltou a tocar, fazendo-me sentar rapidamente devido ao susto. Olhei para o visor e vi o nome da minha mãe, então fechei os olhos, gemendo.

—Deus, eu pedi para manear! — gemi antes de atender a ligação. — Oi, mãe.

— *Olá, querida, como você está?* — perguntou, fazia barulho onde ela estava e eu franzi o cenho.

— Estou bem. Onde a senhora está?

— *Estou em uma festinha, não se preocupe.* — Podia ouvir os risos e uma música de fundo que parecia ser pagode.

— Mãe...

— *Está tudo sob controle, meu amor* — falou, então o volume da música foi baixando. — *Estou pensando em passar uns dias com vocês, que tal?*

Fechei os olhos e reprimi outro gemido. Não que eu não gostasse de passar um tempo com ela, mas a dona Rose era meio complicada e não aceitava um “não” como resposta.

— Mas e suas aulas na academia? — perguntei, tentando arrumar uma maneira de ela não vir.

— *Isso pode ser resolvido sem problemas. Irei de táxi para São Paulo. Você paga, né?!*

Fechei os olhos. Eu não tinha muito o que fazer.

— Ok, mãe, eu pago.

— Maravilha! Minha filha, por isso eu amo você! Até amanhã! — Desligou a chamada.

Não é que eu não tenha uma relação boa com a minha mãe, o problema era, unicamente, ela querer continuar a se meter na minha vida. Depois que fui embora de casa com o Guilherme, anos antes, ela praticamente me ignorou de sua vida. Alegava que eu estava sendo ingrata com ela e com o meu pai, que eu deveria pensar mais um pouco antes de fazer a “burrada”, nas palavras dela, de me casar com ele.

Alguns anos se passaram sem que eu tivesse contato com eles, até que minha mãe me ligou, desesperada, dizendo que meu pai havia sofrido um derrame. Eles haviam saído de São Paulo Capital e ido morar em Guarulhos. A partir desse dia voltamos a nos falar, eu sentia falta deles, apesar de tudo. Pedimos perdão e tudo mais, mas a opinião deles em relação ao Guilherme não havia mudado, pelo menos da parte da minha mãe. Meu pai estava feliz pelo meu emprego, pelo meu marido, meu filho, o rumo que nossas vidas estavam tomando e tudo. Já minha mãe sempre procurava defeito em qualquer coisa que o meu marido fazia. Resumindo: ela fazia da vida dele um inferno quando estava por perto.

As coisas pioraram quando meu pai faleceu, meses depois. Ela estava triste por ter perdido o marido e atacava o Guilherme de todas as formas possíveis. Quando ela finalmente voltou para sua casa foi um momento de paz.

Quando descobriu que ele havia ido embora e me deixado grávida, jogou todo o passado na minha cara. Doeu. Doeu muito e parte de mim concordava com ela, enquanto a outra metade não queria acreditar em uma palavra do que ela dizia.

E ainda tinha mais um detalhe: ela era totalmente do time do Samuel.

Rolei os olhos.

Definitivamente, eu estava ferrada com essa ida dela para minha casa.

A porta da sala foi aberta e olhei para o meu filho, que acabava de chegar.

— Posso saber onde o senhor estava até essa hora? — perguntei.

— Estava com alguns amigos.

— Que amigos?

— A senhora não conhece, do que adiantaria eu falar?

— Nicolas...

— Não é da sua conta, mãe!

— Ah, mas é da minha conta mesmo! — Levantei-me indo em sua direção, estava cansada dessas birras sem sentido do Nicolas. — Você me respeita que eu sou sua mãe!

— Não enche, mãe!

— Nicolas Brandão Maldonado!

— O que é? — perguntou ao se virar para me olhar e vi seus olhos vermelhos e olheiras.

— Onde você estava? — tornei a perguntar. Mas dessa vez com mais calma.

— Eu já disse, com alguns amigos.

— Eu sou a sua mãe, você é menor de idade, tenho obrigação de saber onde e com quem está.

— Por que não pede então *pros* seus amigos descobrirem? A polícia não faz tudo isso? Vai lá e descobre. Agora para de encher o meu saco e me erra.

Mal terminou de falar e subiu as escadas correndo. Fechei os olhos e tentei acalmar meu coração.

Não, não, não, não, repeti, minha cabeça tentando colocar os pensamentos em ordem. Eu sabia o que tinha que fazer, só não sabia se conseguiria.



Entrei no meu quarto e sorri ao ver que a Vivi estava acordada e brincando com a Emilly, sua babá.

— Oi, meu amor — falei, já sorrindo e recebendo seu costumeiro sorriso, juntamente com

alguns sons que indicavam felicidade ao me ver. A peguei no colo e brinquei um pouco com ela. — Pode ir, Emilly — falei, olhando para a morena a minha frente que sorria para minha boneca. — Eu cuido dela agora.

— Está certo. — Ela sorriu e se aproximou para dar um beijo na Vivi. — Nos vemos amanhã, boneca. Qualquer coisa é só me chamar — disse, olhando para mim.

— Pode deixar, mas vá descansar. Acredito que agora eu possa cuidar dessa pequena aqui — falei e beijei seu rosto.

— Está certo. Boa noite, Verônica.

— Boa noite, Emilly.

Ela saiu do quarto e eu levei minha pequena até a cama, fiz um cercado de travesseiros e a coloquei deitada no meio. Vivi iria completar 9 meses no final daquele mês. Ela era a garota mais esperta que eu conhecia, completamente linda. Enquanto Nicolas puxou os meus olhos verdes, ela puxou os olhos do pai, totalmente amendoados, que combinavam perfeitamente com seus cabelos loiros. Pelo menos isso ela havia herdado de mim.

— Sinto tanta falta do seu pai, princesa — falei enquanto ela brincava com meus dedos. — Acho que se ele estivesse aqui as coisas seriam totalmente diferentes.

Ela apenas me encarava com aqueles olhos, os mesmos que eu me perdia noites adentro, amendoados e expressivos.

— Infelizmente, as coisas não são como queremos e às vezes nossas vidas tomam rumos completamente diferentes do esperado. — Viviane soltou um som, como se estivesse concordando, e eu sorri. — Você é tão parecida com ele, meu amor. — Alisei seus cabelos com a outra mão.

Viviane abriu a boca em um pequeno bocejo e eu sorri. Estava na hora de alguém dormir. Como a Emilly já havia dado banho e ela já tinha comido, me sentei encostada na cabeceira da cama

e a coloquei meus braços, ninando-a. Fiquei observando até suas pálpebras se fecharem e ela começar a dormir. Com todo o cuidado, levantei e a coloquei no berço, fitando-a mais um pouco.

Após ter certeza de que ela não iria acordar, resolvi descer para comer alguma coisa, já que eu não havia jantado. Analisando minhas opções, optei por preparar um sanduíche. Heloísa havia deixado um suco pronto na geladeira, me servi de um copo e sentei à mesa.

Quando estava na metade da refeição improvisada, meu celular tocou, mostrando a foto de um Samuel sorridente.

— Não é hora de criança estar dormindo? — perguntei, divertida. Mas ele não retrucou como sempre fazia. — Samuel? — chamei, preocupada.

— Ela se foi... — disse e começou a chorar.

Então a minha ficha caiu. Coloquei a mão na boca para aplacar o pequeno grito que eu iria soltar.

— Samuel, onde você está? — perguntei, já me levantando.

— Hospital... eu... Verônica, eu não consigo. Eu não sei se vou suportar. — Sua voz era tão sofrida que fez meu coração se apertar ainda mais.

— Eu estou chegando aí, me espere.

— Obrigado.

Encerrei a chamada e me sentei novamente.

Dona Rita era tudo o que Samuel tinha. Há alguns meses ela estava passando por sérios problemas de pressão alta, parava direto no hospital. Não sei o que poderia ter causado sua morte.

Levantei e fui até o quarto da Emily. Ela ficava em minha casa durante a semana. Caso eu precisasse sair, a Vivi tinha com quem ficar. Bati na porta de seu quarto e esperei, alguns segundos

depois ela abriu a porta.

— Desculpe te acordar, Emilly, mas preciso sair é urgente. Não sei que horas irei voltar.

— Não estava dormindo, Verônica. Vou subir para o quarto, então.

— Certo...

— Está tudo bem? — perguntou assim que me virei, voltei a encará-la e lhe lancei um sorriso triste.

— A mãe do Samuel faleceu essa noite. Eu estou indo ficar um pouco ele, ele não estava nada bem.

— Meu Deus! — Ela cobriu a boca e arregalou os olhos. — Dê meus sentimentos a ele.

Assenti e saí dali o mais rápido possível.



Cheguei no hospital e não foi difícil encontrá-lo. Estava do outro lado da recepção, sentado no chão e escorado na parede. A cabeça pendia para frente, os braços apoiados nos joelhos.

Me aproximei e ajoelhei-me a sua frente.

— Samuel.

Devagar ele levantou o rosto e vi que estava chorando, as lágrimas pareciam não ter fim. Seus olhos estavam vermelhos e ele parecia completamente destruído.

— Verônica... — sussurrou.

Não perdi tempo, joguei minha bolsa no chão e o puxei para um abraço. Ele se agarrou em mim como se eu fosse sua tábua de salvação.

— Está doendo tanto — falou.

Alisei seus cabelos e suspirei.

— Eu sei — sussurrei —, mas vai passar.

Era uma mentira. A dor de perder alguém nunca passava, mas amenizava com o tempo.

Não sei quanto tempo ficamos ali, naquela posição. Só sei que me quebrava vê-lo sofrendo daquela maneira.



Capítulo

7

*A saudade bate a porta
Do coração
E as lágrimas vem
Como suportar a dor
E prosseguir quando se perde alguém
Só Deus pra nos sustentar
Só Deus pra nos compreender
Só Deus pra nos confortar
Só Deus para nos manter
Quando se perde alguém – André Alves*

Verônica

Até o dia se compadeceu da tristeza que estava sobre nós, pois amanheceu nublado e frio. Logo pela manhã Samuel e eu fomos cuidar dos procedimentos para o velório e logo depois do enterro. Samuel foi liberado o restante da semana pela delegada. Pela lei são dois dias em que a pessoa fica dispensada do trabalho, ele só voltaria na segunda feira. Eu consegui que a delegada me desse folga pelo menos naquele dia para ajudá-lo em todos os trâmites do enterro.

Samuel não conheceu o pai, dona Rita não teve outros filhos e não tinha nenhum parente próximo. Ele estava completamente sozinho.

O velório começaria às 14 horas, e o enterro seria às 17. O levei para a sua casa. Ele precisava comer e tomar um banho. Assim que entramos ele se sentou no sofá e começou a encarar o nada. Sentei-me ao seu lado e segurei-lhe a mão.

— Eu não sei o que fazer, Verônica, ela era tudo que eu tinha. — Sua voz estava embargada.

— Você tem a mim — falei.

— Ela estava tão bem mais cedo... Cheguei em casa e ela estava assistindo a novela dela, dei um beijo no seu rosto e ela disse que me amava, eu disse que a amava também. Falei que iria tomar um banho pra gente poder jantar... — Ele parou de falar e eu o puxei para mim, sua cabeça repousou em minha perna e comecei a alisar o cabelo dele. — Quando eu saí do quarto ela já estava caída no chão. Foi tudo tão rápido. Não sei como consegui colocá-la no carro e a levar para o hospital, só sei que quando vi a doutora Mariah já estava dizendo “sinto muito”.

— Ah, Samuel... — sussurrei, incapaz de conter minhas próprias lágrimas.

— Um infarto fulminante — disse depois de um tempo. — Eu liguei para você porque não tinha mais ninguém que eu pudesse contar. — Ele se sentou e me encarou. — Só tenho você agora, Verônica.

— Eu não vou a lugar nenhum. Pode contar comigo sempre que precisar.

Ele fechou os olhos e tomou uma respiração profunda.

— Obrigado por estar comigo.

— Sempre que precisar, Samuel. Você esteve comigo quando eu mais precisei, agora é a minha vez de retribuir.

Ele se levantou e passou as mãos no rosto.

— Vou tomar um banho e tentar descansar um pouco.

Levantei e peguei minha bolsa.

— Eu vou passar em casa, tomar um banho, e venho te buscar.

— Não precisa, eu vou no meu carro.

— Tem certeza? — questionei e ele apenas confirmou com a cabeça. Concordei e fui até ele, segurei seu rosto com as duas mãos, as suas cobriram as minhas. — Fica bem.

— Vou tentar. Prometo. — Fiquei na ponta dos pés e ele abaixou a cabeça, beijei sua testa e depois sua bochecha.

— Amo você, não esqueça.

— Jamais. — Beijou a palma da minha mão.

Me virei e o deixei.

Meu desejo era ficar com ele e confortar seu coração, mas eu sabia que estava sendo difícil para ele. Ele precisava ficar sozinho. Entrei no meu carro e peguei meu celular, mais de vinte ligações perdidas da minha mãe. Fechei os olhos e gemi internamente. Ela já deveria estar na minha casa, ainda bem que deixei a Heloisa avisada que ela viria e já deixei o dinheiro da pequena viagem que ela fez.

Liguei o carro e saí pelas ruas do bairro Perdizes.



Entrei em casa perdida em pensamentos, só notei que minha mãe estava sentada no sofá com a Vivi no colo quando ela me chamou.

— Verônica, está no mundo da lua? — Pisquei algumas vezes e coloquei a mão na têmpora, ela estava latejando. Seria melhor tomar um comprimido logo.

— Desculpa, mãe, estou com a cabeça em outro lugar — falei e caminhei até elas, beijei a testa da minha filha e o rosto da minha mãe.

— Como você está, querida? Fiquei sabendo o que houve com a mãe do Samuel. Ele deve estar devastado.

— Está sim. Eu nunca o vi naquele estado, eu não sei o que fazer por ele.

— Apenas fique ao lado dele, querida. Ele precisa de muito apoio agora. — Ela colocou a mão em meu braço e eu observei seu semblante se entristecer. Sabia que ela estava se lembrando do papai.

— Ficarei. — Olhei para minha boneca e sorri. — Oi, princesa da mamãe, como você está? — perguntei, já pegando-a no colo e sorrindo para os sons que ela soltava.

— Ela está tão linda e esperta, filha. — Minha mãe sorriu. — Aquele babaca do seu marido foi um idiota por ter te abandonado.

Fechei os olhos. Ela tinha que falar dele...

— Mãe, por favor... — pedi.

— Certo, sem tocar no nome do defunto — falou e se afastou de mim, já sorrindo.

— Ela já comeu? — perguntei, sentando-me no sofá.

— Já sim. A Emilly foi ajudar no almoço, para depois irmos para a fisioterapia.

— Vai com elas? — Olhei para ela.

— Se eu puder...

— Claro que pode! Vai ser bom ter a senhora lá. Eu só vou aos fins de semana por conta do trabalho.

— Deveria procurar outro emprego, Verônica. Não gosto nada desse seu trabalho, você se arrisca demais.

Contive a vontade de revirar os olhos. Era sempre assim. Uma hora falava algo sensato e depois falava uma besteira.

— Mãe, já conversamos sobre isso. É o meu trabalho, eu amo fazer isso e não é a senhora que vai me tirar dali.

— Deveria pensar nos seus filhos. O que pode acontecer caso algum dia você não volte para casa? Já não basta não ter um pai presente? Eles não teriam uma mãe também.

— Mãe — falei, fechando os olhos e contando até dez mentalmente —, não precisa se preocupar. Dos meus filhos eu cuido, mesmo trabalhando fora.

— Cuida mesmo? Onde está o Nicolas? Aquela sua empregada que se acha dona da casa disse que ele saiu cedo e não voltou.

Era por isso que eu não a queria em minha casa. Amava minha mãe, mas sua mania de querer controlar a minha vida me sufocava ao extremo. Levantei e arrumei a Vivi em meus braços, seu brinquedo da vez era meu cabelo.

— Aonde você vai? — perguntou, se levantando.

— Dar comida para a Vivi e conversar um pouco com a Heloisa.

— Eu não sei se é uma boa ideia você dar tanta ousadia para uma empre...

— Mãe! — exclamei, interrompendo seu discurso. — Já chega, eu não quero ouvir! A casa é minha, a vida é minha, os filhos são meus, não pedi a sua ajuda em nenhum momento da minha vida, nem quando mais precisei do apoio de vocês, não é agora que você tem direito de soltar palpites sobre o que eu faço ou deixo de fazer.

— Verônica...

— Chega! Eu aceitei te receber, mas não vou aturar seus desaforos em cima das pessoas que estão comigo há tanto tempo.

Não esperei que ela retrucasse, apenas me virei e saí rumo à cozinha. Entrei no cômodo e vi Heloísa mexendo em alguma coisa dentro da panela, e a Emily estava picando tomates. Sentei-me na cadeira e respirei fundo.

— Não precisava falar nada daquilo, Verônica — Heloísa disse, secando as mãos no pano de prato.

— Ela não tinha direito nenhum de falar daquela maneira. — Fechei os olhos e os abri novamente. — Vocês são minha família também, vivem aqui, cuidam da casa, da minha filha. Não posso permitir que ela fale mal de vocês, mesmo sendo minha mãe.

— Você tem um coração bom, Verônica — Emily disse, sorrindo. — Merece ser feliz.

— Obrigada.

— Principalmente se for com um certo policial gato que te chama carinhosamente de Chihuahua. — Heloísa piscou para mim e eu apenas balancei a cabeça, negando, mas um sorriso brotou em meus lábios.

— Como ele está? — Emily perguntou.

A observei se levantar e entregar os tomates para Heloísa.

— Péssimo! A mãe era tudo que ele tinha, me mata vê-lo daquela forma. Ele parecia tão devastado, Emilly. Eu só queria poder cuidar dele.

Alisei os cabelos da Vivi enquanto ela balbuciava sons incompreensíveis.

— Perder alguém sempre acaba com a gente — Emilly disse, indo em minha direção e estendendo a mão para a Vivi. A pequena não pensou duas vezes antes de esticar os braços para a babá.

— Está me trocando? — perguntei, divertida, enquanto entregava minha filha.

— É que eu sou mais bonita, não é, Vivi? — Emilly perguntou, fazendo minha bebê sorrir.

— Você dá a comida dela, Emilly? — indaguei, me levantando. — Vou tomar um banho e buscar o Samuel. Não quero deixá-lo sozinho. Depois seguiremos para o velório da Rita.

— Claro, pode ir — disse e me virei para sair, mas voltei a olhá-las.

— Nenhuma notícia do Nicolas? — perguntei.

— Ele saiu cedo para o colégio — Heloísa disse, olhando para o relógio na parede. — Ainda não está no horário de ele chegar.

Assenti.

— Se ele não chegar no horário previsto, por favor, me ligue ou mande uma mensagem. Eu preciso ter uma conversa muito séria com ele.

A senhora apenas balançou a cabeça e me virei para sair da cozinha, precisava tomar um banho e tentar clarear a mente.



Não havia muitas pessoas no velório, muito menos no enterro. Dona Rita sempre foi uma mulher muito na dela, não tinha muitos amigos e não gostava de sair de casa. Avistei apenas alguns vizinhos dela e algumas pessoas da polícia, até a Samara, instrutora do Samuel, foi dar suas condolências.

Permaneci ao seu lado do início ao fim.

Quando o enterro terminou, esperei por ele do lado de fora do cemitério. Ele queria ficar um pouco sozinho com a mulher que lhe deu a vida e eu respeitei seu espaço. Passei em sua casa antes do velório para buscá-lo. Sabia que ele queria ir em seu carro, mas eu não o deixaria dirigir naquele estado.

Suspirei e encarei o horizonte. O cemitério ficava em uma área afastada da cidade, observei a rodovia não tão movimentada, alguns carros passando em alta velocidade, meus olhos indo para o sol que começava a se pôr para dar lugar a noite.

— Eu disse que poderia ter vindo no meu carro, assim você não precisaria me esperar.

Olhei para o lado e vi Samuel indo em minha direção. Usava uma camisa social preta, calça jeans escuras e coturnos. As mãos estavam no bolso da calça e seu semblante parecia mais leve.

— Eu falei que não deixaria você sozinho.

Ele caminhou até mim, parando bem na minha frente.

— Obrigado. Acredito que eu já tenha aceitado. Ela foi tudo para mim. Ela estava cansada e sua de descansar chegou. Não ficar triste é inevitável, mas eu tenho todas as lembranças dela em meu coração e na minha mente.

Uma lágrima solitária caiu de seu olho e eu passei o polegar para enxugá-la. Observei Samuel fechar os olhos devido ao meu toque. Sua mão foi para o meu pulso, onde ele levou minha mão até sua boca e beijou a palma. Meu coração estava martelando contra meu peito.

— Por favor, Verônica... — pediu, ainda de olhos fechados.

— O quê?

Quando foi que ele tinha se aproximado tanto?

Ele estava muito próximo. Tive que levantar a cabeça para poder vê-lo melhor.

— Sabe o que eu sinto por você, não faça esses gestos se não tem a intenção de me deixar entrar no seu coração.

Minha respiração estava acelerada, seus olhos se abriram e ficamos nos encarando por algum tempo que não sei quanto durou.

— Você merece alguém que te ame por inteiro. Não posso dar isso a você — sussurrei.

— Ainda tenho esperanças de que você me veja mais do que como amigo, mas serei paciente. Obrigado por ser minha amiga e me apoiar nesse momento difícil. Eu não sei como eu faria se não tivesse você.

— Sempre que precisar de mim, a qualquer hora do dia, sabe que pode me ligar que eu venho — falei e ele me abraçou bem forte. Encostei a cabeça em seu peito e ouvi as batidas ritmadas do coração dele.

Eu poderia me apaixonar facilmente por esse homem, só que as coisas não eram tão fáceis. Eu tinha um passado, outra história. E, acima de tudo, eu era casada.



Capítulo

8

*Eu sou só um homem com uma vela para guiar-me
Estou resistindo para escapar do que está dentro de mim*

Um monstro, um monstro

Me transformei em um monstro

Um monstro, um monstro

E isso está ficando cada vez mais forte

Monster – Imagine Dragons

Guilherme

Terminei de fazer o laço em minha gravata e me encarei no espelho. Definitivamente, eu não estava parecendo um policial. Só me perguntava o motivo de ter que usarmos traje de gala nesse jantar. Sempre odiei roupas sociais, me sentia desconfortável, mas essa estava demais. O traje consistia em: sapatos pretos da marca Oxford, um Cummerbund^[2] — que eu simplesmente odiei —, terno, gravata borboleta, camisa e calça social.

Eu estava parecendo um pinguim de geladeira.

Bufei.

A porta do quarto que eu estava foi aberta e Georgia entrou. Me virei no momento em que a vi pelo reflexo do espelho.

UAU.

Foi o primeiro pensamento que tive ao vislumbrar a mulher na minha frente, estava usando um vestido comprido na cor preta, com um decote profundo na frente, que era todo solto da cintura para baixo e havia uma fenda na perna direita que terminava na metade de sua coxa. A maquiagem estava carregada, os olhos marcados e o batom vermelho nos lábios faziam sua beleza se destacar ainda mais. Os cabelos estavam presos em um coque com apenas algumas mechas soltas.

— O que achou? — perguntou sorrindo, mas o sorriso não chegava em seus olhos.

Voltei a encarar o espelho.

— Isso realmente é necessário? — perguntei.

— Se misture ao inimigo — disse simplesmente.

Peguei minha arma que estava em cima da estante e coloquei na minha cintura.

— Vai armada? — questionei, pois não sabia onde ela poderia esconder uma arma usando

aquele vestido.

— Claro! — respondeu sorrindo, mas decidi não perguntar onde estava. Havia coisas que era melhor não saber.

— Sabe o que temos que fazer, não sabe?

— Sim, eu sei. — Fechei o terno e a olhei, estendendo a mão para ela. — Está pronta, Tânia? — perguntei, usando seu nome falso.

— Com toda a certeza, Dimitri.

Segurei minha mão.

Naquele momento estávamos entrando no personagem. Iríamos entrar dentro do mundo dos bandidos, socializar com eles, para, no fim, conseguirmos prendê-los.

Eu só queria que, dessa vez, tudo saísse como planejado.



— Você é extremamente linda, Tânia — Nikolai Destoianov disse ao beijar a mão de Georgia.

Eu estava com a mão em sua cintura, para todos os efeitos éramos casados. Um casal de traficantes da Rússia que queria negociar mercadorias ilícitas com eles. A senti ficar extremamente tensa ao meu lado, mas disfarçou muito bem para o homem a minha frente.

— Obrigada — ela respondeu educadamente. Então ele se virou para mim.

— Dimitri Dmitriev, enfim nos conhecemos. — Estendeu-me a mão, que demorei um pouco até segurá-la em cumprimento, minha mente buscando em minhas memórias antigas se eu o reconheceria, mas não vinha nada, absolutamente nada.

— Nikolai — pronunciei de maneira seca. Eu poderia não me lembrar dele, mas Georgia se lembrava muito bem. — Estou satisfeito que tenha aceitado nos receber.

— Não são todos os dias que somos surpreendidos com um pedido de carregamento tão grande, ainda mais saindo do Brasil para a Rússia. Queira nos acompanhar, por favor.

Indicou o caminho e o seguimos.

Estávamos em um restaurante, não havia ninguém além de nós ali, não duvidava que o lugar fosse usado exatamente para negociações como essa, uma fachada perfeita. Meus olhos varreram o local, eu sabia que todo o pessoal da COT estava do lado de fora, havia um agente infiltrado dentro do restaurante.

— Gostariam de tomar alguma coisa especial? — Nikolai perguntou após nos sentarmos. Georgia negou, mas eu decidi ser mais ousado.

— Eu aceito o melhor uísque que você tiver. — Senti Georgia apertar minha perna. Beber não fazia parte do plano.

— Irei providenciar. Fiquem à vontade, meus irmãos devem chegar em alguns minutos.

No instante que ele saiu, me virei para Georgia e sussurrei em seu ouvido:

— Se misture ao inimigo.

Ela não respondeu, o que indicava que havia entendido minha estratégia.

Voltei a olhar para frente no momento em que Nikolai voltava para a mesa, dessa vez acompanhado de seus dois irmãos.

Me levantei, sendo acompanhado pela Georgia.

— Dimitri Dmitriev — Bóris Gusyeva pronunciou meu nome falso no momento em que chegou à mesa.

Ele estendeu a mão para cumprimentar Georgia e depois a mim, e foi nesse momento, nesse exato instante em que nossas mãos se tocaram, que eu me lembrei dele.

Seu sorriso perverso.

Podia ouvir os estalos do cinto batendo contra a pele em minhas costas. Conseguia sentir o gosto de sangue quando ele chutava meu rosto.

Eu não me lembrava das cenas, mas eu sabia que era ele.

O homem que me torturou por cerca de dois anos antes que eu fugisse do cativeiro que ele me matinha.

— Sentem-se, fiquem à vontade — falou, indicando as cadeiras para podermos nos sentar. — Acredito que viemos aqui para falar de negócios, vamos começar.

Não sentei de imediato, mas senti Georgia me puxar. Ainda estava tentando processar o que eu havia sentido. Não me lembrava dos outros dois, mas bastou ver Bóris na minha frente após tantos anos, para eu saber que ele era o meu algoz.

Nikolai serviu uma dose de uísque a cada um dos que estavam à mesa. Todos se encaravam em silêncio, a tensão podia ser sentida no ar. Ivan foi o primeiro a falar, ele ainda não havia dito uma palavra desde que havia se sentado.

— Então vocês são russos? — Tomou um gole da sua bebida e arqueou uma sobrancelha, esperando resposta.

— Nascemos na Rússia, mas fomos criados no México. Viemos para o Brasil um pouco depois — Georgia respondeu à pergunta, fazendo com que o homem voltasse sua atenção para ela.

— Interessante... Muito interessante.

Ele se encostou na cadeira, analisou a Georgia como se pudesse descobrir a verdade sobre

ela, como se pudesse descobrir quem ela era, quem éramos.

— Do que precisam exatamente? — Bóris foi direto ao ponto.

Olhei para ele, mas não respondi de imediato. Ele era o chefe, o cabeça dos três. Qualquer passo em falso eles poderiam desconfiar de nós dois. Falei a quantidade que queria e Nikolai assobiou.

— Realmente, uma quantidade bem grande — Bóris ponderou e se inclinou. — Apenas uma coisa não entra em nossa cabeça. — Apontou para ele e os irmãos, senti Georgia ficar tensa ao meu lado. — Qual motivo faz dois policiais pedirem uma quantidade tão grande de cocaína.

Merda!

Sempre um passo a nossa frente.

Inferno!

Não esperamos mais nenhum minuto. Coloquei-me de pé no mesmo instante que Georgia.

— Inteligentes — ela murmurou, mas sabia que estava pensando em mil maneiras diferentes de conseguirmos sair daquela e ainda assim capturá-los

— Acham mesmo que não saberíamos quem eram vocês? — Bóris perguntou, um sorriso sínico despontando em seu rosto. — Eu sei tudo sobre vocês. — Pausou, antes de sorrir, como se a situação inteira tivesse graça. Meu corpo sobressaltou, torcendo para eles não saberem *quem* realmente éramos. Se eles descobrirem sairíamos dali direto para o cemitério. — Guilherme Brandão e Georgia Chevalier.

Algo me dizia que ele havia chegado apenas nessa parte. Não tinha como ter acesso ao nosso passado, afinal, ninguém sabia. Era algo que apenas Georgia e eu compartilhávamos, julgamos ser mais seguro assim.

— O que vocês querem? — A voz de Georgia era contida e ela estava em posição de ataque, parecia uma leoa pronta para entrar em combate.

— Nós queríamos apenas continuar com nossos negócios, mas vocês não sabem a hora de parar. — Ele se levantou, sendo acompanhado pelos irmãos, e retirou uma arma que estava guardada no bolso do terno. — Sabe o motivo de usarem roupas de gala? Para terem uma morte digna de um Oscar!

Sem pensar duas vezes, saquei a minha arma e apontei para ele, pelo canto do olho vi que Georgia fez o mesmo e apontou para um dos dois irmãos, porém, nenhum deles se mexeu.

— Acham mesmo que irão conseguir alguma coisa com isso? — Bóris parecia se divertir com a situação. — Sempre estaremos um passo a frente de vocês. Acham mesmo que sairão vivos dessa? Que são mais inteligentes que nós? Não são os primeiros policiais que tentam nos prender e não serão aqueles que conseguirão essa façanha.

— Você está nos subestimando — Georgia disse, sua arma estava em punho e ora mirava em Nikolai, ora no Ivan. Minha arma estava apontada para o Bóris e apenas ele segurava uma arma. Estavam bem seguros. Muito seguros, na verdade.

Toda essa confiança estava me deixando desconfiado.

— Quem dos dois quer morrer primeiro? — perguntou, mas nenhum de nós respondeu. — Pelo visto terei que escolher, então... — Seu olhar saiu de mim para a Georgia. — Acredito que já tenha ouvido falar na expressão “primeiro as damas?”, não é?

Em nenhum instante a mulher ao meu lado vacilou. Eu sabia que era mais difícil para ela do que para mim, e a cada segundo que se passava, mais orgulho dela eu tinha.

— Você não vai vencer, Bóris — falei pausadamente. — Não dessa vez.

— É o que veremos. É o que veremos.

Seus irmãos permaneceram calados, enquanto ele dava sequência a cada passo. Ele apontou a arma para Georgia e acionou o gatilho.

Mais cinco segundos.

O plano não tinha mais serventia.

Nossa única opção era sobreviver, nem que para isso eles morressem no caminho.

Dois segundos

Um segundo.

Então o caos começou.



Capítulo

9

*Eu estava mal desde pequeno
Levando meu mau-humor às multidões
Escrevendo meus poemas para os poucos
Que olhavam para mim, levaram até mim
Me acudiram, me sentiram
Cantando de um coração partido pela dor
Pegando minha mensagem desde as veias
Falando minha lição de cor
Enxergando a beleza através da
Dor!*

Believer – Imagine Dragons

Guilherme

Eu estava utilizando uma escuta, os policiais que estavam do lado de fora sabiam tudo que se passava ali dentro. No instante em que o Bóris acionou a arma e apontou para a Georgia, eu contei cinco segundos até acionar o microbotão que havia em minha arma. No instante em que ele foi acionado, todos os policiais receberam um alerta indicando que era hora de entrar em ação.

Tudo aconteceu em câmera lenta. Assim que a polícia invadiu o local, alguns dos irmãos deviam ter acionado os capangas da máfia, pois eles chegaram logo em seguida.

No instante seguinte, o trio russo apontou as armas para mim e para Georgia, Bóris mudou a mira dele para mim, mas tive que mirar em Nikolai que tinha a arma em Georgia. Não pensei duas vezes ao atirar no meio do peito do Nikolai e vi que Georgia havia atirado no Ivan, mas éramos dois contra três e sobrou Bóris que, com a distração, voltou a mirar em Georgia e disparou contra ela. Georgia não usava colete por conta do vestido, mas eu usava. Foi automático. Me joguei em cima dela no momento em que ouvi o disparo da arma.

Caímos os dois no chão e podíamos ouvir os gritos da polícia do lado fora, tiros sendo disparados. Ouvi Georgia gemer e me levantei, já pegando a arma e me levantando a tempo de ver o Bóris sair correndo pelo salão. Peguei minha arma, mirei nele e atirei. Seu grito ecoou no local, indicando que havia sido atingido, mas ele continuou correndo. Olhei para Georgia e a vi sangrando no chão.

— Vai atrás dele! — chiou ela. Ponderei se atendia seu pedido ou se ficava para ajudá-la.
— Vai logo!

Merda! Não queria deixá-la, mas precisava ir.

Corri por onde ele tinha ido, seguindo um rastro de sangue causado pelo tiro que acertei nele. Cheguei à uma porta estreita que dava em um longo corredor iluminado por algumas lâmpadas,

não duvidando que tivessem uma rota de fuga. Entrei no espaço apertado, arma em punho e atento a qualquer barulho que pudesse ter, mas eu não ouvia nada. O corredor era íngreme, estreito e escuro. Caminhei devagar, não sabendo aonde daria esse lugar. Ele poderia muito bem me esperar para uma emboscada. Conforme ia andando eu ia ouvindo barulhos que não conseguia discernir de onde vinham ou o que seriam. Comecei a andar mais rápido, até sair em um túnel que dava para a rodovia principal.

Não havia nenhum sinal dele, o sangue jogado no chão acabava em um ponto perto da pista.

— Inferno! — gritei.

Ele havia escapado e eu não sabia para onde. Olhei para a BR onde os carros passavam em alta velocidade e xinguei o universo por ter deixado aquele filho da puta escapar. Travei a arma e voltei pelo mesmo caminho.

O salão estava um caos, a polícia estava andando por todo os lados. Vi duas macas cobertas com um plástico preto e presumi ser Ivan e Nikolai. Georgia e eu atiramos para matar. Meus pés se moveram para o lado de fora, onde eu vi uma ambulância. Os médicos estavam empurrando uma maca para dentro dela, mas consegui vislumbrar parte do vestido da morena que estava comigo.

— Georgia... — Fui até ela, mas parei ao ser barrado pelo Kelton.

— Guilherme, ela vai ficar bem.

— Vai ficar bem o caramba! Ela levou um tiro, porra! — Tentei passar novamente, mas ele me impediu.

— Não vai até lá, temos que terminar aqui. Depois você pode ir até o hospital, iríamos apenas atrapalhar.

Mesmo relutante, acabei concordando.

— Ela vai ficar bem mesmo?

— Sim, o tiro pegou de raspão.

— Como eles sabiam? — perguntei, me virando para olhá-lo.

— Não sei. — Balançou a cabeça em negação. — Parece que somos meras peças de xadrez, dentro de um jogo muito maior. Estou começando a acreditar que... — Ele não terminou a frase, mas eu sei o que ele queria dizer.

Havia um informante.

O pessoal do IML saiu levando os dois corpos. Os observei sendo colocados dentro da van e eu não senti nenhum remorso por eles terem morrido. Mereciam depois de tudo que fizeram.

— Ivan e Nikolai.

— Mortos — respondeu mesmo sem eu ter perguntado. — Você e a Georgia foram certos nos tiros.

— Mas um fugiu.

— Você o acertou. Já mandei verificarem todos os hospitais da redondeza. Nós vamos pegá-los.

Ele se afastou e eu apenas respirei fundo.

Eu só queria que aquele pesadelo acabasse.

Apenas isso.



Eu estava folheando uma revista qualquer, apenas passando as páginas aleatoriamente, tentando fazer o tempo passar mais rápido.

— Não sabia que gostava de moda. — A voz da Georgia me fez erguer a cabeça.

— Graças a Deus você acordou — falei ao me levantar e ir até a sua cama.

— Eu falei que não precisava tomar remédio para dormir, mas eles foram bem específicos.

— Você está bem? — perguntei, analisando o rosto dela.

Georgia sabia esconder as emoções como ninguém, mas eu já a conhecia o suficiente para identificar o medo em seus olhos.

— Deu tudo errado, Guilherme. Não o pegamos. Mais uma vez eles fugiram, mais uma vez eles venceram. — Me sentei ao seu lado na cama e segurei sua mão.

— Mas eliminamos dois deles. Bóris está ferido e não deve ir muito longe. Desestruturamos *ele*, acredito que agora fique mais vulnerável. Não podemos desistir, Georgia. Você mesmo disse que essa não era uma opção.

— Guilherme, vê-los ali, depois de tanto tempo... Eu me senti aquela menininha de cinco anos novamente. Eu queria que minha mente tivesse bloqueado tudo igual a sua, mas...

A voz dela se perdeu e eu a abracei, tentando confortá-la.

— Era o Bóris — falei, olhando para a parede branca. Ela se afastou de mim e buscou meu olhar.

— Tem certeza?

— Absoluta. Eu não me lembrei de nada, mas era ele quem me torturava. Aquele olhar, ele... ele... — Respirei fundo e fechei os olhos. — Era como se eu tivesse 6 anos de novo.

— Sinto muito, eu...

— Não sinta. Fomos vítimas — falei ao capturar uma lágrima que escorreu do olho dela. — Mesmo em meio a todo aquele caos, a melhor coisa que me aconteceu foi te reencontrar.

— Eu concordo plenamente. — Dessa vez ela me abraçou por vontade própria, mas

rapidamente se afastou e encostou-se na cama.

— Temos que pensar em alguma coisa.

— Eu sei disso. — Me levantei e passei a mão nos cabelos. — Qual o próximo passo?

— Eu me livrar desse hospital. Será que se você falar que já estou melhor eu posso ter alta?

Balancei a cabeça sorrindo. Georgia era impossível.

A porta foi aberta e um enfermeiro entrou. Ele chamou minha atenção, podia notar suas tatuagens por debaixo do jaleco. Olhei para Georgia e vi sua pele empalidecer.

— Pierre... — foi o que ela sussurrou.

— Georgia, no que você está se metendo, morena? — ele perguntou, já se movendo para perto dela e segurando seu rosto.

Ela começou a chorar. Eu não sabia quem era o homem, mas pude notar que era importante para ela. E algo ainda me dizia que talvez fosse o único homem que entrou em sua vida e perfurou todas as camadas da mulher que ela se tornou.

— Eu vou sair... — comentei, já me afastando para a porta.

Georgia continuou com a cabeça baixa, porém, o homem levantou o olhar para encontrar o meu, e vi uma ameaça explícita ali. Saí antes que ele tirasse alguma conclusão precipitada.

Durante todo o tempo em que estivemos juntos na missão, sabíamos que as pessoas pensavam que tínhamos um caso. Desde que havíamos descoberto a verdade, passamos a andar juntos por todos os lados, aprender a decifrar olhares e distinguir o que estávamos pensando era algo que se tornou natural. Desde que os pesadelos tinham voltado, era ela quem estava ao meu lado para me acordar e me acalmar, uma ligação que nunca foi quebrada mesmo com o tempo. Ela também tinha pesadelos, mas eram mais escassos, apenas uma vez ela perdeu o controle e acordou gritando no

meio da madrugada. Eu estava em seu quarto dormindo no sofá, já que fiquei lendo uns relatórios e me assustei com seus gritos. A partir dessa noite passávamos a dividir o quarto, sempre que um precisava o outro estava ali e isso aumentou o burburinho entre os membros da missão. Mas contar a verdade significava colocar nossa verdadeira identidade em risco, então permanecemos calados. Ninguém jamais imaginaria qual era a história verdadeira.

Caminhei até a recepção e vi Kelton gesticulando enquanto falava ao telefone. Me aproximei dele no instante que encerrou a ligação.

— Novidades?

— Nada. O homem não pode simplesmente ter evaporado — falou, mas podia entender sua frustração.

— O que vamos fazer agora? — perguntei.

— Esperar a Georgia se recuperar e ela vai nos dizer que direção tomar.

Respirei fundo. Esse era o meu medo, a decisão que ela iria tomar.



Capítulo

10

Lá vão as minhas mãos tremendo

Pois você é o motivo

Meu coração continua sangrando

E eu preciso de você agora

Se eu pudesse voltar o tempo

Certificaria-me de que a luz derrotou o escuro

Eu passaria cada hora, de cada dia

Mantendo você segura

Eu escalaria todas as montanhas

E nadaria todos os oceanos

Apenas para estar com você

E arrumaria o que quebrei

Oh, porque eu preciso que você veja

Que você é o motivo

You Are The Reason - Calum Scott

Guilherme

DUAS SEMANAS DEPOIS

Estávamos esperando a Georgia chegar para saber o que aconteceria com a missão dali em diante. Desde que ela havia saído do hospital não tinha conseguido conversar com ela direito, muito menos perguntar quem era o homem que havia desestabilizado seu emocional. No dia seguinte ela teve que voar às pressas para a França, chamada oficial da Interpol. Tivemos que continuar no mesmo lugar para caso o Bóris fosse visto em algum canto.

O filho da mãe havia sumido sem deixar um único rastro. Não tinha passagens por hospitais, aeroportos, radares eletrônicos, nada. Ele simplesmente havia evaporado no ar. Não tinha como não ficar apreensivo, ele era um perigo e estava solto.

Georgia entrou na sala de reunião da casa que alugamos, estava visivelmente mais magra, seus cabelos amarrados em um rabo de cabelo no alto da cabeça e ela estava séria.

— Em primeiro lugar gostaria de agradecer a todos que se envolveram nessa missão, que deram sua alma, que fizeram de tudo para colocarmos as mãos nessa parte da máfia. — A observei fechar os olhos e respirar fundo. — Não temos pistas do Bóris há duas semanas, ele simplesmente sumiu do mapa. Sem nada para prosseguirmos a investigação, voltaremos cada um para suas casas e cidades, uma equipe pequena continuará cuidando do caso à distância, agradeço a cada um pela confiança que depositaram em mim para liderar essa missão. — Ela parou de falar, fechando os olhos. Conhecia a Georgia bem demais para saber que tinha alguma coisa errada com ela. — Eu estou me desligando da missão — disse por fim, causando burburinhos entre todos os presentes.

— Vamos deixar a Georgia terminar de falar, por favor — Kelton pediu e todos foram se calando.

— Estarei me desligando da Interpol e ficando apenas como agente federal — continuou —,

ainda não sei quem vai assumir a missão, mas acredito que a Interpol escolherá a melhor pessoa possível para tomar a frente. Enfim, é isso e muito obrigada a todos, estão dispensados.

Todos aplaudiram a mulher que liderou essa missão por mais de um ano, deu seu sangue, seu suor, passou noites em claro e levou um tiro para colocar esses bandidos na cadeia. Entendia sua frustração por termos perdido o líder, justo o mais perigoso e letal. O que não entrava na minha cabeça era o motivo de ela ter entregado a missão que lutou tanto para liderar. Nossos olhares se encontraram e não precisei falar nada, ela sabia que eu queria falar com ela em particular.

Um a um, as pessoas foram saindo, restando apenas o Kelton, que olhou de mim para a Georgia, sussurrou alguma coisa em seu ouvido, o que a fez endurecer o corpo, então ele saiu da sala, sem olhar pra trás. Me levantei e caminhei até a morena que tinha o olhar baixo.

— O que aconteceu? — perguntei direto.

— Não aconteceu na...

— Você não consegue mentir para mim, Georgia — a cortei.

Ela nunca conseguiu me esconder nada, por isso trabalhávamos tão bem juntos. Éramos uma dupla imbatível durante essa missão, conseguia ler seu rosto para saber que havia algo de errado.

Ela permaneceu em silêncio, mas olhou para os lados e indicou com a cabeça para que eu a seguisse, não discuti, apenas fiz o que ela pediu.

Começamos a caminhar pelas ruas em um silêncio absoluto, até pararmos em uma praça e ela se sentar, olhando fixamente para frente. Não me sentei, apenas cruzei os braços e a encarei.

— O que aconteceu? — perguntei após um tempo. — E eu quero a verdade, Georgia.

— Fui obrigada a deixar a missão — respondeu, sem ter coragem de me encarar.

— Por quê? — Não fazia sentido.

— Descobriram quem eu sou.

— Mas como? — Me virei para olhá-la. — Como descobriram?

— Não sei, mas eu tenho vínculo emocional direto com o caso.

— Descobriram sobre mim? — perguntei, receoso.

— Não, você é um dos que vai continuar, mas não podem descobrir sobre a gente. — Ela se virou e segurou meus braços. — Eles pensam que você está morto e é melhor continuar assim.

— Georgia, não sei se é uma boa ideia...

— Preciso de você nessa missão. — Ela estava aflita e nervosa. — De todos ali dentro, eu só confio em você, Guilherme, apenas em você.

— Sabe que sempre vai poder contar comigo. Sempre.

— Eu sei. — Ela me soltou e vou a olhar o nada. O silêncio pairou entre nós até ela perguntar novamente: — Animado para voltar para casa?

Respirei fundo, não tinha parado para pensar naquilo.

— Não sei. Eu simplesmente não sei.

Foi tudo que eu falei.

— Tem que ficar feliz. Vai voltar para a sua família, sua esposa...

— Não é tão simples, Georgia — falei, cortando-a. — Eu fui bem claro naquele bilhete que eu deixei para ela. Eu queria procurar novas aventuras, alegando que nosso casamento ocorreu cedo demais e que nenhum de nós dois tivemos a chance de viver ou conhecer outras pessoas.

— Você agiu feito um idiota, Guilherme — ela disse.

— Eu sei, mas não podia contar para ela da missão.

— Sei disso, mas deixar aquela carta? Acabar com o coração da mulher desse jeito? Ficar sem contato por mais de um ano? Isso acaba com a pessoa. É matar aos poucos, fazer se acostumar com a ausência, o vazio, as promessas. Isso não tem perdão, Guilherme.

— Eu sei, Georgia. Eu transformei o amor da mulher da minha vida em ódio. Conheço aquela mulher como a palma da minha mão. Errei *pra* caralho! Me arrependo por ter deixado aquele bilhete? Sim. Mas por estar protegendo a minha família, não. Eu daria a vida pela minha esposa e filho, irei contar a verdade quando voltarmos e se ela decidir que não quer mais saber de mim, irei aceitar. Por mais que ame aquela mulher, Georgia, apenas o fato de ela me odiar me torna uma pessoa insignificante. A Verônica tem o meu coração e caso não voltemos a ficar juntos, ele nunca mais vai bater por nenhuma outra mulher.

— Você a ama e faria qualquer coisa por ela, não é? — perguntou, me analisando.

— Sim, qualquer coisa. Ela não é mais aquela menina que eu conheci quando passava em frente ao colégio para ir para a faculdade e ficava me encarando, ou uma garotinha indefesa que não sabia se defender do mundo. Ela virou a mulher mais corajosa e valente que eu conheço. Mas, mesmo assim, mesmo ela sendo policial, mesmo ela sendo a porra da mulher que bota medo em qualquer marmanjo, jamais colocaria sua vida em jogo. Jamais a colocaria na linha de fogo, então não me culpe por ser egoísta o bastante por querer proteger a mulher que eu amo.

— Apesar de todos os erros, sei que ama e rezo do fundo do meu coração que ela te perdoe.

— Segurou minha mão.

— Eu também, Georgia. — Olhei para frente. — Eu também.



Bóris

Meu braço doía como o inferno.

Ainda não estava acreditando que tudo havia ido por água abaixo. Simplesmente não podia.

— Deixe-me ver esse curativo — a mulher falou em inglês assim que se aproximou de mim.

Soltei um rosnado baixo, mas deixei que ela trabalhasse.

Duas semanas.

Duas fodidas semanas que eu estava preso naquele casebre, tentando me recuperar da droga do tiro que eu havia levado. Ainda não estava acreditando que caímos em uma droga de emboscada, eu queria entender que porra foi aquela acontecendo.

Sabíamos que os policiais estavam atrás de nós, afinal, eles sempre estavam, mas aqueles dois... aqueles dois me lembravam duas pessoas que eu jamais esqueceria. Se eu pudesse os teria matado ali mesmo, se eu pudesse meus irmãos estariam vivos.

— Vou ter que preparar uma faixa para sua mão. — Só então percebi que o copo que estava

em minha mão havia se quebrado de tanta pressão que eu coloquei. Arremessei o restante do copo na parede e a mulher se encolheu. — Suma daqui! Anda! — gritei com ela, que rapidamente pegou suas coisas e saiu do quarto.

Me levantei e fui me servir de mais uma dose de uísque. Eu precisava manter toda a calma. Meu celular tocou no instante em que levei o copo à boca, sentindo a bebida queimar a garganta em seguida.

Vi o nome na tela e minha vontade era de arremessar o próximo copo na parede, mas me contive.

— Espero que não tenha ligado para me deixar mais irritado — falei.

— *Tenho novidades* — disse e eu tomei mais um pouco do uísque.

— Espero que sejam novidades mesmo, porque se eu sonhar que você mentiu para mim, mato você e sua família.

Se mantive em silêncio por mais alguns segundos, absorvendo a minha ameaça, sabendo muito bem que eu não brincava.

— *Ela é filha de Edgar de Lima e Lucia de Lima.* — Tentei até me controlar, mas acabei jogando o outro copo na parede.

— Filhos da puta! — rugi.

Eu não acreditava, eu não conseguia acreditar, que mesmo mortos aqueles dois infelizes deixaram a verme para me atormentar. Aquela maldita criança que eu deveria ter matado assim que soube que estava viva.

— *Bóris...*

— E ele?

— *Achei que você já soubesse...*

— Não pode ser... — Minha mente foi para anos atrás, uma casa abandonada, uma criança pedindo socorro.

Fechei os olhos e coloquei a mão nos olhos tentando diminuir a tensão que era receber aquela notícia.

Esses filhos da puta pensavam que poderiam se meter comigo? Que poderiam me parar? Que poderiam me prender? Soltei uma gargalhada que fez com que um suspiro resignado saísse do outro lado da linha.

— Quero tudo sobre eles. Onde moram, família, amigos, lugares que frequentam, pontos fracos. Não vai ser difícil para você encontrar isso.

— *Esse não foi o combinado. Você não me pedir isso. Já te contei da missão, todo o plano para pegar vocês e...*

— E o quê? Acho que esqueceu de me contar que havia um agente infiltrado aqui na máfia. Esquece de me que contar que esse mesmo agente era o responsável pelas armas, além de ter esquecido de falar que a droga do agente iria retirar as balas das armas dos meus irmãos.

— *Como você...*

— Esquece que sou o mestre das torturas? Ele me contou tudo, detalhe por detalhe em prol da sua vida insignificante.

— *Você o matou...*

— Claro, não sou conhecido por alguém que tenha misericórdia. Quero tudo. Se deixar passar um detalhe, um mínimo detalhe sequer, eu te mato.

— *Você não pode...*

— Acha mesmo que eu não posso? Escute bem o que vou lhe dizer, porque é o último aviso que vai receber: quer manter sua família a salvo e sua pele limpa? Quero registros de suas famílias, quero saber onde moram, com quem convivem. Isso não é mais a polícia tentando me prender, é pessoal.

— *O que você vai fazer?*

— Vou fazer aquilo que deveria ter feito há muito tempo. Vou matar os dois.



Capítulo

11

*E nessas horas meu sorriso é passageiro
É aí que eu percebo
A falta que me faz você
E nessas horas que eu nem ligo pra dinheiro
Pra eu me sentir inteiro, só preciso de você
De você*

Nessas horas – Matheus e Kauan

Verônica

— E isso pode dar certo? — perguntei para Eduarda.

Estávamos tomando café juntas em minha casa. Era sábado e havia chamado ela para ir até lá.

— Temos todas as chances a nosso favor, Verônica — respondeu, tomando um gole do café e me encarando profundamente. — Tem certeza disso? Não vai se arrepender mais tarde?

— Eduarda, você viu o modo que eu fiquei, o estado em que me encontrei quando o Guilherme me deixou aquele bilhete. Já se passou um ano e meio e não tivemos uma notícia dele. — Respirei fundo e fechei os olhos, tentando manter a calma. — Me responda com sinceridade, por favor — pedi e ela acenou com a cabeça. — Dentro desse período, o Guilherme alguma vez entrou em contato com o Arthur?

Ela mordeu o lábio e hesitou antes de soltar um suspiro cansado.

— Não, Verônica, ele não entrou. — Ela segurou minhas mãos. — O Arthur contratou um detetive particular, mas não temos nenhuma pista do paradeiro dele. Sinto muito. Ele não tentou entrar em contato com você?

Me lembrei da ligação que recebi no início da semana, ela ainda vinha na minha cabeça, meu coração fraco insistia em dizer que era ele naquela ligação, mesmo minha cabeça negando acreditar.

— Não — respondi depois de uns segundos.

— Sinto muito, amiga. De verdade. Eu nunca imaginaria isso dele. Vocês eram o casal modelo para todo mundo, inclusive para mim e para o Arthur.

— Nem todos os contos de fadas têm um “felizes para sempre” — falei sombriamente. Ninguém sabia o que acontecia depois do “felizes para sempre”, mas eu sabia, e isso me matava. —

Mas me explica como vamos realizar esse processo — pedi, mudando de assunto.

— Certo — disse ao mexer em sua pasta e tirar alguns papéis de dentro dela e me entregando. — Nós iremos realizar um divórcio com declaração de ausência, como expliquei na mensagem. Não temos como descobrir o que aconteceu com ele, mas tenhamos fé que ele está vivo, por esse motivo entraremos com esse.

— Se houver suspeita de que ele não esteja vivo, seria qual processo? — perguntei, ainda passando os olhos pelo papel.

— Morte presumida com declaração de ausência — disse e meu coração ficou pequeno dentro do meu peito.

Durante todos esses anos, jamais se passou pela minha cabeça que ele tivesse morrido. Essa era uma hipótese que eu não queria cogitar de forma alguma. Se ele tivesse morrido... Se um dia chegasse aos meus ouvidos que ele estava morto, eu não sabia o que seria de mim. Uma coisa era suportar viver sem ele sabendo que estava vivo, outra era saber que não existia a mínima possibilidade de ele voltar para casa.

— Verônica, está tudo bem? — Eduarda perguntou.

Pisquei algumas vezes e voltei a olhá-la.

— Sim, está tudo bem — respondi.

— Não se preocupe. Acredito que o Guilherme esteja vivo, só não conseguimos encontrá-lo. É como se ele tivesse sumido do mapa.

— Como alguém some, Duda? Não faz sentido. Há mais de um ano nada faz sentido e eu apenas estou levando. Sabe quantos questionamentos se passam pela minha cabeça todos os dias? Sobre o que pode ter acontecido, sobre o que pode ter levado a tomar tal atitude?

— Eu te entendo. Acredito que ficar sem uma resposta seja mais angustiante do que saber o

que realmente aconteceu.

— Se ele estiver morto, Duda, pelo menos não vou ficar sofrendo em busca de respostas.

— Acredita que ele esteja morto?

Não!

Minha mente gritou. Eu não acreditava, mas que argumentos eu tinha? Uma ligação estranha na qual eu podia jurar que era ele do outro lado da linha? Definitivamente, não.

— Não sei, mas vamos dar entrada logo nesse processo. — Mudei de assunto, queria encerrar aquela conversa o mais rápido possível. Duda pareceu perceber isso e apenas deu um aceno, concordando.

— Esse processo não pode ser feito no cartório, como acontece com os outros. Tudo acontece pela via judicial. Pode demorar um pouco pra ocorrer o processo, iremos procurar o Guilherme por todos os meios possíveis, se não o encontrarmos o juiz irá declarar a ausência e nomear um curador para atuar na defesa do cônjuge sumido.

— E se eles encontrarem?

— Se eles encontrarem o Guilherme irá responder pessoalmente ao processo.

Assenti, mas não respondi. Se eles encontrassem o Guilherme eu não sabia como reagiria.

— Bom dia!

Fechei os olhos quando ouvi a voz da minha mãe ao entrar na cozinha.

— Bom dia, dona Rose — Eduarda respondeu sorrindo.

— Não sabia que estavam em reunião — ela comentou, já se sentando na mesa. — Do que estão tratando?

— Mãe... — comecei, mas ela tomou o papel das minhas mãos.

— Finalmente vai se divorciar daquele traste, Verônica! — falou enquanto ela lia o documento. — Eu sempre soube que esse casamento não iria para frente, mas você não escutou e agora quebrou a cara, está sozinha e com dois filhos para criar enquanto o babaca do seu marido está em algum lugar do mundo.

Fechei os olhos mais uma vez. Eu não tinha paciência para discutir com ela.

— Dona Rose... — Eduarda tentou falar, mas quando minha mãe começava não sabia a hora de parar.

— Por que o divórcio tem que ser com declaração de ausência? — perguntou franzindo o cenho. — Acredito que divórcio com morte presumida com declaração de ausência seja melhor. Acredito que aquele verme não esteja vivo, de qualquer forma.

— Mãe...

— O que foi, Verônica? Está me repreendendo por dizer a verdade que você não aceita? Ou simplesmente porque ainda é completamente apaixonada por ele e se voltar estalando os dedos você volta para ele como se fosse um cachorrinho sem dono?

— Mãe, já chega! — falei, me levantando. — Você não tem o direito de me falar o que eu devo fazer. Respeito a sua opinião, mas guarde-a apenas para você. — Me virei para a Duda. — Pode dar entrada no processo. Sei que queria conversar mais, só que não estou com cabeça no momento.

— Não se preocupe. — Se levantou e me abraçou. — Eu tenho mesmo que ir embora. Qualquer coisa me liga.

— Pode deixar. — Afastei-me dela e saí da cozinha sem dirigir um último olhar a minha mãe.

Entendia seu ponto, mas não suportava ouvi-lo a cada maldito momento. Subi para o meu

quarto e ouvi a Vivi brincando com suas perninhas, caminhei até o berço e me apoiei na grade, olhando para ela, que, por sua vez, olhava para o enfeite que rodava em cima do berço.

— Sorte sua que você não tem nenhuma preocupação, meu amor — falei baixinho e ela me olhou. Sorri quando ela se mexeu e estendeu os bracinhos na minha direção. A peguei no colo e caminhei até a cama, me sentando em seguida. — Minha princesa está pronta para a fisioterapia, está? Ela soltou outro sonzinho e segurou meus cabelos, babando no processo. — Vou considerar isso um sim.

Sorri e fui arrumá-la para a sessão de fisioterapia.



O fim de semana passou rápido, quando dei por mim já era domingo à noite.

Eu já tinha colocado a Vivi para dormir, minha mãe passou o fim de semana trancada dentro do quarto, não ousei incomodar muito, ainda estava sem paciência para ela.

Saí do meu quarto e bati na porta do quarto do Nicolas, o som que vinha de dentro do cômodo estava muito alto. Como não adiantaria bater, entrei direto. Ele estava vidrado em algum jogo de videogame um tanto violento para o meu gosto.

— Nicolas... — chamei, mas ele não me ouviu, tamanha era sua concentração no jogo. — Nicolas! Nicolas Brandão Maldonado, estou falando com você!

— Que saco, mãe, eu tô jogando! — reclamou, jogando o controle em cima da cama.

— Eu sei que está jogando, e esse som está no volume máximo, sua irmã acabou de dormir, pode abaixá-lo, por favor?

— Saco — disse, mas mesmo assim abaixou o volume e ficou encarando a televisão.

Suspirei e caminhei até a cama, me sentando em seguida.

— Conversa comigo, filho — pedi.

— Não quero.

— Nicolas, eu... — Suspirei de novo. Eu não sabia o que dizer naquele momento. Imaginava que palavras não iriam adiantar, por isso apenas o puxei para os meus braços. Ele ficou relutante no início, mas logo aceitou e envolveu minha cintura com os braços.

— A senhora acha que ele vai voltar, mãe? — ele perguntou, a voz abafada, percebi que estava chorando.

Pisquei algumas vezes para conter as *minhas* lágrimas e respirei fundo.

— Não sei, filho. Eu queria ter a resposta para essa pergunta, mas não tenho.

— Eu sinto tanta falta dele, mãe.

— Eu sei, meu amor. Eu sei.

O que eu poderia dizer para ele? Que a falta que o pai dele fazia era pior para mim? Que meu coração disparava cada vez que eu pensava ou sonhava com ele? Que eu sentia falta das noites em seus braços ou dos seus lábios em cada parte do meu corpo? Não era só meu coração que sentia falta dele. A minha alma era um abismo profundo sem sua presença, metade de mim estava desligada e a metade que restava vivia apenas porque eu ainda tinha esperança que ele poderia voltar. Que ele poderia voltar para mim.

Quando dei por mim já estava chorando também, acompanhando os soluços do meu filho. Ele se afastou de mim e tratou de secar os olhos.

— Nicolas, não me afaste de você, filho, por favor.

Ele não respondeu. Continuou olhando para o nada, como se eu não estivesse ali. Suspirei,

pois o máximo que eu conseguiria dele naquele momento seria uma resposta evasiva, por isso me levantei e beijei o topo de sua cabeça, saindo do quarto em seguida.

Me apoiei na porta fechada e respirei fundo.

Guilherme, onde será que você está?, perguntei baixinho, mas eu sabia que não haveria resposta.

Nunca tinha.

Todas as vezes que eu fazia essa pergunta era recebida com absoluto silêncio.



A segunda começou uma loucura, primeiro por conta do temporal que caiu na madrugada. Ainda estava chovendo e por esse motivo avisei ao Nicolas que ele não iria para a escola, ele apenas resmungou algo e voltou a dormir.

Emilly chegou completamente ensopada, dizendo que a água havia entrado em sua casa durante a noite.

— Deveria ter avisado, Emilly, eu teria te dispensado — falei, tomando o café que a Heloísa havia entregue a mim.

— A Heloísa ficaria doida se tivesse que cuidar da casa e da Vivi, então resolvi vir.

— Poderia ter pego uma gripe — falei. — Estragou alguma coisa? — questionei enquanto procurava a chave do carro dentro da bolsa.

— Não, foi apenas o susto.

— Tem certeza? Sabe que se tiver estragado algo é só falar comigo, não sabe?

— Não se preocupe, Verônica, está tudo certo.

— Tudo bem então.

Encontrei minhas chaves e fechei a bolsa, colocando sobre o meu ombro e pegando meu casaco. A temperatura havia caído um pouco.

— Qual o motivo de tanta pressa? — minha mãe perguntou entrando na cozinha. — Não são nem sete horas da manhã, Verônica.

— Chamada urgente da delegada, tenho que ir. Ainda chegarei atrasada, tenho certeza — murmurei mais para mim mesma do que para ela.

— Eu já disse que...

— Não me importa o que você disse, ok? — interrompi sua fala. — Não vou mudar de profissão porque você quer, é o meu trabalho, eu sustento a minha casa, os meus filhos e ainda banco os seus luxos, então feche a boca antes de me mandar parar uma das poucas coisas que ainda me mantêm viva!

Eu estava sem paciência.

Ela pediu por aquilo.

Fechei os olhos e passei as mãos nos cabelos, prendendo-os em um coque.

— Irei trabalhar — proferi antes que ela dissesse mais alguma coisa. — Qualquer coisa me liguem — falei para as meninas, já saindo da cozinha. A última coisa que eu queria naquela manhã era discutir.

Demorei cerca de uma hora para chegar à delegacia. A chuva havia começado novamente quando eu estava na metade do caminho, por isso, quando cheguei, tive que correr até a entrada do prédio. Acabei me molhando um pouco no processo, mas logo estaria seca, tinha certeza disso.

O local estava uma bagunça, alguns policiais conversavam aos sussurros e pararam ao me

ver. Estranhei o fato e caminhei até Leila, a recepcionista.

— O que está acontecendo por aqui?

— Verônica! — Ela parecia assustada ao me ver.

— Sim, o que houve? Por que todos estão me encarando? — Olhei ao redor novamente, sendo observada por eles.

— A delegada Geovana pediu para você ir direto até a sala dela assim que chegasse.

Foi tudo que ela disse.

— Certo. — Me virei e saí em direção à sala da delegada, ainda sentindo o peso dos olhares sobre meus ombros.

Não bati. Estava tão nervosa que nem me lembrei.

— Geovana, a Leila disse que você queria... — Não conclui a frase, não consegui.

Meu cérebro parou, meu coração falhou todas as batidas possíveis, meus olhos marejaram, meus braços perderam a força, fazendo com que a minha bolsa caísse no chão. Porém, mesmo com a visão embaçada, eu conseguia enxergá-lo perfeitamente.

Tudo pareceu sumir, não ouvia mais nada. O frio havia ido embora e a falta de ar me deixava sufocada. Tudo que eu consegui dizer antes da escuridão me tomar foi o nome dele, que escapou como um mero sussurro da minha boca.

— Guilherme...



Capítulo

12

*Você está em meus pensamentos
Sempre, sempre
Eu só me apavorei, apavorei
Prefiro me sufocar com minhas más decisões
Do que carregá-las para o meu túbulo
Você está em meus pensamentos
Sempre, sempre, sempre
Always – Gavin James*

Guilherme

— Verônica! — O grito saiu sem permissão e eu corri para ela antes que seu corpo batesse no chão, mas quem chegou primeiro foi outro homem.

Ele a envolveu em seus braços de um modo tão protetor que me fez parar imediatamente e apenas ficar observando a cena. Tudo ao meu redor havia sumido, eu não prestava atenção em nada a não ser nela.

Desmaiada.

Por minha causa.

O homem colocou a Verônica no sofá e apoiou a cabeça dela em seu colo.

— Geovana, acho que a pressão dela caiu — ele disse, realmente preocupado com a minha mulher.

Minha mulher.

Eu não tinha mais o direito de chamá-la assim.

— Abra a blusa dela, Samuel — Geovana disse, se aproximando do sofá.

Observei o homem desabotoar os três primeiros botões da camisa que ela usava e contive o impulso de ir até lá mandá-lo parar.

— Irei pegar um pouco de sal para você colocar debaixo da língua dela — ela disse, já saindo da sala.

Eu ainda permanecia no mesmo lugar, sem ter coragem de me aproximar ou de me afastar. O homem olhou para mim e pude ver a raiva em seus olhos e só tive certeza de uma coisa.

Ele sabia quem eu era.

— Não acha melhor esperar do lado de fora? — perguntou, arqueando uma sobrancelha para mim.

— Quem você pensa que é para me dizer o que fazer? — Foi a primeira coisa que falei e me repreendi mentalmente.

— Eu sou a pessoa que ficou ao lado quando o babaca do marido a deixou com a droga de um bilhete dizendo que iria curtir a vida — rosnou.

Eu preferia ter levado um soco. Doeria bem menos.

— Espere lá fora, Guilherme — Geovana pediu ao voltar para a sala e eu fechei os olhos, respirando fundo.

— Guilherme, vamos esperar do lado de fora, vem. — Senti a Georgia puxar o meu braço, mas não me movi, encarava a mulher que era tudo na minha vida, nos braços de outro.

Um sentimento diferente tomou conta de mim e tive que respirar fundo várias vezes para me controlar e não fazer nenhuma besteira.

— Guilherme, acredito que vocês tenham muito o que conversar, mas não vai fazer bem para a Verônica acordar e te ver aqui — Geovana argumentou e eu apenas assenti, sendo puxado pela Georgia até o lado de fora da sala.

Encostei-me na parede oposta à sala e fechei os olhos, sentindo meu coração martelar contra o meu peito. Havia um misto de sentimentos dentro de mim que eu não sabia interpretar. Saudade, medo, e um que eu nunca me peguei sentindo. Ciúmes.

— Ela vai ficar bem, Guilherme. — A voz da Georgia me levou de volta.

— Quem é ele? — perguntei.

— Não sei. Algum policial que tenha entrado depois que saímos. — Ela ficou em minha

frente e segurou meu rosto. — Vocês precisam conversar, mas não agora.

— Eu vou conversar com ela assim que ela abrir...

— Não vai! — Georgia falou de forma baixa, porém autoritária. — Você passou mais de um ano fora, Guilherme, quer encontrar tudo como antes?

— Eu sei que não, porra! — Me exaltei, afastando-me dela e passando a mão nos cabelos. — Mas quer que eu faça o quê? Que eu deixe pra lá?

— Quero que você a deixe se recuperar da droga do choque que foi ver você depois de um ano e meio!

Parei e respirei fundo.

Inferno!

Ela tinha razão, eu sabia disso. Só queria colocar as coisas em pratos limpos. Queria poder explicar a ela o motivo desse sumiço, queria que ela entendesse.

A porta da sala foi aberta e o homem que amparou a Verônica saiu e foi em minha direção. Ele me olhava com fúria nos olhos, como se pudesse acabar comigo com isso. Não pensei muito, apenas senti quando o seu punho acertou o meu queixo, me fazendo cambalear e colocar a mão no rosto automaticamente.

— Que porra é essa? — perguntei.

— Isso — respondeu, se aproximando mais de mim —, é por ter deixado aquela mulher maravilhosa por um ano e meio com a droga de uma desculpa de que precisava conhecer outras pessoas!

— Samuel, já chega! — A delegada apareceu na porta e olhou para mim. — Melhor você ir embora, Guilherme. Depois vocês conversam.

— Eu não saio daqui sem conversar com a Verônica — falei entredentes.

— Você vai sair, sim — Georgia disse, já pegando a minha mão. — Sei que precisam conversar, mas só vão fazer isso quando aquela mulher estiver calma.

— Georgia... — comecei.

— Escute-a, Guilherme — Geovana nos interrompeu. — Você passou um ano e meio fora, a Verônica não tem notícias suas desde então, acha que vai ser fácil conversar com ela? Deixe-a se acalmar e colocar as ideias no lugar, depois vocês conversam.

— Vocês não entendem — falei, angustiado. — A mulher da minha vida pensa que eu a abandonei!

— E você fez isso. — Aquele homem já estava me irritando. Se um olhar matasse ele não estaria mais ali. — Se tivesse sido sincero sobre a droga da missão...

— Eu não podia, cacete! — Eu já estava angustiado. — Você contaria a ela que estava indo para algum lugar e que corria o risco de não voltar, você a colocaria em perigo? Ou você a protegeria, nem que para isso precisasse agir feito um babaca? — Ele ficou calado e desviou o olhar. — Já tenho minha resposta.

— Vamos, Guilherme. — Georgia voltou a me puxar e dessa vez eu me deixei ir.

Não prestei atenção em nada durante o percurso que ela fazia. Estava tão imerso dentro dos meus pensamentos que não notei quando o carro entrou na garagem de um prédio.

— Desce — falou simplesmente, já batendo a porta do carro.

A contragosto fiz o que ela me pediu e a acompanhei até o elevador. Não prestei atenção em qual botão ela apertou, estava preso no ocorrido na delegacia.

Eu tinha imaginado essa cena diversas vezes e em nenhuma delas havia um desfecho feliz.

Vê-la depois de tanto tempo fez meu coração martelar contra meu peito igual a primeira vez que a vi. Só que dessa vez ela não era aquela menininha tímida, era uma mulher linda. Uma mulher que estava com o coração quebrado e com a alma dilacerada por minha causa. Eu podia passar 50 anos longe dela e ainda assim saberia ler e decifrar cada olhar seu, assim como todas as suas reações. Tudo que eu vi quando nossos olhares se encontraram foi uma mulher que havia sido quebrada e que precisou se reconstruir à força.

— Vem, Guilherme — Georgia disse, puxando minha mão.

Eu estava fora de mim, completamente desligado do meu corpo. Não sei como ainda estava andando, mas não importava, porque no final tudo que me importava e me fazia viver estava naquela delegacia e me odiava com toda a força do seu ser.

— Ela me odeia — sussurrei, ainda olhando para o nada, completamente perdido dentro da minha mente.

— Ela não te odeia, ela está machucada. Ela não esperava vê-lo, foi um choque. Deixe-a se recuperar e depois vocês...

— Georgia! — chamei sua atenção para mim. — Ela me odeia! Eu conheço a minha esposa, conheço cada detalhe e sei ler cada reação dela. — Minha voz era completamente desesperada. — Ela me odeia!

Eu não consegui mais controlar as lágrimas que queimavam meus olhos. Elas caíram com força e Georgia se sentou no sofá, me abraçando em seguida.

— Vocês vão se acertar, eu tenho certeza disso — ela disse.

— Eu queria ter essa certeza. Queria poder dizer com todas as letras que ela vai voltar para mim, mas pelo visto tem outra pessoa lutando por seu amor.

Ela se afastou de mim e secou meu rosto com as mãos.

— Não desista antes de lutar. Vocês se amam e eu tenho certeza de que irão enfrentar essa crise.

— Eu não sei, eu... — Fechei os olhos e as passei pelo rosto. — Não quero pensar nisso. Sei que precisamos conversar e esclarecer tudo o que aconteceu.

Por mais que ela dissesse que iríamos resolver tudo e nos acertar, eu sabia que não seria fácil. Na verdade, seria praticamente impossível voltarmos.

Dizem que homens não têm sexto sentido e eu estava torcendo para estarem certos sobre essa teoria, porque a sensação que tomava conta do meu ser não era algo que eu gostaria que acontecesse.

Georgia me deixou sozinho e eu caminhei para a varanda. O dia estava nublado igual a minha alma. No apartamento do lado eu podia ouvir uma música saindo, tentei me concentrar na melodia e percebi ser *Always*, do Gavin James, e ri da ironia do destino. A música dizia exatamente o que estava se passando dentro de mim e tudo que eu queria saber dela. Para minha alegria, ou tristeza, no caso, ela foi colocada novamente, me levando a mergulhar dentro da letra.

What am I supposed to do without you?
Is it too late to pick the pieces up?
Too soon to let them go?
Do you feel damaged just like I do?
Your face, it makes my body ache
It won't leave me alone^[3]

Encostei-me na varanda e apoiei a cabeça nas mãos.

And this feels like drowning
Trouble sleeping

Restless dreaming^[4]

Olhei para o céu e repeti baixinho o trecho daquela música que mais acabava comigo e descrevia meu estado atual.

You're in my head

Always, always

I just got scared away, away

I'd rather choke on my bad decisions

Than just carry them to my grave

You're in my head

Always, always, always^[5]

Merda.

Fechei os olhos e pedi silenciosamente a Deus que me ajudasse, porque eu não tinha a mínima ideia do que fazer dali para frente.



Capítulo

13

E tudo que eu te dei se foi

Caiu assim como ele foi feito

Pensei que tivéssemos construído uma dinastia que o céu não poderia interferir

Pensei que tivéssemos construído uma dinastia, como nada nunca feito

Pensei que tivéssemos construído uma dinastia para sempre inquebrável

Dynasty - Miaa

Verônica

Eu tinha certeza de que era mais um sonho. Apenas mais um daqueles malditos sonhos que eu sempre tinha de que ele havia voltado. Mas não era, podia ouvir sua voz exaltada do lado de fora da sala.

Eu o vi na minha frente!

Não sabia o que fazer naquele instante. Eram tantos sentimentos, tantas emoções que eu não sabia como lidar com tudo. Minha mente não soube lidar com a informação de que ele estava de volta e simplesmente se desligou, me fazendo desmaiar. Fechei os olhos e levei o copo de água até minha boca e percebi o quanto eu tremia. Respirei fundo tentando manter a calma, mas era impossível.

Ele tinha voltado.

Ele tinha voltado e eu não sabia o que fazer em relação a isso.

Na verdade, eu sabia, sim. Eu sabia chorar.

Não sei quando as lágrimas começaram a cair, só sabia que não conseguia fazê-las parar.

Tudo doía.

Tudo estava quebrado.

Eu estava destruída.

Só depois de muito tempo eu tive noção do estado em que se encontrava a minha alma e o meu coração, completamente estilhaçados, quebrados e pisoteados, resumidos a nada. Os cacos eram tão pequenos que eu duvidava que algum dia eles se reconstruíssem ou que eu pudesse amá-lo novamente.

A dor era tão grande que perdi a noção de onde eu estava, de quem eu era, da hora, do dia.

Perdi a noção do tempo.

Eu me perdi.

Me perdi e nunca fui capaz de me reencontrar.

Até aquele dia.

Porque ele tinha voltado.

Ele tinha voltado com a metade que havia levado embora consigo. Mas havia um detalhe, um pequeno detalhe superimportante: a sua outra metade estava completamente destruída.

— Verônica... — Me virei ao som da voz de Samuel que havia entrado novamente na sala.

— Eu...

Apenas neguei com a cabeça. Não queria ouvir nada, não queria que me consolassem, queria sofrer em paz. Queria poder chorar e gritar sozinha.

Eu. Precisava. Ficar. Sozinha!

Levantei, ainda meio tonta, e fui amparada por ele.

— Minha bolsa... — pedi em um sussurro.

— Eu não vou deixar você sair nesse estado, pode causar um acidente.

— Minha bolsa, Samuel, por favor. — Minha voz saiu mais firme dessa vez e ele me encarou. Podia perceber o duelo dentro de si. — Por favor, eu preciso — tornei a pedir e o vi fechar os olhos.

Samuel me soltou e foi pegar minha bolsa em cima da mesa da delegada, entregando-me em seguida. Pelo seu rosto eu sabia que ele não queria me deixar sozinha.

— Me ligue. Aconteça o que acontecer, me ligue! — falou, segurando meu rosto, e eu apenas assenti.

Coloquei a bolsa no ombro e saí da sala. Sabia que todos me olhavam, sabia que todos estavam falando de mim, mas eu não me importava, eu só queria sair dali.

Ignorei a chuva que caía de forma torrencial do lado de fora e fui para o meu carro. Eu não saí de imediato, precisava me acalmar, mas a cada vez que eu me lembrava dele uma nova onda de lágrimas corria pelo meu rosto.

Esmurrei o volante e gritei.

Um grito de dor e angústia.

Um grito de quem queria que a dor parasse, que fosse embora.

Eu queria esquecer esse maldito tempo que ele passou longe de mim. Queria que ele nunca tivesse me abandonado, queria que aquele maldito bilhete nunca tivesse existido.

Tudo isso eu queria, mas era impossível o meu querer se realizar, pois não podemos mudar o passado, apenas lidar com as consequências das nossas escolhas. E a escolha dele estava fazendo com que os cacos do meu coração fossem reduzidos a pó.

Demorei cerca de meia hora para me acalmar, a chuva ainda caía do lado de fora, mas eu não podia ficar ali. Liguei o carro e saí na direção da chuva. Não queria ir para casa, queria pensar, colocar as emoções em ordem, me colocar em ordem e acalmar o coração.

Dirigi sem rumo, sem prestar atenção em nada, estava completamente no automático. Só me dei conta de onde estava quando parei em frente ao parque Ibirapuera. Estacionei o carro e saí, não havia ninguém. A chuva estava forte, mas eu não me importava, ela estava me lavando. Não estava indo a nenhum lugar específico, andar sem rumo havia se tornado fácil. Viver sem o norte da minha vida havia se tornado simples.

Cheguei próximo ao lago e caí de joelhos na terra, minhas lágrimas se misturando à água que caía do céu. Parecia que Deus estava chorando e se compadecendo da minha tristeza, chorando e

sofrendo junto comigo.

O quanto de dor uma pessoa é capaz de suportar? Qual o limite entre a dor e o amor? Por que temos que viver uma luta constante com o cérebro e o coração? Por que meu cérebro dizia que eu tinha que odiá-lo com todas as minhas forças e meu coração não parava de martelar contra meu peito, pulando de felicidade por ele estar de volta?

Por que você teve que voltar, Guilherme?, sussurrei para mim mesma enquanto chorava copiosamente.

— Eu tinha que voltar para você.

E pela segunda vez naquele dia, em menos de duas horas, o tempo parou. Levantei o rosto encarando a lagoa, mas não ousei olhar pra trás. Minha respiração saía ruidosamente, enquanto eu tentava, a todo custo, me controlar.

Levantei devagar e não tive coragem de olhar para ele, mas eu sabia que estava atrás de mim, era impossível não sentir a sua presença, meu corpo sempre seria atraído para ele como se fôssemos metal e imã. Podia passar o tempo que fosse, meu corpo sempre corresponderia ao magnetismo do seu.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei depois de um tempo.

— Eu precisava pensar e você sabe que esse lugar sempre me ajudou a fazer isso. — Sua voz ecoou em meus ouvidos, fazendo-me fechar os olhos. Eu sabia, mas na hora nem me toquei, afinal, depois que ele foi embora esse local virou meu refúgio para chorar toda vez que a saudade apertava.

— Por que voltou? — indaguei, voz quebrada e começando a sentir o efeito da chuva em minha pele. Instantaneamente eu me abracei, como se isso pudesse criar um escudo protetor em minha volta.

— Essa não é a pergunta que você quer fazer, Verônica.

Não respondi, continuei a olhar para frente, tentando controlar os tremores do meu corpo e o meu coração.

Lentamente, ainda sem saber se estava fazendo o correto, me virei para olhá-lo, completamente ensopado, o olhar fixo em mim. O mesmo olhar do homem que me acompanhou por toda a vida.

Por que você me abandonou?

Era a pergunta que martelava na minha mente, que implorava para sair dos meus lábios, mas foi apenas pronunciada em minha cabeça.

Por que trocou tudo que tínhamos para viver novas aventuras?

Eu não conseguia falar, mas sabia que ele conseguia ler todas as minhas expressões, sabia dizer o que eu estava sentindo, porque anos de relacionamento fazem isso, nos deixam expostos aos nossos companheiros e eu me sentia exatamente assim, completamente exposta.

— Eu pensei que tudo que tínhamos construído ao longo de todos esses anos fosse forte o suficiente. — Fechei os olhos ao falar, não queria ver a dor nos olhos dele, porque eu a via nitidamente. — Eu pensei que você me amava, pensei que eu fosse suficiente para você.

Minhas mãos me apertavam ainda mais.

— Verônica...

— Não! Me deixa falar! — gritei e o fiz dar um passo para trás. — Você me deixou há mais de um ano com um maldito bilhete! Me deixou sozinha, sem rumo e completamente destruída. Você me matou no instante em que li aquele bilhete!

Solucei.

Inferno!

Como doía!

— Você me fez acreditar, anos atrás, que me amaria para sempre, e o que acontece anos depois? Você me deixa, apenas com um bilhete dizendo que queria curtir a vida porque nos conhecemos muito cedo? Faltou apenas escrever que eu havia sido um erro, que nosso filho foi um erro, que todos os anos juntos foram jogados fora e que encontrou...

— Nunca mais diga isso! — Sua voz estava perto demais e me dei conta de que ele havia se aproximado e segurava meus braços.

Perto demais. Meu cérebro parou de trabalhar no instante que seu perfume me atingiu.

Como senti falta desse perfume!

— Eu quero te contar tudo, Verônica. Eu preciso te contar tudo que aconteceu, mas eu preciso que você se acalme para que possamos conversar.

— Eu não quero conversar com você! — Tentei empurrá-lo, mas ele não saiu do lugar.

— Não vamos conversar agora e muito menos será hoje, eu só preciso que você entenda o que aconteceu, o motivo que fiz para te deixar assim...

— Eu não quero ouvir a droga da sua desculpa, Guilherme! Eu quero distância de você! EU ODEIO VOCÊ!

As palavras o chocaram a ponto de me soltar e ele dar dois passos para trás.

— Me odeia... — sussurrou.

— Odeio. — *Mentira!* — Eu odeio você, Guilherme. — Fechei os olhos enquanto minha mente gritava: *você não odeia*. — Você acabou com a nossa vida e com a esperança que tinha dentro de mim de que fôssemos ficar juntos para sempre. Então, sim, eu te odeio como nunca odiei ninguém.

Então ele caiu de joelhos no chão, fazendo-me colocar a mão na boca para não deixar escapar um grito.

Ele estava de olhos fechados, seu peito subia e descia rapidamente. Eu podia ver as lágrimas escorrem de seus olhos, mesmo com a chuva sobre nós. Seu corpo sofria espasmos de alguém que chorava sem vergonha nenhuma.

— Você me odeia... — Ouvi seu sussurro e ele abriu os olhos, gritei quando vi toda a dor estampada ali, todo o sofrimento.

Gritei colocando as mãos na cabeça, gritei porque eu não aguentava o peso daquele sentimento pairando sobre nós. Gritei porque simplesmente me odiava por toda a mentira que havia saído de nossas bocas. Eu jamais teria condições de odiá-lo, nunca em toda a nossa vida.

— Eu odeio — falei em meios as lágrimas e soluzei alto.

Eu queria arrancar a dor de dentro de mim, queria arrancar meu coração.

Comecei a me afastar dele, andando de costas. Vendo-o ajoelhado no chão e chorando, como se isso pudesse aplacar todas as nossas dores, me virei e corri em direção ao meu carro. Estava tão fora de mim que não notei como entrei dentro do veículo, apenas voltei a mim quando esmurrei o volante de maneira tão forte que eu gritei, mas dessa vez era por conta de outra dor.

Maravilha!, pensei. Uma dor sobrepõe outra.

Nunca estive tão enganada.

Nunca.



Capítulo

14

Então me conte

Você realmente me ama?

Você realmente me quis?

Agora que eu vejo você mais claro

Eu sempre fiquei feliz?

Não tive a chance de me perguntar

Agora que eu vejo você mais claro

Era apenas fumaça e espelhos?

Demi Lovato – Smoke & Mirrors

Guilherme

A chuva caía de maneira torrencial, mas eu não estava me importando. Meu olhar vidrado no lago a minha frente me fazia pensar que morrer seria a melhor opção, pelo menos eu esqueceria de tudo. Seria apenas a escuridão, seria apenas eu com minha alma atormentada e insignificante.

A frase dita pela Verônica ecoava na minha cabeça de uma maneira tão estrondosa quanto um trovão.

EU ODEIO VOCÊ!

EU ODEIO VOCÊ!

EU ODEIO VOCÊ!

EU ODEIO VOCÊ!

EU ODEIO VOCÊ!

Não sei por quanto tempo ouvi aquilo como se fosse uma música em repetição, ou quanto tempo eu fiquei ajoelhado no meio do parque deixando que a chuva lavasse as feridas do meu coração. Não sei qual foi o determinado momento em que eu desabei, sem forças para continuar, desejando a minha morte, talvez ela tivesse chegado. Minha visão ficou turva e eu ouvia vozes chamando meu nome, mas não conseguia responder.

Sentia um frio indescritível e todo o meu corpo doía. Eu estava tão fora de mim que não entendia nada ao meu redor. Eu era uma mistura de sentimentos e sensações.

Tristeza.

Medo.

Raiva.

Ódio.

Frio.

Fome.

Impotência.

Eu não podia fazer nada.

Eu não era nada.

Apenas um dos homens que havia perdido seu coração.

Eu não tinha mais vida.

EU NÃO TINHA MAIS VIDA.

Minha vida era ela.

Minha esperança era ela.

Meu coração batia por causa dela.

Minha vida era ela.

Sem ela ao meu lado não tinha sentido de continuar vivendo.

Simplesmente não tinha.

Senti uma mão em meu ombro, mas não me movi. Ainda podia sentir alguns pingos de chuva caindo em cima de mim, mas nada como uma tempestade que pudesse ser capaz de me matar.

— Guilherme, vamos para casa. — Escutei a voz da Georgia, mas ela parecia tão distante...

— Precisamos ir. Não pode ficar aqui, vai pegar um resfriado. Precisa descansar, comer...

— Eu só quero morrer. — Isso bastou para ela calar a boca, mas então começo a chorar.

— Não diga isso nunca mais! — disse ao me puxar para que eu ficasse sentado. — Nunca mais, Guilherme. Eu te proíbo! Te proíbo de morrer! — Apesar de haver fúria nas palavras dela, eu

via o medo em seus olhos, que estavam segurando as lágrimas.

— Você não entende...

— Entendo sim! Você precisa se recompor agora, tomar um banho quente, comer e se acalmar. — Sua voz era firme eu sabia que contrariá-la seria pior.

— Georgia, ela disse que me odeia.

Minha voz se quebrou em um sussurro quebrado e ela me abraçou, sem se importar com as minhas roupas molhadas e o fato de que estávamos quase no chão.

— Ela não te odeia, Guilherme. Ela está confusa e com raiva. Deixe que ela se acalme, só assim poderão sentar e conversar como dois adultos civilizados

— Eu...

— Sem discussões. Vamos! — Ela me ajudou a levantar. — O carro está logo ali.

Caminhamos devagar até o local em que ela estacionou o carro e eu me ajeitei no banco do carona, encostando a cabeça no vidro quando ouvi o ronco baixinho do motor do carro.

— Como sabia onde eu estava? — perguntei, meus olhos vendo os prédios se passarem rapidamente pelo meu campo de visão. Ela não respondeu de imediato e eu me virei para olhá-la. — Georgia? — chamei e a observei apertar os dedos no volante.

— Liguei para o seu irmão e ele me disse que você costumava ir para o parque quando queria pensar.

— Puta que pariu, Georgia! — Eu sabia que a conversa com Arthur não seria nem um pouco amigável. — Não me diga que ele está no seu apartamento.

— Não, porque eu falei que não seria o melhor momento e porque a namorada dele não deixou.

Fechei os olhos.

Meu irmão passou por muita coisa na época em que ele começou a se envolver com a Eduarda. Quando eu saí de São Paulo os dois haviam começado a namorar seriamente e eu ficava imensamente feliz por eles ainda estarem juntos.

— Eu só quero esquecer — murmurei, mais para mim mesmo do que para ela.

— Você não vai esquecer e sabe disso tão bem quanto eu. Vocês dois vão se acalmar e depois vão conversar.

Não falei nada, voltei a encostar a cabeça no vidro do carro e observar o trânsito, desejando poder voltar no tempo, mesmo sabendo que tal feito era impossível.



O dia amanheceu igual o meu humor, completamente cinza. Eu queria passar o dia na cama, apesar de não ter pregado o olho durante a noite. Minha mente fez questão de repassar cada detalhe da discussão no parque com a Verônica, e a cada vez que eu via a dor e a mágoa em seus olhos, uma parte de mim era arrancada. Não consegui permanecer na cama a partir do momento que o dia começou a clarear. Resolvi me levantar e tomar um banho de água fria. Eu tinha apenas um objetivo que era procurar a Verônica e contar toda a verdade.

Pensei que sairia do quarto e encontraria a cozinha vazia, mas ledor engando. Georgia já estava de pé e preparava o café.

— Bom dia — ela disse e eu apenas assenti, me sentando à mesa. — Pelo jeito você não dormiu nada — comentou ao me olhar.

— Não consegui. — Foi tudo que eu disse.

Senti o cheiro do café ao ser coado e me deixei levar pelo aroma viciante. O interfone tocou

me fazendo despertar e eu vi Georgia ir atender. Ela me olhou estranhamente enquanto falava com o porteiro e autorizava a subida do visitante.

— Quem chegou? — perguntei e a vi morder os lábios. — Georgia...

— Seu irmão.

Fechei os olhos. Sabia que ele apareceria, sabia que teria que enfrentar sua fúria, sabia que tinha que conversar com ele.

Droga!

— Tudo bem — falei ao me levantar e caminhar até a sala.

— Guilherme — me chamou e olhei para trás. — Se precisar e você achar que precisa, conte a verdade a ele.

Assenti e voltei a caminhar, já ouvindo o barulho da campainha tocando. Parei na frente da porta e segurei a maçaneta, mas não abri de imediato. Fechei os olhos e respirei fundo antes de finalmente tomar coragem para abrir a porta.

Vi meu irmão parado. Ele me olhava e eu não conseguia discernir o que ele estava pensando ao me ver. Foi então que o primeiro soco me atingiu. Senti o gosto de sangue na boca.

— Seu filho da puta — rugiu enquanto me segurava pela gola da camisa. Tínhamos a mesma altura e permanecer comigo ali não foi nenhum esforço para ele. Eu fiquei parado apenas esperando receber o próximo soco, sabia que eu merecia. — Você é um filho da puta, Guilherme! Um tremendo filho da puta!

Percebi que ele tremia e lutava para segurar as lágrimas.

— Eu sei.

— Eu pensei que você tivesse morrido, porra! — Me soltou e passou as mãos na cabeça. —

Pensei que tivesse perdido você!

— Me desculpa, Arthur, eu... — Me assustei com a minha voz embargada e fechei os olhos.

— Você ta vivo — disse, me olhando. — Eu pensei que você estivesse morto. Todos nós pensamos.

Fechei os olhos porque eu não queria ver a decepção no rosto dele, então disse a única coisa que queria dizer durante todo o tempo que estive ausente:

— Senti sua falta, Arthur. — Ele ficou calado me observando, vi quando seus ombros caíram e sucumbiu às lágrimas.

— Eu também senti, Guilherme. Eu também senti sua falta.

Então nos abraçamos e choramos juntos.



Arthur e Duda, que eu só havia visto depois da nossa cena, estavam me encarando atentamente. Eu sabia que eles esperavam eu contar o que havia acontecido, mas não era a coisa mais simples do mundo.

— Aí! — Me encolhi enquanto a Georgia limpava o meu rosto.

Eu havia cortado o canto da boca com o soco que o Arthur me deu.

— Se toda vez que for reencontrar alguém você levar um soco, terei que reabastecer o kit de primeiros socorros semanalmente.

— Desculpa — pedi.

— Não é sua culpa — falou, mas aí franziu a testa. — Na verdade, é sim. Corre risco da sua mulher te bater também?

— Nele eu não sei, mas em você... — A voz da Eduarda se perdeu no ar e vi Georgia fechar os olhos.

Ela se levantou e guardou as coisas, mas antes olhou para minha cunhada.

— Eduarda, certo?

— Doutora Eduarda para você — respondeu.

— Que seja! Não aceito ironias. Se tem algo contra mim, pode ser direta mesmo. Não tenho paciência para uma coisa tão infantil.

— Georgia...

Tentei fazê-la parar, mas não era uma boa ideia. Eduarda havia mexido com a fera.

— Se é assim, então vamos lá. — Minha cunhada se levantou e apoiou as mãos na mesa. Arthur se afastou um pouco e fez isso também por precaução. — Não tem vergonha de dar em cima de homem casado, não?

— Eu dei em cima do seu marido, por acaso?

— Pensei que ironia era coisa de criança — Eduarda rebateu.

— Não estou com ironia, *querida*, apenas falando a verdade. Não sei do que está falando.

— Quer mesmo que eu acredite que todo esse cuidado com o Guilherme não tem uma segunda intenção? Isso se não aconteceu nada entre vocês dois durante esse tempo em que desapareceram.

Arregalei os olhos e olhei para o Arthur.

Putá que pariu, era só que me faltava.

— Primeiro, doutora Eduarda — Georgia começou. — Minha vida particular não te diz respeito. Segundo, com quem eu fico ou não, também não te diz o mínimo respeito. E terceiro, não

tire conclusões precipitadas de uma história que você sequer tem conhecimento. Estamos entendidas, doutora?

— Olha aqui sua...

— Eduarda, chega — pedi e ela me encarou confusa.

— Vai defender essa mulher? É isso mesmo? Depois de tudo que aconteceu? Os boatos que saem daquela delegacia não são nada amigáveis e é a minha amiga que tem que escutar tudo calada, escutar que foi trocada pela sobrinha da delegada — disse, olhando com desdém para Georgia, mas logo voltou a me fuzilar — e o que o marido que ela tanto confiava a traiu bem debaixo do seu nariz!

Inferno!

— Eu não tive e não tenho um caso com a Georgia! — falei, exasperado.

— Como você quer que eu acredite? Você está hospedado na casa dela, foi ela quem ligou para o Guilherme ontem e pelo visto ela tem cuidado muito bem de você durante todo esse tempo.

— GEORGIA É MINHA IRMÃ, DROGA! — gritei.

Ela se calou na hora, Arthur me olhou assombrado e a Georgia se sentou na cadeira, apoiando a cabeça nas mãos.



Capítulo

15

Você pode pegar esse coração

Curá-lo ou quebrá-lo ao meio

Não, isso não é justo

Me ame ou me deixe aqui

Love me or leave me – Little Mix

Verônica

— Deixa eu ver essa mão.

— Nem tá doendo mais.

— Verônica... — Ele se sentou na minha frente e pegou minha mão com todo o cuidado, abrindo e fechando os dedos. — Sente dor?

— Nada comparado a dor que sinto dentro do meu peito agora — falei sem pensar e me repreendi mentalmente. — Desculpa.

— Não precisa se desculpar. Vou pegar um gelo para colocarmos aí. Não quebrou, foi apenas o susto do impacto que fez você sentir tanta dor.

Ele foi para a cozinha enquanto eu fiquei olhando para o nada ainda sem acreditar que aquele dia tinha sido real, ainda sem acreditar que o Guilherme havia voltado, ainda sem acreditar em tudo que eu disse naquele parque. Senti o gosto salgado das lágrimas em meus lábios.

Notei Samuel se sentando ao meu lado e me abraçar.

— Vai ficar tudo bem, baixinha — sussurrou contra meus cabelos.

— Não sei. Eu não sei de mais nada. — Ele segurou minha mão e colocou a bolsa de gelo em cima.

— Sei que está doendo e sei que as coisas vão ficar complicadas daqui pra frente, mas sabe que pode sempre contar comigo, não é?

— Me desculpa — pedi.

— Você não me deve desculpas, Verônica.

— Devo sim. Sei que me considera mais que sua amiga e essa situação é algo que não imaginava passar e...

— E nada, Verônica. — Ele colocou o indicador em meus lábios, me calando. — Eu sou seu amigo, independente do seu marido ter voltado ou não, independente dos meus sentimentos por você, independente de qualquer coisa. Nossa amizade sempre estará em primeiro lugar. Não pense o contrário, não duvide, estou aqui por você.

As lágrimas caíam de uma maneira tão brutal e sem controle, que comecei a ficar sem ar.

— Respira. Respira, Verônica.

Fiz o que ele pediu, até conseguir me acalmar.

Odiava a maneira que o Guilherme me desestabilizava.

— Obrigada.

— Sempre que precisar estarei aqui. — Beijou minha testa.

— Preciso ir para casa — falei, me levantando.

— Tem certeza? Pode dormir aqui, se quiser. Eu ligo para a Emily e....

— Preciso da minha casa e dos meus filhos, Samuel.

— Eu levo você, então — ofereceu, já pegando a jaqueta de couro e vestindo.

— Não precisa. Vai voltar como?

— Eu pego um Uber. Não irei deixar você dirigir nessas condições, Verônica, e não me peça para deixar, sabe que não consegue me fazer desistir da ideia.

Suspirei e me dei por vencida. Ele tinha toda a razão.

— Então vamos. Pode pegar a chave dentro da minha bolsa, por favor.

Ele pegou a bolsa e abriu, reclamando que nunca iria entender bolsa de mulher, até que encontrou as chaves e a devolveu a mim.

Durante o caminho para a minha casa eu repassei o dia em minha mente inúmeras vezes. Parecia um CD arranhado. Sabia que tínhamos que conversar, colocar tudo em pratos limpos, mas eu não sabia se estava pronta para saber de toda a verdade, não sabia se estava pronta para encarar que ele havia desistido do nosso casamento para viver uma vida regada a mulheres e sexo.

Mas, mesmo com toda essa confusão na minha mente, algo não estava batendo. O que ele fazia na delegacia? Porque, se ele havia abandonado tudo e deixado para trás seu maior sonho, ele não estaria em uma reunião com a delegada Geovana.

— Conheço essa cara, Verônica. O que você está pensando?

— Alguma coisa não está batendo, Samuel. — Me virei para olhá-lo e o vi com o cenho franzido.

— O que, por exemplo? — perguntou com cautela.

— Se o Guilherme abandonou tudo, por qual motivo ele voltaria para a delegacia?

Não obtive uma resposta dele. Pisquei algumas vezes tentando entender alguma coisa, tentando ver se eu tinha deixado passar algo durante todo esse tempo, mas nada me vinha à cabeça.

Notei o carro diminuindo a velocidade e vi o portão da minha casa se abrindo.

Estava preocupada com meus filhos, não havia ligado o dia inteiro, apenas mandei uma mensagem para Emilly avisando que tive um contratempo no trabalho e não tinha hora para chegar em casa. Estando ali não tinha coragem para entrar.

— Sei que está com medo, mas precisa enfrentar isso de cabeça erguida. — Olhei para o meu amigo.

— Queria que tivesse um jeito mais simples.

— Não tem, baixinha, sinto muito.

— Tudo bem — respondi e abri a porta para descer.

O vento frio acertou minha pele e eu estremei.

Quando saí do parque, no meio chuva e completamente molhada, acabei dirigindo para a casa do Samuel. Ele não perguntou o que aconteceu, apenas cuidou de mim. Me fez tomar um banho quente, pegou as roupas reservas que sempre tinha no carro e me deu; me fez tomar remédios para não ficar resfriada e um chá para ajudar a aquecer. A única coisa que ele não me deu foi a fórmula para colocar os pedacinhos do meu coração.

— Vem, vou entrar com você. — Samuel segurou minha mão e entrelaçou nossos dedos, guiando-nos para a entrada de casa.

Um passo de casa vez, Verônica. Um passo de cada vez.

Repeti essa frase até chegarmos à porta e ele a abrir. Estava tudo escuro, pelo horário todos estariam dormindo. Ele me puxou para dentro e trancou a porta.

— Já está tarde. Vou colocar você na cama. Vem!

— Quero ver meus filhos primeiro — pedi.

— Vamos.

Subimos as escadas e o primeiro quarto a ser visitado foi o do Nicolas, ele já estava dormindo. Seus costumeiros fones estavam em seus ouvidos e a televisão estava ligada. Samuel desligou o aparelho enquanto eu tirava os fones e o cobria, beijando seu rosto.

— Mamãe te ama, jamais esqueça disso — sussurrei e saí do quarto, seguida por meu amigo.

O próximo foi o da Vivi. Quando eu não estava em casa no período da noite, a Emilly a levava para o quarto que foi montado para ela. Entrei no cômodo bem devagar para não acordar as

duas, a babá estava dormindo na poltrona e tinha um livro encostado no peito. Sorri e caminhei até o berço e beijei a testa da minha princesa, contemplei seu rosto sereno e me perguntei como Guilherme reagiria ao saber que tinha uma filha. Beijei seu rosto e me afastei do berço. Peguei Samuel fechando o livro que Emilly estava lendo e colocando em cima da cômoda.

Sáímos do quarto em direção ao meu, mas parei na porta e me virei para olhá-lo.

— Obrigada, mas eu quero ficar sozinha, preciso disso.

— A última vez que te deixei sozinha você socou seu volante.

Sorri para ele.

— Obrigada por tudo, Samuel.

— Se precisar de mim é só me ligar, Verônica. Sempre estarei disponível para você.

Assenti e fechei os olhos quando seus lábios tocaram minha testa em um beijo demorado.

— Até amanhã, baixinha.

Fiquei observando-o se afastar até ele descer as escadas. Muitas pessoas estranhavam essa intimidade que ele tinha dentro da minha casa, mas era tão normal para mim... Ele entrava e saía na hora que queria, tinha uma chave reserva de tudo ali. Confiava nele ao extremo e então não me sentia mal por não tê-lo acompanhado ele até a porta ou esperado que ele chamasse um Uber.

Quando ouvi a porta da sala sendo fechada, entrei no meu quarto indo direto para a cama. Eu precisava dormir, precisava me desligar e tentar esquecer o dia, mas não foi tão fácil assim.



— Tem certeza de que você está bem, filha? — minha mãe perguntou pela décima vez naquela manhã.

— Sim, mãe, é apenas cansaço.

Eu não havia conseguido dormir, todos os meus pensamentos eram voltados para o Guilherme. Minha mente criava mil teorias sobre a volta dele, mas nada me parecia plausível ou justificável. Como não dormi, fui para o nosso antigo quarto, onde me sentei na poltrona e fiquei olhando para a nossa cama vazia. Pensei que não tinha mais lágrimas, mas era mentira, eu tinha e eram muitas. Quando finalmente amanheceu, tive que colocar uma boa quantidade de base e corretivo para cobrir as olheiras que estavam presentes em meus olhos. Mas parecia que não havia adiantado muito, já que minha mãe não parava de me perguntar o que estava acontecendo.

— Mas, Verônica...

— Mãe! — Ela se calou. — Não quero falar disso.

— Tudo bem — falou levantando as mãos em sinal de rendição.

Levantei e fui até o carrinho, onde dei um beijo na Vivi.

— Emilly, qualquer coisa me liga.

— Pode deixar.

Peguei minha bolsa e saí, enviando uma mensagem para Samuel avisando que estava bem, mesmo não estando. Assim que entrei no carro, meu celular tocou e vi que era ele.

— Samuel...

— *Eu te conheço o suficiente para saber que você não está bem.*

— Eu estou bem, só que... — Respirei fundo. — Não sei o que pensar dessa situação.

— *Vocês têm que conversar.*

— Eu sei, mas não quero fazer isso agora.

Acionei o botão do portão eletrônico para abri-lo e liguei o carro, saindo em seguida, mas eu deveria ter ficado em casa, ou nem saído da cama.

— *Vocês dois são adultos, tenho certeza que irão...* — A voz dele se perdeu.

Freei na hora em que vi o Guilherme encostado do outro lado da rua, mexendo no celular. Então ele levantou o rosto e me viu. Na mesma hora uma sensação de *dejavu* tomou conta de mim. A cena era a mesma de quando ele começou a falar comigo depois que me salvou de um assalto.

— *Verônica? Verônica, você está aí?*

— Podemos nos falar depois? — perguntei a Samuel no momento em que Guilherme começou a caminhar até o lado do motorista.

— *Claro que sim. Não faça nada que vá se arrepender depois. Te amo, baixinha.*

Encerrei a chamada sem falar nada e foi nesse momento que ele bateu no vidro. Ainda não tinha coragem de encará-lo, mas me obriguei a respirar fundo e enfrentar a situação de uma vez por todas. Com certa dificuldade eu abaixei o vidro e me virei para olhá-lo.

Olhos castanhos intensos cravaram em mim, fazendo-me tremer da cabeça aos pés.

Odiava como meu corpo reagia à presença dele.

— Precisamos conversar, Verônica, como dois adultos. Por favor, eu apenas peço que me ouça.

— Eu não sei se é a hora pra gente...

— É apenas uma conversa. Precisamos disso ao invés de tentarmos tirar suposições. Eu te devo isso.

Aceitar ou não?

Droga.

Eu tinha medo daquela conversa, tinha medo de descobrir a verdade. Tinha medo do que ele havia feito durante todos aqueles anos, mas eu sabia que precisávamos fazer.

Tínhamos que colocar tudo em pratos limpos.

— Uma conversa. Certo. — Voltei a olhar para frente e apertei o volante. — Entre no carro, vamos procurar um local para conversamos.



Capítulo

16

*Apenas me dê uma razão
Apenas um pouco é o suficiente
Só um segundo, não estamos quebrados, só tortos
E podemos aprender a amar novamente
Está nas estrelas
Está escrito nas cicatrizes em nossos corações
Não estamos quebrados, só tortos
E podemos aprender a amar novamente*

Just Give me A Reason – Pink

Guilherme

Eu podia sentir o nervosismo emanar dela, que olhava fixamente para frente e apertava o volante como se fosse a droga do meu pescoço. Só que não era apenas ela que estava nervosa. Eu estava uma pilha. Minhas mãos suavam e eu não conseguia controlar meu coração, que martelava contra meu peito e parecia querer abrir um buraco para continuar batendo freneticamente.

Não falamos nada durante o percurso que fizemos. Apenas o som do carro preenchia o silêncio do ambiente e por uma puta ironia do destino tocava a música da Pink, *Just Give me a Reason*. Deixei que minha mente viajasse na letra na da música que parecia querer dizer algo a nós dois.

*I'm sorry, I don't understand
Where all of this is coming from
I thought that we were fine
(Oh, we had everything)
Your head is running wild again
My dear, we still have everythin'
And it's all in your mind
(Yeah, but this is happenin')*[\[6\]](#)

Percebi que ela estava indo para o parque novamente. O dia havia amanhecido sem sinal de chuva, uma trégua para o último que dia que teve sua cota, seja de água caindo do céu ou escorrendo de nossos olhos. Apesar de última eu ter certeza de que seria inevitável.

Assim que a Verônica estacionou o carro, ela desceu e se afastou, tentando manter distância de mim, e por mais que doesse, por mais que matasse por dentro, eu entendia. Entedia perfeitamente.

Fechei os olhos por alguns segundos.

Tudo que queria era poder abraçá-la e dizer simplesmente que nada aconteceu como deixei que ela pensasse. Eu queria poder levá-la para perto de mim e tirar toda a angústia, dor, mágoa e tristeza que eu enxergava dentro de seus olhos. Eu queria consertar a burrada que eu tinha feito pelo simples fato de estar sofrendo tanto quanto ela.

Criei coragem e desci do carro. Caminhei até ela e parei ao seu lado, o vento fez questão de trazer o cheiro do seu perfume para mim, era o mesmo. Rosas com uma mistura de morangos, algo tão dela que eu não imaginava outra mulher usando o perfume.

— Eu estou esperando — ela disse sem me olhar. — Mas eu quero a verdade. Apenas isso.

Assenti, mesmo que ela não tivesse me olhando, e comecei a contar a história.

— Na época em que estávamos atrás da quadrilha que estava envolvida em tráfico humano, eu recebi um chamado extraoficial da Interpol. Estava sendo chamado para uma missão secreta, que envolvia tanto agentes altamente treinados da própria Interpol, como alguns agentes da polícia federal e da COT.

Ela se virou para mim, piscando algumas vezes.

— Missão secreta? — Eu sabia que sua cabeça estava pensando em milhares de teorias ou possibilidades.

— Sim, você sabe como as missões da Interpol funcionam, pelos menos as oficiais. — Ela não respondeu e voltou a olhar o lago. Tomei isso como um sinal para continuar. — Eu não iria aceitar, os termos eram claros, precisos e assustadores. Eu não pensei em aceitar até o dia que a Georgia entrou em contato comigo por uma chamada de vídeo, antes de chegar em São Paulo.

— Ela deve ter tido um motivo bem convincente para te fazer mudar de ideia. — Sua voz era completamente ácida e detectei um pouco de ciúmes em cada palavra.

— Ela tentou me convencer de que uma missão dessa seria muito bom para a minha carreira.

Ter no currículo que já trabalhou em uma missão extraoficial da Interpol seria algo que ninguém em sua consciência recusaria. Mas ela não me conhecia. Eu jamais deixaria minha família para alavancar minha carreira.

— E qual foi o argumento que ela usou, então? — Ela se virou para mim e pude ver a dor em seus olhos novamente. — Porque deve ter sido um motivo bem forte para você deixar a droga daquele bilhete, pra você me deixar... — Ela parou de falar e arregalou os olhos, como se tivesse se repreendendo por algo que iria falar.

— Pra você me deixar...? Termine a frase, Verônica — implorei.

— Destruída! Completamente quebrada! Tem noção do que eu passei? Tem noção do tanto que eu sofri? Do tanto que eu pedi para Deus que fosse um pesadelo e que pudesse acordar a qualquer momento? Mas nunca era. Todos os dias eu acordava e você não estava do meu lado para me dar bom-dia ou para dizer que me amava.

Ela não tinha percebido as lágrimas escorrendo de seus olhos e se percebeu, deixou para lá. Não contive o impulso e passei meus polegares pelas bochechas, secando as lágrimas que eu mesmo causei. Ter contato com sua pele depois de tanto tempo fez meu coração praticamente explodir dentro do peito. Minha respiração acelerou e parecia que eu era novamente aquele jovem com medo de se aproximar dela, igual como nos conhecemos.

— Eu nunca quis te causar mal, ou que você sofresse. Eu só quis te proteger.

— Me proteger de quê? — Ela afastou minhas mãos e virou de costas para mim. — Não sou uma princesa, droga! Eu não preciso ser protegida!

— Para mim você precisa ser protegida, sim. Se algo acontecer com você por minha causa, jamais me perdoaria.

Ela voltou a me olhar.

— O que fez você mudar de ideia?

Fechei os olhos, me lembrando do dia em que a Georgia me contou a verdade sobre ela, sem nem ao menos ter certeza de quem eu era. Mas quando ela terminou o relato eu soube que ela não estava mentindo. Ninguém sabia daquela história. Ninguém.

— O passado.

Ela me olhou por alguns instantes, tentando definir o que dizer sobre isso.

— Acredito que você pode ser mais claro, por favor.

— Você sabe muito bem que desde os sete anos eu moro em um orfanato. Conheci o Arthur, nos tornamos amigos e depois a nossa mãe nos adotar. E sabe também que eu tive uma vida complicada antes de ir para lá. Assim como sabe que eu não tenho lembranças de dois anos da minha vida.

Eu só conversei com ela sobre isso uma vez, há muito tempo, um pouco antes de pedi-la em namoro. Eu me sentia tão a vontade com ela, tão seguro, que quando ela me perguntou sobre a cicatriz nas minhas costas eu não vi razão para não lhe contar. Contei que antes de me chamar Guilherme eu me chamava Murilo, morava em uma casa com meus pais e minha irmã mais nova, até o dia em que eu estava brincando na rua, porque a nossa mãe nunca deixava que fizéssemos isso, mas naquele dia em especial ela tinha deixado, ela estava mais sorridente, estava mais calma. Só que naquele mesmo dia o meu mundo mudou. Eu estava brincando de bola na rua com alguns amigos, quando a bola foi parar perto de um carro preto. Lembrava-me que ele era muito bonito. Fiquei de pegar a bola e quando eu estava quase chegando, um homem desceu do carro e a pegou. Eu fiquei alguns segundos parado, olhando para ele. Então ele me perguntou se eu era filho de Edgar de Lima e Lúcia de Lima, confirmar me condenou à morte.

Lembrava-me que eles mandaram eu entrar no carro, mas quando eu recusei, o homem que estava dentro do carro apontou uma arma para mim e me mandou entrar novamente, não tive escolha.

Eu tinha 5 anos de idade e não sabia o que fazer. Depois desse dia, tudo era um borrão. Eu sei que eu sentia fome, frio e era constantemente torturado, a cicatriz nas costas era uma prova de que eu havia vivido no inferno. Não me lembrava como havia fugido, nem como havia sido encontrado. Minha mente bloqueou tudo que eu vivi naqueles dois anos. Eu queria ter encontrado meus pais, minha irmã. Eu estava prestes a dizer à mulher que havia me encontrado o nome dos meus pais, quando eu ouvi a notícia na rádio de que Edgar de Lima, Lúcia de Lima e Nicole de Lima haviam sido brutalmente assassinados. Sabia que havia sido eles, sabia que meus pais foram mortos porque eu fugi do cativeiro deles e para me manter vivo, decidi que jamais tocaria no nome deles ou contaria para alguém sobre a minha origem.

— Guilherme, pelo amor de Deus, fala comigo!

A voz da Verônica me fez sair do passado, das lembranças que eu tentava esquecer a todo custo. Da culpa que eu carregava durante anos.

Me dei conta de que estava de joelhos no chão e suas mãos estavam em meu rosto, podia ver a preocupação ali estampada em seus olhos.

— Naquela noite, Verônica, naquela noite em que eu descobri que era responsável pela morte dos meus pais e da minha irmã...

— Você não é o responsável, Guilherme! Aqueles homens eram loucos, eles...

— Eles mataram a minha família porque eu fugi, tenho certeza disso, pequena. — Segurei suas mãos em meu rosto.

— Ah, Guilherme... — Foi a vez de ela secar minhas lágrimas com seus polegares. — Você era uma criança, seus pais não te culparam, tenho certeza disso. — Fechei os olhos e tentei me acalmar por um instante. — Mas o que tudo isso tem a ver com essa missão?

Ainda podia identificar a mágoa em sua voz.

— A Interpol estava com pistas concretas de uma parte da máfia russa que estava expandido os negócios ilícitos no país. — Ela franziu o cenho, mas não disse nada. — Essa mesma máfia, esse mesmo trio, Bóris Gusyeva, Nikolai Destoianov e Ivan Adamovich, foram os mesmos que me sequestraram quando eu tinha 5 anos, e as mesmas pessoas que assassinaram meus pais.

— Como você pode ter tanta certeza disso, Guilherme? Como pode? Você me disse que não se lembrava quem eram as pessoas que estavam atrás de você. — Ela me soltou e começou a andar de um lado para o outro e eu me levantei.

— A Georgia, ela...

— Por que essa mulher tem que estar metida em tudo? Como ela sabe dessa história?

— Porque ela é a minha irmã. A irmã que eu pensei que estava morta.

Ela cobriu a boca e arregalou os olhos.

— Meu Deus! Impossível... não pode ser... Eu pensei... pensei que... pensei que os dois...

— Tivéssemos um caso? — Neguei. — Eu vou falar uma vez para que você entenda de uma vez por todas, Verônica. — Me aproximei dela e segurei seu rosto, fazendo com que aquele mar verde se fixasse em mim. — Nunca existiu e nunca vai existir espaço para outra mulher na minha vida se não for você. Nunca.



Capítulo

17

Me diz

O que é que eu faço dessa vida sem você

Quem é que vai me levantar agora

Eu já não tenho hora pra me refazer

Então me diz

O que é que eu faço dessa vida sem você

Quem é que vai me levantar agora

Eu já não tenho hora pra me refazer

Pra me refazer – Sandy feat Anavitoria

Verônica

Nunca existiu e nunca vai existir espaço para outra mulher na minha vida se não for você. Nunca.

Nunca existiu e nunca vai existir espaço para outra mulher na minha vida se não for você. Nunca.

Nunca existiu e nunca vai existir espaço para outra mulher na minha vida se não for você. Nunca.

A frase parecia pular em minha mente a cada instante em que nossos olhares estavam travados um no outro.

— Você acredita em mim, Verônica? — perguntou. — Acredita que eu jamais tenha tido olhos para outra mulher que não fosse você?

Eu acreditava. Ele não era esse tipo de homem e eu sabia da sua integridade, sua índole, o homem que ele era.

Eu acreditava.

Sempre acreditaria.

— Só me responde, por favor... — Ele fechou os olhos e grudou nossas testas.

— Acredito — falei, totalmente presa e submersa a ele, seu perfume me seduzindo, o calor da sua pele me convidando.

Eu jamais seria imune aquele homem, ele me tinha por inteiro.

Por completo.

Mas isso não apagava o fato de ele ter ido embora e me deixado. Eu poderia entender em partes, poderia até aceitar suas justificativas, mas isso não diminuía o fato de que eu estava grávida

quando ele me deixou acreditando que o nosso amor havia acabado. Essa ferida ainda estava aberta e sangrava constantemente.

Com muita dificuldade eu me afastei do seu toque e me virei de costas para ele, tentando fazer minha mente pensar com clareza.

— Você não acredita em mim...

— Acredito! — repeti, me virando para olhá-lo. — Mas isso não apaga o fato de que você foi embora e me deixou. Eu sofri tanto, Guilherme, tanto.

Comecei a chorar novamente.

— Não acha que eu tenha sofrido?

— Sofreu, eu vejo nos seus olhos. — Respirei fundo. — Mas você quebrou minha confiança e isso é como um copo de vidro, depois que os cacos estão espalhados pelo chão é impossível que volte a ser o que era antes.

— Eu sei disso. — O observei levantar a cabeça para olhar o céu, ele respirou fundo e voltou a me olhar. — Eu sei que você me ama, Verônica, e eu te amo. Esse fato não tem como ser revogado. E eu sei que para um casamento dar certo, precisa haver confiança entre ambas as partes. Sei também que eu quebrei você e que eu não tenho nem o direito de estar aqui, mas eu quero que você saiba que eu vou fazer o possível e o impossível para que você volte a confiar em mim. — Ele se aproximou de mim e segurou meu rosto em suas mãos. — Eu errei, mas eu errei para proteger as pessoas mais importantes da minha vida, você o nosso filho. Eu tentei protegê-los, mas talvez tenha dado errado.

— O que você quer dizer...

— *Shiuu...* — Seu indicador cobriu meus lábios. — Eu amo tanto vocês que não me importaria de morrer para salvá-los.

— Não fala isso nem de brincadeira! — pedi, o medo tomando conta de mim.

— É a verdade, pequena. Você não tem noção do que um homem que ama de verdade é capaz de fazer.

— Queria que tivesse me contado, mesmo com todos os riscos.

Fechei os olhos e me permiti sentir sua aproximação.

— Eu não podia... Eu queria, mas não podia. Se eu não voltasse... — Tomei uma respiração profunda quando me toquei que ele poderia ter morrido.

— Você voltou. Você voltou.

Afastei-me e respirei fundo. Ele precisava saber de duas coisas, dois assuntos importantes que não podiam ser adiados.

— Você mudou — observou.

— A dor muda a gente. — Olhei para ele, tão lindo e tão meu. — Tenho duas coisas para te contar.

— O quê?

— Tem uma semana que entrei com o pedido de divórcio — falei de uma vez, não tinha uma maneira mais fácil de dizer.

Ele ficou calado por alguns instantes e eu me abracei.

— Entendo... — disse ao se sentar em um banco.

— Entende?

— Verônica, eu deixei você com a droga de um bilhete dizendo que iria curtir a vida. Eu... — Ele ficou calado e eu o deixei pensar, não era fácil para mim, imagina para ele. — Não posso impedir ou implorar para que você não continue com o processo, não tenho esse direito. — Ele

voltou a se aproximar de mim. — Eu vou tentar reconquistar sua confiança, vou tentar reerguer nosso casamento, mas se isso não for possível... — Ele fechou os olhos. — Se isso não for possível, eu vou entender. Nunca te obriguei ou te forcei a nada, se esse for o seu desejo, se essa for sua vontade e não tiver a mínima chance de que seja revertida, eu vou aceitar. Com meu coração em pedaços, mas eu vou.

Tinha como um coração quebrado voltar a quebrar? Porque o meu fez isso naquele instante.

— Você quer compartilhar o advogado ou prefere contratar um você mesmo? — perguntei, minha voz estava embargada e meu coração sangrava.

— Imagino que sua advogada seja a Eduarda. — Assenti. — Eu prefiro contratar outro. Quando eu estiver com tudo certo eu aviso.

Assenti novamente.

Tinha perdido a noção da fala.

— O que mais você tinha para me contar? — perguntou.

— Um pouco antes de você ir embora, eu...

Deus, como eu iria contar isso para ele? Fechei os olhos e respirei fundo.

— Você...? Diga logo, Verônica, está me deixando nervoso.

— Eu descobri que estava grávida — falei de uma vez e fechei os olhos.

— Não, não, não, não, não, não...

Abri os olhos e ele estava andando de um lado para o outro, as mãos na cabeça.

— Guilherme...

— Me diz que é mentira, por favor... — pediu. Na verdade, suplicou.

Neguei, porque não tinha como fazer isso.

— Não acredito, não consigo acreditar! Eu não fiz isso, eu não deixei você sozinha, eu não posso ter feito isso, eu não posso ter cometido essa burrice!

— Eu ia te contar, mas você estava estranho, me evitava e...

— Eu não mereço...

— Guilherme...

— Você nunca deve me perdoar, Verônica — disse, se virando para mim e segurando meus braços.

— O quê? — Essa afirmação me deixou atordoada. — Você não pode decidir isso por mim!

— Eu deixei você sozinha no momento em que você mais precisava de mim! Como você consegue olhar na minha cara depois disso? Como você consegue dizer que acredita em mim? — Ele se afastou de mim. — Eu não mereço você.

— Guilherme...

— Não mereço seu perdão. — Cada vez que ele dizia uma frase ele se afastava mais.

— Guilherme...

— Não mereço o seu amor.

— Guilherme, onde você está indo?

— Pensar no que eu fiz. Sei que eu errei e me sinto cada vez pior por saber que eu perdi uma gravidez sua, que eu perdi a chance de ver como você fica linda quando está grávida. Me sinto pior por não ter perdido uma coisa que nós dois almejávamos tanto.

— Guilherme... — O que eu poderia dizer? Que ele estava errado? Que as coisas iriam ficar bem? Ambos sabíamos que tudo que ele dizia era verdade.

— É menino ou menina?

— Menina. Se chama Viviane.

Ele assentiu.

— Eu vou querer conhecê-la. Vou querer ver nosso filho. Eu só preciso ficar sozinho.

Ele se virou e começou a caminhar para longe de mim

— Guilherme... — chamei, fazendo sua atenção voltar para mim. — Quando você quiser conhecê-la é só falar comigo.

Ele assentiu e voltou a andar.

Novamente, me senti sozinha.



Não sei como cheguei à delegacia. O caminho inteiro eu passei chorando, tentando entender tudo que estava acontecendo dentro da minha vida. Estava tentando entender cada decisão minha, cada passo que eu dei e que iria dar.

Divórcio.

A palavra pairava perto de mim como se fosse um fantasma. Era a decisão correta, minha mente sabia que eu deveria fazer isso. Mas os pedaços do meu coração diziam que eu precisava mesmo era do abraço do homem que eu amava, que eu precisava do seu carinho, do seu toque, todos os meus pedaços diziam que só voltariam a ser um por causa dele.

Odiava quando o coração tentava se sobrepor a razão. Odiava que mesmo ele estando em mil pedaços, ele tentava ser mais forte que a mente. No fim, eu odiava ainda amar o Guilherme como se fosse a primeira vez.

Estacionei no pátio da delegacia e travei o carro enquanto entrava no prédio. Algumas

peessoas ainda olhavam para mim, mas os olhei de cara feia e ergui a cabeça. Ninguém tinha nada a ver com a minha vida.

Foda-se eles.

Passei direto pela sala da delegada. Depois eu conversaria com ela. Cheguei a minha sala e tomei um susto ao abrir a porta.

— Georgia? — Ela estava sentada na cadeira e mexia no celular, mas assim que ouviu minha voz ergueu o rosto.

— Olá, Verônica. Será que nós podemos conversar?



Capítulo

18

*Não quero reescrever
As nossas linhas
Que se não fossem tortas
Não teriam se encontrado*

*Não quero redescobrir
A minha verdade
Se ela me parece tão mais minha
Quando é nossa*

Morada - Sandy

Verônica

Ficamos nos encarando por alguns segundos. Eu sabia que teríamos essa conversa mais cedo ou mais tarde. Assenti e fechei a porta, indo me sentar logo em seguida.

Depois de descobrir a verdade, eu não tinha raiva dela. Conhecia o Guilherme melhor que ninguém, sabia que ele sofria por achar que sua irmãzinha havia morrido. Sabia que ele se culpava pela morte dos pais, apesar de não falar. Encontrar uma pessoa que ele julgava morta era muito mais impactante do que parecia.

— Pode começar — pedi, observando a mulher a minha frente.

Realmente ela tinha alguns traços do Guilherme, o nariz afilado, o rosto comprido, a cor dos olhos.

— Eu sei que não tenho direito de pedir nada a você, mas queria que me desculpasse.

— Georgia...

— Estou falando sério, Verônica. — Ela se curvou na mesa e segurou minha mão. — Eu passei mais da metade da minha vida acreditando que meu irmão estava morto, que ele tinha morrido pelas mãos das mesmas pessoas que mataram nossos pais. Eu fui criada querendo acabar com eles, quando eu descobri que o Guilherme podia ser o Murilo, eu... — Ela piscou, percebi que estava se contendo para segurar as lágrimas. — Eu não pensei duas vezes em procurá-lo.

— Como você descobriu sobre ele?

— Nossos pais estavam fugindo dessa mesma máfia que fomos atrás, me lembro que vivíamos mudando de casa ou cidade, eu achava o máximo. Era apenas uma menina de três anos que não entendia nada da vida. Até o dia que o Murilo sumiu, me recordo vagamente de ver minha mãe desesperada e meu pai tentando consolá-la, eu só queria saber onde estava o meu irmão, era ele quem me colocava para dormir e me contava histórias sobre princesas e príncipes. — Ela sorriu um

pouco, o olhar perdido, como se estivesse revivendo aqueles dias novamente, então seu olhar se tornou sombrio. — Depois que meu irmão sumiu, eu não podia nem aparecer na janela de casa, passava o dia trancada no quarto, meus pais discutiam ainda mais, minha mãe dormia comigo e eu a escutava chorando quase toda a noite. As mudanças aumentaram de ritmo e a cada dia que se passava eu via meus pais perderem a esperança de encontrar o meu irmão.

Ela parou para respirar fundo e aproveitei para fazer o mesmo. Não gostava nem de imaginar o que eles passaram, não gostava de pensar o tanto que sofreram, fossem juntos ou separados. Era demais para mim.

— Não precisa terminar, se quiser...

— Você merece saber, Verônica — me interrompeu e continuou a relatar a história. — O tempo foi passando e eu fui crescendo, mesmo assim eu não acreditava que meu irmão tinha ido embora para sempre, sabe? Eu sentia que ele estava vivo e que precisava de mim, mas o que eu podia fazer? Nada. Então meus pais me apresentaram uma amiga deles, se chamava Geovana.

— A delegada? — perguntei.

— Sim. Ela era bem novinha na época e estava estudando para ser advogada. — Georgia sorriu tristemente. — Naquela mesma noite eu ouvi uma conversa dos meus pais com ela, dizendo que se algo acontecesse a eles, ela tinha total responsabilidade sobre mim, ela seria minha tutora e cuidaria de mim até que eu atingisse a maioridade, então contaria a verdade para mim quando eu tivesse idade suficiente para entender o que havia acontecido. Naquela mesma noite eu assisti meus pais serem assassinados.

Ela não conseguiu mais controlar e começou a chorar. Levantei e fui até o bebedor pegar água para ela, servi um copo e a entreguei. Georgia bebeu tudo e respirou fundo.

— Eu nunca vou esquecer aquele dia. Queria que minha mente tivesse feito a mesma coisa que fez com a do Guilherme, tivesse bloqueado tudo e me feito esquecer, eu acho que seria mais

fácil.

— Georgia...

— Me deixa terminar, por favor. — Assenti. — Naquela mesma noite, eu estava no quarto da minha mãe quando escutamos a porta sendo arrombada, rapidamente ela trancou a porta do quarto e me disse para ficar quieta e em silêncio. Ela empurrou a cama e levantou um tapete que havia lá, então me mandou entrar. Ela disse que me amava e que ia ficar tudo bem, disse que eu não podia sair dali até a Geovana aparecer, disse que eu precisava ser uma menina forte e não chorar. Não podia fazer nenhum barulho, que só assim eu ficaria bem.

Tive que piscar para conter minhas próprias lágrimas.

A que ponto o ser humano pode chegar?

— Ela me fechou ali dentro e eu fiquei no escuro, apenas ouvindo. Foram gritos e vozes, eu estava com medo, mas queria saber o que estava acontecendo ali fora, então com muito cuidado levantei a tampa apenas um pouco e foi nesse exato instante que eu vi três homens no quarto. Eles perguntaram de mim, mas meus pais falavam que eu estava em um local seguro e eles nunca colocariam as mãos em mim. Eu os vi dizendo que iriam me encontrar, já tinham acabado com um filho e iriam fazer o mesmo com outro. — Coloquei a mão na boca. Ela estava alheia aos meus movimentos, estava perdida em suas próprias lembranças e eu via a cena se passar em minha mente como se fosse um filme de terror. — Minha mãe gritou e vi meu pai a segurar para não partir para cima dos homens, então ouvi dois sons de tiro, na época eu não sabia o que era, acho que devo ter gritado, mas logo me calei, o som encobriu meu grito, e eu vi meus pais caírem do chão, minha mãe me olhando. — Ela se virou para me olhar. — Eu vi a vida sair do corpo da minha mãe e não pude fazer nada, a não ser chorar em silêncio.

Ela colocou as mãos no rosto e começou a chorar, um choro compulsivo que me fez ir até ela e a abraçar. Georgia chorou em meus braços por cerca de 15 minutos até conseguir se recompor.

Ela se levantou e começou a andar pela sala.

— Não lembro como a Geovana me achou, apenas sei que durante anos ela cuidou de mim, me explicou que eu precisava trocar de nome, por isso me tornei Georgia Chevalier e cresci apenas com um objetivo: vingar a morte do meu irmão e dos meus pais, mas eu não podia fazer isso sozinha. Aos 13 anos comecei a estudar sobre armas, polícia, Interpol, tudo que você puder imaginar. Entrar não foi difícil, eu era muito inteligente para uma pessoa da minha idade. Quando tinha 18 anos a Interpol me recrutou para ser agente especial, passei anos treinando, estudando... Eu era a melhor, nada passava por mim. Com isso fui escalada para ser chefe da missão extraoficial que buscava prender essa máfia. Assisti a história deles e descobri que meus pais também eram agentes da Interpol e estavam atrás deles, por isso foram mortos. Eles encontraram provas que os fariam apodrecer na prisão. Eu só estava seguindo o legado.

— Eles não sabiam quem você era?

— Não. A Geovana me contou, anos depois, que a Nicole de Lima, meu antigo nome, foi dada morta pela polícia da época. Antigamente as coisas não eram tão fáceis como hoje, onde se tem tudo registrado em computadores e era menos complicado de encontrar pessoas desaparecidas. Para todos os efeitos, a família “de Lima” morreu naquela noite, pai, mãe e filha.

— Mas como...

— Eu não sei. Meus pais cuidaram de tudo, pareciam saber que iam morrer. O corpo do meu irmão nunca foi encontrado, mas a polícia local já o tinha dado como morto há muito tempo.

— Sinto muito por tudo que você passou, Georgia — falei, e eu realmente sentia. Ela tinha passado por muita coisa.

— Eu amadureci muito rápido, Verônica. Cresci com o peso da morte nas minhas costas. Cresci querendo vingar a morte dos meus pais e do meu irmão, até descobrir que ele estava vivo.

— Como foi isso?

— Eu já tinha sido escolhida para liderar a missão quando a Geovana me falou do Guilherme. Ela me disse que vê-lo era como ver o meu pai mais novo. Eu fiquei em choque. Não podia ser, sabe? Eu não queria ter a esperança de que ele pudesse ser o meu irmão. Mas fui pesquisar a vida dele e ele só tinha registros a partir dos 7 anos, como se tivesse nascido apenas depois que entrou no orfanato. Minha tia me mandou uma foto dele e eu vi o meu pai na foto, era muita coincidência, sabe? Então eu entrei em contato e aleguei que o queríamos na missão, e não era mentira, realmente o queríamos ali. Guilherme é um ótimo policial e tê-lo seria ótimo, mas ele não quis, disse que não largaria a família por conta dos termos do contrato de confidencialidade. E eu entendi perfeitamente. Mas eu precisava saber se ele era meu irmão. Então contei para ele e quando vi a dor em seus olhos e quando ele me chamou de Nicole, não tive dúvidas. Me perdoe por ter feito com que ele deixasse a família para trás, eu...

— Georgia... — Levantei a mão, pedindo que ela parasse. — Você também é a família dele, mais do que eu, até. Guilherme se culpava pela morte dos pais, ele se culpava pela sua morte. Não tem motivos para me pedir perdão. O Guilherme é o homem mais sensato que eu conheço, e eu tenho certeza de que tomar a decisão que ele tomou não foi fácil.

— Não foi, realmente não foi. Ele foi meu alicerce depois que nos reencontramos. Meu irmão tem sorte de ter uma mulher que nem você ao lado dele. Sei que está magoada pela forma que ele te deixou, mas vocês se amam tanto e um amor desse não pode ser jogado fora.

— Nós dois conversamos hoje.

— Isso foi exigência do Arthur. Hoje conheci o irmão adotivo do meu irmão. — Ela deu de ombros. — A namorada dele não gostou muito de mim.

— Eu também não gostava — comentei.

— Imagino o que tenha pensando. Desculpe por isso também. Sei que não tenho o direito de

pedir isso, mas não termine com o Guilherme. Ele fez tudo que fez por amor, medo, vingança, era um emaranhado de sentimentos que quando estamos no limite fazemos coisas que nem imaginamos.

— Georgia, eu realmente entendo os motivos de vocês e tudo que fizeram, mas isso não apaga o que eu sofri, o que eu pensei. Eu estava... — Respirei fundo. — Eu estava grávida quando recebi aquele bilhete do Guilherme e...

— Espera um minuto, Verônica. Você disse grávida? E ele não sabia? — Assenti. — Por que minha tia omitiria isso?

— Como assim, Georgia?

— A Geovana tinha ordens explícitas feitas pelo Guilherme de que qualquer coisa que acontecesse com você deveria ser passado para ele. Ela sempre dizia que você estava bem, magoada por conta do bilhete, mas em nenhum momento citou uma gravidez, Verônica. E isso era algo que ela deveria ter falado assim que descobriu!

Sentei, tentando colocar a cabeça no lugar.

— Por que ela não contou, então?

— É isso que eu vou descobrir agora! — Pegou sua bolsa e saiu da sala, não perdi tempo e fui atrás dela.

Georgia entrou como um furacão na sala da delegada, entrei logo em seguida e a vi apoiando as mãos na mesa da mulher que tinha o olhar de interrogação para nós duas.

— Posso saber por qual motivo a senhora nunca contou da gravidez da Verônica para o Guilherme?

Imediatamente a delegada empalideceu e se sentou na cadeira, e eu soube que essa história estava longe de terminar.



Capítulo

19

*Vou recriar o mundo
Pra gente caber junto
Desalinhar o tempo
O espaço por nós dois
Eu te encontrei dentro de mim
Não posso mais ser só
Não quero desatar o nosso nó(s)*

Nosso nós - Sandy

Verônica

A delegada olhava de mim para a Georgia, tentando formular alguma frase coerente, mas nada saía.

— Me responde, tia. Por que nunca fomos informados da gravidez da Verônica? — Georgia tornou a perguntar.

— Não pensei que fosse algo relevante — disse e meu queixo caiu.

— Não pensou que fosse algo relevante? Sério? — Meu tom de voz aumentou alguns decibéis e eu me aproximei da mesa. — Você viu o meu estado, você viu como eu fiquei durante a gravidez inteira! Se não fosse o apoio do Samuel eu teria entrado em depressão!

— Foi exatamente por isso que eu não contei. Você tinha o seu amigo, havia encontrado apoio, eu não queria interferir.

— Não queria interferir, mas interferiu mais do que devia! — falei, completamente chocada.

— Eu fiz o que achei melhor para você...

— Quem você pensa que é para pensar no melhor para mim? — gritei.

— Eu ia contar! Mas a amizade de vocês estava indo bem e eu não vi motivos. Ele estava ajudando você a se reerguer, então, para mim, você estava bem e era apenas isso que eu passava para o Guilherme, não tinha necessidade de ele largar tudo lá para voltar pra você.

— Ele é o meu marido! E tinha o direito de saber que eu estava grávida!

— Não posso mudar o que já está feito. Fiz o que achei correto.

— Essa é pior desculpa que eu já ouvi na minha vida! Você privou o meu marido de saber que eu estava grávida, eu quero saber a droga do motivo!

— Porque ele estava ajudando a irmã dele! — ela gritou. — Você não sabe o quanto a

Georgia sofreu por pensar que o irmão estava morto e quando eu descobri que o Guilherme poderia ser o Murilo, não pensei duas vezes em fazer o que fiz para ver a menina que eu criei como filha com um sorriso no rosto.

— Eu nunca te pedi nada disso, tia! — Georgia gritou. — Se ele tivesse me acompanhado ou não, não mudaria o fato de que o meu irmão estava vivo! Não mudaria o fato de que finalmente eu tinha alguma paz no meu coração por saber que ele havia escapado das mãos daqueles bandidos. Eu só queria entender por qual razão a senhora fez isso!

— Você não sabe como é ter que olhar para o rosto do Guilherme e se lembrar todo santo dia do único homem que amou na vida.

Olhei para a Georgia, que tinha os olhos arregalados.

— O que você quer dizer....

— Que eu amava o seu pai! Amava tanto aquele homem que prometi para ele e para a Lucia que cuidaria de você, que aceitaria você dentro da minha casa!

Georgia estava chocada, eu mais ainda.

— Você só queria o Guilherme longe porque ele lembrava o meu pai? Você teve um caso com o meu pai? — Georgia perguntou.

— Apenas uma vez e...

— Marcela... — Georgia arregalou os olhos e eu franzi o cenho. *Do que elas estavam falando?* — A Marcela é filha dele, não é?

A delegada assentiu e sentou em sua cadeira.

— Eu preciso ir, preciso de ar... — Georgia falou, já saindo da sala, e me virei para olhar para a mulher que decidiu brincar de destino e jogou com nossas vidas. — Eu admirava você,

Geovana. Uma delegada íntegra, que sabe o que faz, correta, mas todas essas certezas acabaram de ir por água abaixo quando você colocou motivos mesquinhos...

— Mesquinhos não...

— Mesquinhos, sim! — gritei. — Ele está morto! — Fui enfática. — Você não tinha o direito de brincar com as nossas vidas dessa forma, de decidir o que era melhor para nós porque não queria ver o homem que era parecido com aquele que não podia ter! Você não deveria ter feito isso!

— Me julgue, Verônica — ela disse, ficando de pé, o rosto próximo ao meu. — Não sou eu que estou casada e tenho um caso com o amigo policial!

O tapa veio tão forte que o rosto dela virou.

— Limpe bem a boca antes de falar de mim, *delegada*.

Me virei para ir atrás da Georgia. A delegacia estava movimentada, olhei dos dois lados e não tive nenhum sinal dela, optei em ir para a saída e a encontrei encostada em um carro que presumi ser o seu. Caminhei até ela.

— Georgia...

— Quero ficar sozinha, Verônica. Eu preciso pensar e colocar a cabeça no lugar, e você precisa fazer isso também.

— Vai ficar bem? — Ela sorriu e me olhou.

— Eu deveria estar fazendo essa pergunta. Você vai ficar bem?

— Irei tentar — falei e segurei sua mão. — Se precisar de ajuda em qualquer coisa é só me procurar.

— Farei isso. Obrigada, Verônica.

Eu a abracei, pegando-a de surpresa. Algo me dizia que ela não era uma pessoa acostumada

a ter esse momento de carinho, pois demorou um pouco a me abraçar de volta.

— Obrigada — ela disse, se afastando.

— Verônica! — Olhei para trás a tempo de ver o Samuel indo em nossa direção. — Está tudo bem aqui? Estão todos falando da sua briga com a delegada.

Ele olhou de soslaio para a Georgia.

— Não, mas vai ficar — respondi.

— Eu já vou indo, Verônica. Fica bem, tá? — Georgia chamou minha atenção.

— Tem certeza?

Ela assentiu.

— Preciso ficar sozinha e pensar. Tenho que contar essa história para o Guilherme e...

— Me ligue se precisar de alguma coisa, tudo bem?

— Claro.

Ela me abraçou por um instante e me afastei dela. Me virei e vi meu amigo observando cada passo que a morena dava ao entrar no carro e sair da garagem.

— Samuel?

— Confia nela? — perguntou, ainda seguindo o carro com o olhar. Parecia querer enforcar a Georgia a cada segundo.

— Não sei, mas ela não está mentindo. É tão vítima nessa história quanto qualquer outra pessoa.

Ele se virou para me olhar e segurou meu rosto.

— Como você está?

Dei de ombros.

— Não faço a mínima ideia, Samuel. Nesse exato momento eu só queria acordar e descobrir que tudo isso foi um pesadelo.

Ele me puxou para os seus braços e eu inspirei seu perfume, que de alguma maneira sempre me acalmava.

— Se quiser me contar estarei aqui para te escutar.

— Obrigada. Obrigada por tudo.

Ele se abaixou e beijou minha testa.

— Quer me contar a história da briga com a delegada? — Assenti, pois precisava mesmo desabafar com alguém. — Vamos na lanchonete aqui perto.

Caminhamos até lá, pedi um café preto e ele pediu um sonho para mim, sabendo que eu amava o doce. Em meio a um café da manhã improvisado eu contei a ele sobre o motivo da delegada não ter contado da minha gravidez para o Guilherme.

— Eu não tenho nem palavras para isso. Se ele estava em uma missão e pedia para saber de você e ela omitiu essa gravidez, dizendo que você estava bem porque estava comigo, é completamente doente.

— Sim, eu pensei a mesma coisa e... — Parei e olhei atentamente para o Samuel.

— Como você sabe da missão? Não te contei nada.

Observei o Samuel respirar fundo e me encarar.

— Verônica...

— Você sabia? Esse tempo todo?

— Não é assim, eu...

— Não, Samuel. Sabia ou não sabia?

Ele fechou os olhos e assentiu.

— Sabia.

Fechei os olhos e apoiei as mãos na cabeça.

— E você viu o meu sofrimento aqui, esse tempo inteiro, e você sabia onde o meu marido estava e não disse nada? Viu tudo que eu passei e decidi ficar calado? Fez isso porque...

— Verônica, não é assim. Eu soube da missão há duas semanas, apenas. Ouvi a delegada dizer algo sobre a missão extraoficial da Interpol ter dado errado e que os policiais iriam voltar. Perguntei o que era e ela me contou, apenas porque tinha acabado a missão, caso contrário eu não poderia saber a verdade.

— Por que não me contou?

— Não sabia que o Guilherme estava nessa missão. Ela falou da missão em si, não disse nada sobre as pessoas que estavam nela. Se eu soubesse a verdade teria te contado

Assenti, respirando fundo.

Parece que só fazia isso naqueles tempos. Respirava fundo.

Meu celular tocou e vi o nome da escola do Nicolas, me endireitei e atendi o telefonema.

— Alô.

— *Dona Verônica, tudo bem? Aqui é Jane, a diretora do colégio do Nicolas. Será que a senhora poderia tirar um tempo para vir até a escola? Queria conversar com você.*

— Claro, estarei indo aí agora mesmo.

— *Estarei esperando. Tenha um bom dia.*

— A senhora também. — Encerrei a ligação e pedi aos céus que não fosse nada demais.

— O que houve? — Samuel perguntou.

— A diretora do colégio do Nicolas quer conversar comigo, espero que não seja mais problemas.

— Se quiser posso ir com você. — Neguei, já me levantando.

— Eu preciso resolver isso sozinha. Depois conversamos, pode ser? — Assentiu e beijei seu rosto, já saindo da lanchonete.

O caminho até a escola foi feito tranquilamente, meu corpo estava no carro, mas minha mente estava longe, pensando em tudo que eu descobri naqueles dois dias, em tudo que vivi.

Como estava de pé ainda? Não fazia a mínima ideia.

Estacionei o carro, peguei minha bolsa e desci do veículo. Comecei a andar conforme ia guardando as chaves dentro da bolsa, mas assim que levantei o olhar eu parei imediatamente.

Meu termômetro de emoções estava no limite, mas ver o Guilherme abraçado com o Nicolas o fez estourar de vez.

Eu não estava pronta para ver o reencontro de pai e filho.



Capítulo

20

*Me pareço tanto com você
Olhando dá pra ver
Seu rosto lembra o meu
Desde o primeiro aniversário
O primeiro passo
Sempre pronto pra me defender
Sempre que brigou comigo
Pra eu não correr perigo
Um herói pronto pra me salvar
E com você eu aprendi todas lições
Eu enfrentei os meus dragões
E só depois me deixou voar*

11 vidas – Lucas Lucco

Guilherme

Eu não conseguia acreditar. Acho que um raio poderia ter caído em cima de mim ali, naquele mesmo instante. Eu poderia ter desaparecido, poderia ter acontecido qualquer coisa!

Desde que havíamos tido o Nicolas, Verônica e eu sempre quisemos mais um bebê, principalmente depois que nossa vida financeira começou a melhorar. Mas esse filho nunca vinha e no momento em que eu menos esperava, ele veio, em forma de uma princesa.

Queria ter acompanhado cada passo, queria ter estado com ela a cada momento, queria simplesmente ter estado ao lado dela.

Porra!

Tudo doía.

Doía, não. Sangrava.

Eu estava sangrando por dentro, porque meu maior desejo era ter uma filha mulher, cuidar dela, mimar, dar amor e carinho a ela. Mas eu perdi isso. Perdi porque fui um babaca, idiota. Perdi porque, simplesmente, eu não estava conseguindo pensar corretamente. Encontrar meu passado e saber que a irmã que eu julguei a vida inteira estar morta, atrás dos homens que nos tiraram tudo, mexeu comigo.

Inferno!

Eu era uma criança. Uma criança que teve a infância roubada, uma criança que não conseguia se lembrar do que tinha acontecido, uma criança que teve o futuro estragado por conta de criminosos que não tinham pena em matar.

Parei de andar no exato momento que vi que estava na frente da escola em que meu filho estudava. Não pretendia ir ali, mas eu estava com tanta saudade dele, com tanta saudade... Sabia que tinha errado, sabia que haveria consequências pelos meus atos, mas como se pode pensar com

clareza quando seu passado é jogado em você sem aviso prévio?

Conferi a hora no relógio e vi que ainda faltava uma hora para que ele fosse dispensando. Me sentei em uma lanchonete que havia lá, apenas olhando a entrada do colégio. Isso me levou ao momento em que conheci a Verônica.

Tecnicamente, o caminho que eu fazia para ir, tanto para a faculdade, quanto para a academia, não passava em frente a escola dela, mas eu queria passar por ali apenas para ter o prazer de vê-la. Ela era tão linda e tinha o olhar tão inocente... E quando ela sorria? Parecia que o mundo todo era contagiado pelo brilho do seu sorriso. Mal sabia ela que eu já a observava antes de ela me notar, mal sabia ela que meu coração pertencia a ela desde o primeiro instante em que nossos olhares se encontraram. Mal sabia ela, que no instante em que eu a salvei de ser assaltada, prometi a mim mesmo que a protegeria com minha vida, se fosse necessário.

Ainda não sabia se tinha tomado a decisão certa no momento errado, ou se havia tomado apenas a decisão errada. Mas havia uma lacuna no meu passado, uma lacuna aberta, uma ferida que nunca se fechava. Algo que eu não queria mexer, mas eu sabia que ela estava ali e às vezes sangrava, às vezes doía e às vezes eu só queria que fosse curada. Em nenhum dado momento eu quis aprofundar sobre o meu passado ou quis saber o que tinha acontecido depois que ouvi que meus pais e irmã haviam sido assassinados. O que eu poderia fazer? Não sabia quem havia me sequestrado, não tinha informações sobre nada, então apenas me calei.

Quando conheci Arthur no orfanato ele logo se aproximou de mim. Tentei me manter sozinho, manter distância, mas o garoto era insistente e logo formamos uma amizade. Sabia que ele queria descobrir o que tinha acontecido comigo, mas não era tão simples contar. Quando eu estava disposto a contar, ele conheceu a Paloma e o seu mundo virou apenas ela. Sabia que estavam apaixonados, então resolvi não me meter entre os dois e enchê-los com meus problemas.

Fomos adotados por uma senhora muito simpática. Ela era simples, mas tinha um bom

coração e adotou dois adolescentes. Eu tinha quase 18 anos e o Arthur era alguns anos mais novo. Ela queria companhia e nós fomos aquilo que ela precisava até o fim dos seus dias. Um pouco antes de ela morrer eu contei a ela e ao Arthur a minha história, ambos choraram comigo e não me falaram nada, apenas disseram que no fim tudo iria ficar bem. Depois contei a história apenas para Verônica e anos mais tarde para Georgia.

Me sentia em uma montanha russa, eram muitas emoções misturadas e havia momentos em que eu queria descer e parar.

Não notei quando o sinal da escola bateu, apenas vi um monte de adolescentes saindo e indo em direção à rua. Me levantei e caminhei até a entrada da lanchonete, fiquei olhando, tentando distinguir o rosto do meu filho, até que o vi.

Estava sozinho e mexia no celular, sem prestar atenção em sua volta. Engoli em seco, tentando dissipar o nó que se formava em minha garganta. Meus pés pareciam chumbo quando me coloquei a caminhar até onde ele estava. A cada instante que eu me aproximava, mais meu coração acelerava. Estava nervoso, tinha medo de qual seria a reação dele, tinha medo do que ele poderia me dizer. Mas era o meu filho e eu senti tanta saudade dele...

— Nicolas... — chamei.

Ele levantou os olhos do celular e parou de caminhar no exato momento em que me viu. Estava paralisado e em choque, surpresa estampava seus olhos.

— Pai, é você mesmo? — perguntou, incrédulo, enquanto eu me aproximava dele.

— Sou eu, filho — falei com a voz embargada.

O tempo pareceu parar.

As pessoas simplesmente sumiram.

Éramos apenas nós dois.

Quando eu ia falar mais alguma ele se jogou em cima de mim, me abraçando fortemente, e eu ouvi o seu choro abafado pela minha camisa.

— Senti tanto a sua falta, tanto. — Eu o apertava contra mim como se ele pudesse sumir a qualquer instante. — Eu sabia que você iria voltar, sempre soube, sempre soube. Mesmo que todo mundo dissesse que não iria voltar, mesmo que minha mãe estivesse magoada com você, eu sabia que você iria voltar.

Ele me apertava muito. Sabia que tinha medo que eu não fosse real, que fosse apenas um sonho e quando ele acordasse eu não estaria mais ali.

— Nunca ia abandonar vocês, jamais. — Me afastei dele e segurei seus ombros. — Eu só precisava ficar um tempo fora, precisava arrumar coisa que aconteceu no passado. Mas eu jamais iria abandonar vocês, Nicolas. Eu te amo, meu filho.

— Eu te amo, pai. — Se jogou em mim novamente e eu apenas o abracei.

Todos os dias eu sonhava com esse reencontro, sonhava com o dia em que o abraçaria de novo.

Abri meus olhos assim que vi a Verônica colocar a mão na boca observando nossa cena. Podia ver facilmente seus olhos marejados e a emoção transpassar cada parte do seu corpo.

Nunca quis que eles sofressem.

Infelizmente, foi só isso o que fiz desde que tinha ido embora. Os fiz sofrer. E eu me odiava por isso.

Não precisei dizer mais nada. Apenas olhei para ela. Queria ficar o dia inteiro com meu filho, se fosse possível. Ela apenas assentiu e se virou para sair.

— Que tal passarmos o dia inteiro juntos? — perguntei, me afastando e bagunçando seus cabelos.

— Minha mãe vai deixar?

— Ela já deixou! — Sorri para ele. — Que tal se fomos almoçar em algum lugar enquanto você me conta o que aconteceu durante esse tempo que eu estive fora.

— Vai me contar o que você fez também?

— Irei, prometo.

— Então, vamos! Podemos comer hamburger em vez de almoçar? Minha mãe nunca me deixa fazer isso.

Acabei gargalhando. Isso era algo meu e dele, sair para almoçar e comermos hamburguer em vez de uma refeição saudável, como dizia a Verônica.

— Era exatamente o que eu estava pensando!

— Pai?

— Sim? — Olhei para ele.

— Promete que nunca mais vai me abandonar?

— Prometo. Nunca mais.



Capítulo

21

*Eu sei
Não é sempre
Que a gente encontra alguém
Que faça bem
Que nos leve deste temporal
O amor é maior que tudo
Do que todos, até a dor
Se vai quando o olhar é natural
Dia Especial – Tiago Iorc*

Verônica

A cena me desestruturou por completo.

Tudo que eu mais queria era que as coisas ficassem bem e entrassem em ordem. Não seria simples, não depois de tudo que tinha acontecido, de tudo que descobri, naquela bagunça que virou a minha vida, eu queria um pouco de normalidade.

Esperei o Guilherme e o Nicolas se afastarem e segui para dentro do colégio, a mensagem que recebi da diretora me deixou preocupada.

— A dona Jane está na sala dela, Verônica, pode ir até lá — a secretária me informou e eu agradei, adentrando o grande prédio.

Assim que cheguei na ala da coordenação, avistei a sala da Jane, a diretora do Colégio Ensino com Amor e Respeito, um dos melhores colégios de São Paulo.

— Com licença — falei, batendo na porta.

— Verônica, pode entrar e sente-se.

Nos cumprimentamos e eu me sentei.

— Confesso que a ligação da senhora me preocupou. O Nicolas tem feito algo de errado?

— Eu sei que vocês estão em uma situação um tanto quanto difícil, Verônica, e por isso, a pedido de todos os professores, queríamos que você procurasse um psicólogo para o Nicolas. Ele mudou muito desde que o pai dele se foi, está respondendo aos professores, não estuda para as provas, as notas caíram de uma maneira absurda. Estamos realmente preocupados com o desempenho dele, tanto escolar quanto familiar.

— As coisas também não estão fáceis em casa, Jane. — Respirei fundo. — Já havia cogitado levá-lo em uma psicóloga, até marquei uma consulta para ele.

— Isso é ótimo! Imagino que a falta do pai deva mexer muito com ele.

— Mexeu. Eles eram muito ligados e depois que o Guilherme foi embora o Nicolas se fechou em uma casca na qual não deixa ninguém entrar. Fico até com medo do que pode acontecer com ele, se está mexendo com algo errado... Outro dia ele chegou em casa com os olhos vermelhos, gritando e...

— Dentro das dependências da escola te garanto que ele não está fazendo nada de errado.

— Eu fico mais tranquila, Jane. — Mordi o lábio. — Acredito que as coisas vão entrar no eixo agora.

— Eu fico feliz com isso. — Assenti e observei a mulher me analisar e depois abrir um sorriso contido. — Ele voltou, não foi?

Pisquei algumas vezes.

— Como...?

— Esse brilho nos seus olhos, querida. Desde que o Guilherme foi embora não os vejo com você. — Baixei o olhar e respirei fundo.

— Acredito que o Nicolas vai ficar bem agora que o pai voltou. — Mudei de assunto e a diretora assentiu.

— Qualquer coisa é só entrar em contato conosco, querida. — Levantei, sendo seguida por ela.

— A senhora, também, obrigada.

Me despedi dela e segui para o carro. Seria um longo dia.



Cheguei em casa por volta das 18 horas, minha mãe estava andando de um lado para o outro

com o celular na mão, tão absorta em seus pensamentos que nem me viu chegar.

— Mãe... — chamei e ela se virou para mim.

— Verônica, graças a Deus você chegou! O Nicolas ainda não chegou em casa, não tive notícias dele desde cedo, o celular só dá caixa postal. Liguei na escola e eles disseram que ele chegou, compareceu em todas as aulas e foi embora no horário correto, mas até agora ele não chegou em casa. Tentei ligar para você o dia inteiro, mas o seu celular também só caía na caixa postal!

Eu havia desligado o meu telefone, precisava focar no trabalho e não na minha mãe me ligando de minuto em minuto.

— Não vai falar nada? Seu filho some e você fica tranquila desse jeito?

— O Nicolas está bem, mãe. Ele saiu com uma pessoa depois da aula — falei, já subindo as escadas, ela ia atrás de mim.

— Com quem, posso saber? E por que não me avisou?

— Eu avisei à Heloísa — disse e entrei em meu quarto.

— Quando eu digo que aquela empregada tem mais moral do que eu nessa casa você discute comigo. Quero saber com quem o meu neto saiu!

Eu sabia que teria que contar para ela que o Guilherme estava de volta, mas como eu faria isso? Minha mãe odiava meu marido com todas as forças possíveis e depois que ele foi embora esse sentimento só se intensificou.

— Mãe, eu estou com dor de cabeça, cansada, o dia hoje foi cheio na delegacia e eu não quero discutir agora.

Quanto mais eu adiasse aquela conversa, mais tempo eu teria para saber o que fazer.

— Você está estranha desde o café da manhã, Verônica. — Ela semicerrou os olhos para mim e colocou as mãos na cintura. — Aconteceu alguma coisa ontem. Você chegou tarde em casa, ouvi você chegando com o Samuel, não deu notícias e hoje pela manhã estava estranha, com a cabeça nas nuvens, passou o dia sem atender a uma chamada minha e quando eu digo que seu filho ainda não chegou em casa, você diz que ele saiu com alguém e fica na maior tranquilidade? O que está acontecendo, Verônica? Exijo uma resposta agora!

Fechei os olhos, já pronta para pedir que me deixasse sozinha, quando a Heloisa chegou no quarto.

— Dona Verônica, seu Guilherme está aí embaixo.

— COMO É QUE É? — Minha mãe se virou para me olhar. — Aquele cretino desgraçado voltou e você ia ficar calada?

— Mãe...

— Mãe o caramba! Eu sempre soube que ele não era um bom homem para você, desde o primeiro instante que eu coloquei os olhos nele, mas você era uma adolescente boba, apaixonada e ingênua, logo se deixou cair na sedução daquele homem!

— Mãe, chega!

— Ouvir a verdade dói, não é, Verônica? Ouvir a verdade e saber que eu estou certa dói mais ainda, não é? — Ela se virou, mas voltou a olhar para mim e apontou o dedo em meu rosto. — Eu falarei umas verdades para aquele cretino e você vai ficar calada, já que pelo visto ele conseguiu te fazer de boba novamente.

E saiu do quarto. Heloisa me encarava horrorizada.

— Melhor descer, dona Verônica...

— Vivi está aonde?

— Emilly ainda não chegou com ela da fisioterapia de hoje.

— Ótimo! — falei, já saindo do quarto.

Aquela conversa não seria nem um pouco bonita e eu não queria que minha princesa presenciasse isso.

Desci as escadas correndo a tempo de ver minha mãe chamar a atenção do Guilherme.

— Então você acha que pode sumir e depois reaparecer como se nada tivesse acontecido? — minha mãe perguntou e Guilherme a olhou friamente.

— Dona Rose, eu poderia dizer que é um prazer rever a senhora, mas eu estaria mentindo.

— E ainda por cima é cínico — ela disse e eu fechei os olhos, tentando me acalmar. — Então era com ele que o Nicolas estava, Verônica? — Abri os olhos e vi minha mãe me olhando incrédula. — Você não pode continuar tão ingênua a ponto de cair nas palavras desse vagabun...

— Dona Rose. — A voz do Guilherme era séria, dura e fria. — Eu posso não ser o melhor homem para sua filha, posso ter errado no passado, mas nunca questione a minha índole. Em todo o tempo que estive com ela nunca deixei que faltasse nada, tive meus motivos para me afastar, mas isso não quer dizer que a deixei desamparada. Verônica tem um emprego estável e ganha muito bem, necessidade eu sabia que ela não passaria.

— Mas sofrer porque o idiota do marido dela a deixou com um bilhete podia, não é? Enquanto você estava farreando com qualquer vagabunda, ela estava passando por uma gravidez sozinha, sem o apoio do marido que dizia a amar mais do que qualquer coisa na vida.

— Acredito que esse assunto não lhe diz respeito. — Guilherme era frio e eu sabia que estava se controlando para não voar na garganta da minha mãe.

— Escuta aqui, seu babaca...

— Mãe, chega! — falei, entrando em sua frente e colocando as mãos em seus ombros.

— Vai defendê-lo? Depois de tudo que você passou?

— Mãe, não é hora para isso. Independente de qualquer coisa o Guilherme é pai do Nicolas, ele tem tanto direito quanto eu.

— Então será dessa forma? — minha mãe perguntou. — Só porque ele é o pai pode fazer o que quiser? Inclusive te abandonar grávida?

Estremeci. Não queria uma discussão com a minha mãe, mas pelo jeito ela estava pedindo. Antes que eu pudesse falar algo a voz do Guilherme sobressaiu-se.

— Não faça isso, Verônica. Sua mãe não está errada. — O olhar da minha mãe em direção ao Guilherme indicava vitória, mas causava náuseas em mim. Fechei os olhos. — Eu vou embora, depois conversaremos. Só vim trazer o Nicolas.

Virei-me para ele e o vi conversando com o Guilherme.

— Depois nos falamos, campeão!

— Não vai sumir de novo, né?

— Prometo que não. — Eles se abraçaram por uns segundos e meu filho subiu correndo.

Guilherme me olhou por uns instantes. Nunca precisamos de palavras para nos comunicarmos, sempre foi assim, com olhares intensos e carregados de emoção.

— Até mais, Verônica.

— Até.

Ele se virou no instante em que a porta da frente se abriu e a Emilly entrou empurrando o carrinho.

— Olha, mamãe, nós chegamos e...

A voz da babá morreu ao ver o Guilherme. Não olhei para ela, apenas olhei o homem que estava vendo a filha pela primeira vez.

Seu olhar ficou preso na menina de cabelos loiros que estava no carrinho mordendo a mão, alheia a tudo que acontecia a sua volta. Guilherme andou devagar até o carrinho e se ajoelhou no chão. Observei sua mão acariciar o rosto da nossa filha e não consegui segurar as lágrimas quando o ouvi dizer:

— Você é tão linda, minha princesa...



Capítulo

22

*Saudade só arde quando encosta na pele
Ela queima, ela rasga e não sossega enquanto não fere
A lágrima lavou o rosto, mas não tira o gosto da solidão
Tá pronto pra experimentar
O que é perder um amor que estava na sua mão?
Eu acho que não, eu acho que não
Então vou avisar – Gustavo Mioto part. Yasmim Santos*

Guilherme

Eu não pretendia conhecer minha filha naquele dia. Não mesmo. Eu queria ir a um local calmo e pedir a Verônica que a levasse, mas no instante que meus olhos pousaram naquele bebê que tinha os mesmos olhos que eu, não tive como controlar a emoção.

A passos lentos eu caminhei até o carrinho e me abaixei para vê-la melhor, e foi naquele instante em que captei que minha filha era especial, mas isso não tirava a beleza dela, isso não tirava o fato de que no momento em que eu a vi, me apaixonei completamente por ela.

Acariciei seu rosto e disse a única coisa que era necessária naquele instante:

— Você é tão linda, minha princesa.

Ouvi a Verônica começar a chorar, mas não me virei para olhá-la. Minha filha me encarava querendo entender quem eu era e o que eu representaria em sua vida.

— Eu não deixaria a Vivi tão perto desse homem, Verônica.

Minha sogra era uma cobra, daquelas bem traiçoeiras, que só estava esperando o momento certo para dar o bote.

— Eu sou o pai dela — falei sem me virar para olhar pra ela.

— Tem certeza disso? Da última vez que chequei, na certidão de nascimento dela não constava o nome do pai.

Fechei os olhos e tentei controlar a raiva.

A cada instante eu me sentia pior por perceber cada coisa que eu havia perdido, cada pequeno detalhe que eu deixei de viver. Fechei os olhos e respirei fundo novamente.

— Eu queria entender, dona Rose — falei, me levantando e indo até ela. — O que eu fiz para a senhora? Porque não é de agora que a senhora me odeia.

— Minha filha sempre mereceu o melhor, Guilherme, e você não era o melhor e não é o melhor para ela. A Verônica sempre foi inocente, tinha um futuro brilhante pela frente, poderia viajar, poderia conhecer o mundo, mas não, ela preferiu se apaixonar por um homem que não tinha onde cair morto, ir morar em uma kitnet e engravidar quando não tinham condições nem para alimentar a vocês mesmos.

— Mãe, já chega!

Verônica gritou, fazendo com que a Vivi se assustasse e começasse a chorar. Imediatamente a babá pegou a bebê no colo e começou a niná-la.

— Assustou sua filha para defender esse homem?

— Mãe, eu amo a senhora, mas não consigo suportar falando dessa maneira, seja com quem for. A senhora nunca respeitou o meu casamento, nunca respeitou minhas decisões ou mesmo me apoiou, sempre desmereceu o Guilherme e sempre o ofendeu de alguma forma. Ele errou e pediu perdão, mas não significa que eu o tenha perdoado, muito menos que vamos ficar novamente juntos, mas temos uma história, temos dois filhos. Essa casa — Ela abriu os braços, mostrando a ampla sala — nós dois construímos, demos nosso suor, criamos o Nicolas da melhor maneira possível, tentamos ser o mais presente de todos as maneiras e a senhora sempre, sempre o humilhou. Foi graças a ele que eu entrei na polícia e foi graças a ele que você está aqui hoje, nessa casa, comigo cobrindo todos os seus luxos e gastos.

— Então por que ele te abandonou? — gritou. — Por que você coloca a história de vocês em um pedestal e limpa com um paninho enquanto ele jogou tudo na lama?

— Porque eu tive a droga dos meus motivos — falei entredentes. — Motivos esses que não te dizem respeito, dona Rose. Já contei tudo para a Verônica e é uma decisão dela me perdoar ou não. Eu entendo sua revolta, eu entendo que todos os pais queiram o melhor para os filhos, mas em todo esse tempo que estive ao lado dela, eu era o apoio dela, eu era a base que ela precisava, eu era o

ombro que estava disponível quando ela precisava chorar.

— Mas largou tudo isso, não pode negar.

— Não, não posso e nem vou. Sei que errei e sei que ela talvez nunca vá me perdoar por isso, nem eu me perdoaria por ter perdido algo que nós dois queríamos tanto, mas não julgue o meu caráter sem me conhecer, porque a senhora não me conhece e jamais teve o interesse de realizar tal ato.

— Você é mesmo um insolente.

— Não, estou sendo realista e a senhora sabe.

Decidi encerrar a discussão e me virei para ver minha filha novamente, ela estava mais calma, então eu me aproximei e beijei seus cabelos, sentindo um perfume doce se infiltrar em meu sistema.

— Prometo que eu volto, princesa. Não vou conseguir recuperar o tempo perdido, mas estarei ao seu lado daqui para frente.

Endireitei-me e virei para fitar a mulher que me tinha nas mãos.

— Depois conversamos, Verônica.

Saí da casa antes que ela pudesse falar mais algumas.

Parei em frente ao meu carro e me encostei na lataria, respirei fundo diversas vezes, olhando para o céu estrelado e me perguntando se um dia *eu* me perdoaria.

— Guilherme! — Endireitei a coluna e vi a Verônica indo em minha direção. Ela parou na minha frente e eu observei seus traços mais atentamente.

Tão linda quanto no dia em que eu a conheci. Os cabelos loiros estavam amarrados no alto da cabeça, não usava maquiagem, os olhos verdes continuavam expressivos e atentos a todos os

detalhes, o corpo pequeno, mas forte. Estava tão linda quanto no dia que eu a deixei.

— Eu sei que nada do que eu disser vai apagar o que eu fiz e o que eu perdi, muito menos vai fazer você me perdoar, então — falei e suspirei —, eu não sei o que dizer.

— Me desculpe pela minha mãe, ela...

— Eu conheço a sua mãe, Verônica, não precisa pedir desculpas pelo o que ela fez. Eu entendo que ela queira te proteger e queira o melhor para você, e definitivamente, esse melhor não sou eu.

Ela ficou calada e olhou para os lados.

— Eu... — Ela se calou.

— Eu vou procurar o Fernando — comecei. — Quero assumir a paternidade da Vivi.

— É seu direito, não vou tirá-lo de você — concordou.

— E vou conversar sobre o divórcio.

Ela me olhou, surpresa, como se não esperasse essa frase.

— Eu... eu... eu... — Piscou algumas vezes.

— Eu te amo, Verônica. — Fui direto. — Te amo com toda a força do meu ser, mas não sou o tipo de homem que não aceita as coisas. Errei e vou pagar pelo que eu fiz, se isso significa ter que deixar você livre, eu farei. Não vou obrigá-la a ficar comigo. Eu consigo reconhecer as lutas que eu perdi.

Me aproximei mais dela e senti seu perfume me envolver. a saudade que eu sentia dela era tanta, mais tanta, eu precisava me controlar para não fazer nenhuma burrice.

— Não vou me afastar de você ou dos meus filhos, não quero que me afaste deles.

— Não vou afastar.

— Sinto muito por não ter estado com você durante a gravidez da Vivi, eu... ela é linda e especial...

— É a criança mais fofa e amorosa que eu já conheci, Guilherme. Não é uma condição que vai fazê-la ser menos para mim.

— E nem deve! Eu tenho cada vez mais orgulho de você, Verônica, orgulho da mulher que você se tornou mesmo quando eu... — Não completei a frase. Não queria. — Se soubesse que você estava grávida eu teria largado tudo, se tivesse me contado eu nem teria ido.

Ela olhou para baixo e depois me encarou.

— A Georgia me disse que a Geovana tinha ordens expressas para falar pra você qualquer coisa que acontecesse comigo.

— Você e a Georgia conversaram? — perguntei, surpreso.

— Sim, ela me procurou. — Mordeu o lábio inferior. — Mas a delegada não te contou da gravidez.

— Não, e eu estou tentando entender isso ainda.

— Vocês precisam conversar. Eu acredito em você, Guilherme. Eu entendo seus motivos e compreendo seu passado, no seu lugar eu faria a mesma coisa, só não deixaria um bilhete idiota que quebraria meu coração.

— Eu precisava que você me odiasse.

— E você conseguiu.

— Nunca me vou perdoar por isso, pequena. Jamais.

Acho que a dor maior era ver tudo que eu perdi.

Essa dor não tinha comparação.

— Eu preciso ir, preciso ver como a Vivi está e pensar um pouco. É muita coisa para apenas dois dias.

— Eu sei, te entendo.

Ela assentiu e começou a se afastar.

— A casa estará aberta para você quando quiser visitar as crianças, pode ficar à vontade, minha mãe não vai ser um empecilho para que venha aqui.

— Não se preocupe. Eu vou tentar consertar essa burrada que eu fiz, não sei se vou conseguir, mas vou tentar.

— Se você conseguir trazer o Nicolas de volta à criança amorosa que ele era, e dar todo o carinho e amor que a Vivi merece, já vai ser o suficiente.

E o seu coração de volta para mim, pensei, mas não falei. Apenas assenti e entrei no carro, dando a partida e deixando para trás meus filhos, esposa e meu coração.

Quando parei com o carro em um semáforo, meu celular tocou e vi o nome da Georgia no visor. Aproveitei o sinal vermelho e conectei o celular ao carro, atendi a chamada e a voz da minha irmã ecoou pelo interior do veículo.

— *Onde você está?* — perguntou logo.

— Estarei chegando aí em 10 minutos.

— *Ótimo. Acredito que minha tia tenha algumas coisas para nos contar.*

— Maravilha! Porque eu estava mesmo curioso para saber o motivo de ela ter escondido a gravidez da Verônica de mim.

— *Se fosse apenas esse o segredo, Guilherme... Vai por mim, seria bem mais simples.*

— Chego em 5 minutos.

Encerrei a chamada e coloquei o pé no acelerador. Era hora de saber o que nossa querida delegada escondia.



Abri a porta do apartamento da Georgia e a vi encostada no balcão que fazia a divisa com a cozinha. Geovana estava sentada no sofá, o olhar preso em um ponto qualquer da sala e seus olhos vermelhos indicando que estava chorando. Fechei a porta chamando a atenção das duas, a delegada olhou para mim e suspirou, imediatamente eu parei em frente a ela e fui bem claro e sucinto ao dizer as seguintes palavras:

— Por que raios você me escondeu que a Verônica estava grávida, Geovana? E eu quero a droga da verdade!

Seus olhos castanhos miraram os meus e ela suspirou pesadamente.

Nada teria me preparado para o que ela disse em seguida, e eu juro, meu mundo desabou mais uma vez naquela noite.



Capítulo

23

*Quando eu te deixar
Vou levar papel em branco
Espalhar por cada canto um barco de papel*

*Sei
Que o amor é fácil de afogar
E, se você tem um barco
Maior chance de se salvar*

*Mas, ora
Você partiu antes de mim
Nem me deixou barco frágil
Pr'eu me salvar do naufrágio
Que foi te dar meu coração*

Barquinho de papel – Anavitória

Verônica

ALGUNS DIAS DEPOIS

— Prontinho — Eduarda disse, me entregando o novo registro de nascimento da Vivi.

Viviane Brandão Maldonado.

— Está tudo bem, amiga? — perguntou e eu assenti, mas logo neguei.

— Está sendo mais difícil do que eu pensei. — Era uma droga agir contra o coração, que todos os dias me implorava para voltar para os braços daquele homem, mas não era tão simples assim.

— Ah, minha amiga, queria dizer que seria mais fácil, mas eu sei que não é.

— Como foi com o Arthur? — perguntei. — Como foi o caso de vocês, depois de ele ir embora e voltar?

— Nós dois nunca assumimos nada, Verônica. Sempre que os outros perguntavam, negávamos até o fim.

— Eu sei bem disso — falei e sorri para minha amiga.

— Quando ele voltou, vários sentimentos tomaram conta de mim, e eu tentei pensar com a razão, tentei ignorar o fato de que eu precisava dele, mas não deu certo. Eu amava aquele homem, só que morreria negando. Foi preciso o passado voltar para nós dois, para que deixássemos de ser cabeça dura.

— Eu queria esquecer, Duda, queria fingir que ele não existe, mas eu não consigo. Eu sou completamente apaixonada por ele, cada parte do meu coração pertence a ele, cada célula do meu corpo é dele, é nele que eu penso quando vou dormir e é o seu nome que vem na minha cabeça assim que eu acordo. E...

— Você quer esquecê-lo — completou.

— Eu não quero esquecê-lo, eu preciso esquecê-lo. É diferente.

— Sabe o que você precisa, amiga? Sair! Espairecer!

— Eduarda... — Eu já sabia o que vinha por aí, ela iria me pedir para ir a alguma balada com ela, mas eu não tinha mais idade para ir a baladas.

— É um barzinho, bem moderno, música ao vivo, superaconchegante! Chamamos a Bruna, a Débora. O que diz?

— Eu não estou com clima para barzinho, Eduarda.

— Pois vai ter que arranjar. Passo na sua casa às 21 horas, esteja pronta. — Apoiei a cabeça nas mãos e olhei para minha amiga.

— Eduarda, não tenho mais idade para ...

— Claro que tem! Quem disse o contrário? Ligue para o Samuel e o convide também. Você só fica à vontade quando ele está por perto. Se bem que eu também ficaria. Senhor, por que tem que ser tão lindo? — perguntou, olhando para cima, e eu tive que gargalhar, mas concordava plenamente com ela. Samuel era um belo pedaço de mau caminho.

Guardei a certidão de nascimento da Vivi dentro da bolsa e me levantei.

— Deixa eu volta para a delegacia.

— Como estão as coisas por lá?

— Tensas. Bem tensas. Tem alguma coisa acontecendo. Toda vez que a delegada aparece o Guilherme ou a Georgia ficam tensos, ou simplesmente a ignoram.

— Bom, ela tinha que repassar informações e não fez isso, não é?

— Mas não é só por isso, Eduarda. Tem mais alguma coisa.

— Você pode perguntar ao Guilherme, ele te contaria.

Neguei. Se fosse antes, tudo bem, mas naquele momento não fazia sentido.

— Não tenho mais esse direito.

— Será que não? — perguntou ela, já sorrindo.

— O que você sabe, Eduarda?

— O que todo mundo sabe, Verônica — disse, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Ele ainda é e sempre vai ser completamente apaixonado por você. E não é um divórcio que vai mudar isso.

Coloquei a bolsa nos ombros e peguei a chave do carro, não queria conversar sobre aquilo.

— Preciso ir. Nos vemos à noite. — Caminhei até a porta, saí, mas antes que eu pudesse fechar a porta novamente, ouvi sua voz.

— Você não pode fugir para sempre, Verônica, sabe disso. Vocês se amam e nunca, jamais, em tempo algum, vão deixar de se amar.

Fechei a porta, ignorando as batidas frenéticas do meu coração concordando com cada palavra que ela tinha dito.

Eu só queria ser forte o bastante para esquecer. Apenas isso.



Cheguei na delegacia, mas logo fui para a sala da delegada, ela queria uma reunião de emergência. Entrei na sala já encontrando o Samuel, a Georgia, a Samara, o Guilherme, que estava em um canto mais afastado mexendo no celular. Senti o seu olhar em mim no momento em que eu entrei na sala. Não queria que meu corpo reagisse dessa maneira, como se pudesse pegar fogo a qualquer momento.

Nossos olhares se encontraram e foi como se toda a sala sumisse. Eu sentia tanta saudade dele... Tanta, que doía. Me obriguei a clarear os pensamentos e ir para o lado do Samuel.

— Está tudo bem? — cochichou e eu apenas assenti, porque eu não tinha condições de falar nada.

Sabia que ele estava me observando e isso fazia o meu coração palpitar em níveis que podiam parecer impossíveis.

Levantei o olhar e ele ainda me olhava, então ficamos assim, olhares travados um no outro, prendi a respiração e soltei bem devagar.

Maldita conexão e atração física.

A porta da sala foi aberta, nos fazendo quebrar a ligação. Olhei para o homem que tinha acabado de entrar acompanhado pela delegada Geovana, que parecia bem tensa ao seu lado.

— Que bom que já estão todos aqui — começou. — Antes de mais nada, gostaria de apresentar o capitão da COT, Kelton Gusmão. Ele esteve na missão liderada pela Georgia — Apontou para a morena que a olhava com desdém —, na busca pelos mafiosos Nikolai Destoianov, Ivan Adamovich e Bóris Gusyeva.

— Bom dia! Geovana já me apresentou, estou aqui para dizer que depois que a Georgia deixou a liderança da missão — Foi a vez dele de apontar para a morena que não estava com cara de muitos amigos para ele —, a Interpol entrou em contato comigo e me pediu para assumir o caso, após descobrirem que o Bóris foi visto em São Paulo.

Os burburinhos começaram, com o canto do olho vi Georgia e Guilherme se encarem silenciosamente, como se ela pudesse ler o que se passava na cabeça dele.

— Silêncio — Geovana pediu. — Vamos ouvir o que o Kelton tem a dizer.

— Obrigado, Geovana — agradeceu e voltou a nos olhar, um por um, até seu olhar parar em mim. Um arrepio subiu pelo meu corpo, e não foi um arrepio bom. — Bóris está fraco. Além do tiro que levou do agente Guilherme, seus comparsas foram mortos, boa parte dos capangas que trabalhavam para ele estão presos, outros fugiram, alguns estão no hospital e outros foram mortos. Com essa pista de que o Bóris está aqui, gostaria de montar uma pequena equipe tática para o pegarmos o mais rápido possível.

— E o senhor pensou em quem? — Samuel perguntou e o homem abriu um sorriso.

— Georgia e Guilherme. — Apontou para os irmãos que o analisavam friamente. — Ambos

já conhecem o caso, Georgia era chefe, sem contar que os dois trabalham muito bem juntos, parecem conseguir se decifrar apenas com um olhar.

Se fosse em outra época eu sentiria ciúmes, mas não naquele momento. Sabia o real motivo de eles serem assim, mas as outras pessoas, não, e algumas me lançaram um olhar de pena, que foram devidamente ignorados.

— Samuel e Samara — Kelton continuou. — Soube que os dois são ótimos em investigações, descobertas de pistas, pensam quase como um criminoso, preciso dos dois na minha equipe.

Samara e Samuel se entreolharam. Eles eram ótimos nisso mesmo, captavam detalhes que nenhum de nós conseguia, formavam mesmo uma boa dupla. Samara era perita criminal, formada em Ciências Econômicas, uma das melhores na área dela, me atreveria a dizer.

— Verônica Maldonado Brandão — Kelton disse meu sobrenome de casada e arqueou uma sobrancelha. — Ou já assinaram o divórcio? — perguntou, olhando de mim para o Guilherme.

— Creio que isso não seja assunto para ser pautado aqui, Kelton.

A voz da Georgia o fez levantar as mãos em sinal de rendição.

— Claro, morena, mil perdões. — Voltou a me olhar. — Eu vou precisar da melhor atiradora da PF. Verônica.

— Todos aqui atiram — falei categoricamente.

— Mas você é a melhor, e eu quero você. — Se eu dissesse que essa frase não havia me incomodado eu estaria mentindo, porque incomodou e muito. — Aceita, Verônica?

Eu não respondi de imediato, apenas fiquei encarando o homem que não me passou um pinga de segurança. Meu olhar saiu dele e foi parar no Guilherme, que me encarava e eu sabia o que ele queria dizer. Ele não confiava no Kelton, mas a decisão de aceitar ou não, era minha.

— Eu aceito.

— Maravilha, vamos começar a trabalhar, então! Tenho as imagens das câmeras de um aeroporto clandestino utilizado para que alguns políticos evitem tumultos, taxas aeroportuárias ou submeter aos fiscais da receita ou até mesmo evitarem passar pelo raio-x — ele disse e olhou para a Geovana, que pegou o controle remoto e ligou a televisão, então o vídeo começou a ser transmitido. — Essa filmagem foi feita por uma das poucas câmeras que o local possui. Esses aeroportos não têm um pinga de segurança. A única segurança no local é feita por um vigilante particular que faz o controle de entrada e saída dos veículos, anotando todas as placas.

A imagem em preto e branco mostrava um homem todo de preto descendo de um avião de pequeno porte. Deu para perceber que era careca e usava óculos escuros.

— Isso tem quanto tempo? — Samara perguntou.

— Dois dias — Geovana respondeu.

— A ABIN tem pessoas monitorando todas as câmeras de aeroportos nacionais, internacionais e os clandestinos, acredito que o Bóris não esperava por isso. Quando o banco de dados interligou a imagem dele ao banco da Interpol, tivemos nosso suspeito encontrado. — Kelton desligou o monitor.

— Onde fica esse aeroporto? — Guilherme questionou.

— Em uma área afastada, um bairro chamado Vila Maria. Não conseguimos mais imagens além dessas.

— Isso é fácil resolver — Samuel disse, já se levantando.

— Tenho um mandado de busca para você, Samuel — Geovana comunicou, já entregando um papel para ele.

— Vou com você — Samara falou, já se colocando de pé, mas Kelton levantou a mão para impedi-la.

— Gostaria que a Georgia fosse. Sei que as duas são peritas criminais e ótimas no que fazem. — Arregalei os olhos. Não sabia que a Georgia era perita também. — E ela já tem um conhecimento maior no caso, preciso de você para outra coisa.

Ela apenas assentiu.

— Vamos logo — Samuel falou, já saindo da sala.

— Eu tenho um nome e acredito que você saiba ele — Georgia resmungou, mas já o seguia.

Ele se virou abruptamente e os dois quase se esbarraram.

— Vamos deixar uma coisa bem clara, *Georgia*. Eu não confio em você. Vamos trabalhar juntos, mas eu irei tratá-la com a formalidade que se deve.

— Não te pedi nada mais que isso, *agente*. E vamos logo porque eu não tenho o dia inteiro.

Ela saiu antes que ele pudesse responder e o vi apenas revirar os olhos e segui-la.

— Vamos trabalhar — Kelton falou sorrindo. — Temos algumas imagens para analisar e algumas possíveis rotas de fuga para traçar.

Definitivamente, aquele dia seria longo.



Capítulo

24

Vou ter que superar

Fui bobo

Imaturo demais, deixei escapar entre meus dedos

Seu amor, nosso apartamento, futuro perfeito

Se eu pudesse, tentava de novo ter você aqui

Quase morro

Tentando encontrar o contato novo dela agora

Eu sei que ela já tá em outra e que vai embora

Mas se existe consideração, eu sei que vai me ouvir

Só vou pedir desculpas

O nosso pra sempre acabou e um novo amor veio com tudo

Meu erro pesou na balança e não vamos mais ficar juntos

Porque eu estraguei tudo

Vou ter que superar – Matheus & Kauan feat Marília Mendonça

Guilherme

Nem acreditei quando o dia chegou ao fim. Parecia que não iria acabar nunca. A surpresa foi o Kelton aparecendo como líder de uma missão, a partir de então, pública, dizendo que o Bóris foi visto em São Paulo. O medo tomou conta de mim, mas eu precisava me manter alerta. Eu suspeitava que ele iria atrás de nós, mas os dias foram se passando e nada de ele aparecer, porém, já haviam imagens suas em um aeroporto clandestino.

Se tinha uma coisa que eu sabia sobre essa máfia, era que burros eles não eram. Por mais ilegais que esses aeroportos fossem, ele sabia que havia câmeras de segurança neles e também sabia que estaríamos vigiando cada entrada do país, então ele não seria tão descuidado a esse ponto. Algo nessa história não estava batendo.

A porta da sala foi aberta e uma Georgia muito furiosa da vida entrou, se jogando ao meu lado no sofá.

— O que houve?

— Aquele Samuel é um babaca de marca maior! Víu o jeito que ele falou comigo? “*Não confio em você, Georgia!*” — resmungou. — Como se eu confiasse naquele idiota. Não confio nem na minha sombra.

— Isso tudo porque ele disse que não confia em você? — Arqueei a sobrancelha para ela. — Pensei que já estava acostumada com isso.

— Estou, mas toda vez que ele me olha parece querer descobrir alguma coisa que estou escondendo, como se eu estivesse escondendo alguma coisa. Faça-me o favor.

Ela se levantou e caminhou até a cozinha. A observei servir um copo com água e beber enquanto me olhava. Tinha alguma coisa errada naquela história, eu não sabia o que era, mas tinha.

— Sabe que ele é apaixonado pela Verônica, não sabe? — perguntou e eu assenti. — E não

vai fazer nada?

— Georgia, existem lutas que por mais que lutemos não vai fazer diferença.

— E por que não? Vocês se amam, caramba! Todo mundo percebe que o clima muda quando estão na mesma sala, parece que só existem vocês dois!

— A Verônica perdeu a confiança em mim, Georgia. E quando se perde a confiança em alguém, nem um casamento suporta apenas com amor.

— Então faça o possível e o impossível para reconquistar a confiança daquela mulher, Guilherme. — Ela se sentou ao meu lado. — Eu sei que você quer dar espaço a ela, respeitar o tempo dela e tudo, mas quanto mais espaço você der, mais aquele imbecil do Samuel vai se aproximar dela.

— Você pegou implicância com ele mesmo, hein?!

— Ele não me desce e você sabe como eu sou quando não confio em alguém. — Deu de ombros. — Não perca a mulher que você ama sem lutar. Quanto mais tempo você fica sentado aqui, dando tempo a ela, o relógio corre e o processo de divórcio anda. Eu não perderia tempo se fosse você.

— O que achou da volta do Kelton? — perguntei, mudando de assunto.

— Sinceramente? — Assenti. — Muito estranho.

— O que ele disse para você naquele dia que entregou o cargo? — indaguei.

— Nada demais. Apenas me desejou boa sorte nessa nova carreira da minha vida.

— Não pareceu ser apenas isso.

— Foi apenas isso. — Seu olhar dizia que o assunto estava encerrado e eu apenas aceitei.

— Vou preparar alguma coisa pra gente jantar.

Assenti e meu celular tocou, vi o nome do Arthur na tela e atendi.

— Diga — falei.

— *Vamos sair.*

— Simples assim? Não pergunta nem se pode?

— *Sei que está no apartamento a essa hora. O Fernando acabou de me ligar indicando um barzinho que abriu, vamos lá.*

— Quem vai? — perguntei.

— *Eu, Gustavo, Jeferson, Fernando e Fellipo* — respondeu. — *Como faz tempo que não nos encontramos todos juntos, achei que seria uma boa.*

— Não sei se estou com cabeça para sair, Arthur.

E era verdade. A última coisa que eu queria era sair para dizer aos outros que eu estava bem, sendo que eu não estava.

Georgia se aproximou de mim e tomou o celular da minha mão, já o colocando na orelha.

— Oi, Arthur, tudo bem? Georgia aqui. Ele vai sim, tá bom? Nem que eu tenha que levá-lo pela orelha. — Ela parou de falar e riu de alguma coisa que ele disse. — Estaremos aí. Um beijo. Até mais.

Desligou a chamada e me entregou o celular.

— Nós vamos! — anunciou.

— E você decide por mim agora?

— Você sabe que eu não me dou muito bem na cozinha, não é? Da última vez que tentei fazer algo para jantarmos...

— Já entendi, Georgia. Vamos encontrar o pessoal.

— Maravilha! Vou me arrumar.

Ela saiu em direção ao quarto e eu revirei os olhos.



Chegamos ao bar, e como a Georgia insistiu em ir dirigindo, ficou de estacionar o carro e eu entrei sozinho, já avistando Arthur, juntamente com Fellipo, Jeferson e o Fernando. Me aproximei deles e os cumprimentei.

— Como estão as coisas? — perguntei, afinal eles eram meus amigos e depois que fiquei fora perdi o contato com todos eles.

— Eu casei — Fellipo disse e todos riram.

— O único! — Arthur devolveu.

— Mas vocês estão amarrados.

Apontei para o Arthur e Jeferson.

— Sabe que não largo a minha diaba nem que ela pedisse — falou, rindo e tomando sua bebida.

— E você, Jeferson?

Eu não o conhecia muito bem, mas pelo que Arthur falou, era noivo de uma renomada *chef* de cozinha.

— Se fosse por mim já estaria casado há séculos, mas a senhora minha noiva disse que

queria esperar. Pra você ter noção eu a pedi em casamento no dia do casamento do Fellipo, isso já tem mais de um ano e meio, acredito que eu esteja sendo enrolado.

Gargalhei. Ele parecia ser uma boa pessoa. Logo a Georgia chegou e se sentou ao meu lado, já tomando posse da minha bebida.

— Boa noite, rapazes — cumprimentou a todos, que a olhavam estranhando, menos o Arthur, que sabia da história.

— Essa é minha irmã Georgia, Georgia esses são Fellipo, Fernando e Jeferson, o Arthur você já conhece. — Podem parar de me olhar com essas caras de que não estão entendendo nada, pois vão continuar assim. É uma história que eu prefiro não contar — falei e presumi que tivessem aceitado, já que não tocaram mais no assunto.

Continuamos em uma conversa tranquila, pelo menos até o Gustavo chegar.

— Quem é essa deusa que acompanha vocês? — perguntou ele, olhando para a Georgia.

— Ela é ...

— Ninguém que te interesse — respondeu Georgia, me interrompendo. — Não tenho tempo para tipos como você, que acham que é só chegar, elogiar, e vai me levar para a cama.

— Opa, ela tem a língua afiada!

Ele deu seu melhor sorriso para ela e eu bebi um gole da minha bebida para evitar rir. Ele não conhecia a minha irmã.

— E a mínima paciência para tipos como você — rebateu ela, se levantando e virando para me olhar. — Divirta-se, eu vou pra casa!

— Georgia...

— Estou sem paciência pra aturar gracinha de caras babacas que nem o seu amigo. — Olhou

novamente para o Gustavo, voltando a olhar para frente em seguida, mas ela xingou baixinho: — *Droga!*

— O que foi? — Me virei para olhar em direção ao que ela olhava e vi o motivo do xingamento.

Verônica tinha acabado de entrar no bar e estava acompanhada do Samuel. Os dois riam de alguma coisa que ele comentava e estavam alheios a nossa presença.

— Droga! — Arthur disse e eu me virei para olhar o meu irmão.

— O que houve?

— Me esqueci que a Eduarda havia combinado de sair com as meninas. Ela acabou de me mandar uma mensagem avisando que estava vindo para esse bar.

Isso explicava o motivo de a Verônica estar ali, só não explicava o babaca do policial a tiracolo. Voltei a olhar para frente e apertei o copo em minha mão.

— Pelo jeito eu vou ficar por aqui — ela falou, se sentando ao meu lado.

Os caras estavam tentando me puxar de volta para o assunto, mas eu não prestava atenção. Tudo que eu escutava era sua risada, juntamente com as meninas que haviam chegado há algum tempo.

Arrisquei a olhar para trás e os vi sentados juntos, ele estava com o braço em volta dos ombros dela.

— Se apertar mais esse copo ele quebra na sua mão — Jeferson avisou e coloquei o copo em cima da mesa.

— Controlar o ciúme é foda, não é? — Fellipo perguntou.

— Não estou com ciúmes — resmunguei.

— É claro que está — Arthur devolveu. — Se pudesse você tirava o cara do lado da Verônica com um soco.

— Ele está merecendo. Já disse que esse cara é um babaca — Georgia falou ao meu lado.

— Vamos focar no meu problema aqui? — Gustavo pediu.

— Que problema? — perguntei.

— Sabia que você não estava escutando uma vírgula do que eu estava dizendo.

— Estava pensando em outra coisa — afirmei.

— Sim. Como assassinar o policial que está ao lado da Verônica — Fernando disse.

— Isso não precisa nem pensar. Se ele me pedir, eu mesma faço isso com minhas próprias mãos — Georgia falou, dando de ombros.

— A gatinha tem unhas afiadas — Gustavo comentou, sorrindo, e eu vi a bomba chamada Georgia explodir.

Ela levantou e se aproximou bem dele, apontando o dedo em sua cara.

— Você não tem intimidade para me chamar de *gatinha*. Se liga primeiro no seu problema e para de ser um babaca escroto com toda mulher que passa em sua frente. Nenhuma mulher gosta de ser tratada como descartável. Deve ser por isso que sua secretária não quer ter nada relacionado a você.

— Primeiro, minha secretária é louca. Quem em sã consciência não quer ter algo comigo?

Georgia o olhou de cima abaixo e arqueou uma sobrancelha.

— Eu não ficaria com você nem que minha existência dependesse disso, e da próxima vez que vier com essas cantadas de pedreiros para cima de mim vai levar bem mais que um esporro, quem sabe um belo tapa junto, não?!

Se afastou dele, pegou a bolsa e saiu do bar.

— Ela estava brincando, não estava? — perguntou ele, engolindo em seco.

— Não — respondi sorrindo.

Georgia não brincava quando o assunto era ameaçar, por isso nunca a vi se relacionando com ninguém, a não ser o cara do hospital naquela vez, que presumi ser alguém importante para ela.

Me virei para olhar para a mesa da Verônica e a peguei me encarando. Nossos olhares presos um no outro. A observei respirar fundo e vi o momento que o Samuel pegou a mão dela e depositou um beijo. Ela parou de olhar para mim e voltou a olhá-lo, sorrindo em seguida.

Fechei os olhos.

Como dizem por aí, tinha que superar, não é? O divórcio já estava rolando e em poucas semanas seria a audiência. Me levantei, chamando a atenção dos meus amigos.

— Onde você vai? — Arthur perguntou.

— Embora. Não tenho mais clima para ficar aqui — falei e indiquei a mesa das meninas.

— Tudo bem. Está de carro? — perguntou.

— Eu pego um táxi, não tem problema. — Ele tentou falar mais alguma coisa, mas apenas neguei, só queria ir embora.

Me virei e peguei a Verônica me olhando novamente, mas logo desviou o olhar, voltando a conversar com as amigas. Respirei fundo e caminhei para fora do bar.

Estava andando tão distraído que nem percebi uma mulher andando em minha direção, acabamos trombando um no outro. O celular dela caiu no chão e ela praguejou baixinho.

— Me desculpa — falei, me abaixando e ajudando-a a se levantar.

— Tudo bem, eu estava distraída. — Ela se abaixou também e logo depois me olhou.

Tive a impressão de que já a tinha visto em algum lugar, seus olhos me lembravam alguém, mas eu não conseguia imaginar quem poderia ser. A ajudei a se levantar e entreguei o celular a ela.

— Guilherme. Prazer. — Estendi a mão e ela a apertou, sorrindo.

— Luna — respondeu e também sorriu.

E o sorriso dela... Droga! Eu conhecia aquele sorriso, mas não conseguia me lembrar de onde.

— Guilherme?

Olhei pra trás e vi a Verônica olhando de mim para a mulher. Luna me encarou e depois olhou para a minha esposa.

— Bom, desculpa esbarrar em você, Guilherme. Quem sabe não nos vemos por aí?! — Ela sorriu e se afastou.

— Parece que alguém não perde tempo, não é mesmo?

Verônica comentou e eu me virei para encará-la, mas apenas balancei a cabeça e virei de volta para ir embora.

— Onde você vai?

— Embora. Não é óbvio? — perguntei, afastando-me.

— Isso é ridículo! — Parei de andar e me virei para olhá-la.

Tão linda e morrendo de ciúmes.

Voltei a me aproximar dele, parando a centímetros de distância. E esse foi o meu primeiro erro da noite.



Capítulo

25

*Mas é só te ver
Pra enlouquecer
Faço tudo o que você quer
Vou me arrepender depois
Mas eu não resisto a nós dois
Não resisto a nós dois - Wanessa*

Verônica

Odiava o perfume dele, definitivamente.

— Queria que eu fizesse o que, Verônica? — perguntou, a centímetros de distância de mim.

Eu estava com a cabeça erguida. Nossa diferença de altura sempre foi um pequeno problema quando íamos discutir. — Você estava toda sorrisos com aquele policial babaca, queria eu ficasse sentado assistindo?

— Ele é meu amigo!

— Amigo esse que é apaixonado por você, não é?

Não neguei. Isso não era segredo para ninguém.

— Eu apenas esbarrei na moça e estava a ajudando a pegar o celular que havia caído no chão.

— Claro! O “nos vemos por aí” foi meramente formal! — Sim, eu estava com ciúmes.

— Você está com ciúmes.

— E você estava com ciúmes do Samuel — rebati e foi o meu erro da noite, porque no instante seguinte eu estava com meu corpo prensado no poste de luz e o rosto dele bem próximo do meu.

— Estava, porque ele estava fazendo você rir e estava tocando sua pele. — Seus dedos correram pela pele exposta em meus braços, fazendo os pelos se arrepiarem. — Ele estava sentindo seu perfume... — Seu nariz encostou em meu pescoço e eu reprimi um suspiro.

— Guilherme... — Não sei dizer se foi um gemido, suspiro, um pedido para que parasse ou que ele continuasse.

— Sabe o que eu quero fazer com você, Verônica? Desde que eu voltei? — Seus olhos

castanhos voltaram a me fitar.

— O quê?

Segundo erro da noite. Eu perguntei. Antes tivesse ficado de boca fechada.

No instante seguinte a boca dele estava na minha.

Céus! Como senti falta de beijar aquele homem, como senti falta da sua boca na minha. Nos beijamos como se não houvesse amanhã, como se tudo ao nosso redor tivesse sumido. Suas mãos estavam em minha cintura, me segurando tão próxima a ele que poderíamos nos fundir ali mesmo.

Meus dedos passearam pelos cabelos dele, alisando os fios macios, seu perfume se infiltrando em mim, nossos corpos querendo mais um do outro, seus lábios castigando os meus em um beijo que poderia ser considerado pornográfico. Nossas línguas em uma sincronia absurdamente perfeita.

Ele diminuiu a velocidade do beijo, mas não parou por completo. Ora mordiscava meu lábio inferior, ora chupava. Suas mãos apertavam a minha cintura de uma forma completamente errada, porque me fazia querer pular nele e enroscar as pernas em sua cintura. Nossa diferença de altura era muito ruim nesse ponto.

Meu corpo inteiro estava necessitando dele, do toque dele.

— Verônica... — Meu nome saiu em forma de um sussurro dos seus lábios, fazendo-me desejá-lo ainda mais.

Minhas mãos ainda estavam em seu pescoço, descí uma pelo seu peitoral, sentindo os músculos que pareciam ainda mais firmes que da última vez que os tinha sentido. A barriga trincada, que seguia em um perfeito “v” ao chegar no cóis de sua calça. Guilherme soltou algo que parecia ser mais um rugido que gemido, e me deixou ainda mais excitada, porque era isso que estava sentindo.

Excitação.

Tesão.

Desejo.

E apenas ele podia aplacar a necessidade que nasceu em meu corpo. Apenas o toque dele poderia controlar o fogo em que meu corpo se transformava quando ele me tocava.

Seus lábios desceram para o meu queixo, mordendo, a barba arranhando a pele sensível. Meus lábios soltavam lamúrias desconexas, enquanto suas mãos me apertavam na intensidade que o nosso desejo ia crescendo.

Iria ficar marcado no dia seguinte? Sim.

Eu me importava? Naquele momento, definitivamente, nem um pouco.

Estava fora de mim, precisando daquele contato físico, precisando me sentir desejada, e, porra, me sentir desejada por ele. Era o que eu mais queria.

— Verônica, eu vim ver se estava tudo be...

Guilherme me soltou e emituiu um rosnado ao som da voz do Samuel. Tentei me recompor da maneira que eu pude, passando as mãos nos cabelos e tentando evitar olhar para o meu amigo.

— Está tudo bem, sim. Estávamos...

— Eu vi bem o que estavam fazendo — ele disse, se virando para voltar para dentro do bar.

Droga! O que eu estou fazendo?

— Preciso ir atrás dele — murmurei, ainda encarando a porta do bar.

— Vai lá — Guilherme disse e só então eu criei coragem para olhá-lo. Como podia ser tão lindo?

Seus olhos se prenderam aos meus e ele disse, em uma mensagem claramente silenciosa, que não havíamos terminado, pelo contrário, estávamos apenas começando. Então se virou e saiu.

Soltei o ar que nem percebi que estava prendendo e corri para dentro do bar, mas dei de cara com o meu amigo já saindo

— Samuel...

— Verônica, somos adultos e responsáveis, e você ainda é casada com aquele cara, por mais que eu o ache um babaca, idiota por ter deixado você nessa situação, não dá pra competir. Você ainda é e sempre vai ser apaixonada por ele.

— Samuel...

— Não, Verônica. — Ele segurou minhas mãos e beijou minha testa. — Você é boa demais para aquele babaca, mas você ainda o ama, não consigo lidar com isso. Pensei que eu seria forte o suficiente, mas não sou.

— Nunca escondi isso de você — falei, abaixando a cabeça, e senti seus dedos em meu queixo, fazendo-me encará-lo.

— Eu sei disso, mas a culpa é minha por ter ainda um fio de esperança que fosse de que algum dia você fosse me enxergar mais do que um amigo.

— Samuel, você merece alguém que te ame por inteiro e eu....

— Já ama outra pessoa — completou e sorriu tristemente para mim. — Eu vou superar, baixinha. Mas se aquele babaca machucar você novamente, vai ganhar bem mais que um soco.

— Samuel, não vamos voltar. O processo de divórcio está correndo e eu não perdoei a maneira que ele me deixou...

— Mas entendeu os motivos dele — me interrompeu. — É isso que mais admiro em você, Verônica. Sua capacidade de perdoar e nem se dar conta de que fez isso. — Beijou minha testa novamente. — As meninas vão te levar em casa. Me liga, qualquer coisa.

Ele passou por mim e eu o observei se afastar.

Suspirei quando a silhueta dele se perdeu em meio às pessoas que andavam pela rua e entrei no bar, indo para a mesa onde as meninas estavam. Me sentei e coloquei as mãos na cabeça.

— O que houve? — Eduarda perguntou.

— Estou me sentindo uma adolescente novamente. Parece que tudo que não vivi quando tinha meus 17 anos estou vivendo agora que tenho 35. Quando foi que perdi o controle da minha vida?

— Está perguntando isso porque tem dois homens extremamente lindos apaixonados por você? — indagou Júlia.

— Ou porque um desses homens pegou você agarrada ao seu futuro-ex-atual marido? — Eduarda colocou a mão no queixo como se estivesse pensando.

— Vocês não estão ajudando em nada. — Bufei e elas riram.

— Não tem nada de errado nisso, Verônica. — Bruna resolveu falar. — Você é adulta e, pela lei, ainda é casada com o Guilherme, não tem nada de errado em cair em tentação. — Piscou para mim e eu gemi.

— O problema é o Samuel...

— O Samuel é o amigo que toda mulher gostaria de ter — a Júlia falou, tomando um gole do seu drink. — Lindo, leal, sincero, compreensivo. Mas ele merece alguém que...

— O ame por inteiro — completei. — Já disse isso a ele. Mas eu me sinto como se eu o estivesse traindo. Ele sempre esteve ali por mim e eu sempre fui a amiga dele. Ele me consolava porque eu chorava por outro e...

— Sabe qual o problema, Verônica? — Bruna disse. — Você gosta dos dois e está com seu

coração dividido, quer dizer, quase dividido, já que o Guilherme pesa bem mais nessa balança.

— Eu pegaria os dois — Duda disse, me fazendo rir. — O quê? Tirar a prova dos nove, querida. Guilherme você conhece de cor e salteado, que meu namorado não escute. Mas ele é um delicioso pedaço de mau caminho, com todo respeito, Verônica — emendou —, e o Samuel parece ser aquele tipo de cara que só tem cara de anjinho, mas entre quatro paredes te pega de um jeito que você nunca vai esquecer na vida.

Arregalei os olhos. Eu agradecia aos céus que a Duda estivesse com o Arthur. Uma mulher como ela, solteira, era um perigo para a sociedade masculina.

— Só você, Duda, para fazer uma comparação dessas — falei, balançando a cabeça.

— Amiga, apenas a você cabe a decisão de com quem ficar, de quem *pegar* — Júlia disse, segurando a minha mão. — Você é adulta, é linda, tem muita coisa para viver pela frente. Seja com o Guilherme, que é com quem você já tem uma história de amor linda, dois filhos; seja com o Samuel, que é um homem maravilhoso, um amigo que está com você pra o que der e vier.

— E pegaria os dois para fazer um *test drive*.

— Eduarda! — chiei.

— É a verdade. O Guilherme você já conhece, falta saber se o anjinho é anjinho entre quatro paredes também.

Deu de ombros e eu revirei os olhos. Ela não mudava nunca.

— Eu tenho uma história com o Guilherme, mas ele mentiu para mim.

— Uma mentira que não apaga mais de 20 anos de casamento — Bruna falou.

— Foi fácil para vocês? — perguntei. Sabia que ambas tinham suas histórias.

— Nunca é fácil — Débora disse. — Quando o Jeferson descobriu sobre a prostituição e

insinuou muitas coisas, não foi fácil, mas eu decidi dar um tempo a ele, ambos precisávamos. Eu jurei que não queria mais vê-lo, mas é destino, quando é pra ser, acontece de um jeito ou de outro.

— Eu sempre soube que o amor da minha vida era o Arthur, Verônica — Eduarda declarou, assumindo um tom sério. — Descobrir que tinha uma irmã gêmea e que o ex dela era atraído por mim porque éramos parecidas me deixou com pulgas atrás da orelha. Antes de o Caio morrer, eu o beijei. — Esse fato deixou todas nós surpresas, afinal, ninguém sabia de nada. — Não sei o que teria acontecido se ele tivesse ficado vivo, se a Paloma tivesse sobrevivido ao coma. — Se referiu a ex do Arthur. — Mas eu nunca duvidei do meu amor pelo seu cunhado. Mesmo com as implicâncias e as brigas, sempre foi ele.

— E o Fellipo? Você sabe a bagagem que ele carregou. O tempo que ficamos afastados, mais de um ano, nos envolvemos com outras pessoas, mas eu sempre soube que era ele — Bruna completou.

— O Fernando sempre esteve comigo, Verônica, você sabe — Júlia disse, dessa vez falando do marido. — Não ficamos separados, a não ser que fôssemos contar o período em que ele foi estudar fora, mas ambos não tínhamos nada. No fim, apenas nós mesmos podemos tomar a decisão do que é certo ou errado pra gente.

Assenti.

Elas tinham razão em tudo.

Mas o que faria se nem eu sabia o que queria de verdade?



Capítulo

26

Eu te odeio, eu te amo

Odeio te amar

*Não quero, mas não posso
colocar mais ninguém acima de você*

I hate u, i love u - Gnash

Samuel

Dizem que o amor dói e é verdade, descobri isso da pior forma. Me apaixonei por uma mulher que era de outro. Pela segunda vez. Pela segunda vez, não. Da primeira vez *ela* era completamente minha, até *ele* aparecer e ela me deixar, alegando que não me amava o suficiente. Com a Verônica foi diferente. Ela era casada e apesar de tudo que passou, era completamente apaixonada pelo marido. O que eu poderia fazer para mudar esse fato? Nada, absolutamente nada, assim como não pude fazer da primeira vez.

Infelizmente não mandávamos no coração. Eu não pretendia amá-la, não pretendia me apaixonar, só aconteceu, e quando eu percebi já não tinha mais volta. E, mesmo assim, com todo esse sentimento dentro de mim, permaneci ao seu lado. Permaneci segurando sua mão e secando suas lágrimas. Permaneci ao seu lado sabendo que ela só veria em mim um amigo.

Eu sentia que ele voltaria um dia. Que homem em plena consciência deixa uma mulher daquela para viver novas aventuras? E ele voltou e ela se abalou, ela chorou, ela gemeu, ela sofreu, e eu estava ao lado dela, estava a apoiando. Só que a volta dele não mexeu apenas com ela, mexeu comigo.

Inferno!

Por que a droga do mundo tinha que ser tão pequeno? Por que depois de tanto tempo *ela* tinha que voltar para minha vida? Por que eu não poderia ter uma vida sossegada? Eram tantos “porquês” que eu não esperava mais resposta de nada.

Não vou mentir. Vê-la aos beijos com o homem que a magoou doeu e doeu muito. Pensei que essa dor só sentíamos uma vez na vida, mas não. Eu havia sentido duas vezes e não recomendo.

Eu tinha apenas 19 anos, mas me senti completamente iludido por uma mulher de 31 anos. Na verdade, eu deveria imaginar que isso iria acontecer. Eu deveria ter aprendido a lição, mas ali

estava eu.

Sofrendo novamente e de mãos atadas.

— Você está com uma cara péssima.

Fechei e abri os olhos ao som da voz. Voz essa que eu conhecia muito bem. Me virei para olhar a morena que estava sentada em uma mesa de um bar, um pouco mais distante que aquele em que estávamos.

Eu a vi ali assim que entrei e decidi que a ignoraria de primeira, era o correto. Na verdade, eu havia dito que a ignoraria desde que coloquei os olhos nela naquela maldita delegacia. Eu sabia que tinha que me manter afastado e estava conseguindo, até aquele dia, quando fomos colocados para trabalharmos juntos. Não era uma mera implicância, era bem mais. Quando terminamos aquela pequena investigação no local, dei graças a Deus por me livrar dela, mas ali estávamos nós dois novamente, juntos no mesmo dia.

Era mais do que eu poderia aguentar.

— Está me seguindo? — questionei.

— Tecnicamente eu saí primeiro que você e vim para cá, quem eu estou seguindo parada aqui sem fazer nada?

Encarei seus olhos pretos. Sim, pretos. O tipo mais raro de cor de olho já encontrado. Se você pensa que são os claros, está terrivelmente enganado. Os pretos são mais raros e, porra, os dela eram os olhos mais lindos e expressivos que já tive a oportunidade de observar.

— Quer uma foto pra ficar admirando depois? — A voz dela era puro deboche.

Eu não estava com um pinga de paciência para tolerar as mudanças de humor de Georgia Chevalier.

— Vai se foder, Georgia.

— Até iria, mas não tô afim. — Ela se recostou na cadeira e tomou um gole da cerveja, diretamente da garrafa. — Eu mandaria você ir se foder, mas pela sua cara parece que perdeu a dama da noite.

— Você adora provocar, não é? — Resolvi me sentar a sua frente e ela deu de ombros.

— Apenas verdades. — Peguei a garrafa da mão dela e tomei um gole da bebida. — Por que ela? — perguntou.

— Por que quer saber? — Eu não queria que ela soubesse a verdade.

— Não conheço muito da Verônica, apenas sei o que o Guilherme fala dela. Qual é a sua visão sobre ela?

Estreitei os olhos para ela.

— Por que não pergunta para ela?

— Eu tento ter uma conversa amigável com você, mas é impossível! — Ela se levantou, já pegando sua bolsa. — Seja bonzinho e pague a conta.

E foi se afastando.

Aquela mulher era um demônio.

Em todos os sentidos.

Joguei o dinheiro em cima da mesa e saí atrás dela, puxando seu braço antes que pudesse entrar no carro.

— O que você quer? — perguntou, já com a conhecida ironia em sua voz.

— Por que voltou? — questionei e ela estreitou os olhos sorrindo.

— Acha mesmo que voltei por sua causa? — questionou de volta, continuando a sorrir.

— Eu sei que não foi. Se tivesse um pingo de consideração por mim não teria nem ido embora.

— Acha mesmo que eu não tive consideração por você?

Dei um riso baixo e contido.

— O Pierre se cansou de você, foi? — Ela puxou o braço, me fazendo soltá-la.

— Isso não tem nada a ver com o Pierre — falou baixinho. — Nada!

— Eu não mudei minha fala, Georgia. Não confio em você, nunca mais vou confiar em você de novo.

— Problema seu, Samuel! Não pedi a sua confiança em momento nenhum! Acha que preciso de você? Acha que eu preciso do que você tem a oferecer? Acha que eu preciso....

Não deixei que ela terminasse a próxima frase. Já conhecia aquele discurso de cor e salteado. Presei seu corpo no carro e o deixei bem próximo ao meu. Seu perfume me envolvendo e minhas mãos em sua pele, novamente, lembrando-me como era estar com ela.

— Eu sei exatamente do que você precisa, Georgia.

— Não se atreva... — falou, mas a respiração estava errática e eu sentia seu corpo tremer em contato com o meu.

— Ou o quê? — Me aproximei ainda mais. — Vai me bater? Quero ver você tentar.

Nossa distância era mínima.

Olhos nos olhos.

Respiração sincronizada.

Então ela fez exatamente o que não era para ser feito. Nossas bocas se colidiram e no instante seguinte tudo que eu queria era levantar a droga da roupa que estava usando e fazer com ela exatamente o que minha língua fazia com a sua.

Queria cada gemido, cada suspiro, cada orgasmo. Minha boca fodia a dela sem pudor nenhum, exatamente como ela gostava.

Totalmente selvagem e cru.

Errado e certo.

Perigoso e irreal.

Era difícil admitir para mim mesmo que eu havia sentido falta daquela maldita boca, que eu havia sentido falta daquela mulher embaixo ou em cima de mim.

Minhas mãos apertaram ainda mais a sua cintura, colando nossos quadris, fazendo-a sentir que eu estava completamente duro. As mãos dela puxaram meus cabelos e ela se esfregou em mim, soltando um gemido baixo que engoli prontamente. Porém, antes que eu pensasse em algo para fazer com que ela se desmanchasse em minhas mãos, no meio da rua, ela me acertou em cheio.

Um belo tapa na cara.

Tinha certeza que ficariam as marcas.

— Nunca mais me beije — proferiu, a voz cheia de raiva, mas o rosto cheio de tesão, os lábios inchados, a pupila dilatada.

Ela ainda me queria.

Porra.

Antes que eu pudesse fazer algo, ela entrou no carro e deu a partida, me fazendo xingá-la de

todos os nomes possíveis.

Eu não podia ceder.

Eu não iria ceder.

Respirei fundo e voltei a me sentar no bar, pedi outra cerveja, definitivamente eu precisava de algo em meu sangue.



Capítulo

27

*Não se admire se um dia
Um beija-flor invadir
A porta da tua casa
Tè der um beijo e partir
Fui eu que mandei o beijo
Que é pra matar meu desejo
Faz tempo que eu não te vejo
Ai que saudade d'ocê*

Aí que saudade d'ocê – Zeca Baleiro

Verônica

O dia amanheceu e eu não queria me levantar, parecia que a preguiça havia me pegado em cheio naquela manhã. Me estiquei na cama e olhei para o berço da minha pequena, que estava acordada brincando com os pés. Sentei e comecei a observá-la, tão linda e completamente alheia ao mundo do lado de fora.

Vivi iria completar 9 meses no dia seguinte. Eu não faria nada de especial, apenas queria passar o dia inteiro com ela. Mas não seria apenas eu e ela dessa vez. O Guilherme queria estar junto, disse que já perdeu tempo demais longe dela e queria colocar as coisas em ordem. Desde que assumiu a paternidade ele queria saber tudo a respeito das crianças portadoras de síndrome de Down, pediu todos os exames que foram realizados quando eu estava grávida e todos que a Vivi já fez no decorrer de seu período de vida, fez questão de conversar com a doutora Eloá, a médica pediatra que fazia o acampamento da Vivi.

— Espero que esteja animada para passear com o papai, Vivi — sussurrei, mas no fundo eu sabia que eles se dariam bem, porque desde que ele tinha começado a visitá-la ela havia se encantado por ele.

Nem minha filha estava imune aos encantos do pai, o que eu poderia fazer?

Isso me lembrou o beijo da noite passada. Aquele maldito beijo não saía da minha cabeça por nada no mundo, absolutamente nada, e eu estava começando a achar que ele havia feito de propósito, pois sabia que eu ficaria pensando nisso o tempo inteiro.

Suspirei.

As meninas falaram que o amor supera tudo, mas acredito que ele não supere a confiança perdida. Elas perdoaram seus maridos, mas eu não sabia se teria essa mesma capacidade.

Voltei a olhar para a minha filha e beijei sua testa, me levantando em seguida e indo para o

banheiro.



Desci com a minha filha nos braços e encontrei uma mala no chão da sala, franzi o cenho e continuei a descer as escadas, até que vi a minha mãe saindo da cozinha.

— O que está acontecendo? — perguntei.

A Emilly vinha logo atrás da minha mãe e foi em minha direção pegar a Vivi.

— Bom dia, Verônica — ela disse.

— Bom dia, Emilly. pode dar a comida dela para mim?

— Claro! — Passei a minha bebê para os braços da babá e observei as duas desaparecerem rumo à cozinha, me virei novamente para a minha mãe e coloquei as mãos na cintura.

— O que está acontecendo? — tornei a perguntar.

— Decidi que vou embora. Não vou ficar e ver você caindo novamente na lábia do idiota do seu marido.

— Não comece...

— Não irei começar. — Ela pegou a bolsa e colocou no braço, já puxando a mala. — O táxi já está me esperando, espero que eu não precise receber nenhuma ligação sua dizendo que quebrou a cara novamente, Verônica. Eu te dei todos os conselhos possíveis, mas você decidiu ignorar.

— Já terminou? — Cruzei os braços.

— Sim. Até mais, minha filha.

Ela se aproximou e me abraçou, beijando meu rosto em seguida.

A observei sair pela porta, fechando-a atrás de si.

Sem querer soltei um suspiro de alívio. Seria melhor assim.

— Ela já foi? — Heloisa perguntou, aparecendo na sala, e eu apenas assenti. Ela levantou as mãos para o alto como se estivesse agradecendo, e eu ri.

— Mil perdões, Verônica, mas a sua mãe é uma cobra.

Eu não queria, mas tinha que concordar com ela. Minha mãe não era a pessoa mais fácil.

— Vamos tomar café, Heloisa — falei, abraçando a senhora que eu considerava uma segunda mãe.

— A senhora vai ter uma surpresa quando chegar à cozinha — disse ela, sorrindo.

— Que surpresa?

— Por que a senhora não vai conferir?

Comecei a caminhar até a cozinha e parei ao ver meu filho tomando café. Fazia tanto tempo que ele não se sentava à mesa conosco que eu havia me esquecido como era bom tê-lo ali. Só que não foi isso que fez meus olhos encherem d'água. A cena que me deixou emocionada foi vê-lo dar a mamadeira para a irmã.

— Segura a emoção, dona Verônica — Heloisa brincou.

— Eu sempre sonhei com essa cena, Heloisa — sussurrei, ainda impactada com o que eu via.

— O Nicolas precisava apenas da presença do pai. A volta do seu Guilherme o fez voltar a ser o que era antes, claro que com um pouco mais de espinhas e hormônios. — Ri do comentário dela. — Sabe o que está faltando nessa mesa? — Como não respondi, ela continuou: — O seu Guilherme.

— Heloisa...

— Vocês ainda se amam, Verônica. Todos sabem, é questão de tempo para que se acertem.

— Onde está a parte do “eu shippo você com o Samuel”?

— Eu shippo, mas o seu amor não é ele, seu amor é o pai dos seus filhos, sempre será.

Dito isso ela se afastou e eu fechei os olhos. Por que tinha que ser tão difícil?



Dois tiros.

Apenas dois tiros.

— Impecável! — Georgia elogiou e eu sorri para ela. — O pessoal não estava brincando quando disse que você é a melhor atiradora.

— Não sei porque dizem isso — falei.

— Cem tiros, Verônicas — Samuel gritou e se aproximou de mim. — Cem tiros e você não errou nenhum!

— É prática.

— É dom! — Georgia me corrigiu.

— A delegada quer todos vocês na sala dela agora — Samara chamou e nós a seguimos.

Georgia seguiu na frente e aproveitei para conversar com meu amigo, mas ele tinha o olhar vidrado na morena, quase como se ele a *desejasse*. Pisquei tentando entender o motivo daquele olhar, afinal, eles dois não se suportavam.

— Ta tudo bem? — perguntei.

— Ta sim, por que não estaria? — ele disse. — Vamos logo, não?

E se apressou em andar, foi então que eu percebi que tinha algo de errado.

Já estavam todos ali, corri os olhos pela sala e encontrei os olhos do Guilherme fixos em mim, abaixei o olhar. O beijo do dia anterior ainda estava na minha cabeça e olhar para ele só fazia as lembranças dele se aflorarem ainda mais.

— O Samuel e a Verônica me entregaram ainda ontem uma relação com as placas dos carros que transitaram no aeroporto no dia gravação do vídeo. Esse carro — Ligou a televisão, mostrando um Uno, o último modelo lançado — foi o que o Bóris usou para sair do aeroporto. A placa está clonada e ele foi abandonado em um terreno baldio algumas horas depois. Não havia digitais e nem nada que pudesse nos dar mais alguma pista do Bóris, o local não tem câmeras de segurança nem nada que possa nos ajudar na investigação.

Isso não era bom. Olhei para Guilherme e podia ver sua cabeça trabalhando. Vi quando ele saiu da sala sem dar informações ou satisfação a ninguém.

— Continuaremos de olho em tudo, todo cuidado é pouco.

Não o esperei falar mais nada. Saí da sala e fui atrás do Guilherme, não precisei andar muito. Ele estava na minha sala e andava de um lado para o outro.

— O que houve? — perguntei logo.

— Tem alguma coisa errada — ele murmurou.

— Por que acha isso?

— Porque realmente tem — Georgia disse entrando em minha sala, sendo seguida pelo Samuel e pela Samara, que fechou a porta atrás de si.

— O que vocês pensam que está acontecendo? — Caminhei até o bebedor e me servi de um copo de água.

— O Bóris quer a mim e ao Guilherme — Georgia disse. — Matamos seus comparsas de negócios, mas ele ainda não fez nada.

— Ele não foi ferido? — Samara questionou.

— Foi de raspão — Guilherme murmurou. — A única coisa que para aquele bandido é a morte. Ele está aprontando algo.

— Sabemos que está em São Paulo, usou um fiat Uno e depois...

— Ele não usou o Uno, Verônica — Samuel falou, me entregando o celular dele. Eram duas filmagens diferentes, está vendo? — Apontou para a tela. — Nessa mostra um homem de cerca de 1,85m de altura, luvas nas mãos, careca, roupa completamente preta e óculos escuros. Ele entrava no carro e saía logo em seguida.

— Certo.

— Nas imagens que o Kelton mostrou, do Bóris descendo do avião, os óculos escuros que ele utiliza estavam diferentes. — Samara se aproximou de mim, levando um tablet com o vídeo mostrado no dia anterior.

Observei atentamente as duas filmagens. Como estava de longe, poderíamos dizer que era a mesma pessoa, mas se analisássemos mais de perto não era. O modelo dos óculos realmente era diferente.

— E esse aqui — Georgia disse, me entregando o notebook. — É o mesmo homem que vimos saindo do avião. — Dessa vez ele estava sem óculos e olhava diretamente para a câmera, depois entrou em um Pálio.

— Distração — falei.

— Sim, o carro foi encontrado nesse hotel. — Guilherme me entregou o endereço.

— A Georgia e eu fomos lá ontem mesmo, antes de voltarmos para cá. As câmeras não detectaram nada.

— Ainda — Georgia disse, me entregando um dispositivo que parecia um microchip.

— O que é isso?

— A Interpol tem uma pequena coleção das últimas tecnologias criadas, que podem ajudar em caso de rastreamento. Esse, o chip HGD333, está em fase de testes e eu acabei pegando alguns para testar. Coloquei um desse no carro que o Bóris estava usando, o verdadeiro.

— Por que não deram essa informação para mais ninguém?

Georgia e Guilherme se olharam.

— Não confiamos no Kelton, Verônica.

— E vocês têm motivos? — perguntei, olhando para os quatro policiais a minha frente.

— Ele quem entregou para a Interpol que eu tinha uma ligação emocional com a máfia russa

— Georgia disse, para espanto do Guilherme.

— Como... — Ela levantou a mão para pará-lo.

— Tínhamos um infiltrado na missão. Quando o Guilherme e eu montamos o plano, ele não tinha falhas, a não ser que a máfia soubesse — Georgia completou.

— E você acha que o espião é ele? — Samuel perguntou.

— Eu não acho, eu tenho certeza. — Ela ficou calada e deu de ombros. — E posso provar.

A sala permaneceu em silêncio, apenas olhávamos uns para os outros até eu me manifestar novamente.

— O que vamos fazer agora?

— Eles pensam que somos peças de xadrez — Guilherme falou.

— E acham que já deram xeque-mate — Georgia disse e sorriu. — Mas agora estamos um passo a frente deles, e eles deixaram o rei desprotegido.

— Siga o jogo deles, mas não entregue o seu — Samuel opinou.

— Avança com cuidado, mexendo cautelosamente cada peça importante, fazendo-os acreditar que está ganhado — Samara disse e esboçava um sorriso no rosto.

— E depois, dê o xeque-mate — finalizei, olhando para todos.

Dessa vez o jogo estaria em nosso controle e nós iríamos vencer.



Bônus

2

O ódio é a vingança do covarde

George Bernard Shaw

Bóris

— E então? — perguntei, contemplando o pôr do sol, acompanhado de um cigarro e um copo de uísque.

— *Caíram perfeitamente.*

— Espero que não haja erros dessa vez, porque se houver, você não vai sobreviver para contar essa história em um tribunal.

— *Nada dará errado, me certificarei disso.*

— Me mantenha informado.

Encerrei a chamada e continuei a fitar o sol se pondo. Eu sabia que aquele seria meu último plano.

Eu mataria aqueles dois, nem que fosse a última coisa que eu faria na vida.

Meu celular voltou a tocar e eu sorri ao ver o nome “Luna” na tela.

— Espero que esteja tudo acontecendo como planejamos. — Fui direto ao ponto.

— *Mais perfeito impossível. Tudo acontecerá exatamente como planejamos.*

Sorri. Eu tinha certeza disso.



Capítulo

28

*A vida é curta demais pra ficar pensando
Se eu quero e você quer, por que perder mais tempo?
Se tem sentimento, por que cê tá complicando?
Esse é nosso momento*

Complicado – Vitão feat Anitta

Guilherme

— Tem certeza disso? — Verônica me perguntou pela décima vez naquela manhã, desde que eu havia chegado a casa dela.

— Sim, você não faz isso todo mês? — questionei a olhando atentamente, ela parecia desconfortável.

— E se acontecer alguma coisa?

— Não vou deixar nada acontecer com vocês, Verônica. Eu já errei muito com você, não quero que erros repitam. — Ela parecia nervosa e eu soltei o ar de maneira exasperada. — Se quiser ficar, tudo bem.

— Como quer que eu me sinta, Guilherme? — ela perguntou baixinho, se aproximando de mim. — Tem um louco atrás de você que a qualquer momento pode te pegar e você quer que eu fique calma e aja com naturalidade?

— Não, você tem razão, não tem como agir com naturalidade.

Eu estava cansado, na verdade. Viver com medo não era algo que eu gostava, mas a Verônica tinha razão, não podíamos dar brechas. Era mais seguro ficarmos em casa.

— Olha, sei que é uma situação delicada...

— A última coisa que o Bóris vai usar é delicadeza, Verônica.

— Se você não tivesse ido... — ela começou, porém, parou de falar e fechou os olhos. — Desculpa.

— Não peça desculpas. Você falou exatamente o que queria falar e não o culpo. Realmente tudo isso foi culpa minha, não tenho nem o que te dizer sobre. Pedir desculpas parece que não vai adiantar. Mas Verônica, eu vou proteger vocês, nem que para isso eu precise morrer.

— Você não precisa prometer isso.

— Preciso, porque talvez assim eu consiga fazer com que você acredite em mim.

Permanecemos nos olhando por alguns segundos, até a voz do meu filho nos fazer quebrar essa bolha que nos envolvia.

— Pai! O senhor chegou!

Me virei para abraçá-lo.

— Bom dia, campeão!

— Podemos andar de skate hoje? Tem inauguração de uma nova pista e eu queria muito ir, mas a mamãe não deixou.

— Nicolas... — O tom da Verônica era de alerta e eu sorri para ele, piscando.

— Onde fica a pista, filho?

— Perto da escola. Tá muito irado, pai! O senhor precisa ver!

Me levantei e virei para a Verônica.

— Nem pense...

— Já estou pensando.

— Guilherme... — falou com a voz sofrida e fechou os olhos.

— Verônica...

— Por favor, mãe! Deixa! Prometo arrumar meu quarto todos os dias!

Ela fechou a cara para o filho e eu tive que me concentrar para não rir.

— Estarei armado — afirmei, apenas para ela ouvir.

— Promete tomar cuidado? — perguntou e eu soube que havia conseguido.

— Prometo. Eu prometo. — Ela revirou os olhos e olhou para o Nicolas.

— Nicolas Brandão Maldonado, se eu entrar naquele quarto e ele tiver uma coisinha fora do lugar, a conversa será comigo, estamos entendidos?!

— YES! — Ele pulou e correu para abraçar a mãe, que ficou surpresa com o gesto. — Obrigado, mãe. Te amo.

A soltou e subiu correndo as escadas.

— Está tudo bem? — questionei.

— Tem tanto tempo que ele não fala que ama ou me abraça... Desde que você...

Ela se calou e eu fechei os olhos.

— Desculpa — falei.

— Ele sempre foi mais próximo de você, Guilherme. — Ela deu de ombros. — Ele sentiu bem mais falta.

— Mais que você? — Ela me olhou por alguns instantes e desviou o olhar.

Fechei os olhos, o beijo que demos na quinta feira ainda vinha em minha mente regularmente, como uma maldita lembrança do que eu não poderia mais ter.

— Por favor, Guilherme — pediu, virando-se de costas.

Aproximei-me dela e levei as mãos até os seus cabelos, que estavam soltos, colocando todas as mechas para o lado esquerdo, deixando a pele exposta. Seu perfume invadindo todo o meu sistema, deixando-me completamente intoxicado pelo seu cheiro tão peculiar. Observei a veia do pescoço dela saltar com a minha proximidade.

— Não faz isso, por favor... — A voz dela estava ofegante e eu tive que lutar contra mim

mesmo para não ceder aos impulsos e correr os lábios por sua pele macia.

— Dona Verônica, a Vivi já acordou e... — Me afastei da Verônica ao mesmo tempo que ela se virava para frente. A babá parou no meio da sala e nos encarava de olhos arregalados. — Desculpe, eu não sabia...

— Tudo bem, Emilly. A Vivi acordou?

— Sim, está lá em cima e eu vim perguntar se vocês iriam sair.

— Eu vou lá em cima — Verônica disse, já seguindo em direção às escadas.

A Emilly me lançou um olhar de desculpas e seguiu a patroa. Me joguei no sofá da sala e passei as mãos nos cabelos, completamente frustrado.

Era horrível desejar aquilo que não podia ter.

— Pai! Tô pronto! — Nicolas falou, já descendo.

— Pronto? Já tomou café?

— Não.

— Então pode ir tomar. Eu vou dar um beijo na sua irmã e depois a gente vai.

— Tá bom!

Correu em direção a cozinha e eu subi as escadas, querendo dar um beijo na minha princesa. Assim que cheguei no quarto eu parei, a Verônica estava conversando com a Emilly.

— Mas você ainda o ama? — a babá perguntou.

— Com toda a força do meu ser, Emilly, mas só o amor não sustenta um casamento.

— Eu sei, mas vocês precisam conversar.

— Eu não confio mais nele, Emilly. — Sua voz era aflita e a culpa dobrou de peso em minhas costas. — Eu estou morrendo de medo de deixar o Nicolas ir nesse passeio com ele, mas aqui dentro está angustiado.

— Acredito que uma conversa faria bem para os dois.

— Vou tentar.

Não discordava da Emilly. Precisávamos conversar e faríamos isso ainda naquele dia, depois que eu chegasse do passeio com o Nicolas.

— Vai entrar ou não? — Me assustei ao ver a Emily na porta.

— Eu estava...

— Ouvindo atrás da porta. Vi a hora que chegou.

— Onde ela está?

— Entrou no banheiro para preparar o banho da Vivi. Pode ir falar com sua filha. — Sorriu para mim e eu entrei dentro do quarto, mas parei ao som da voz da babá. — Converse com ela. A Verônica não merece esse sofrimento.

— Eu sei, eu sei.

Ela saiu do quarto e eu voltei a andar até o berço, minha filha estava olhando os enfeites pendurados no berço e eu sorri para ela, que começou a mexer as perninhas para mim.

— Está tudo bem, meu amor? — perguntei a ela. — Hoje você faz nove meses e eu passei tão pouco tempo com você e já te amo tanto, tanto. Acredito que não caiba tanto amor dentro de mim. — Ela segurou meu dedo e ficou brincando com ele enquanto balbuciava sons incompreensíveis. — Queria ter passado mais tempo com você, só que eu precisava resolver algumas coisas do passado, antes que o passado voltasse para mim. Só que as coisas deram um pouco erradas e papai está

tentando consertar. — Ela me encarava como se estivesse entendendo tudo que eu dizia. — Sinto muito por não ter estado presente nos outros meses. Prometo estar presente daqui pra frente. Sua mãe tem muita sorte de ter você com ela, Vivi, e eu sou grato por você ter aparecido na vida dela no momento que eu tive que ir embora.

Com todo cuidado eu a tirei do berço e arrumei no meu colo.

— Feliz aniversário, princesa. Peço que Deus te abençoe e te proteja, que aumente seus dias, que te dê saúde, felicidade, esperança, e que nunca perca a fé de que as coisas podem melhorar, pois elas vão. — Beije a testa dela e me virei, vendo a Verônica encostada no batente da porta, chorando ao ver a cena.

— Eu não sabia que sonhava com essa cena até vê-la se tornando realidade.

Ela sorriu para mim.

— Não vou mais decepcionar vocês, eu prometo.

Ela não disse nada, porém assentiu. Minha missão de vida era fazer aquela mulher sorrir todos os dias, e se fosse para chorar, que fosse de felicidade.



Eu observava o meu filho andar de skate e me perguntava aonde ele tinha aprendido aquilo.

— Gostou, pai?

— Aprendeu a andar de skate com quem, garoto? — perguntei quando tirou o capacete e eu baguncei o cabelo dele.

— Com uns amigos — disse de forma evasiva.

— Que amigos, Nicolas? — indaguei.

Ele caminhou até um banco e se sentou nele. Me sentei ao seu lado e esperei que começasse

a falar.

— Um dia eu estava muito triste porque o senhor foi embora e eu vim aqui depois da aula, não estava pronto ainda, e eu vi uns garotos mais velhos. Eles tinham alguns skates e eu perguntei se podiam me ensinar. Primeiro riram de mim, porque eu era muito novo e não ia conseguir me equilibrar no skate. Passei a vir todos os dias e eles sempre estavam aqui, fumando e rindo.

— Nicolas, se você...

— Eu não fumei, pai! — falou e respirei aliviado.

— Até que um dia o Kaique veio falar comigo e disse que iria me ensinar. Todos os dias ele me levava até a pista do outro lado da cidade e me mostrava como era andar de skate. Levei muitos tombos até que consegui.

— Estou orgulhoso de você — afirmei e ele me encarou, sorrindo.

— Sério?

— Sim, muito. Mas você não deveria ter se afastado da sua mãe.

Ele baixou a cabeça e começou a mexer as pernas.

— Eu sei, mas... é que eu sentia tanto a sua falta e ela não era o senhor, e...

Meu coração se apertou e eu o puxei para um abraço.

— Me perdoa, filho! — pedi novamente.

— Eu já te perdooi, pai. Desde do primeiro dia que o senhor voltou.

Eu queria que os adultos fossem como as crianças, que o coração deles fosse mais fácil de perdoar, mas eu sabia que não era. E eu teria uma grande luta pela frente.

Soltei meu filho no instante que uma mulher apareceu em nossa frente. Levantei o rosto e a reconheci como a dona do sorriso que não me era estranho, que esbarrou comigo na quinta feita à

noite.

— Guilherme, não é? — perguntou, mas nem esperou a resposta. — Será que podemos conversar?

Levantei.

— Claro, Luna.



Capítulo

29

*'Tá mal resolvido, eu sei
Sempre a mesma história de inventar replay
'Tá mal resolvido, assim não dá
Enquanto não resolve diz onde 'cê 'tá
Pra eu te amar
Eu vou ou você vem pra cá
Mal resolvido – Lary feat Marcos Mito*

Verônica

Já passava das sete da noite e eu não tinha nenhuma notícia dos dois. O celular do Guilherme estava desligado e o do Nicolas havia ficado em casa.

— Você vai abrir um buraco no chão, Verônica — Emilly falou.

Era sábado à noite e ela não tinha ido para casa, disse que preferia ficar durante o fim de semana.

— Estou preocupada, Emilly. Eles saíram de manhã!

— Deve ter acontecido algum imprevisto, se acalme.

Falar era fácil, difícil era fazer a minha mente aceitar isso. Eu não queria deixar o Nicolas ir àquela inauguração. Mas o Guilherme sempre fez tudo que ele queria. Sabia que eles tinham que passar mais tempo juntos, mas esse tempo poderia ter sido feito ali em casa. Era muito mais seguro.

Meu celular tocou, assustando-me, e eu rapidamente peguei o aparelho, querendo saber se eram eles. Mas era o Samuel.

— Oi, Samuel.

— *Está tudo bem? Parece que não era essa a ligação que você queria receber.*

— Estou preocupada com o Nicolas, pensei que fosse ele.

— *Ah, sim.*

— Ele saiu *mais* o Guilherme pela manhã e até agora não chegou. — Samuel permaneceu calado. — Samuel?

— *Eu os vi mais cedo.*

— Onde? — perguntei.

— Uma cafeteira. Estava passando lá perto. Estava o Guilherme, o Nicolas, e uma mulher loira.

Uma mulher loira?

Minha mente perguntou e eu me sentei.

— Eles estavam conversando?

— *Sim, estavam bem animados pelo que pude ver, mas eu só estava passando. Verônica...*

— Não, tudo bem, está tudo bem. Eu preciso dar comida para a Vivi, depois conversamos, Samuel. Um beijo.

Encerei a chamada e me sentei no sofá.

— O que foi, Verônica?

Respirei fundo, tentando afastar a sensação estranha do meu peito. Engoli em seco e passei a mão em meu peito, tentando afastá-la de mim.

— Respira, Verônica — Emilyly disse, se sentando ao meu lado.

— Por que dói tanto?

— O que dói?

— Saber que nada vai ser como era antes. Nunca mais.

— Isso depende apenas de vocês dois.

— Não depende mais dele. Parece que ele já arrumou alguém bem rápido. — Minha voz era amarga e eu respirei fundo, controlando-me para não chorar.

— Acredito que você tenha que escutar todos os lados da história e não tirar conclusões precipitadas.

— Emilly, eu te considero minha amiga, mas acredito que não podemos dar continuidade naquilo que vemos que não vai dar certo.

Ela não falou mais nada, apenas se levantou e saiu da sala.

Apoiei a cabeça nas mãos e fechei os olhos, querendo que o mundo sumisse sob os meus pés.



Coloquei a Vivi para dormir e olhei o relógio mais uma vez, mais de oito da noite. Então ouvi a porta da sala ser aberta e descii até a sala. Guilherme e Gustavo estavam rindo enquanto descia as escadas.

— Aonde vocês estavam? — perguntei.

— Fomos na inauguração da pista de skate e depois fomos dar uma volta. — Nicolas deu de ombros.

— Poderiam ter ligado avisando que ficariam até tarde, não acham?

— Meu celular descarregou, Verônica, e o Nicolas esqueceu o dele em casa.

— Percebi.

— Tá tudo bem, mãe?

— Tá sim, por que não estaria? — respondi e os dois se olharam.

— Eu vou subir. — Nicolas se virou para o Guilherme. — Obrigado pelo dia de hoje, pai.

— Não agradeça, filho.

Ele subiu as escadas correndo e eu voltei a olhar para o Guilherme.

— Eu disse que iria ficar tudo bem — lembrou.

— Certo — confirmei. — Já que você já trouxe o Nicolas, pode ir embora.

Aponte para a porta.

— Precisamos conversar.

— Não temos nada para conversar.

— Temos sim e você sabe disso.

— Não temos, Guilherme! — Fui enfática. Eu não queria conversar, não queria ouvir nada dele.

— Você está fugindo, posso saber o motivo?

— Não estou fugindo.

Eu estava. Queria que ele saísse da minha frente e me deixasse em paz.

— Por favor, Guilherme, vai embora.

— Eu não vou embora enquanto nós dois não conversarmos feito dois adultos.

— Não temos nada para conversar! Por que você não vai embora ficar com a sua amiga que passou a tarde com vocês? — gritei.

— Então é isso? Ciúmes?

— Quem disse que eu estou com ciúmes?

— Não seja infantil, Verônica! Nós podemos muito bem conversar como dois adultos e resolver essa questão de uma vez por todas.

— Que questão?

— Que eu não paro de pensar naquele beijo, que eu não tiro você da minha cabeça, que eu desejo você em medidas que eu não imaginaria ser possível?

Droga.

Eu sabia que ele queria falar sobre isso, queria falar sobre a gente, só que eu não queria. Minha mente já fazia questão de lembrar o suficiente sem que eu precisasse dele.

— Para, Guilherme, por favor. Vai embora. Aquele beijo não deveria ter acontecido, foi um erro.

A mágoa passou nos olhos dele, que apenas assentiu e se virou para ir embora.

Não era fácil para mim e muito menos para ele. Eu já o desejava antes mesmo daquele beijo. Depois que eu tive a prova dos seus lábios após tanto tempo esse desejo triplicou. Eu não responderia por mim se ele se aproximasse de mim, se seu perfume me invadissem.

Eu não falaria por mim.

— Quer saber? — ele disse, se virando para mim novamente e caminhando em minha direção, minha respiração acelerou naquele momento. — Foda-se!

Então ele me beijou.

Seu braço em minha cintura me puxava para mais perto dele e eu tive que ficar na ponta dos pés, sua outra mão segurava minha nuca enquanto seus dedos se prendiam em meus cabelos. E sua boca? Sua boca fazia maravilhas com a minha, chupando, beijando e mordendo.

Me marcando.

Minhas mãos o puxavam para mais perto, fazendo com que ele se abaixasse ainda mais para conseguirmos conciliar a altura, que nessas horas era a nossa pior inimiga. Sem desgrudar nossas bocas ele me ergueu, fazendo com que eu prendesse as pernas em volta de sua cintura, e se sentou no sofá, fazendo-me gemer com o contato maior.

Afastei-me em busca de ar, mas permaneci com nossas testas coladas, minhas mãos em seu

rosto e suas mãos apertando minha cintura.

— Eu quero você, Verônica — ele sussurrou, a barba arranhando meu rosto conforme falava. — Eu preciso de você, preciso do seu cheiro penetrando os meus poros, preciso da sua boca na minha, preciso dos seus gemidos, preciso de cada parte sua.

Como resistir aquele homem? Se você souber, por favor, me avise, mas apenas depois, pois naquele momento eu só queria me ver perdida naquele homem, em seus braços, sentindo sua boca venerar cada parte do meu corpo como sempre fazia, sentindo-o em mim.

— Me diz, Verônica. — Suas mãos seguraram meu rosto até eu o encarar. — Você me quer na mesma proporção que eu te quero? Na mesma medida?

Quero até mais!

Gritei em minha mente, mas apenas o encarei e subi minhas mãos para traçar o contorno do seu rosto, meus dedos passando pela sua boca e ele me parando para chupar as pontas, fazendo minha barriga gelar a cada vez que sua língua circulava a ponta dos meus dedos.

Engoli em seco. Eu queria muito.

Mas e se me arrependesse no dia seguinte?

— Não pensa, pequena — pediu, roçando nossos lábios. — Me deixa amar você de novo, nem que seja a última vez que eu faça isso.

Ele não sabia. Mas eu já havia deixado desde o momento em que disse “foda-se” e me beijou.

— Guilherme — chamei, fazendo com que ele olhasse dentro dos meus olhos. — Me ame da maneira que só você sabe fazer — pedi e o vi soltar o ar devagar.

Consequências?

Eu pensaria depois.

Medo do amanhã?

Exato, ficaria para o amanhã.

Naquele exato momento eu queria, eu precisava dele como nunca precisei antes.

— Tudo que você quiser, meu amor — ele disse e se levantou comigo, subindo as escadas e parando em frente ao nosso quarto.

Ele me colocou no chão e eu abri a porta. Tudo estava organizado, até algumas fotos dele estavam ali. Entrei e o senti atrás de mim. Ouvi a porta sendo fechada e senti sua mão em minha cintura, ele me virou para ficarmos frente a frente.

— Se você quiser que eu vá embora e não faça nada, eu vou.

— Eu. Quero. Você. Guilherme — falei pontualmente, me aproximando ainda mais.

Não era hora de voltar atrás.

Não depois de me fazer desejá-lo daquela forma.

Eu o queria.

Eu o teria.

Naquele instante.

— Você já me tem, pequena. Sempre fui seu.

Então ele me agarrou, tomando minha boca novamente.



Capítulo

30

*Então vamos deixar os vizinhos bravos
No lugar que sentimos as lágrimas
No lugar para se perder os medos
Yeah, comportamento imprudente
Um lugar que é tão puro, tão sujo, tão bruto
Ficar na cama o dia todo, cama o dia todo, cama o dia todo
Transando e brigando
É nosso paraíso e nossa zona de guerra
É nosso paraíso e nossa zona de guerra*

Pillowatalk - Zyan

Guilherme

Afastei-me dela e a virei de costas. Eu não seria rápido, pelo contrário. Eu a levaria até o limite do prazer, a fazendo atingir sensações inexplicáveis, levando-a do céu ao inferno em questão de segundos, fazendo-a flutuar e cair como se estivesse pulando de um abismo sem a previsão de ter algo para amortecer sua queda.

Eu a marcaria.

De todas as maneiras possíveis e impossíveis.

Reivindicaria seu corpo para mim e a faria minha.

De todas as formas.

De todas as maneiras.

A noite inteira.

Afastei seu cabelo, deixando o ombro e o pescoço expostos, da mesma forma que fiz pela manhã. Corri os lábios pela pele macia, sentindo seu perfume, observando sua pele se arrepiar. Minhas mãos se infiltraram por baixo da blusa de algodão que ela estava usando e comecei a levantar o tecido. Ela prontamente levantou os braços, me ajudando a tirar a peça, deixando-a apenas com um sutiã vermelho que criava o contraste perfeito com sua pele branca. As pontas dos dedos percorreram suas costas, sendo substituído por meus lábios em seguida, fazendo-a soltar um suspiro alto. Minhas mãos pararam no fecho do sutiã e eu hesitei por um segundo antes de abri-lo, mas decidi que naquela noite eu não pensaria, apenas agiria. Desci as alças pelos seus braços, me deliciando com a sensação que era tocar sua pele novamente.

A virei de frente para mim e vi suas pupilas dilatadas de desejo.

— Verônica...

— Não fala nada, não diz nada, apenas... — Ela respirou fundo. — Apenas me ame.

Assenti.

Mas não fiz nada, fiquei olhando para ela por alguns segundos.

Tão linda.

Tão perfeita.

E seria minha pela última vez.

Não esperei mais nada. Tomei sua boca em um beijo profundo, levantando-a pelas pernas, a fazendo se enroscar em minha cintura. Suas mãos em meus cabelos, os puxando a cada vez que eu aumentava a intensidade do beijo, tornando-o mais exigente, insaciável.

Caminhei com ela até a cama e coloquei deitada, tendo a visão dela ofegante. Apoiei as mãos em cada lado do seu corpo e percorri minha boca em seu queixo, descendo para o pescoço até chegar nos seios médios e completamente deliciosos. No instante em que eu coloquei o seio esquerdo em minha boca, ela arqueou as costas, suspirando alto. Sempre foi mais sensível nessa área e pela forma que seu corpo ondulava em baixo do meu, continuava da mesma maneira.

Chupeei, mordi, lambi. Me deliciando com os gemidos que ela soltava, com a forma com que suas mãos apertavam meus braços e puxavam meu cabelo. Beijeii a barriga dela, descendo até o umbigo, traçando círculos com minha língua até chegar no cócs da calça jeans que ela usava. Acompanhado de uma calma que eu não sabia de onde tinha vindo, desabotoei a peça e desci o zíper, Verônica ergueu o quadril e terminou de se livrar do jeans. Me sentei, observando a visão a minha frente. Ela estava deitada, apenas de calcinha, as pernas abertas, o corpo inteiro arrepiado... Era demais para me manter parado no local. Eu estava no meu limite, mas ali não era sobre mim, era sobre ela. Apenas ela.

Beijeii o interior de suas coxas e ela agarrou meu cabelo, levando minha cabeça para o local

que ela ansiava que eu tocasse, mas não seria tão rápido. Aproximei o nariz de sua boceta, sentindo o cheiro da sua excitação, vendo a calcinha molhada. Aspirei fortemente seu cheiro e ela ergueu o quadril em minha direção, mas eu subi minha boca pela sua barriga, no vale dos seios, pescoço, queixo, até estar de volta em sua boca. Peguei seus braços e com uma mão e eu os segurei acima de sua cabeça.

Encarei seus olhos verdes e aproximei a boca da sua orelha, sugando o lóbulo e mordendo.

— Você quer que eu seja bruto ou romântico?

Chupe o pescoço dela enquanto minha mão livre descia pelo seu corpo perfeito e se infiltrava dentro da calcinha. Gemi alto quando senti o quão molhada estava.

Verônica gemeu alto e friccionei seu clítoris, fazendo com que abrisse a boca em um grito mudo.

— Quer que eu te foda com pressa ou devagar? — Enfiei um dedo dentro dela enquanto meu polegar continuava a massagear seu clítoris.

Desci a boca até a sua e mordi o lábio inferior, aumentando a investida dos meus dedos em sua boceta.

— O que você quer, Verônica?

— Eu só quero que você me foda — ela rosnou, completamente entregue ao prazer e tentando se soltar da minha mão, mas eu não permiti, beijei sua boca e fiz com minha língua exatamente o que meus dedos faziam em sua boceta, aumentando o ritmo, a fodendo enquanto engolia seus gemidos e pedidos de mais. Seu quadril ganhou vida e ela passou a se movimentar junto com minha mão, em busca do próprio prazer.

— Guilherme, por favor... — gemeu, completamente rendida.

— Goze para mim — ordenei. — Apenas para mim.

Ela arregalou os olhos no exato momento que apertei seu clitoris e aumentei a velocidade dos meus dedos, seus braços presos fizeram pressão para se soltar, mas eu não deixei. Ela parou de mexer o quadril, mas minha mão continuou o serviço, então ela explodiu em um orgasmo. E foi a cena mais linda que já vi na minha vida. Seus olhos arregalados, a boca aberta e seu corpo amolecendo diante do meu.

Quando os espasmos do seu corpo passaram eu soltei seus braços e me sentei, esperando que ela se recuperasse. Verônica se levantou e eu franzi o cenho, mas quando ela se sentou em cima de mim, eu gemi.

Minhas mãos apertaram sua cintura e suas mãos seguraram meu rosto, a face estava corada e a boca entreaberta. Ela passou a língua pelos meus lábios, mordeu meu queixo e começou a rebolar em cima de mim, o atrito com o meu jeans me fazendo gemer e apertar sua cintura. Agarrei sua nuca, prendendo seus cabelos em minhas mãos enquanto o outro braço a deixava presa a mim. Nossas testas coladas.

— Sabe o que eu quero, Guilherme? Nesse momento? — perguntou, começando a beijar meu rosto, lambendo enquanto rebolava em mim devagar. — Quero você dentro de mim, quero rebolar em cima de você, quero fazer você gozar, quero ter você completamente rendido a mim, quero fazer você delirar de prazer...

Porra!

— Sou todo seu.

Não precisei dizer duas vezes. Ela me empurrou até eu deitar na cama e se afastou de mim o suficiente para desabotoar a calça e a tirar, deixando-me apenas de boxe. Meu pau estava duro como pedra, pedindo alívio, e eu gemi quando ela começou a masturbá-lo por cima da cueca. Respirei fundo quando suas mãos o colocaram para fora e gemi de novo quando ela passou a língua nos lábios sugestivamente.

Joguei a cabeça para trás e soltei o ar entre os dentes quando ela passou a língua na glândula, lambendo o líquido pré-ejaculatório. No instante que ela me colocou todo na boca, perdi o controle, agarrei seus cabelos e fodi a sua boca, gemendo a cada vez que ela engasgava. Me segurando para gozar em sua boca, urrando quando massageava minhas bolas, perdendo o controle quando sua boca me chupava com toda vontade.

Ela se afastou e segurei seu queixo com força, beijando sua boca. Trazendo-a para cima de mim, no instante seguinte ela estava montada em mim e eu dentro dela. Nossas testas coladas, nossas respirações ofegantes.

Era fodidamente bom.

— Rebola no meu pau, Verônica... — ordenei entre os dentes e no instante seguinte ela estava rebolando, subindo e descendo.

Nossos corpos em uma dança completamente sensual.

Minhas mãos por todas as partes do seu corpo. Suas mãos em meus ombros.

Nossos cabelos grudados em seu rosto por conta do suor.

Nossos gemidos sendo engolidos por beijos e mordidas.

Nossos corpos se chocando cada vez mais rápido.

Sua boceta me apertando cada vez mais, indicando que ela estava perto do orgasmo.

Meu pau pulsava dentro dela, eu estava cada vez mais próximo de atingir meu próprio alívio.

Mordi seu queixo no instante em que suas unhas marcaram minhas costas, ela sentava em mim cada vez mais rápido e forte.

— Goza, Verônica. — No momento seguinte seu corpo amoleceu e eu inverti nossas

posições, metendo mais fundo dentro dela e liberando meu próprio orgasmo.

Ficamos parados por alguns instantes, nos recuperando. Fechei os olhos e desejei que aquela noite nunca acabasse, pois eu não sei o que seria de mim sem ela.

— Eu te amo — falei no ouvido dela e a senti estremecer em meu braço, mas não a soltei. Pouco tempo depois me levantei e fui buscar uma toalha para limpá-la.

Depois disso me aconcheguei a ela, e, pela primeira vez desde que tinha ido embora, eu dormi bem.

Mas no meio do sono tive a impressão de tê-la ouvido sussurrar algo.

— *Eu te amo mais.*

Não sei se foi o que ela disse, mas fez eu prometer a mim mesmo que não desistiria sem lutar. Ela voltaria a ser minha.

Apenas minha.



Capítulo

31

*Olhos fechados
Pra te encontrar
Não estou ao seu lado
Mas posso sonhar*

*Aonde quer que eu vá
Levo você no olhar
Aonde quer que eu vá
Aonde quer que eu vá*

Aonde quer que eu vá – Paralamas do Sucesso

Verônica

Pela primeira vez em um ano e meio eu dormi maravilhosamente bem, como se estivesse flutuando. Havia um corpo enroscado no meu e eu permaneci quieta, apenas sentindo a deliciosa sensação que era ter seu corpo perto do meu novamente. Com todo cuidado eu me virei para olhá-lo. Ele dormia tão tranquilamente e de maneira tão serena que eu tive vontade de contornar todo seu rosto com a ponta dos meus dedos.

A noite anterior foi tão mágica, tão perfeita... Há tanto tempo não me sentia assim, completa. Mas eu sabia que as coisas não seriam tão simples, não íamos voltar, ele sabia disso e, mesmo assim, a cada instante que venerava meu corpo, fosse com mãos ou boca, ele me dizia, silenciosamente, que sempre pertenceríamos um ao outro.

Queria que as coisas fossem simples, queria que as coisas fossem diferentes, mas não tinha como ser. Sem fazer nenhum barulho, eu me levantei com todo o cuidado, peguei minhas roupas jogadas no chão e me vesti rapidamente, sem tirar os olhos dele. Queria que a noite não tivesse virado dia, assim eu poderia me perder nele mais uma vez.

Com todo o cuidado eu saí do quarto, fechando a porta.

— Tá parecendo uma adolescente, mãe. — Pulei de susto e coloquei a mão no peito.

— Quer me matar do coração, Nicolas? — perguntei, já indo para o quarto que eu passei a ocupar.

— Eu não! Quem estava saindo de fininho do quarto parecendo uma fugitiva não era eu... — Deu de ombros.

— Não estava saindo de fininho.

— Não?

— Não.

Meu filho cruzou os braços e ficou me encarando por alguns segundos.

— Quando vocês vão voltar?

— Nicolas...

— Nem adianta me dizer que isso é assunto de adulto, mãe. Eu sei que vocês dois se amam, todo mundo sabe, então por que não perdoa?

— Onde está o meu filho e o que você fez com ele? — perguntei, franzindo o cenho, e ele revirou os olhos.

— Sêrio, mãe.

— Nem todos têm facilidade de perdoar igual você, Nicolas.

— Mãe, a gente não vai pra cama com quem a gente odeia.

Meu rosto esquentou e eu dei um tapa no braço dele.

— Aí, mãe, doeu — ele disse, esfregando o local.

— É bom doer mesmo. Meu Deus! Quando perdi o controle da minha vida? — perguntei, entrando no quarto, e vendo que ele estava me seguindo, indo atrás de mim.

— A senhora não perdeu o controle. — Me sentei na cama e ele se sentou ao meu lado. — Eu sei que não fui um bom filho desde que ele foi embora, mas eu pensei que jamais o veria.

— Eu sei, Nicolas.

Ele segurou minha mão.

— Me perdoa, mãe. Eu queria ter sido um filho melhor, ter estado ao seu lado quando a Vivi nasceu, mas eu... — Suspirou. — Não consegui! Eu preferia sofrer sozinho e dentro do quarto do que ver vocês sofrendo.

— Ah, meu amor! — O puxei para um abraço. — Não tem o que pedir perdão. Todos nós partilhando do mesmo sentimento, desse medo. Mas você foi o mais prejudicado e mesmo me doendo vê-lo dessa forma, eu entendia o seu lado.

— Mãe, eu perdoei.

— Nicolas...

Tentei negar, mas ele segurou minhas mãos.

— Todos na vida merecem uma segunda chance, merecem uma forma de se redimir. Acredito que o papai também mereça. — Ele beijou meu rosto e saiu do quarto, me deixando atordoada.

Meu filho voltou a ser o que era depois da volta do pai, a questão era: eu conseguiria voltar a ser a mesma?



Tomei um banho e desci rapidamente para a cozinha, a Emilly estava com a minha filha no colo e eu me aproximei delas.

— Bom dia! — falei sorrindo e pegando minha bebê no colo.

— Bom dia, Verônica! Você parece extremamente feliz, aconteceu algo?

Sim, querida, transei depois de um ano e meio e isso faz maravilhas.

— Apenas uma boa noite de sono. — Dei de ombros.

Emilly me olhou de maneira interrogativa, mas logo abriu um simples sorriso.

— Imagino que tenha sido boa.

— Do que você está...

— Bom dia, Emilly, não sabia que trabalhava aos fins de semana. — A voz do Guilherme soou em meus ouvidos e eu fechei os olhos.

Senhor, por que ele tinha que ter a voz tão sexy?

— Bom dia, seu Guilherme — Emilly respondeu, sorrindo para mim em seguida. — Não trabalho. Fiquei apenas ontem à noite, já estava me arrumando para ir para casa. — Ela se virou para me olhar, ainda sorrindo. — Vou levar a Vivi para ficar com o Nicolas na área da piscina. Ele insistiu em levá-la para lá e depois irei embora.

Entreguei minha filha a ela.

— Certo, obrigado, Emilly. Eu vou até lá daqui a pouco. Bom domingo.

— Para vocês também.

Ela se virou e saiu da sala. Eu só estava esperando que ela sumisse do nosso campo de visão. O Guilherme precisava ir embora, não tinha como ele ficar ali. Era demais para a minha sanidade.

Me virei no mesmo instante que ele avançou sobre mim, minhas costas prensaram no balcão da cozinha e sua boca invadiu a minha. Eu iria resistir, até tentei, mas não consegui. Era difícil depois da noite que tivemos. Ele parecia ter se impregnado em meu sistema. Suas mãos foram para minha cintura e eu segurei sua nuca, puxando-o para mais perto de mim. Ele mordeu meu lábio inferior e depois me deu um selinho.

Como eu podia manter distância daquele homem?

— Guilherme... — chamei, ainda de olhos fechados e sentindo sua respiração em meu rosto.

— Sim?

— Não faz isso, por favor.

— Não pode me culpar por tentar reconstruir nosso casamento. — Suas mãos seguraram meu rosto. — Não me mande parar. Quero tentar reconstruir nosso casamento, sei que apenas palavras podem não expressar o quanto quero que esse casamento nunca acabe, é por esse motivo que eu preciso que você me deixe mostrar em ações e gestos que eu não vou abandonar vocês nunca mais. Quero provar isso para você e para nossos filhos.

Se o meu coração já não pertencesse a ele, eu o teria dado naquele instante para ele.

— Eu...

Meu celular tocou, interrompendo o momento, e ele me soltou. Vi o nome da Eduarda na tela e atendi.

— Oi, Duda.

— *Que tal almoço hoje?* — perguntou, direto. — *Poderíamos ir a algum restaurante ou a um clube?*

— Eu não sei, Duda. As coisas estão bem conturbadas agora, não acho uma boa ideia sair.

Guilherme arqueou uma sobrancelha para mim, em um claro gesto de que questionava o que minha amiga queria. Movi os lábios em um “almoço em família”.

Ele se aproximou de mim e eu franzi o cenho, tentando saber o que ele iria fazer. Então ele pegou o celular da minha mão e começou a falar com a Duda.

— Olá, cunhada, nós vamos ao almoço sim — falou e eu tive vontade de socá-lo. — Pode ser um clube, acho que as crianças vão gostar. Podemos falar com o Fernando também... isso! Até daqui a pouco... pode mandar.

Ele encerrou a chamada e me entregou o aparelho.

— Nós vamos.

— Não vamos, não — falei, colocando as mãos na cintura. Ele estava louco se achava que eu iria sair com um louco nos rondando.

— Não precisa ter medo, Verônica. O Bóris não vai fazer nada com a gente.

— Como pode ter tanta certeza? Sabe de algo que eu não sei?

— Ainda não, mas assim que eu souber, você será a primeira a ter conhecimento. Não podemos parar nossas vidas por medo do que ele pode fazer, Verônica. — Seus dedos acariciaram minhas bochechas e eu fechei os olhos. — Por favor, vamos? Vai ser bom para as crianças.

Fechei os olhos e respirei fundo, mas acabei concordando.

— Tudo bem, nós vamos. — Ele sorriu e me beijou.

Confesso que estava com saudade desse contato, algo me dizia que esse magnetismo que tínhamos não iria acabar nunca.

— Vou avisar as crianças — falou, me dando mais um beijo antes de me soltar e caminhar para a cozinha, indo em direção à área dos fundos onde ficava a piscina.

Coloquei as mãos na cabeça e arrumei meu cabelo.

Senhor, me dê forças, porque eu vou precisar.



— Não tem nada para nos contar? — Julia perguntou enquanto íamos até o banheiro do clube.

— Contar o quê? — Me fiz de desentendida, mas ela e a Duda se entreolharam e depois me olharam de volta. Fechei os olhos, eu não conseguiria me livrar das perguntas delas.

— Você e o Guilherme voltaram? — Duda perguntou e eu neguei, sem ter coragem para abrir a boca.

— Mas vocês transaram! — Voltou a dizer e eu me esqueci que a Doutora Eduarda Medeiro não tinha filtro entre o cérebro e a boca. Pelo menos não fora do tribunal. — Ele está te devorando com os olhos, mais do que é considerado normal, e você está sorrindo para as paredes.

— Eduarda...

— Só responde, Verônica — Julia disse, sorrindo.

— Sim, nós transamos. — Escondi o rosto com as mãos, como se tivesse 18 anos, e elas riram.

— Isso não é pecado, meu bem — Duda disse. — São casados.

— Por enquanto — falei, o olhar perdido em um ponto qualquer.

— Pretende mesmo continuar com essa história de divórcio? — Júlia perguntou, aplicando protetor nos braços, e eu assenti.

— Não é tão fácil quanto parece, meninas. Não é só ir para a cama e pensar que todas as coisas vão se resolver.

— Sabemos disso — Júlia disse, segurando minha mão. — Mas você não pode ignorar o fato de que ele está tentando, Verônica. Não é fácil perdoar, não é fácil esquecer o que aconteceu, porque perdão é isso. É esquecer e nunca mais lembrar, é confiar novamente, sem medo.

— Eu não sei se eu consigo — admiti, sendo sincera.

O medo sempre estaria ali, isso indicava que eu não conseguira perdoá-lo totalmente. Não ainda.

A porta do banheiro foi aberta e a Gabi, filha da Júlia, entrou batendo o pé no chão e com uma cara de brava.

— O que foi, meu amor? — Júlia perguntou.

— Eu odeio o Nicolas! Ele fica me chamando de pirralha o tempo inteiro!

Eduarda prendeu o riso.

— Vou conversar com ele, Gabi — falei, sorrindo para ela.

— Promete, tia? — perguntou, os olhos brilhando de lágrimas.

— Prometo, meu bem.

Ela sorriu, deu um beijo na mãe, um em mim e outro na Duda.

— Estão prontas para serem comadres? — Duda perguntou, rindo, e a Júlia revirou os olhos.

— Está vendo coisa onde não tem, Duda — falou. — Nicolas tem quase 17 anos e a Gabi tem 7, onde já se viu isso?

— A Gabi seria alguém que eu gostaria de ter como nora — falei para brincar com minha amiga que apenas fechou a cara.

— Acho que a ciumenta da relação vai ser a Júlia, Verônica. Talvez o Fernando goste mais da ideia.

— Concordo, Duda.

— Vão se ferrar as duas!

Acabamos caindo na gargalhada e saindo do banheiro. Eu parei no exato momento em que vi o Guilherme na água, com a Vivi no colo. Minha princesa ria, brincando com os cabelos do pai. Ele tinha o sorriso mais lindo do mundo, como se estivesse segurando o bem mais precioso da vida dele nas mãos. Bom, não deixava de ser.

— E você ainda diz que não pode perdoar esse homem, Verônica — Júlia comentou, sorrindo para a cena, e se afastou, me deixando com a Duda.

— Quer um conselho? — Duda perguntou, mas eu não conseguia parar de olhar a cena a minha frente. — Não precisa ser forte o tempo inteiro. Sei que todos dizem que você deve perdoar e entender, se fosse eu no seu lugar quando ele voltasse encontraria outro cara esquentando minha cama, mas você não é assim. Se tiver que perdoar, perdoe e esqueça, mas o faça sofrer antes, mostre a ele que nada vale mais do que a família.

— Era a família dele também, Duda.

Ela ficou em silêncio, então me abraçou.

— Mas ele abdicou de uma para cuidar da outra. Se você sentir que não vai conseguir esquecer o que ele fez, o deixe livre e não se machuquem.

E se afastou. Meus olhos presos na cena do homem da minha vida brincando com nossa filha dentro da água. Queria que todos os dias fossem assim, apenas diversão, porém, mal sabia eu que os dias de sonho estariam prestes a virar um pesadelo.



Capítulo

32

*Pra nunca mais voltar, foi tão difícil suportar
A dor de ouvir o seu adeus, seu adeus
Eu não vou mais chorar, eu sei, você quer me amar
Eu vou deixar o tempo te mostrar
Que o seu amor sou eu*

*Eu não vou mais chorar, eu sei, você quer me amar
Eu vou deixar o tempo te mostrar
Que o seu amor sou eu, sou eu*

Calafrio – Henrique e Juliano

Guilherme

Ela era tão linda, tão perfeita e dormia tranquilamente depois do dia agitado que teve. Se eu pudesse proporcionaria mais dias como esses para ela. Acaricieei seu rosto e dei um beijo em sua bochecha, a cobrindo depois.

— Você consegue fazê-la dormir com facilidade — Verônica comentou baixinho e me virei para olhá-la.

— Ela estava cansada, acho que isso ajudou.

Ela ficou calada, mas o olhar permanecia na nossa filha.

Nossa filha... Nem conseguia acreditar nisso ainda.

Eu queria ter voado no pescoço da Geovana por ter me escondido a gravidez da Verônica por um motivo tão fútil e baixo. As coisas teriam sido diferentes se ela tivesse me contado.

— Acho melhor você ir embora — ela falou, dessa vez olhando para mim.

Assenti e me levantei, mas dei outro beijo na nossa filha. Me virei para a encarar.

— Tem certeza?

— Por favor, eu preciso pensar.

Assenti e me virei para sair, sabia que ela estava atrás de mim e no instante que ela fechou a porta do quarto da Vivi eu me virei e a presei contra a parede.

— Eu estou louco, Verônica, eu preciso de você... — Jamais iria me cansar dela, de estar com ela.

— Guilherme... — Sua voz era uma mistura desejo com tortura.

Subi as mãos por sua barriga até chegar aos seios.

— Me pede para parar, me mande embora — pedi, grudando nossas testas. — Eu não consigo me controlar se eu estiver perto de você. Passei o dia querendo estar com você, estar em você. Me manda embora, Verônica, diz que me odeia e que deixou de me amar.

— Eu te odeio... — sussurrou, mas não existia veracidade em suas palavras.

— Seja mais verdadeira, Verônica. — Mordi seu queixo e minhas mãos subiram para os seios, fazendo-a gemer. — Quer que eu pare? É só dizer.

— Guilherme... — Conhecia bem esse tom, eu poderia continuar.

Então eu a beijei, sendo correspondido na mesma intensidade. Desci minhas mãos até sua bunda e a ergui, fazendo com que suas pernas se prendessem em minha cintura. A encostei contra a parede, pressionando nossos corpos, buscando contato para aliviar esse tesão que nos governava.

Então o seu celular tocou e ela se afastou.

— Depois você atende. — Mordi-lhe lábio inferior.

— Pode ser importante...

— Depois... — Apertei a cintura dela e beijei seu pescoço, o celular parou de tocar, mas logo em seguida tocou novamente.

— Realmente pode ser importante — disse e eu tive que respirar fundo para poder soltá-la. Assim que seus pés tocaram o chão ela abriu a porta do quarto, pegando o aparelho em cima de uma mesinha. — Oi, Samuel. — Revirei os olhos. Tinha que ser ele. — O que aconteceu? — Pausou e a observei franzir o cenho. — Você está bêbado? Onde você está?

Ela caminhou em direção às escadas e começou a descer rapidamente.

— Venha para cá, eu estou falando sério. — A segui, vendo que nossa noite havia terminado. — Estarei esperando.

Ela encerrou a chamada e me olhou.

— É melhor você ir.

— Vai cuidar do seu amigo?

— Sim, eu vou. Ele cuidou quando você não estava.

Assenti, apertando os lábios.

— Claro. — O ciúme me corroía, mas eu não podia dizer nada, ela tinha toda razão.

— Acho melhor eu ir embora.

Ela assentiu e eu fechei os olhos.

— Por favor. — Me virei, mas parei ao ouvir sua voz. — Isso não vai voltar a acontecer, Guilherme. Eu não consigo. Simplesmente é demais para mim. Eu acho que nunca vou conseguir te perdoar.

Fechei os olhos.

Eu sabia disso também, mas ainda tinha esperanças que ela voltasse atrás, só não foi possível. Me virei para olhá-la.

— Eu sei disso, mas dizem que a esperança é a última que morre, acho que agora ela morreu de vez.

— Eu queria conseguir, eu juro. Mas não consigo.

Assenti. Estava doendo como o inferno, mas eu não podia fazer nada, apenas aceitar.

— Então é o fim?

— Sim, é o fim.

Assenti e me virei para ir embora.

Infelizmente, eu havia perdido a guerra.



Ainda demorei para chegar em casa, fiquei rondando de um lado para o outro, tentando a todo custo não pensar na decisão que havia terminado com minha vida.

No fundo eu sempre soube que ela não voltaria para mim, sempre soube que ela não conseguiria viver comigo da mesma maneira que antes. Só era difícil aceitar. Uma lágrima fez questão de cair do meu rosto. Eu havia perdido.

Havia perdido a mulher da minha vida para sempre e eu não podia fazer nada.

Soquei o volante para extravasar minha dor, mas não havia como. Fechei os olhos e me rendi ao choro, como se fosse um garotinho perdido. Um garoto que perdeu tudo. Igual anos atrás.

Novamente.

Eu havia perdido tudo.

Mas dessa vez eu não conseguiria me recuperar.



Destranquei a porta do apartamento e paralisei ao ver o local completamente quebrado. Havia cacos de vidro espalhados por todo o chão, as almofadas estavam espalhadas por toda a casa e a Georgia estava sentada no chão, próximo à parede da cozinha.

— Georgia... — Corri até ela e me abaixei para saber se estava tudo bem. — O que aconteceu? — Pânico me invadiu, medo de terem atacado minha irmã.

— Eu me odeio, Guilherme. Me odeio.

— Ei, não fala isso. — Me sentei e a puxei para mim, sua cabeça apoiada em meu ombro, e

ela desabou no choro.

— Eu só queria que ele entendesse. Por que ele não entende?

— Ele quem?

— Mas eu amo os dois, Guilherme. Eu amo os dois. Não posso decidir entre eles — ela falava e chorava ao mesmo tempo.

Do que diabos ela estava falando?

Decidi ficar calado e acariciar seus cabelos.

— Podemos amar duas pessoas ao mesmo tempo? Só que eu não posso ficar com nenhum dos dois, por isso terminei com eles. Terminei com eles.

Fechei olhos.

Nenhum de nós dois tínhamos sorte no amor, pelo jeito.

Pelo menos nisso, eu a entendia.



O dia amanheceu e a Georgia não quis falar sobre o que tinha acontecido. Disse apenas que ela precisava seguir em frente e eu a entendi. Ela organizou todo o apartamento e se sentou para tomarmos café. Podia ver as olheiras profundas em seus olhos, podia notar o quanto estava dispersa e como estava sofrendo por dentro, tanto quanto eu.

— Vamos nos divorciar — falei e ganhei a atenção dela.

— Sinto muito, Guilherme — ela disse, segurando minha mão por cima da mesa.

— Eu tentei de tudo, mas no fundo eu sabia que nosso casamento não iria para frente. Me doeu aceitar, sabe?

— Deve ser coisa de irmãos não ter sorte no amor — comentou.

— Pelo que eu entendi você ama dois homens. Se isso não é sorte...

— O que adianta amar e não poder ficar com nenhum? — Soltou minha mão e balançou a cabeça.

— O jeito é tentar seguir em frente — falei, mas eu não sabia se conseguiria.

— Você aprende e se acostuma.

— Duvido que eu vá conseguir.

Ela me olhou e sorriu, mas o sorriso não alcançava os olhos.

— Logo você encontra outro amor.

Neguei. Meu coração jamais pertenceria a nenhuma outra mulher. Nunca mais.

— Uma vez eu disse ao Arthur que ele era um filho da puta sortudo por ter tido a chance de se apaixonar duas vezes, e não era um amor raso. Ele amou a Paloma de uma maneira profunda e inexplicável, até ela sofrer um acidente e ficar em coma, morrendo anos depois. Quando ele conheceu a Duda eu sabia que havia encontrado outra oportunidade de viver, de amar. Eles são intensos e únicos, e o Arthur a ama de uma maneira incondicional.

— Ele teve o direito de amar duas vezes.

— Sim, mas eu não tenho esse direito, Georgia. Meu destino é amar apenas uma única mulher durante toda a minha vida.

— O meu é amar dois homens e não poder ficar com nenhum. — A puxei para me abraçar.

— Pelo menos eu tenho você — falei, beijando seus cabelos.

— E eu a você.

Meu celular começou a tocar chamando nossa atenção e eu vi o nome do Fernando piscando na tela. Georgia se afastou e eu atendi.

— Fernando.

— *Tudo bem, Guilherme? Será que você poderia passar em meu escritório hoje?*

— Acredito que você possa me falar o que seja por telefone mesmo — pedi, o coração já apertado. Eu sabia o motivo de sua ligação.

— *Certo.* — O ouvi respirar fundo do outro lado. — A audiência para a homologação do divórcio saiu, irá acontecer em uma semana.

Fechei os olhos.

Era o fim.

Só que eu não imaginava que esse fosse ser o menor dos meus pesadelos.



Capítulo

33

*Se tudo fosse fácil
Eu me jogaria em seus braços
Me afogaria nos seus beijos
E me entregaria de bandeja pra você
Se tudo fosse fácil
Mandaria a saudade embora
Estaria te odiando agora
Como se fosse fácil apagar você de mim*
Se tudo fosse fácil – Michel Teló feat Paula Fernandes

Verônica

Uma coisa que jamais me imaginei fazendo durante toda a minha vida. De todas as coisas que eu já pensei ser impossível de acontecer comigo, se provou possível.

— Ainda não acredito que vai fazer isso, mãe — Nicolas falou.

— Desculpa, meu filho. — Apertei os lábios e terminei de prender meus cabelos em um rabo de cavalo.

— Sabe o que eu acho?

— O quê? — perguntei, buscando seus olhos pelo reflexo do espelho.

— Está agindo por puro orgulho, deixando que ele se seja maior que os seus sentimentos pelo meu pai. Acha que vai ser feliz sem ele? Acha que vai conseguir encontrar outra pessoa? Acha que...

— Nicolas, chega!

— Não, mãe! Por que é tão difícil perdoar o papai?

— Porque eu tenho medo de que ele me abandone de novo! Não tem como viver em um casamento com medo de que algum dia você vá acordar e terá outro maldito bilhete dizendo que ele me deixou! Lembra o estado que você ficou? O estado que eu fiquei? Passei por uma gravidez sozinha! Não consigo, Nicolas. Sinto muito.

— Pensei que o seu amor seria maior que o medo, mãe. Mas pelo visto todos estavam enganados.

Ele saiu do quarto, deixando-me atordoada com suas palavras.

Quando foi que meu filho se tornou tão maduro?

Peguei minha bolsa em cima da cama e desci para tomar o café.

A Emilly já estava com minha filha, me aproximei e dei um beijo em sua bochecha.

— Bom dia, princesa da mamãe — falei sorrindo e procurei pelo meu filho. — Onde está o Nicolas?

— Saiu sem tomar o café, disse que não estava com paciência — Heloisa respondeu, me entregando uma xícara de café.

— Obrigada — falei, mas me sentia mal pela nossa conversa de mais cedo.

— O que houve?

— Ele não aceita o divórcio, Heloísa, disse que estou deixando o orgulho falar mais alto que meus sentimentos.

— E acha que ele está certo? — Heloisa se sentou na minha frente e segurou minha mão.

— Todo mundo diz que é fácil perdoar, Heloisa, mas não é — falei. — O medo vira seu maior inimigo, conviver com os “ses” é pior do que qualquer coisa, e por mais que eu ame o Guilherme, eu não consigo perdoar.

— Eu sei, minha querida, e te entendo. Só espero que não se arrependa, porque um amor igual ao de vocês dois você nunca vai encontrar.

Ela se levantou e voltou a cuidar de suas coisas, me deixando com a mente a mil e completamente perdida, só que não era tão simples, não era tão fácil e muito menos seria indolor.

Era um processo.

Um processo que poderia levar a vida toda, porque eu jamais esqueceria aquele homem e eu duvidava que algum dia iria esquecer.



— Tem certeza de que quer fazer isso, Verônica? — Eduarda me perguntou. Ela usava uma

saia lápis preta, uma camisa de seda e um terninho, os cabelos estavam soltos, mas impecavelmente arrumados. Estava com pouca maquiagem e seu semblante era completamente sério.

— Não posso voltar atrás, sabe disso.

— Pode sim. Você e essa sua teimosia de que achar que está fazendo o correto! — Ia abrir a boca para protestar quando ela ergueu a mão para me calar. — Não é a sua advogada que está falando aqui, é a sua amiga, a que se preocupa com você, que quer o seu bem e a sua felicidade. Está cometendo o maior erro da sua vida, Verônica! Acha que vai ser feliz sem aquele homem? Acha que consegue?

— Eu passei mais de um ano vivendo...

— Sobrevivendo, Verônica. Você não estava vivendo, você estava sobrevivendo porque tinha dois filhos, tinha a delegacia, mas nós víamos como você estava, como você ficou. — Ela respirou fundo e fechou os olhos, pensando um pouco, então voltou a me olhar. — Não posso fazê-la mudar de ideia e eu espero, do fundo do meu coração, que esta seja a decisão correta para você.

Ela se virou e caminhou até a sala em que ocorreria a audiência.

Encostei-me à parede e fechei os olhos. Por que tinha que ser tão difícil? Parecia que minha alma estava sendo arrancada do corpo. Fechei os olhos e tentei controlar minha respiração.

— Bom dia, Verônica.

Abri os olhos ao som da voz do Fernando.

— Bom dia, Fernando. — Olhei para trás, à procura do homem que me desestabilizava por completo, mas ele não estava ali.

— No carro, Verônica. — Ele ficou me olhando por alguns segundos, como se fosse me dizer algo.

— Vai me julgar também? — perguntei por fim e ele negou.

— Acho que precisam conversar, apenas isso. — E seguiu para dentro da sala.

Corri para o elevador e apertei o térreo, os segundos pareciam ser horas, estavam passando mais devagar que passos de tartaruga. Assim que as portas se abriram eu saí às pressas, indo para o lado de fora rumo ao estacionamento. Iria conversar com ele, não sei se desistiria, mas eu precisava que ele me dissesse que ainda me amava.

Andei pelos carros à procura do carro da Georgia e estaquei no local. Encontrei o carro, o Guilherme, e outra mulher. Ela parecia falar apressadamente e a todo momento olhava para trás. Guilherme segurava as mãos dela, como uma maneira de consolá-la. Engoli em seco quando ele beijou sua testa e a abraçou. De onde eu estava eles não podiam me ver, mas eu jurava que já havia visto a mulher em algum lugar, então me lembrei do dia do bar, em que nos beijamos pela primeira vez desde que ele tinha voltado. Era a mulher do esbarrão, a mesma que o Samuel viu conversando com ele e com o meu filho alguns dias antes. Pelo jeito ele já havia seguido em frente.

Meu coração se apertou.

O que você queria, Verônica?

Minha mente perguntou.

Que ele ficasse sozinho?

Mas precisa ser tão rápido?, questionei.

Ela se afastou dele e pegou o celular para digitar algo, ele apenas a observava. Ela sorriu quando falou alguma coisa, o fazendo sorrir também. Pisquei para parar as lágrimas e me virei para ir embora. Era demais para mim. Naquele momento, mais do que nunca, eu precisava assinar o divórcio.

Voltei para o fórum ainda mais devagar, ignorei todas as pessoas ao meu redor. O elevador

parecia me sufocar e a cada passo que eu dava para a sala em que aconteceria a audiência, mais as minhas roupas pareciam me deixar sem ar, mas eu me sentia mal e tinha dificuldade para respirar.

Entrei na sala e encontrei Eduarda e Fernando conversando, eles me olharam e minha amiga correu para mim, me abraçando. Não consegui conter as lágrimas e chorei.

— Vai ficar tudo bem, Verônica — ela sussurrou, mas eu sabia que não ficaria. Nunca mais eu ficaria bem.

Nunca mais.



Não consegui prestar atenção em uma palavra que a juíza falava. Minha mente estava divagando em tudo que já tinha vivido esses anos e em tudo que eu poderia viver. Olhei de soslaio para o homem que em breve seria meu ex-marido, ele estava com a cabeça baixa e evitava me encarar. Respirei fundo.

— Os pais ficarão com a guarda compartilhada dos filhos Nicolas Brandão Maldonado e Viviane Brandão Maldonado, sendo que a senhora Verônica Maldonado ficará com a tutela dos filhos durante a maior parte de dias, e o senhor Guilherme Brandão poderá escolher quando os filhos irão para a sua casa.

— Mas eu poderei vê-los sempre que eu quiser, não é? — Guilherme perguntou, olhando para a juíza.

— Sim, claro. Ambas as partes podem entrar em acordo e conversar sobre visitas e tudo. É dever de ambos conversarem e decidirem, juntos, o que será melhor para os filhos de vocês, bem como a partilha de dias e como vão fazer para lidar com a nova situação. Não proibimos os pais de ver os filhos, Guilherme. Cabe a vocês fazerem essa situação ser a mais confortável para ambos. — Ele assentiu. — Podem assinar os documentos, eles irão legalizar o divórcio. Basta assinarem.

Havia duas pastas a nossa frente, mas nenhum de nós dois se movimentou para realizar a ordem da juíza, que nos olhava com certa curiosidade.

Levantei o olhar e o vi me encarando, um filme refletia em suas íris, me levando a momentos que dissemos que jamais iríamos nos separar, que iríamos ficar juntos para sempre, que iríamos nos amar pelo resto de nossas vidas. Uma lágrima caiu do meu olho, respirei fundo e ele fez o mesmo.

— Por favor, Verônica... — ele sussurrou, a voz quebrada e os olhos cheios de lágrimas.

Mas eu neguei, me segurando para não chorar. Estendi a mão e peguei os papéis, já segurando a caneta para assinar.

— Verônica...

— Eu não consigo — falei, fechando os olhos e ignorando a juíza e os advogados. — Eu não consigo, Guilherme. Por mais que eu te ame, por mais que o meu coração esteja sangrando, por mais que eu esteja despedaçada, eu não consigo e não sei se vou conseguir te perdoar.

Essas palavras o fizeram pegar os papéis a sua frente, a caneta, e rubricar os locais indicados. A cada traço que a caneta fazia, uma parte do meu coração era arrancada, uma parte de mim morria. Quando ele assinou tudo, se levantou e deixou a sala.

Não aguentei e caí no choro.

— Uma água para ela. — Ouvi a voz da juíza.

— Beba, Verônica — Eduarda pediu, mas eu neguei, presa no meu próprio mundo.

Nossa, como doía.

Meu Deus.

Ainda com a visão embaçada, peguei a caneta e puxei as folhas para perto de mim, rubricando cada página e, assim, matando o que ainda restava de mim.



Cheguei à delegacia na parte da tarde e todos estavam me encarando. Não era segredo para ninguém que eu me divorciaria naquele dia, mas eu estava cansada de ver as pessoas falando de mim pelas costas e aguentar tudo calada.

— Vocês não têm a vida para cuidar, não? — perguntei, fazendo todos me olharem assustados. — Estou cansada. Cansada de ver vocês falando de mim como se eu não estivesse aqui, apontando e julgando sem saber das coisas. Vão cuidar da vida de vocês, porque vocês não pagam as minhas contas. — Voltei a andar, mas parei ao ouvir os burburinhos. — E mais uma coisa — disse, me virando novamente para eles. — Vão se ferrar!

Voltei a caminhar até a minha sala, onde o Samuel estava sentado mexendo no notebook. Ele me olhou carinhosamente e foi me abraçar.

— Vai ficar tudo bem, baixinha.

Mas eu duvidava disso. Duvidava que algum dia eu ficaria bem de novo.

— Por que dói tanto? — sussurrei?

— Porque amar dói. Pode não parecer, mas dói. É o melhor e o pior sentimento que podemos nos permitir viver, mas temos que saber que quando nos permitimos amar, significa que uma hora nós iremos sofrer, seja da forma que for.

Ele me abraçou mais forte e essa conversa me levou ao dia em que ele chegou bêbado a minha casa, dizendo que uma pessoa não pode amar duas ao mesmo, que era errado e não existia. Naquele dia eu descobri que meu amigo era apaixonado por outra mulher, uma mulher que mexeu com seu psicológico por completo.

Ele se afastou de mim e segurou meu rosto.

— Você vai ficar bem? — perguntou.

— Vou tentar

— Então vamos trabalhar, porque a Samara encontrou algo com a investigação paralela e ela quer dividir conosco.

Assenti e o segui para fora da sala.

Querendo ou não, a vida tinha que continuar e tínhamos um bandido para pegar.



Capítulo

34

*Sabe aquela menina sentada ali?
Com um olhar desconfiado, tão inocente
Eu já fui doente naquela mulher*

*Eu sei que agora ela deve tá olhando de lado
Tão sem graça, vendo o presente e o passado
Conversando de um assunto, ela já sabe qual é*

*Esse é meu único aviso
Se ela quis ficar contigo
Faça ela feliz, faça ela feliz*

Cuida bem dela – Henrique e Juliano

Guilherme

Divorciado.

Divorciado.

A palavra pairava em minha mente como se fosse um maldito fantasma. Quando ela me olhou daquela maneira, pensei que desistiria da história de divórcio e ficaria comigo, mas não.

Ela não perdoou.

Ela não me perdoaria.

Nosso casamento tinha acabado.

A observei entrar na sala ao lado do Samuel e senti inveja dele. Queria que ela sorrisse daquele jeito para mim novamente. Não prestei atenção em nada do que a Samara e a Georgia disseram durante a pequena reunião. Minha mente não parava de pensar nos acontecimentos do dia, tanto no divórcio quanto no aparecimento da Luna no estacionamento do fórum.

— Guilherme! — Georgia chamou minha atenção.

— Sim?

— A Samara e eu coletamos alguns possíveis locais em que o Bóris possa estar escondido — disse, me entregando um tablet com as possíveis localizações do Bóris.

Só que ele não estava em nenhum daqueles locais.

— Ele não está em nenhum em nenhum desses lugares — falei, entregando o tablet a ela.

— E onde ele estaria, então? — perguntou e eu olhei para o relógio, Luna ainda não tinha dado nenhum sinal e isso me preocupava.

— Estamos esperando alguém? — Samara questionou.

— Sim — respondi. — Bóris nos trata como peças de xadrez, mas dessa vez nós estamos no controle.

— O que você quer dizer com isso? — Samuel perguntou, franzindo o cenho.

— Que estamos um passo a frente de tudo que ele pode fazer. Temos algo que ele sequer imagina.

— E o que seria? — Samuel questionou, cruzando os braços e arqueando uma sobrancelha.

— Uma informante — falei devagar.

— Informante? — Georgia perguntou, desconfiada, e se levantou, começando a andar de um lado para o outro.

— Sim, vocês irão conhecê-la hoje. — Levantei o braço para olhar a hora e vi que faltavam alguns minutos. — Que tal almoçarmos todos juntos? Acho que seria uma boa para relaxarmos e esquecermos mais a missão.

— Esquecer? — Samara franziu o cenho. — Mas nós não podemos esquecer, temos que pegar...

— Acho uma ótima ideia! — Georgia a impediu de terminar a frase e nesse instante a delegada e o Kelton entraram na sala.

— Bom dia a todos! Estão animados hoje! — falou, sorrindo para nós como se não conhecêssemos o plano dele. — Nossa reunião é apenas na parte da tarde, não esperava encontrá-los todos reunidos aqui.

— Estávamos marcando um almoço — Verônica falou, sorrindo para ele. — Precisamos espairecer, esquecer um pouco a missão. Tem dado dor de cabeça.

Era por esse motivo que eu amava aquela mulher. Ela entendia tudo perfeitamente.

— Que ideia maravilhosa! — Kelton falou e olhou para Geovana. — O que acha?

— Na verdade — falei, olhando meu celular que havia acabado de apitar indicando uma mensagem —, nós fechamos uma reserva para cinco pessoas, acabaram de confirmar.

— Eu estava sem fome mesmo — Geovana disse, dando de ombros, mas notei seu olhar se prender ao meu. — Espero que tenham um bom almoço.

— Teremos.

Ainda não engolia o fato de ela ter escondido a gravidez da Verônica, nunca iria engolir. Desculpa mais esfarrapada que ela deu. Se a Georgia não tivesse me impedido eu teria voado no pescoço dela. Mas ela ainda escondia algo, eu tinha certeza disso e, querendo ou não, a Luna era a chave que precisávamos.

— É melhor irmos, se não perderemos a reserva — falei.

Eu não estava fingindo, tínhamos um reserva no restaurante da Débora Ferreira, uma renomada *chef* de cozinha e noiva do Jeferson, herdeiro do hospital Amorim. Ele já conhecia, mas a noiva vi apenas de longe no dia no bar.

Todos saíram da sala, deixando a Geovana e Kelton sozinhos. Observei a Verônica ir na frente, conversando com a Georgia e a Samara. A afinidade das três me assustava algumas vezes.

Parei e respirei fundo, fingindo que estava tudo bem quando não estava, sorrindo quando queria apenas chorar, e vivendo quando queria morrer. Não era algo simples a se fazer.

— Sinto muito. — Não olhei para o Samuel quando ele falou. Meus olhos permaneceram na mulher que amei e ainda amava, mas que estava tão distante de mim.

— Não sinta. O caminho vai estar livre para você agora, não vai? — perguntei, ainda a observando entrar dentro de carro e sorrir para as meninas.

— Não é tão simples e você sabe bem disso. Ela te ama.

— Um casamento não sobrevive só de amor.

Observei a reação dela mudar ao nos ver juntos e só nesse instante eu me virei para o Samuel.

— Nunca quebre a confiança dela, jamais pense em magoar aquela mulher. Se um dia eu sonhar que você a magoou...

— Não farei a mesma burrice que você, se é isso que quer dizer.

— Sim.

Voltei a olhar para o carro, os olhos dela vidrados em nós dois.

O passado e o futuro.

— Sabe que eu não tenho a mínima chance, não sabe? — ele perguntou, me fazendo olhá-lo novamente.

— Tem sim. Você tem mais chances que eu. — Respirei fundo e passei as mãos nos cabelos.

— Só cuida bem dela. É tudo que eu te peço.

Me afastei.

— Guilherme. — Parei e olhei para trás.

— Sim?

— Ela te ama. Eu não tenho a mínima chance sequer. Você precisa reconquistar essa mulher.

— Essa é uma batalha que eu já perdi, Samuel.

— Você perdeu uma batalha, não a guerra.

Dessa vez ele se virou e me deixou refletindo.

Voltei a olhar para o estacionamento e vi o local que seu carro estava completamente vazio.

— Acontece, Samuel — falei sozinho. — É que eu não tenho armas para lutar a próxima batalha.



Todos estavam olhando o cardápio quando a *Chef* em pessoa foi nos cumprimentar.

— Sejam todos bem-vindos — disse, sorrindo e indo cumprimentar as meninas com um beijo. — Me sinto honrada de receber vocês em meu humilde restaurante.

— Que de humilde não tem nada, Débora.

Verônica falou sorrindo e elas se olharam por um tempo, parecendo se comunicar com ela telepaticamente. Vi quando a Verônica confirmou algo com um aceno e abaixou a cabeça, nesse instante a Débora me olhou e eu vi que talvez o meu prato viria salgado demais ou sem sal nenhum.

Não tive outra saída a não ser sustentar o olhar até a loira decidir desviar, agradecendo a presença de todos e voltando para a cozinha.

— Acho que já pode falar — Georgia disse. Sabia que ela queria me matar, mas eu precisava ter certeza de onde eu estava me metendo. Antes de simplesmente agir.

— Eu só estou esperando mais uma pessoa chegar e...

Parei de falar no instante em que eu a vi, ela estava séria e caminhava rapidamente até a mesa.

— Desculpem o atraso — ela disse, parando ao lado da mesa.

Verônica tinha uma cara de quem estava prestes a matar a mulher ao meu lado, Georgia uma expressão de choque em seu rosto. Ela sabia quem a Luna era, o sorriso dela jamais seria esquecido por nós dois. Samuel e Samara tentavam entender o que estava acontecendo.

— Quero apresentar a vocês... Luna Gusyeva — falei, fazendo todos arregalarem os olhos —, filha adotiva do Bóris.

Esse era mais um dos segredos da Geovana. Um segredo que eu descobri no dia em que mandei ela me contar toda verdade que envolvia a máfia, minha família, e toda a confusão na qual eles haviam se metido.

— Ela é filha adotiva do homem que está querendo matar vocês dois? — Verônica perguntou. — E você confia nela?

— Talvez, se você me escutasse, veria que sou tão vítima quanto ele — Luna respondeu.

— Me dê um bom motivo para que eu não te algeme aqui e agora — Verônica ameaçou.

— Posso me sentar para contar a minha história?

Indiquei a cadeira para ela, que se sentou.

— Não acredito que você a encontrou... — Georgia disse, ainda chocada, e eu apenas assenti.

— Vamos ouvir o que a Luna tem a dizer.

— Eu fui criada pelo Bóris desde que me entendo por gente, e isso tem muito tempo. Mas nem sempre a minha vida foi fácil ou um mar de rosas apenas porque eu era a “princesa da máfia russa”. Me lembro que quando o Bóris queria me castigar por eu não ter feito algo que mandou ou simplesmente porque ele estava em um mau dia, ele me levava para uma casa abandonada e me deixava trancada lá, passando fome e frio. Eu não tinha a noção dos dias quando eu estava lá, apenas sei que quando eu estava presa nesse lugar eu só pedia para morrer.

— O que isso tem a ver? — Samuel perguntou.

— Todas as vezes que era jogada nessa casa, eu conversava com um garoto que ficava

trancado lá o dia inteiro. Todas as vezes que eu chegava lá, ele estava ali.

Luna me olhou e eu vi a dor em seus olhos. Eu só queria me lembrar daqueles dias, apenas isso. Mas o sorriso dela eu me lembrava perfeitamente, desde o primeiro dia em que a vi, naquele esbarrão em frente ao bar.

— Era você — Verônica sussurrou e eu apenas assenti, deixando a Luna continuar a história.

— Eu tinha inveja daquele garoto, porque mesmo estando ali, ele cuidava de mim e eu cuidava dele. Erámos crianças vítimas de um homem cruel e sem escrúpulos. — Ela batia os dedos na mesa rapidamente. — Eu fiquei mais tempo no cativeiro daquela vez e pensei que morrer seria a melhor opção, mas o meu “querido pai” decidiu que a morte seria pouco para mim, então o Nicolai tratou de me dar uma lição para que eu não desobedecesse mais a nenhuma ordem.

Segurei a vontade de socar a mesa.

Aqueles filhos da mãe mereciam o inferno. Ainda não conseguia acreditar que puderam fazer aquilo.

— Ele... — Verônica não teve coragem de terminar a frase.

— Sim — Luna respondeu. — Perdi a conta de quantas vezes eles me davam uma lição, mesmo sem o Bóris saber.

Todos ficaram em silêncio, sem saber o que dizer, completamente chocados com a crueldade daqueles homens.

— E você fugiu deles? — Samara perguntou e ela negou.

— Eu aprendi a obedecê-los, me tornei uma espécie de marionete em suas mãos, aprendi tudo que vocês possam imaginar. Sempre trabalhei escondida, até eles decidirem me levar para a Rússia, onde fiquei por muitos anos. Aprendi cada detalhe dos negócios, sempre fui conhecida por ser a herdeira deles, por fazer o serviço sujo. Tenho sangue inocente em minhas costas, não nego, mas

ou eu fazia o que eles mandavam ou eu morreria.

— Era o que você queria no início, não?

— Sim, até descobrir que eu tinha a chance de conhecer a minha verdadeira família sem que o Bóris desconfiasse. Uma certa vez, quando o Nicolai veio para cima de mim, ele estava extremamente bêbado e dopado, talvez eu tenha batizado a bebida dele, então ele me contou várias coisas e uma delas era que a máfia iria para o Brasil, expansão de negócios, posso dizer assim. E ele citou que eu era brasileira e que a melhor coisa que eles fizeram foi exterminar totalmente minha família. Eu perguntei quem era a minha família e ele disse apenas um sobrenome.

— Que sobrenome? — Verônica perguntou, mas ela já sabia a resposta, acredito que todos já sabiam. Mas, mesmo assim, ela fez questão de dizer.

— De Lima.



Capítulo

35

Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente.

William Shakespeare

Guilherme

O silêncio na mesa era assustador e eu me lembrava que havia ficado exatamente assim quando a Geovana me contou aquela história, dias atrás, quando exigi toda a verdade dela.



— *Por que raios você me escondeu que a Verônica estava grávida, Geovana? E eu quero a droga da verdade!*

— *Você jamais iria entender... — Ela gaguejava e eu me segurava para não pular em cima do pescoço dela.*

Como ela pôde esconder a gravidez da Verônica? Eu fui bem claro quando disse que ela tinha o dever de me contar se algo acontecesse com ela, e então ela achava que não era algo relevante? A puta que pariu que não era relevante! Estávamos falando da minha esposa, a mulher mais importante da minha vida, por quem eu mataria e morreria. Fiquei a droga de um ano e meio fora e nesse meio tempo ela estava grávida e sozinha, pensando que eu a tinha abandonado por querer.

— *Quero a droga da verdade, Geovana!*

— *Anda, Geovana — Georgia disse. — Conte para ele. Conte o que você me falou. Conte a droga da verdade!*

— *Eu sempre fui apaixonada pelo pai de vocês e ver você era como me lembrar dele todo o santo dia. — Eu não conseguia acreditar. — Eu via o homem que eu amei, o homem que preferiu ficar com minha melhor amiga do que comigo... Nunca tivemos nada, mas ele era o homem da minha vida e eu faria qualquer coisa por ele. Tanto que eu criei a Nicole — ela olhou para a Georgia — como se fosse minha filha. Quando me declarei para o Edgar, ele me disse que estava confundindo os sentimentos e que ele jamais largaria a Lúcia para ficar comigo e eu sabia que era*

verdade, ele jamais a largaria, não enquanto estivesse fugindo da máfia russa. As provas que seus pais coletaram na época eram de extrema importância para prender aqueles bandidos. Na época que eles vieram para o Brasil, a Lúcia estava grávida, alguns dias depois ela descobriu que estava esperando gêmeos, você e mais um bebê. — Eu fiquei chocado com a revelação, nunca tinha me passado pela cabeça que eu pudesse ser gêmeo.

— O que aconteceu com esse outro bebê? — perguntei, já sentindo medo da resposta.

— Foi dado como morto pela parteira. — Fechei os olhos e senti as mãos da Georgia em meus ombros, me confortando. Eu as apartei, tentando passar um pouco de conforto também, afinal, éramos todos irmãos.

— Entendo que meus pais não tenham querido falar de um filho morto, mas...

— Seu gêmeo não morreu, Guilherme. — Olhei intensamente para ela, tentando entender aonde queria chegar.

— O que quer dizer com isso?

— Georgia perguntou. — Geovana, se eu descobrir que você está mentindo...

— Não estou! — Ela se levantou e começou a andar, terminando a história mais macabra que eu já ouvi na vida. — A parteira foi paga para dar um dos bebês como morto e levar o recém-nascido para a máfia.

— Não pode ser verdade — murmurei.

— Não pode? Aqueles bandidos te torturaram praticamente até a morte, Guilherme, e você acha que não pode ser real? Estamos falando de uma máfia que não está nem aí para leis, nem para nada. Caçar o Edgar e a Lúcia virou pessoal, matá-los era uma questão de honra.

— E eles conseguiram — Georgia sussurrou.

— Sim — Geovana disse. — Eles conseguiram e agora... — Olhou para nós dois — o ciclo vai se repetir com vocês.

— O que ele fez com o bebê? — perguntei.

— Não tenho ideia. Ele teve a ousadia de mandar uma carta para o seus pais contando que estavam com a outra gêmea e que eles nunca mais a veriam. O Edgar ficou completamente louco, ele não queria perder o outro filho, não iria aguentar. Então começaram as mudanças constantes, a comunicação se tornou escassa. Voltei a ter contato com eles anos depois. A Georgia já era nascida e você já era um rapaz, mas sua mãe sempre se lamentava pela filha que não sabia se estava morta ou viva. Proteger vocês sempre foi o objetivo dos dois. Quando você sumiu, Guilherme, a Lúcia praticamente enlouqueceu, o Edgar tentava controlá-la, mas ela estava devastada pelo sumiço dos dois filhos. A Georgia era praticamente um bebê que não fazia ideia do que estava acontecendo. Aproveitei a oportunidade para me aproximar dele, que estava frágil, minha amiga não estava no seu juízo perfeito... Seduzi-lo não foi difícil.

— Você não fez isso — Georgia perguntou. — Você não traiu a amizade que tinha com a minha mãe...

— Eu amava o Edgar, sempre amei. Não me arrependo de ter tido uma única noite de amor com ele.

— Você foi falsa a vida inteira! — Georgia gritou. — Acha mesmo que merece algum tipo de com paixão? Você traiu sua amiga! E ainda teve coragem de criar uma filha dela. — Georgia colocou as mãos na cabeça como se não estivesse conseguindo acreditar em tudo que estava acontecendo.

— Você sabe responder se o bebê que eles sequestraram está viva? — perguntei, achando impossível, mas eu precisava saber e descobrir a verdade.

— Não sei, Guilherme.

— *Você escondeu a gravidez da Verônica apenas porque eu era parecido com meu pai?*

— *Eu sempre soube que você jamais olharia para outra mulher e, quando vi o novo policial e vi que ele era muito parecido com o homem que eu amei, eu pensei que talvez, apenas talvez....*

— *Não fala mais uma palavra, Geovana — pedi, erguendo as mãos e me levantando. — Pessoas como você me dão nojo. Sem um pinga de amor próprio. Você destruiu parte do meu casamento e eu jamais vou te perdoar por isso.*

Saí da sala em direção ao quarto e tranquei a porta, me encostando nela.

Eu tenho uma irmã gêmea e nem sei se ela está viva, falei, fechando os olhos.



A Luna é minha irmã gêmea, falei de uma vez.

Quando eu esbarrei com ela naquela vez na rua, eu sabia que o sorriso dela era conhecido, sabia que eu já o tinha visto em algum lugar, só não me lembrava onde. Quando ela me abordou na rua, quando estava com o Nicolas, aquela sensação de já a conhecer me atingiu novamente, mas isso estava em memórias inacessíveis. Por uma droga de ironia do destino, havíamos compartilhado o mesmo cativeiro.

Até aonde essa merda poderia ir?

Quanto mais eu descobria a verdade sobre o meu passado, sobre a minha família, sobre as pessoas que me cercavam, mais podre essa história se tornava e mais medo eu tinha do que eu poderia descobrir.

— Como podemos ter certeza de que ela não está mentindo? — Georgia perguntou.

— Fizemos o teste de DNA no mesmo laboratório que fizemos os nossos, Georgia, hoje pela

manhã o teste já estava com o resultado pronto.

E havia dado positivo, mas isso não significava que eu confiava cem por cento nela, afinal, ela foi criada pelo Bóris, se é que podemos chamar algo vindo dele de criação.

— Como podemos ter certeza de que você não está mentindo? — Verônica perguntou. — Pode ser que vocês sejam irmãos, mas isso não anula o fato de que você foi criada pelo homem que estamos atrás.

— Vocês sabem que existe um informante e sabem quem é — ela disse, adquirindo um tom de voz completamente formal. — Não é de hoje que eu tenho estranhado as atitudes do Bóris, não mesmo. E depois que a notícia de que Nicolai e Ivan foram assassinados em uma emboscada feita pela polícia juntamente com a Interpol, o Bóris perdeu totalmente a cautela de como realizar as coisas ou proceder.

— Isso significa o quê? — Samuel questionou.

— Nesse submundo do tráfico tudo é movido a dinheiro, as pessoas são compradas facilmente. Quando eu soube que o Bóris havia levado um tiro eu estava em Nova Iorque e ele me pediu uma pessoa de confiança para cuidar dele, pedi que essa mulher em questão colocasse uma escuta no quarto em que ele estava, eu precisava saber o que estava acontecendo.

— E o que você conseguiu com isso? — Samara questionou.

Ela estava sendo lida por todos os lados, inclusive por mim. Mas em nenhum momento vacilou.

— Alguns nomes, algumas conversas vagas dele sozinhos e ligações telefônicas.

— Como por exemplo...? — Foi a minha vez de questionar.

Ela pegou o aparelho de celular e mexeu nele algumas vezes, então uma conversa preencheu a mesa em que estávamos.

“Eu não quero saber, Kelton, se vire. Quero o nome de todos que estavam na operação”.

Já sabíamos que ele era o informante, sabíamos que ele havia entregado a Georgia para a Interpol, só não sabíamos sua motivação.

— Ele estava levando pistas falsas para a polícia o tempo inteiro — Samuel disse sem acreditar.

— Ordens são ordens — Luna falou. — Mas acredito que essa última gravação deva ser mais importante para vocês, pois é apenas ele falando no celular, mas vocês vão querer saber o que ela diz.

Então apertou o play e ouvimos a voz do Bóris.

Ele conversava com alguém, mas não citou o nome dele em nenhum momento. Havia uma ameaça explícita em cada palavra que ele proferia. Eu sabia que ele estava se referindo à Georgia e a mim, mas a frase final da gravação pairou no ar, como se fosse um mal agouro.

“Vou fazer aquilo que deveria ter feito há muito tempo. Vou matar os dois.”

Ninguém disse nada por um tempo, então a Verônica fez a pergunta que eu sabia que rondava a sua mente.

— Como podemos ter certeza de que você não vai nos levar diretamente para ele?

— Você é a Verônica, não é? Esposa do Guilherme.

— Ex-esposa — corrigiu e eu apenas assenti.

— Eu cheguei na cidade há alguns dias, não tive como vir antes. Assim que eu cheguei me comuniquei com o Bóris e me hospedei em um dos seus apartamentos. No meio da noite de ontem eu desci as escadas em direção à cozinha e notei que ele e o Kelton estavam conversando. — Ela lambeu os lábios e respirou fundo. — O que eu ouvi foi que em dois dias ele sequestraria seu filho

mais velho.



Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.

William Shakespeare

Verônica

Ele ia sequestrar o meu filho.

Eu não podia deixar isso acontecer.

— Você tem certeza disso que está falando? — perguntei.

— Eu não brincaria com algo assim, acredite.

— Guilherme — chamei, olhando para ele em súplica. — Eles não podem pegar nosso filho, não podem.

— Eles não vão, Verônica! Vamos garantir que isso não aconteça. Eu não vou deixar aquele bandido chegar perto dele, eu te prometo.

Eu estava hiperventilando, precisava respirar.

— Uma água para ela! Rápido! — Ouvi a Georgia gritar.

— Verônica, meu amor, me escuta. — A voz do Guilherme soou em meus ouvidos e eu senti o toque da pele dele em contato com a minha, sua mão segurando a minha. Apertando com força. — Nada aconteceu ainda. Não vamos tirar os olhos do Nicolas, não vou deixar nada acontecer com nosso filho, nada. É uma promessa e nem que isso custe a minha vida.

Meu coração acreditava nele.

Eu acreditava nele.

Consegui focar em seus olhos castanhos e eles me transmitiam uma confiança absurda.

— Promete? Promete para mim que não vai deixar nada acontecer com ele?

— Eu prometo quantas vezes você quiser.

Me joguei em seus braços e fui apertada contra o corpo dele, sentindo as minhas lágrimas

molharem meus lábios, e fechei os olhos. Não gostava nem de pensar na possibilidade de o meu filho ser sequestrado, simplesmente não conseguia.

Guilherme me apertou ainda mais em seus braços e eu respirei fundo, sentindo seu perfume me acalmar, sua presença me dominar.

Estávamos divorciados apenas no papel, porque nossas almas jamais estariam separadas ou divididas.

Ele me soltou e prendeu uma mecha do meu cabelo que escapou para fora do coque que eu usava.

— Nada vai acontecer.

Assenti.

Simplesmente porque eu confiava nele.

Apenas isso.

— É melhor voltarmos para a delegacia — Samara falou. — Podemos afastar o Kelton do caso.

— A Geovana assumiria? — Samuel perguntou.

— Não — Georgia respondeu. — Eles vão mandar alguém de fora. Precisamos de todas as provas possíveis. — A observei olhar para a mais nova irmã e sacar as algemas. — Você precisará vir conosco, não temos outro jeito. Precisamos das provas que você tem, e digamos que você não tenha uma ficha muito limpa com a polícia.

Luna estendeu os braços e a Georgia a algemou.

— Eu sabia o risco que estava correndo ao contar a verdade, espero que vocês consigam pegar aquele homem, a morte é pouco para ele.

— Iremos garantir que ele veja o sol nascer quadrado por um bom tempo — Samuel disse e ela assentiu.

— Guilherme, leva a Verônica para casa, ela não está em condições de voltar para a delegacia agora — Samuel pediu e eu estava prestes a protestar que eu queria voltar para a delegacia quando a Georgia concordou com ele.

— Ele tem razão, você está muito nervosa, volte para casa e fique com seus filhos, vai querer protegê-los de perto.

— Finalmente concordou comigo em algo — ele resmungou.

— Eu concordo quando você fala algo que se pode aproveitar. — Dito isso ela saiu empurrando a Luna e juro que ouvi o Samuel resmungar algo sobre ela sempre concordar com ele quando o assunto era outra coisa e eu franzi o cenho, estranhando e me perguntando se eu tinha ouvido direito.

— Vamos, Verônica, vou levar você para casa.

— Certo.

Respirei fundo e me levantei.

— Onde está a chave do carro?

— Eu joguei de qualquer jeito dentro da bolsa.

Ele pegou minha bolsa e procurou a chave, resmungando que nunca iria entender como funcionava a bolsa de uma mulher.

— Achei, finalmente. Vamos.

Ele colocou a mão na base da minha coluna, me direcionando para a saída do restaurante.

Me sentei ao lado do carona e ele tomou o lado do motorista, ligando o carro em seguida,

uma cena que poderia ser considerada normal.

— Nós vamos trazer policiais para ficar em volta da casa — ele falou enquanto guiava o carro para fora do estacionamento. — Enquanto o Bóris não for pego as crianças não saem de casa. Vou deixar você lá, peço um táxi e passo na escola do Nicolas para deixar a diretora informada. A Vivi precisará perder a fisioterapia por alguns dias.

— Tudo bem, eu posso fazer alguns exercícios com ela em casa e a Emily também.

— Eu não vou deixar nada acontecer com vocês — reafirmou e eu apenas assenti.

Eu precisava confiar nele.



Guilherme estacionou o carro em frente a minha casa e desceu do carro junto comigo.

— Posso entrar para dar um beijo nas crianças? — perguntou por cima do teto do carro e eu assenti.

Dei a volta, indo para o portão, mas parei ao sentir sua mão segurar a minha. Tremi da cabeça à planta dos pés com o contato. Me virei para olhá-lo.

— Me perdoa por te meter nessa história. Ela é mais fodida do que eu tinha conhecimento. Quanto mais eu mexo mais coisa aparece, mais gente eu machuco e mais vontade de sumir eu tenho.

— Você não tem...

— Tenho culpa sim, Verônica. Tenho culpa porque decidi ir atrás deles. Quando essa história acabar e tudo estiver no seu devido lugar, eu vou fazer isso.

— Isso o quê?

— Provavelmente terei o meu distintivo retido, não poderei trabalhar na polícia, vou tentar me encontrar em outra coisa, talvez faça algumas viagens, não sei. Alguns dias fora, talvez, fazendo

escalada, subindo em alguma montanha. Devo ficar uns três dias fora a cada semana, voltando no final de semana para ficar com as crianças. Se você deixar eu posso levar o Nicolas comigo nas férias, vou planejar alguma coisa para fazer com a Vivi por aqui mesmo.

Assenti. Era difícil para o meu coração saber que estávamos divorciados.

Você escolheu isso.

— Assim que isso acabar, não é?

— Sim, quando esse inferno acabar.

Ele pegou o celular do bolso e começou a mexer nele.

— Leva o meu carro — falei.

— Tem certeza? — perguntou e confirmei.

— Sim, depois você deixa aqui ou eu busco na delegacia, não tem problema. Não planejo sair daqui agora mesmo.

Foi a vez de ele assentir.

— Certo, vou falar com as crianças.

— Claro.

Abri o portão e entramos.

Caminhamos lado a lado, porém, trombei com seu corpo quando ele se virou de frente para mim.

— Eu quero que você seja feliz, independente de qualquer coisa. — Suas mãos foram para o meu rosto e eu fechei os olhos, desfrutando do seu toque uma última vez. — Me prometa que será feliz. Prometa, pequena...

— Eu... — Perdi a voz ao olhar para ele, seus olhos focados intensamente em mim, meu coração perdendo o compasso das batidas, a respiração errática.

— Você vai ser feliz, Verônica. Vai se casar novamente, quem sabe ter mais filhos. — Era tão errado ouvir isso da boca dele e doía tanto... — Promete pra mim que vai ser feliz, pequena?

— E você, vai ser feliz?

Devolvi a pergunta e ele sorriu, um sorriso triste.

— Eu jamais voltarei a ser feliz se você não estiver ao meu lado.

Fechei os olhos porque eu sentia a mesma coisa, mas não iria falar. Não conseguiria.

Senti seus lábios em minha testa em um beijo casto e logo após o vazio. Abri os olhos e observei se afastar para entrar em casa. Pisquei para impedir as lágrimas e olhei para o céu.

Ah, Guilherme, eu jamais serei feliz sem você, mas não é tão fácil perdoar algumas atitudes.

Respirei fundo e tomei novamente o caminho para casa. Quando entrei vi o Guilherme segurando a Vivi no colo e ela ria para algo que ele dizia. Incrível como ela se apegou a ele, parecia que passou a vida inteira ao lado dela. E só Deus sabia como a Vivi estranhava as pessoas, foi uma dificuldade enorme fazer com que ela se acostumassem com uma babá. Tive quatro antes da Emilly, até ela conseguir conquistar meu bebê.

— Eles são lindos juntos, não é? — Emilly perguntou, parando ao meu lado.

— São sim.

— O divórcio saiu?

— Sim.

— Sinto muito, Verônica.

— Foi a melhor coisa a se fazer.

— Mas você ainda o ama.

Não respondi de imediato. Observava os dois juntos, o sorriso deles, a forma como ele beijava carinhosamente os cabelos loiros da nossa filha, a maneira como ela brincava com os cabelos dele.

Suspirei.

— As coisas vão melhorar, Verônica, você vai ver.

— Eu espero que sim, Emilly, eu espero que sim.

— O Nicolas já chegou? — Guilherme perguntou, chamando nossa atenção.

— Acreditam que ainda não? — Emilly disse, conferindo a hora no relógio, e eu olhei apreensivamente para o Guilherme. — Já era para ele ter chegado há um bom tempo, há dias que ele não chegava fora do horário combinado.

Peguei o meu celular no bolso de trás da calça, já pronta para discar o número dele, quando a Heloisa entrou na sala com o celular do meu filho nas mãos.

— Dona Verônica, o Nicolas esqueceu o celular dele hoje de manhã e esse número começou a ligar a todo minuto.

Meu corpo gelou e eu estendi a mão para pegar o aparelho, Guilherme se aproximou e entregou a Vivi para a Emilly, pegando o aparelho da minha mão. Era uma chamada de vídeo, de um número desconhecido.

Guilherme me olhou de maneira apreensiva.

— Liga para a Georgia agora, Verônica! Precisamos rastrear essa ligação.

Procurei o contato da agente, mas minhas mãos estavam trêmulas demais e toda hora eu me

atrapalhava. Até que consegui discar.

— Viva voz — ordenou e eu coloquei.

— *Oi, Verônica, aconteceu alguma coisa...*

— Georgia, preciso que você tente rastrear uma ligação anônima que estamos recebendo no celular do Nicolas, e precisa ser agora.

O celular parou de tocar.

— *Me fale o número do celular dele* — pediu com urgência na voz e ele falou o número no instante em que voltou a tocar.

— Vamos anteder — ele avisou.

— *Podem atender, estou com tudo ligado aqui para tentar descobrir de onde vem o sinal.*

Então ele atendeu e um homem sério apareceu em frente a câmara, um sorriso frio nos lábios. Eu sabia quem ele era, vi nas imagens de segurança e na pasta da Interpol que ficava salva em meu computador na delegacia.

— *Guilherme, que prazer revê-lo* — falou.

— O que você quer? — perguntou e ele sorriu, fazendo meu estômago se contorcer.

— *Eu não quero nada, mas acredito que seu filho precise de uma certa ajuda.*

Dito isso ele virou a câmera e eu vi o meu filho sentando em uma cadeira, amarrado e com uma mordaca na boca. Pânico estava estampado em seus olhos.

— Nicolas! — gritei, mas a ligação foi encerrada.

Meu coração queria saltar para fora do peito.

Não podia ser.

Não podia ser.

O celular voltou a apitar e a voz do Bóris veio à tona.

— *A Luna deve ter comentando que adoro fazer tortura, sendo assim, a morte do filho de vocês será de forma lenta e bastante dolorosa.*



O risco de uma decisão errada é preferível ao terror da indecisão.

Maimonides

Guilherme

— Georgia, o que você conseguiu? — perguntei no instante que ele encerrou a ligação.

— *A localização é um sobrado, na zona norte de São Paulo, na Vila Madalena. Estou mandando reforço policial para lá agora mesmo!*

— Nós estamos indo para lá imediatamente.

— *A localização está no celular dos dois! Estou saindo daqui também, a Luna disse que precisa vir, mas não posso soltá-la!*

Enquanto ela falava, Verônica e eu corríamos para o carro.

— Ela mentiu! — Verônica gritou ao meu lado, pegando o celular da minha mão. — Meu filho foi sequestrado hoje, como podemos confiar nela?

— *Sei que não vai ser fácil acreditar, mas se querem o filho de vocês a salvo, chamem o corpo de bombeiros.* — A voz da Luna saiu pelo telefone. — *O Bóris ama fogo, incêndio, e o ouvi dizer que seria uma morte lenta e dolorosa, apenas chamem o corpo de bombeiros!*

Entrei dentro do carro e assim que a Verônica entrou também, mal a esperei fechar a porta e arranquei com o carro. Precisávamos correr. Parecia que o trânsito estava contra nós, completamente lento. Os semáforos todos resolveram fechar no mesmo instante e nenhum carro se movimentava.

— Inferno! — Bati a mão no volante.

— Tem que ter outro jeito! — Verônica disse e sua voz era aflita.

Então começamos a ouvir q as sirenes, olhei para o lado esquerdo da avenida e vi várias viaturas da polícia federal passarem por nós.

— É a nossa deixa — falei, preparado para fazer uma manobra um tanto arriscada. — Coloca o cinto e se segura.

Não esperei muito. Subi com o carro em cima da calçada e acelerei, as pessoas saindo correndo da frente, assim que coloquei o veículo na rua novamente, segui o fluxo dos carros da polícia. O celular da Verônica voltou a tocar.

— Georgia — ela disse. — Sim, somos nós. Certo, entendi. Pode deixar.

E encerrou a chamada.

— Ela fez uma chamada de emergência aos bombeiros — falou.

— Vamos chegar a tempo, vamos chegar a tempo — falava mais para mim mesmo do que para ela.

Estava quase chegando a 100km por hora, as curvas eram feitas em uma velocidade um pouco baixa, estávamos no meio de cinco viaturas, correndo contra o tempo.

Dez minutos depois chegamos ao nosso destino, o sobrado parecia abandonado. A polícia montava uma barricada, enquanto eu tentava ver algum movimento suspeito.

— Não vejo nada, será que estão aí mesmo? — Verônica perguntou.

— Sim, estão.

Eu sentia isso.

O celular do Nicolas voltou a tocar e a Verônica atendeu, colocando no viva voz em seguida.

— Onde está o meu filho? — perguntou, irada.

— *Soa sexy mesmo estando prestes a perder o filho.*

— Seu filho da puta! — gritei, pegando o celular da mão dela. — Onde você está se escondendo, seu merda? Fala, porra!

— *O desespero de vocês quase me deixa comovido, acredita?*

Se eu pudesse eu entraria pelo telefone apenas para socar aquele filho da puta.

— Eu vou falar mais uma vez — falei baixo, mas com toda a raiva possível. — Onde. Está.

O. Meu. Filho?

— *Por que não procuram dentro da casa? E se quiserem o menino ainda vivo, aconselho que façam rápido. Sabem como é, não é? Acidentes com gás de cozinha são bem comuns.*

Eu iria xingá-lo mais uma vez, mas a mão da Verônica em meu braço e sua voz apavorada me fez olhá-la.

— Guilherme...

Olhei para a casa e vi o fogo em um dos cômodos do andar superior.

— Não, não... — Olhei para o lado procurando os bombeiros, mas ainda não havia nenhum sinal deles.

— Eu vou entrar — avisei, tirando a jaqueta e entregando para a Verônica, juntamente com o celular.

— Guilherme... — Verônica chamou, mas eu já estava indo para a porta da casa.

— Guilherme, espera! — Olhei para trás no momento que a Georgia saiu do carro da polícia, correndo em nossa direção. — Os bombeiros estão chegando, calma...

— É o meu filho, droga! Pode ocorrer uma explosão e você quer que eu fique calmo?

— Eu tô mandando você agir com a cabeça e não se matar!

— EU PRECISO SALVAR O MEU FILHO!

— Eu entro. — Olhei para o lado e vi o cara todo tatuado que foi visitar a Georgia no hospital logo após a missão do Bóris ter dado errado.

— Pierre! — Georgia disse com cautela.

Eu nem havia visto quando ele tinha chegado, mas seu rosto tinha hematomas de quem havia se metido em uma briga recentemente.

— Eu já trabalhei como bombeiro, vou entrar e tiro seu filho — falou, olhando para mim e já amarrando um pano na boca.

— Pierre, por favor...

— Relaxa, morena. — Ele olhava para a minha irmã. — Eu dou conta. Sabe que eu não vivo sem encarar o perigo. — Se virou para mim. — Sabe onde o menino está?

— Parecia um quarto, o gás está vazando, pode explodir e... e... Só tira o meu filho de lá, pelo amor de Deus! — Verônica pediu incoerentemente.

— Vou tirar. — Se virou para a Georgia. — De olho no celular. Se eu não conseguir fazer com que saíamos pela porta, preciso que fale para os bombeiros colarem a cama elástica embaixo da janela do quarto que ele estiver. Vai dar certo.

Então ele se virou para o local e correu, arrombando a porta em seguida.

Sabe aqueles momentos em que os segundos parecem horas? Que o tempo parece parar? Que nada parece se mover?

Estávamos assim.

Verônica tinha as duas mãos unidas perto da boca e os olhos presos no prédio a nossa frente. Eu estava inquieto, uma sensação estranha tomando conta do meu ser, tomando conta de mim. O medo

nunca esteve tão presente. A Georgia olhava para o prédio e apertava o aparelho celular em suas mãos. Samuel, que não vi quando havia chegado, estava com alguns ferimentos no rosto também, ao lado da Georgia, e não conseguia decifrar o que se passava com ele.

Ouvi mais sirenes se aproximando e os bombeiros chegando. Observei a Samara coordenar a todos enquanto passava informações pelo rádio da viatura. A cama elástica já estava sendo montada e os bombeiros trabalhando o mais rápido possível para começar a conter as chamas. Vi ambulâncias chegando ao local.

Tudo parecia demasiado lento.

Então o celular da Georgia tocou.

— Pierre! — ela atendeu imediatamente.

— *Escuta, morena! Não temos mais como sair pelo andar de baixo — ele gemeu e eu soube que estava ferido. — Preste atenção. Eu preciso que você fale para os bombeiros irem para a segunda janela a partir da sua direita, certo? O mais rápido que vocês puderem. O fogo se alastrou muito rápido.*

— Como está o meu filho? — Verônica perguntou.

— *Ele tá bem, vai ficar tudo bem. Só façam isso rápido.*

Gemeu de novo.

A cama já estava sendo posicionada.

— *Pronto?* — perguntou.

— Calma — minha irmã pediu, olhando para os bombeiros, e quando eles disseram que estavam prontos ela passou a informação. — Pronto.

— *Escuta aqui, garoto, você vai correr* — Ele gemeu novamente, dessa vez mais alto — *por aquela janela, não precisa ter medo. Vai ter um colchão que vai te amparar. Seus pais estão lá embaixo.*

— *Tá bom* — meu filho disse.

A cama estava embaixo da única sacada que havia, então pular não seria difícil. Segundos depois eu vi o Nicolas aparecer na varanda.

— Nicolas! — Verônica gritou.

— Pula, Nicolas! — gritei, indo para perto da cama elástica junto com a Verônica.

— Pula, filho! — ela disse.

Os bombeiros já estavam apagando o fogo da entrada, estava tudo muito quente.

— Pula! — gritei novamente e ele se moveu para cima da grade e se jogou, caindo em cima do elástico.

— Graças a Deus!

Corremos para abraçar nosso filho.

— Vai ficar tudo bem, meu amor — Verônica disse, o ajudando a sair de lá para que o Pierre pudesse pular e o abraçando apertado, conferindo se estava bem. — Está ferido, machucado?

Ele tossiu algumas vezes.

— Vamos levá-lo para a ambulância, vem! — Saí puxando os dois, o calor estava insuportável.

Foi colocado uma máscara de oxigênio nele e ele estava sendo colocado deitada na maca quando ouvimos uma explosão, seguido pelo grito da minha irmã.

— PIERRE! NÃOOOOO!

Olhamos para trás a tempo de ver parte da casa explodindo. Foquei na minha irmã, que tentava correr desesperadamente para o local, mas foi segurada pelo Samuel.

— PIERRE! — ela gritou de novo, tentando se desvencilhar do Samuel, mas era em vão.

Verônica tentou segurar o grito de espanto, mas não deu conta. Minha irmã caiu no chão, ajoelhada, seguida do homem que a amparava como se a conhecesse bem e gritou. Ela gritou tão alto que eu juro que escutei outro grito em resposta.

— Ele tinha queimado a perna — Nicolas disse e nos viramos para ele.

— O que, filho? — Verônica perguntou.

— A perna. Estava toda queimada, ele não conseguia mais andar. Perguntei se ele queria ajuda para saltar também, mas ele disse que não.

Verônica abraçou o filho e eu voltei a olhar para a casa.

O fogo sendo apagado e a construção desabando aos poucos.

Eu mataria o Bóris.

Era a única certeza que eu tinha.

Nem que ele me matasse no processo, mas o eu mataria.



Para suportar as aflições dos outros, todo o mundo tem coragem de sobra.

Benjamin Franklin

Verônica

Nunca em toda a minha vida eu senti tanta aflição e tanto medo. Pensar que meu filho poderia ter morrido queimado, que ele poderia não estar mais ali comigo...

Apertei sua mão e beijei seu rosto. O médico havia recomendado que ele ficasse até o dia seguinte no hospital e eu concordei, mesmo meu filho insistindo que queria ir para casa. Naquele momento ele estava dormindo e depois de calmo conversaria com a polícia e me explicaria o que aconteceu.

A porta do quarto foi aberta e o Guilherme entrou. O observei caminhar até a cama e beijar a testa do Nicolas. Saí de perto e fiz um sinal para que ele me seguisse.

Do lado de fora do quarto eu cruzei os braços e esperei que ele saísse, ele fechou a porta e me olhou.

— Como está a Georgia? — perguntei logo.

— Péssima — falou. — Os bombeiros encontraram apenas o corpo dele.

Assenti e fechei os olhos. Pela maneira que observei os dois, chutei que tivessem algo, e quando ela gritou o nome dele daquela maneira eu tive certeza.

— Falou para ela o que o Nicolas disse?

— Sim, infelizmente não podemos fazer nada. — Ele respirou fundo e eu fiz a mesma coisa, tentando acalmar os sentimentos dentro de mim, tentando me manter calma, mas era impossível, havia várias coisas entaladas dentro de mim que precisavam sair. — Verônica...

— Não, Guilherme — pedi, levantando a mão. — Se vai se desculpar pelo o ocorrido pode ficar calado, se vai dizer que sente muito é melhor ficar calado também, porque nada disso teria acontecido se você não tivesse ido atrás deles! É sua culpa nosso filho ter sido sequestrado! É sua culpa nós vivermos com medo de sair na rua! É sua culpa que aquele homem tenha morrido! É sua

culpa ter me abandonado quando eu estava grávida! É por sua culpa que estamos aqui agora em um hospital e tenha um louco nos fazendo ameaças. É. Tudo. Sua. Culpa.

Gritei a última frase.

Lágrimas de raiva queimavam em meus olhos, minha respiração estava acelerada e eu tremia de ódio.

Guilherme me olhava sem falar nada. No fundo eu queria que gritasse comigo, que dissesse que eu estava errada, que eu estava de cabeça cheia. Mas não, ele ficou calado, abaixou a cabeça e concordou comigo.

— Você tem razão — disse. — É tudo minha culpa. Talvez seja melhor eu me afastar de todos vocês, mas antes eu vou mandar aquele bandido para o inferno.

Ele se virou, mas parou no meio do caminho e voltou a me olhar.

— Diga ao Nicolas que eu o amo e diga para a Vivi, quando ela estiver idade para entender mais as coisas, que ela foi o maior presente que eu poderia ganhar.

Dito isso ele se virou e sumiu nos corredores.

Meu coração se apertou, pois depois dessas palavras eu sabia que ele não voltaria.



— Pelo menos você se divorciou daquele embuste — Minha mãe disse ao sairmos da lanchonete.

Ela soube do ocorrido pela televisão e foi o mais rápido que pôde para São Paulo.

— Mãe...

— Não acha que estou certa? Se não fosse a irresponsabilidade daquele lá, vocês não teriam passado o que passou hoje. E se o Nicolas morresse, Verônica? Você perdoaria o Guilherme

por ter colocado o filho de vocês na linha de fogo daquele bandido? Me responda e seja sincera, por favor!

Eu estava com a minha cabeça latejando. E ouvi-la reclamar a cada segundo fazia a dor piorar em dez níveis. Coloquei as mãos nas têmporas, fazendo massagem e fechando os olhos.

— Verônica, estou falando com você.

— Eu sei e se não percebeu você está sendo ignorada.

— Verônica...

— Mãe, chega! Pelo amor de Deus! Minha vida já está um inferno e você vem sempre para piorar a situação, para me jogar para baixo, fazer acusações. Eu estou cansada!

— Mães fazem isso.

— Não, não fazem! Mães apoiam seja qual for o problema, mães dão ombro quando seus filhos estão precisando chorar. Desde que chegou a senhora só reclama que está quente, que o quarto do Nicolas deveria ser mais ventilado, que as atendentes não sorriem, que as enfermeiras estão mal-humoradas. Em nenhum momento você me perguntou como eu estava com essa situação toda, ou perguntou ao Nicolas como ele estava, não perguntou como a sua neta estava. Desde que chegou só sabe criticar, falar mal e reclamar de qualquer coisa!

Eu estava prestes a desmoronar, mas não podia fazer isso, não com ela.

— Eu vou procurar um hotel para ficar hospedada, conversaremos quando você estiver mais calma.

Então ela me deixou sozinha, e no instante em que ela se afastou, eu me encostei na parede e escorreguei até o chão.

Quando minha vida começou a dar tão errado?

Eu queria apenas paz.

Seria possível?

Será que esse pesadelo acabaria algum dia?

Será que algum dia eu teria alguma paz comigo mesma?

— Verônica?

Olhei para cima e vi o Samuel. A visita dele me fez chorar ainda mais.

— Samuel...

Ele se abaixou e me puxou para um abraço.

— Vai ficar tudo bem, baixinha. Vai ficar.

Suas mãos acariciavam meus cabelos enquanto eu chorava ainda mais.

Eu duvidava de que alguma hora isso fosse melhorar, mas não falei nada.



Abri os olhos, mas os fechei rapidamente, colocando a mão no rosto. A luz muito clara às vezes era um verdadeiro terror. Me sentei e vi que estava no quarto em que o Nicolas estava em observação, meu filho dormia e o Samuel estava sentado na cadeira mexendo no celular.

— Conseguiu dormir? — perguntou, guardando o aparelho.

— Um pouco — falei e movimentei os músculos do pescoço e braços, me espreguiçando em seguida.

— Está com fome?

— Estou sim.

— Vem, vamos aproveitar que o Nicolas dormiu e procurar algo para você comer.

Foi até mim e estendeu a mão, aceitei e fui puxada.

Caminhamos lado a lado pelo corredor do hospital em direção ao refeitório.

— Vi sua mãe quando estava chegando — falou depois que fizemos os pedidos e nos sentamos.

— Sim, ela viu o noticiário e veio correndo para cá. — Mexi o meu *cappuccino* e mordi o lábio.

— Imagino que a conversa não tenha sido agradável.

— Me pergunto como minha mãe pode ser tão insuportável e inconveniente na maioria das vezes. Não faz sentido!

— Muitas coisas não fazem sentido, Verônica. — Segurou minha mão por cima da mesa. — Mas é o jeito dela de dizer que está preocupada com você.

— Eu sei, mas mesmo assim, eu... — Fechei os olhos. — Ela não pensa antes de falar, sai atirando o seu rancor e ódio por todo lado.

— Vai ver sua mãe está precisando de um namorado.

Acabei rindo. Estava para nascer o homem que daria conta de colocar a dona Rose na linha.

— Duvido que exista um louco para cometer tal ato — brinquei.

— Vai saber... Mas conversa com ela. Vai fazer bem às duas.

— Eu vou tentar.

Ficamos em silêncio enquanto terminávamos de comer.

— Como está a Georgia? — resolvi perguntar, pois ele tinha ficado com ela quando fui na

ambulância com o Nicolas.

— Péssima — falou, abaixando a cabeça, brincando com um pedaço de guardanapo.

Observei o meu amigo mais de perto e vi algo que ainda não tinha visto: dor e aflição.

— Samuel, está tudo bem?

— Está sim — respondeu, voltando a me olhar.

— Por que eu acho que você está me escondendo algo?

— Não estou escondendo nada.

— Tem certeza?

Ele me olhou, pronto para negar, mas percebi soltar o ar e seus ombros desabarem.

— É mais complicado do que você imagina.

— E por quê você não me conta?

— Não estou pronto para isso — falou.

— Quando estiver, sabe que pode vir conversar comigo, não sabe?

— Sim. Obrigado por isso.

Sorriu em agradecimento.

— O que está passando ali na televisão? — Samuel perguntou, se levantando e indo até mais perto. Me virei para fazer a mesma coisa, era o plantão de notícias sendo transmitido.

“Estamos acompanhando ao vivo a perseguição que começou há alguns minutos. O carro que está sendo perseguido pela viatura da Polícia Federal é um Pálio branco. Pelas informações passadas para o nosso helicóptero, foi confirmada uma morte em um estacionamento subterrâneo, a polícia já está no local. O carro da polícia está sendo dirigido pelo Agente Guilherme Brandão e

no banco do carona está a Agente especial da Interpol, Georgia Chevalier.”

Olhei desesperada para o Samuel, que imediatamente tirou o celular do bolso e saiu de perto de mim. Voltei a prestar atenção no noticiário.

“Os dois carros estão em altíssima velocidade, comandante.”

“120 KM por hora!”

“A Georgia acabou de informar que o carro está sem freio, eles estão indo para uma região de curvas altamente perigosas.”

“Estão mandando reforços para lá o mais rápido possível.”

Meus olhos se fecharam e eu pedi silenciosamente que Deus o protegesse.



Capítulo

39

O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte.

Friedrich Nietzsche

Guilherme

Assim que cheguei na delegacia fui direto para onde me informaram que Luna estaria. A deixaram em uma sala especial aos cuidados de Geórgia.

— Você mentiu — a acusei assim que passei pela porta, deixo que veja a mistura de frustração e irritação que a em mim neste momento, a porta bate com um baque, mas ela não se assusta.

— Não menti, juro! Por que eu mentiria e logo depois salvaria seu filho? Por que eu me entregaria? Você acha que eu faria isso tudo se estivesse mentindo? Não sou louca e muito menos burra. Vocês poderiam facilmente acabar comigo.

— Então pode me explicar que porra aconteceu hoje!

— Como eu vou saber, droga?! — gritou, tentando se levantar, mas as algemas a mantinham contida, impedindo o ato repentino e a segurando no lugar. — Ele pode ter descoberto que eu ia fazer algo e adiantou o plano, ou simplesmente mudou de ideia! Eu não sei o que aconteceu! O Bóris é completamente louco!

Me afastei dela e olhei para a Georgia, ela estava calada, com o olhar perdido. Seu semblante mostrava que estava tão exausta mentalmente como eu, o que me levava a pensar o quão doloroso estava sendo para ela, talvez até mais do que para mim.

— Georgia...

— Eu estou cansada! Completamente acabada com toda essa história! Ele matou mais uma pessoa que eu amava! Eu cansei, Guilherme! Eu achei que era forte, mas depois de tudo isso percebo que não, eu não sou tão forte, estou quase explodindo de dentro para fora e preciso urgentemente tomar uma atitude!

— O que você vai fazer? — perguntei.

Agir por impulso naquele momento só nos levaria a mais perdas, e pelo olhar dela eu sabia que era exatamente o que queria fazer. Usar a raiva do momento e atacar, mas não daria certo sem um bom plano antes.

— Eu vou matá-lo! Eu deveria tê-lo matado assim que coloquei os olhos nele naquele dia em que o plano deu errado. Se eu o tivesse matado nada disso teria acontecido.

Ela tentou passar por mim, mas segurei seu braço, a impedindo de sair.

— Você não sai daqui — afirmei.

— Eu quero ver você conseguir me impedir!

Ela tentou se soltar, mas eu era muito mais forte que ela. Eu não deixaria que cometesse essa loucura e acabasse atrás das grades ou quem sabe morta, por causa de um verme.

— Para, Georgia! — gritei, a sacudido para voltar a si.

— Por quê? Me diz! Por que eu preciso parar? — rebateu, nervosa, seu choro estava preso na garganta, seus olhos transbordavam dor, dor essa que não fui capaz de cessar porque era a mesma dor que sentia, mas precisava mostrar para ela de alguma forma que aquele não era o caminho.

— Porque é isso que ele quer — Luna falou e nós olhamos para ela.

Sim, no fundo eu sabia que era exatamente o que o desgraçado queria. Nos pegar no impulso, no erro.

— Quando vocês dois brigam ou agem movidos por emoções, ficam mais fracos e mais suscetíveis a erros.

— Cala a boca! Você é quem tem menos direito a voz aqui — Geórgia gritou.

— O Bóris está mexendo com o psicológico de vocês dois, manipulando, e vocês não estão percebendo, estão tornando tudo mais fácil para ele. — Ela respirou fundo e olhou para o teto, mas

voltou a nos encarar em seguida, ignorando o que Geórgia falou. — Eu sei bem como funciona o jogo psicológico dele, vivi com esse homem. Ele compra as pessoas, gera pistas falsas, coloca um contra o outro. Ele nos trata como peças de xadrez, te faz pensar que o jogo está ganho, quando, na verdade, não está. Tenho certeza de que ele imaginou que eu o trairia e se aproveitou disso para me jogar contra vocês, para isso ele sequestrou o filho do Guilherme, que o deixou completamente abalado e atirando onde não via, matou o namorado da Geórgia. Será que é tão difícil para vocês perceber que não passamos de marionetes? Peças descartáveis?

— Acha mesmo que eu vou acreditar em você? Acha que...

Meu celular começou a tocar, nos interrompendo, e era um número desconhecido.

Nos entreolhamos

— Atende — Georgia disse. — E coloca no viva voz — completou.

Assenti e deslizei a tecla para atender a chamada.

— Alô — falei.

— Guilherme, fico imensamente feliz que tenha salvado seu filho. — *Cretino*, pensei. —

Lamento pela perda do seu namorado, Georgia. Suponho que esteja ouvindo também.

— Vai lamentar no inferno! — Georgia disse.

— Ela tem garras... Será que arranha? — debochou ele, dando uma risada.

— O que você quer, Bóris? — perguntei, impedindo Georgia de avançar no telefone.

— Eu, nada. Apenas querendo saber como estão, mas acredito que tenha uma pessoa que queira falar com vocês.

— Guilherme, pelo amor de Deus, me tire daqui, me tire das mãos desse monstro... Ai!

Arregalei os olhos ao perceber que era minha ex-sogra falando.

— Rose...

— Quer ter sua querida sogra de volta? Venha até o endereço solicitado, você, a Georgia e a Luna, apenas vocês, e eu liberto sua sogra sem um arranhão.

— Você é louco — falei.

— Apenas vocês... O endereço está aí.

E a ligação caiu.

— Não posso deixá-la lá — disse para Geórgia.

— Eu sei disso. Por mais odiosa que sua ex-sogra seja. — Ela colocou as mãos na cintura e olhou para Luna. — Vamos falar com a Geovana. É a única maneira.

Ela saiu da sala e eu lancei mais um olhar para a minha gêmea antes de ir atrás da minha outra irmã. Ela já estava entrando na sala da Geovana quando eu a alcancei.

— Nenhuma movimentação do Kelton. Já vasculhamos tudo quanto foi buraco ou seus inúmeros apartamentos — Geovana disse, andando de um lado para o outro. — Apartamentos esses que com certeza ela não comprou com salário de policial.

— Família? — Georgia questionou.

— Nada! A esposa não tem notícias do marido há dias, os filhos também não sabem de nada, de qualquer forma pedi um mandado de quebra de sigilo telefônico.

— Ele está com o Bóris, tenho certeza — falei, olhando pela janela.

— Mas aonde? — perguntou, indo se sentar.

Eu poderia não estar falando com ela, mas ainda era a delegada e, querendo ou não, minha chefe.

— Bóris sequestrou minha ex-sogra, acabou de me ligar. Ele quer a Luna em troca dela, e

quer que a Georgia e eu façamos a troca.

— Ele quer colocar vocês no mesmo lugar, juntos e no território dele. Me passe o endereço.

Vamos chamar reforços. Aquele mafioso não sair vivo daquele lugar.

— Geovana, não! — falei e ela me olhou assustada.

— Por quê? — questionou com espanto.

— A Georgia e eu iremos levar a Luna e realizar a troca, quando tudo estiver certo e a Rose não estiver mais em perigo, vocês entram.

— Vocês não vão sair sozinhos.

— E nós não vamos sozinhos. Vocês vão nos dar cobertura, iremos na frente, realizaremos a troca e quando a Rose estiver segura a gente tenta pegar.

— Tenta, não — Georgia corrigiu. — A gente pega *ele*.



Eu estava no volante, a Georgia no lado do carona e a Luna no banco de trás. No GPS havia o endereço que o Bóris havia mandado, o GPS estava sendo monitorado pela polícia, a Geovana estava há alguns minutos de distância de nós, ela não podia se aproximar naquele momento.

O local que o Bóris pediu para nos encontrar era um estacionamento subterrâneo.

— Fiquei de olho, Geovana. Não sabemos o que vai acontecer a partir do momento que entrarmos naquele estacionamento — Georgia disse para a Geovana através do ponto eletrônico.

“Você chegou ao seu destino.”

O GPS acusou.

Devagar, parei o carro e desci, abrindo a porta do banco de trás para tirar a Luna, que

estava devidamente algemada.

— Guilherme — Georgia chamou e quando eu a olhei ela jogou uma chave para mim, que imediatamente peguei e abri as algemas da Luna.

— Mas o que... — começou a falar, mas se calou quando a Georgia parou ao meu lado e lhe entregou uma arma.

— Suponho que saiba atirar — perguntou.

— Claro que sei. Aquele filho da mãe fez questão que eu aprendesse — falou, segurando o revólver e logo depois o escondendo na roupa e colocando as mãos para trás. — Melhor ele pensar que eu estou rendida.

— Ótimo! Então vamos — falei, me virando, arma em punho e entrando dentro da garagem que estava mal iluminada.

Os passos eram feitos de maneira cautelosa, eu estava na frente, a Luna no meio e a Georgia fazia a retaguarda. Olhava para todo canto, à procura de algum sinal que pudesse indicar onde ele estaria.

— Vamos mais a frente — avisei a elas.

O silêncio era tanto que eu podia ouvir minha própria respiração. Além do sangue correndo pelas minhas veias, a descarga de adrenalina fazendo com que o coração bombeasse mais rapidamente.

Ouvi um barulho a minha esquerda e rapidamente virei para lá, arma apontada, mas era apenas um gato passando.

Voltei ao percurso normal, então parei quando comecei a ouvir alguns gemidos dolorosos.

— Georgia... — sussurrei.

— Estou ouvindo, vem dali. — Apontou para o lado esquerdo e eu tomei a dianteira, me escorando na parede que fazia divisão de onde estava vindo o barulho.

Arma engatilhada.

Apenas esperando o momento certo.

Quando ouvi uma lata sendo chutada naquela direção, me virei e apontei a arma, o que fez minha ex-sogra gritar.

— Rose! — falei, mas parei ao ver o Bóris atrás dela.

— Ora, ora... se não são os três irmãos juntos. — Saiu de trás da Rose e começou a se aproximar de nós. — Vai mesmo entregar sua preciosa irmã em troca dessa mulher que nunca gostou de você e sempre te humilhou?

— Acha mesmo que vou levar isso em consideração? Você me pediu uma troca e eu estou aqui para realizar.

Peguei a Luna pelo braço e caminhei até ele.

— Eu quero *ela* — falei, apontando para minha ex-sogra, que estava olhando para tudo com certo pavor.

Bóris olhou atentamente para a Luna e sorriu.

— Achou mesmo que eu não ia descobrir sua farsa?

— Pouco estou me importando. Vai fazer o que comigo? Me jogar em um cativeiro, sem comida ou água? Ou simplesmente vai me mandar um dos seus capangas me dar uma lição igual fez das outras vezes? — Luna cuspiu cada palavra com ódio.

— A morte é melhor para você — disse em um rosnado.

— Então me mata logo! Acredito que seja melhor morrer do que viver certas coisas e

conviver com o peso do passado.

Eu já estava desamarrando a Rose quando escutei Georgia xingar, mas o motivo foi ele ter visto a arma da Luna. Ela tentou acertá-lo com alguns golpes, só que não conseguiu.

Coloquei a Rose atrás de mim no exato momento em que Luna tentou se soltar dele e ele pegou um revólver, apontando direto para o peito dela, dando três disparos seguidos.

Luna arregalou os olhos e acredito que eu também tenha feito isso. Bóris a soltou e ela cambaleou para trás, o sangue jorrando de seu peito, até ela cair com um baque surdo.

Morta.

A Rose gritou ao meu lado devido o susto, mas eu só conseguia ver o homem que, mais uma vez, estava acabando com o pouco da família que me restava.



Não devemos mostrar a nossa cólera ou o nosso ódio senão por meio de atos. Os animais de sangue frio são os únicos que têm veneno.

Arthur Schopenhauer

Guilherme

Bóris ainda estava com a arma em punhos, o prazer em matar brilhava em seu rosto, os olhos transbordavam ódio e vingança.

Nos treinamentos aprendemos que o raciocínio rápido e a percepção de cada fato é crucial em situações como esta. Tudo deve ser rápido e bem feito, por isso, assim que percebi que ele estava virando em nossa direção, joguei a Rose atrás das pilastras, pouco antes de um intenso tiroteio começar e a voz do miserável ecoar em minha cabeça.

— Acham mesmo que vão escapar do destino de vocês? Eu vou matar todos vocês, nem que essa seja a última coisa que eu faça na vida. Os pais de vocês tentaram a todo custo ferrar comigo, mas eles tiveram o que mereceram. Filhos sequestrados, filhos mortos. E agora vocês surgem do quinto dos infernos para tentar atrapalhar meus planos de novo, mas não vai ser dessa vez que vão me prender, porque...

— Meu Deus, Meu Deus... — Rose sussurrava, completamente nervosa.

— Rose, vai ter que confiar em mim — falei, tentando acalmá-la da melhor forma possível. A saída era do outro lado, expliquei o mais rápido que pude como iríamos sair, mas o nervosismo estava a deixando histérica. — Rose, presta atenção. Não temos tempo a perder, você precisa confiar em mim! Olha o que vamos fazer. Eu darei cobertura a você até que chegue do outro lado, onde Georgia está escondida. Você precisa ser rápida, entendeu?

— Meu Deus, eu não vou conseguir, Guilherme, eu não vou conseguir...

— É só fazer o que eu mandei e não olhar para trás. Quando eu gritar você corre o mais rápido que conseguir. — Dei um tempinho para que ela respirasse e então gritei: — Agora!

Me virei e comecei a atirar, Boris estava escorado, mas percebi quando a bala o atingiu no instante que ele gritou. Olhei para conferir e a Rose já estava correndo para fora do estacionamento.

Georgia parou ao meu lado e começamos a andar devagar até onde Bóris supostamente havia caído, mas de repente começamos a ouvir novos tiros, e sem tempo de correr para nos proteger, empurrei Georgia no chão e tampei seu corpo com meu corpo para impedir que fosse atingida. Tentei olhar para trás e ver quem estava atirando, quando avistei Kelton indo em nossa direção com a arma apontada.

— Vocês não vão fugir. Não dessa vez.

— Kelton, não faça isso — falei, o alertando e me levantando com cautela.

— Por quê? O que vocês têm a me oferecer? Nada, absolutamente nada! Uma droga de salário, uma droga de emprego. Eu consegui muito mais trabalhando com o Bóris.

— E você acha que é vantagem trabalhar para um bandido? — Georgia perguntou, já de pé, mas comigo a mantendo um pouco atrás de mim. — Ser caçado como um criminoso? Não poder andar livremente?

— Vocês não entendem...

— Você está jogando a sua vida fora, Kelton! — falei.

— Não. Assim que eu matar vocês dois, vou viver bem. Eu vou viver muito bem...

Seu descontrole era nítido.

— Digam adeus a esse mundo... — ele disse, apontando a arma para nós.

Ouvi o clique do gatilho, mas não foi a arma dele que disparou.

Logo caí gritando e a arma voou de sua mão, que sangrava.

— Vão atrás do Bóris! — Geovana gritou, mantendo a arma apontada para o Kelton. — Ele está com o carro que tem o rastreador. Vão!

Corremos seguindo as instruções dela, ao entrar no carro não perdemos tempo. Enquanto

Georgia tentava conectar o rastreador para ter as informações, já liguei o carro, dando a ré.

— Ele está pegando a rodovia. Corre!

Virei à esquerda e meti o pé no acelerador, cantando pneu, seguindo em direção à Rodovia Raposo Tavares. A sirene estava ligada e Georgia de olho no localizador. Eu desviava dos carros, quando coloquei o pé no freio e não senti nada.

— Inferno, não pode ser!

— O que houve? — perguntou, os olhos no localizador.

Não dei uma resposta, não era o momento de causar mais pânico. Ela estava concentrada na estrada e no rastreador.

— Ali está ele!

Apontou e eu vi a Pálio. Acelerei mais e percebendo nossa presença, ele acelerou também.

Começávamos a nos afastar da cidade, os carros ficando para trás e ele estando em nossa direção.

— Localização, Georgia — pedi, tentando manter o carro na pista.

Ela pegou o rádio e começou a falar.

— *Agente Chevalier falando, viatura 2555 em perseguição na rodovia Raposo Tavares, já saindo do perímetro urbano. Precisamos de reforços urgente. Repito. Precisamos de reforços urgente!* — Ela se calou, mas voltou a apertar o rádio, falando o que já tinha percebido. — *Estamos com o carro sem freio.*

— Tenta acertar a roda. Ele não vai parar se não fizermos isso.

— Ele está nos levando para a morte — comentou, mas pegou o revólver, abriu o vidro e começou a disparar. A pálio começou a dançar na pista, tentando se desviar dos tiros.

O nosso carro estava instável, não conseguiríamos mantê-lo por muito tempo.

— *Atenção, helicóptero da Polícia Federal aqui, barricada sendo formada mais frente a 15 km de distância. Alerta de perigo para as curvas à frente.*

Georgia atendeu o rádio.

— *Entendido.*

Ela voltou a tentar acertar o carro, mas as curvas complicavam. A cada curva que eu fazia, podia ouvir o barulho da borracha no asfalto. Ele estava mais à frente, se eu estava rodando a velocidade constante de 100 km por hora, ele estava a 110 ou 120.

— *Barricada se aproximando* — a voz no rádio falou novamente.

Já estávamos em pista reta, vendo os carros da polícia do outro lado.

— Temos que desviar, o carro não vai parar agora! — Georgia disse.

— Desce do carro!

— Eu não vou descer, está maluco? — gritou ao meu lado.

Eu segurava o volante com as duas mãos, enquanto mantinha o olho na pista, o carro do Bóris logo à frente. Me virei, pronto para abrir a porta do carro e empurrá-la dali.

— Georgia, eu falei para você...

— GUILHERME, CUIDADO!

Olhei para frente a tempo de ver o carro do Bóris freando bruscamente. Girei o volante para o lado esquerdo, o carro derrapou no asfalto indo para o lado oposto da pista, girando em círculos e por fim batendo na proteção da pista. Então ele caiu ribanceira abaixo e tudo se apagou.



Verônica

Uma dor.

Apenas uma que eu não sabia de onde vinha, mas me fez colocar a mão sobre o lado esquerdo do peito e respirar fortemente.

Minha visão ficou embaçada e tudo começou a girar ao meu redor. As vozes ficaram distantes. Ouvi pessoas chamarem meu nome, mas eu estava olhando para a televisão, na qual o helicóptero da Polícia Federal sobrevoava.

— *Toda a informação que temos agora é de que a viatura perdeu o controle e rodopiou na pista, ultrapassando a barreira de segurança da pista, caindo na ribanceira. Não temos notícias dos policiais que estavam dentro do veículo, mas corpo de bombeiros já está se encaminhando para o local, juntamente com o SAMU.*

Então a escuridão tomou conta de mim.



Capítulo

41

*Bem, você só precisa da luz quando está escurecendo
Só sente falta do sol quando começa a nevar
Só sabe que a ama quando a deixa ir
Só sabe que estava bem quando se sente mal
Só odeia a estrada quando sente saudade de casa
Só sabe que a ama quando a deixa ir*

E você a deixou ir

Let her go – Passenger

Verônica

Acordei com uma forte luz em meu rosto, eu estava deitada em uma maca e havia um soro preso em meu braço. Tentei me sentar, mas rapidamente voltei a deitar, sendo atingida por uma vertigem.

— Que bom que a senhora acordou — uma enfermeira disse ao entrar.

— O que aconteceu?

— Sua pressão baixou e a senhora desmaiou, por isso foi trazida para cá.

— Meu filho está aonde?

No quarto ao lado, senhora.

Então eu me lembrei do noticiário e do acidente.

— Eu preciso de uma informação. Urgente.

— Se eu puder ajudar, estarei à disposição.

— O acidente que teve envolvendo uma viatura da Polícia Federal... o que aconteceu com as pessoas que estavam dentro do carro?

— A mulher já foi trazida para o hospital, ela foi jogada para fora do carro. Está passando por uma cirurgia de emergência, o policial que dirigia ainda estava preso entre as ferragens do carro.

Prendi uma respiração.

Não podia ser.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Senhora...

— Meu Deus, por favor, não deixe nada de mau acontecer a ele, por favor, meu Deus! Eu

não vou suportar, não vou conseguir.

Eu pedia a Deus.

— Irei ligar a televisão para a senhora.

Assim que ela ligou, eu foquei o olhar no aparelho.

— *O corpo de bombeiro já está há quase duas horas tentando retirar o policial Guilherme Brandão das ferragens do carro. O policial estava realizando uma perseguição esta noite a um dos maiores mafiosos procurados pela Interpol, de acordo com fontes, os freios da viatura foram cortados e o carro do bandido freou bruscamente e o policial perdeu o controle da viatura, caindo na ribanceira. A policial Georgia Chevalier foi jogada para fora do carro durante o capotamento e já foi levada de helicóptero para o hospital Amorim, onde, segundo informações, está passando por uma cirurgia. Voltamos logo mais com a cobertura total do caso.*

Mudei de canal, o jornal mostrava a frente da delegacia.

— *Estamos aqui no 27º batalhão da polícia federal, onde a qualquer momento a delegada Geovana Marchesano pode chegar trazendo o mafioso mais procurado pela Interpol, Bóris Gosveya, que tem a lista extensa de assassinatos, tráfico de droga, contrabandos, entre outros. A Interpol havia realizado uma missão extraoficial, altamente confidencial, liderada pela agente especial Georgia Chevalier, na caça desses criminosos. Nesse confronto foram mortos os dois comparsas de Bóris, Ivan e Nicolau. A missão teria sido um sucesso se o comandante da COT, Kelton Gusmão, não tivesse entregado informações sobre a missão para a máfia russa. Fique ligado que logo entraremos com mais informações.*

A porta do quarto foi aberta e minha mãe entrou. Estava com alguns curativos no rosto e chorando.

— Mãe, o que aconteceu?

— Aquele bandido que vocês estavam procurando, ele... ele...

— Mãe, respira, por favor!

Ela respirou fundo e segurou minhas mãos.

— Ele me sequestrou.

— O que, mãe? A senhora está bem? Ele machucou a senhora?

— Eu estou bem agora. Estou bem. Se não fosse o seu ex-marido ter aparecido e me salvado... Eu estava com tanto medo, tanto medo... E ele a matou ali, na frente de todo mundo e...

— Ela quem, mãe? — Eu tentava entender, mas ela estava nervosa demais.

— A loira que estava presa. Ele... Ele atirou nela. Três vezes.

— Luna... — sussurrei.

Pisquei algumas vezes, não estava conseguindo acreditar naquilo.

— Onde está o Guilherme? — perguntou. — Preciso agradecer a ele e...

— Mãe! — A segurei pelos ombros.

— O que houve?

— O Guilherme. Ele sofreu um acidente e ainda está preso entre as ferragens do carro.

— Meu Deus!

O plantão de notícias chamou a minha atenção.

— *Depois de muita dificuldade os bombeiros conseguiram tirar o policial Guilherme Brandão das ferragens do carro e ele agora está sendo transportado de helicóptero para o hospital Amorim. As informações que os bombeiros passaram foi que o estado de saúde dele é gravíssimo.*

Fechei os olhos e pedi para que Deus o protegesse.



Assim que terminei de tomar o soro eu fui liberada. Estava na recepção do hospital e eu andava de um lado para o outro, esperando notícias, mas até então não havia nada.

— Filha, sente-se — minha mãe pediu.

— Não, mãe, não consigo ficar quieta. Até agora não tivemos nenhuma notícia dele! Nenhuma!

— Ficar nervosa também não vai ajudar, Verônica, sente-se aí.

Ela me levou até o sofá e eu fiquei ali, olhando para o nada.

Não conseguia definir o que estava sentindo, estava morrendo de medo, vários pensamentos rondando a minha mente e eu tentava a todo custo afastá-lo de mim.

— Vai ficar tudo bem, Verônica.

— Não sei, mãe, estou com um pressentimento tão ruim, que...

— Não pense o pior, vamos esperar.

— Verônica!

Me virei e vi o Samuel indo em nossa direção a passos apressados, me levantei e o abracei.

— Como você está? — perguntou contra os meus cabelos.

— Com medo. Acho que nunca tive tanto medo em minha vida.

— Vai ficar tudo bem, vamos ter fé. — Nos afastamos e ele beijou minha testa. — Como a senhora está, dona Rose? — indagou.

— Agora estou um pouco mais tranquila, mas aquele monstro teria feito algo comigo.

— O Guilherme não deixaria nada acontecer com a senhora — Samuel disse.

— Eu sei. — Ela suspirou e se levantou. — Vou até o refeitório comer algo, querem alguma coisa?

— Não, mãe, obrigada.

— Não se preocupe, Dona Rose, pode ir comer.

Ela assentiu e se afastou, nos sentamos e me virei para ele

— O que aconteceu?

Samuel me contou resumidamente o que houve e minha vontade era de ir na delegacia e matar aquele homem eu mesma.

— O Kelton cortou os freios? — perguntei.

— Sim, a mando do Bóris. Ele tinha ordem para matar os dois, mas a delegada chegou a tempo de impedir.

— Mas não impediu o acidente — falei com pesar e ele ficou calado. — Eles vão pagar por isso.

— Vão sim — Samuel disse. — Ela já entrou em contato com a Interpol, logo o Bóris será deportado para a Rússia, onde será julgado e condenado pelos seus crimes.

— É o que ele merece.

— Alguma notícia?

— Nada. A Georgia está em cirurgia e não sei o estado do Guilherme.

— Vocês são parentes da Georgia Chevalier? — um médico perguntou, se aproximando de nós.

— Amigos. Somos amigos — falei, já me levantando. — Como ela está?

— Acabou de sair da sala de cirurgia. Devido ao acidente que ela sofreu, teve uma lesão no baço e tivemos que fazer a retirada dele.

— Mas ela corre algum risco? — Samuel questionou.

— Não. Conseguimos conter a hemorragia interna e agora é apenas repouso. Ela está dormindo nesse momento.

— Posso ir vê-la?

A pergunta me fez olhá-lo com surpresa, mas não quis questionar.

— Ela está na UTI, precisa ficar lá até acordar para ser levada para o quarto.

— Tudo bem.

— Sheila — o médico chamou. — Acompanhe esse homem até a UTI, paciente Georgia Chevalier.

— Pode deixar, doutor. Por aqui.

Eles saíram e eu voltei a olhar para o médico.

— Doutor, o senhor sabe alguma coisa sobre o estado do paciente Guilherme Brandão? Ele sofreu o mesmo acidente que a Georgia.

— Infelizmente não tenho nenhuma informação sobre ele.

— Doutor, pelo amor de Deus, eu preciso de alguma informação, qualquer coisa!

Eu estava implorando, mas a angústia estava me deixando aflita e acredito que ele tenha visto isso em meus olhos.

— Vou procurar saber a respeito e venho lhe dar informações.

— Obrigada! — Ele assentiu e se afastou.

Voltei a andar de um lado para o outro, impaciente demais para ficar quieta. Eu só precisava de uma informação, qualquer coisa que me desse a esperança de que ele ficaria bem.

— Verônica Maldonado?

Olhei para trás e havia uma médica que eu sabia que era a diretora do hospital.

— Sim, sou eu.

— Sou a cirurgiã-neurologista Mariah Lawrence, acabei de ficar a par do estado do seu marido.

— Ex-marido — falei, lamentando.

— Certo, ex-marido. — Ela ficou calada e isso me deixava ainda mais agoniada. — A situação dele é delicada, ele chegou com traumatismo craniano grave e com uma lesão na medula espinhal, nesse momento está passando por uma cirurgia na qual está sendo retirado o líquido que está pressionando a medula espinhal. Antes de chegar no hospital ele sofreu uma parada cardiorrespiratória.

Arregalei os olhos tentando controlar a minha própria respiração.

— Conseguimos trazê-lo de volta, mas também identificamos hemorragias internas no estômago e intestino.

— Ele corre risco de vida?

— Sim. Os sinais vitais dele no momento que chegou ao hospital estavam baixos e a cirurgia precisava ser feita imediatamente, por conta da lesão medular.

— Ele pode morrer? — Meus olhos encheram-se de lágrimas automaticamente, não pude

contê-las.

— Faremos o nosso melhor para que ele sobreviva, dou a minha palavra.

Não.

Não.

Não.

Não.

Não.

Não.

Minha mente gritava sem conseguir acreditar.

Como tudo podia desmoronar de uma hora para a outra?

Minhas pernas perderam as forças e eu caí de joelhos no chão.

— Verônica! — A médica se abaixou para me segurar, segurei em seus braços com força.

— Por favor, não o deixe morrer, eu te imploro! Não me deixei viver sem ele, eu não consigo!



Capítulo

42

Eu morri todos os dias esperando você

Querida, não tenha medo

Eu te amei por mil anos

Eu te amarei por mais mil

A thousand yeras - Christina Perri

Verônica

10 horas.

Esse era o tempo que ele estava naquela sala de cirurgia.

10 horas.

Eu estava no meu limite.

10 horas.

Eu não conseguia respirar direito. Meu coração estava apertado. Minha alma estava dividida.

— Você precisa comer algo, Verônica — minha mãe disse.

— Não consigo — falei, olhando para o nada. — Não quero. Enquanto eu não souber notícias dele, não vou conseguir fazer nada.

— Minha filha...

Me virei para ela.

— Como eu vou viver sem ele, mãe? Me diz? Como eu vou viver em um mundo onde ele não está presente? Onde eu não vou vê-lo? Como eu vou conseguir suportar?

— Ele não morreu, filha! Ainda existe esperança, sempre tem!

— Mãe...

— Fique calma, meu amor. — Ela me abraçou. — Eu sei que nunca fui a favor do casamento de vocês, mas não quero que ele morra, sei que ele é importante para você.

— Importante? Mãe, ele é a minha vida inteira. — Voltei a chorar e ela me abraçou.

— Vai dar tudo certo, vai dar tudo certo.

Arthur estava sentado do outro lado da recepção, os olhos vermelhos indicando o choro. Eduarda estava ao seu lado, dando apoio ao “namorado” dela, mas os olhos vermelhos também indicavam que ela havia chorado.

Todos estávamos sofrendo.

Todos.

Meia hora depois, ouvimos a voz que eu almejei ouvir durante as últimas 10 horas.

— Verônica Maldonado?

— Doutora Mariah! — Me virei para olhar para ela. — Como ele está? Por favor, doutora, me diga que ele está bem!

— A cirurgia foi realizada com sucesso, ele está no pós-operatório, as próximas 24 horas serão decisivas para sua recuperação.

— Posso ir vê-lo?

— Preciso alertá-la que por conta do traumatismo craniano, o Guilherme foi colocado em um coma para tratar a lesão.

— Ele vai acordar quando?

— Não sabemos dizer. Está sedado e ficará assim enquanto estiver na UTI. Quando tivermos certeza que o inchaço no cérebro diminuiu, os sedativos serão retirados e acordar dependerá dele. Pode demorar algumas horas ou dias, mas caso haja uma grave lesão cerebral ele pode nunca acordar.

Minha mente demorou cerca de alguns minutos para assimilar sua fala, tentando entender e compreender o que ela havia dito, mas não conseguia, meu cérebro não queria aceitar.

— Eu posso vê-lo? — perguntei e ela assentiu, então apontou para um longo corredor.

Uma enfermeira me ajudou a vestir uma roupa própria e me levou até a porta do quarto.

— Está pronta?

Assenti. Abri a porta do quarto e entrei, fechando-a em seguida. Ele estava deitado, vários fios conectados ao seu corpo, estava respirando com ajuda de aparelhos.

Não consegui me aproximar. Fiquei cerca de três minutos parada ali. Fechei os olhos tentando controlar as lágrimas.

Eu pensei que o divórcio fosse a única coisa inimaginável que poderia acontecer em nossa vida, mas estava enganada. Nunca pensei que o veria deitado em uma cama de hospital, entre a vida e a vida morte. Nunca me imaginei passando por uma situação como aquela. Pensando que a qualquer minuto ele não poderia estar mais entre nós.

A passos lentos me aproximei da cama e segurei a sua mão, que estava gelada.

— Ah, meu amor...

Chorei mais.

Eu não conseguia falar nada para ele. Queria dizer tanta coisa, mas ao mesmo tempo queria apenas ficar calada.

— Você não pode me deixar, eu te proíbo. Te proíbo de me deixar. Te proíbo de morrer. — Voltei a chorar. — Eu não sei viver sem você, Guilherme. Eu não consigo. Eu fui uma burra, completamente burra, por ter assinado aquela folha. Nós nunca deveríamos ter nos divorciado. Você não pode me deixar, eu amo você. Eu amo você mesmo sendo teimoso, cheio de defeitos, mas é o homem da minha vida e a pessoa que quero passar o resto da minha vida, não me deixe. — Solucei. — Eu te perdoo. Eu te perdoo. Eu já tinha perdoado há muito tempo, mas eu não queria entender, meu orgulho estava falando alto, eu tinha medo do que as pessoas poderiam falar, medo do que eu passei. Mágoa, raiva, mas eu não sei viver sem você. Eu não consigo! Eu preciso de você como preciso de

ar para viver. Você não pode me deixar agora, não pode me abandonar.

Beijei sua mão e olhei para o seu rosto, procurando algum sinal de que ele me ouvia, mas sua expressão continuava fria.

— Meu amor, volta pra mim.



— Mãe, meu pai vai sobreviver, não vai? — Nicolas me perguntou, depois de estar pronto para ir para casa.

— Vai sim, meu amor. — O abracei.

Contar para ele que o pai havia sofrido um acidente grave e corria risco de vida foi difícil.

— A senhora vai pra casa?

— Vou sim, mas não agora. Eu preciso ir ver uma pessoa. Você vai com sua avó para a casa, tudo bem?

Ele assentiu.

— Com licença — minha mãe pediu, já entrando no quarto.

— Pedi um táxi. Ele já está esperando na porta. Vamos, Nicolas?

Ele assentiu de novo e me abraçou mais uma vez.

— Te amo, mãe.

— Eu também te amo, filho.

Minha mãe me abraçou.

— Comeu?

— Vou comer algo assim que visitar a Georgia, prometo.

— Se cuida. Me ligue qualquer coisa.

— Ligarei, prometo. — Beije seu rosto.

Sáímos do quarto e eles seguiram em direção à saída enquanto eu fui para a ala adulta do hospital. O Samuel havia me falado o número do quarto mais cedo. Ela havia sido transferida para o quarto há algumas horas. Se eu estava achando estranho essa aproximação dos dois? Sim, estava, mas não era algo que eu iria perguntar naquele momento.

Bati na porta do quarto e a encontrei sozinha. Ela estava olhando para a janela.

— Georgia?

Ela virou o rosto para mim e me deu um meio sorriso.

— Verônica...

— Como você está? — perguntei ao me sentar na cadeira vazia ao lado da sua cama.

— Parece que fui revirada do avesso — falou, mas não havia um traço de humor em sua voz. — Eu estou com medo, Verônica. Eu não quero perder meu irmão.

— Eu também estou, Georgia. Eu... — Respirei fundo. — Eu queria ter dito tantas coisas para ele. Mas a última coisa que eu disse era que eu o culpava pelo sequestro do Nicolas.

— Ele sabe que você não o culpa. Foi um milagre termos sobrevivido — Georgia disse e eu segurei sua mão. — Fui lançada para fora do carro, sabe o que é isso? Eu pensei que fosse morrer. Pela primeira vez na vida eu temi a morte, Verônica.

— Mas você não morreu, está aqui e pronta para outra.

— O que me consola é que aquele bandido foi preso e vai pagar por tudo que fez. Absolutamente tudo.

— Vai sim, ele vai pagar. — Mordi o lábio. — Sinto muito pela Luna.

— Irônico que eu tenha conhecido outra irmã, que eu não sabia que existia, e nesse mesmo dia ela tenha sido assassinada?

— Eu diria triste.

— A vida é um ciclo, Verônica. Nós nascemos, crescemos, nos reproduzimos e morremos. Mas em nenhum momento estamos preparados para a última fase e quando ela chega, abala todo mundo. Não convivi com ela, mas ela era minha irmã, meu sangue, mais uma vez tirada pelas mãos daquele miserável.

— O Guilherme...

— Ele vai ficar bem, Verônica — disse ela, apertando minha mão. — Ele vai ficar bem porque o amor que ele sente por você é capaz de superar a morte. Aquele homem não vive sem você, ele não consegue viver sem você.

— Eu não sei viver sem ele também, e estou me agarrando à toda esperança e fé de que ele vai voltar pra gente.

— Isso! Ele vai voltar pra gente.

Sorrimos uma para a outra. Havia coisas que iam além do nosso entendimento. Nosso relacionamento, de alguma maneira, se estreitou nesse dia no hospital. Eu sentia que poderia confiar minha vida a ela e ela faria a mesma coisa comigo.

Confiança não nasce de uma hora para a outra, ela é criada através da convivência, mas me passava a mesma altivez do irmão e a mesma garra, e eu sabia que podia contar com ela de olhos de fechados.

1 Mês depois

— A delegada quer todo mundo na sala dela — Samuel disse, entrando na minha sala.

Revirei os olhos e voltei a me concentrar na tela do notebook. — Verônica...

— Eu não quero olhar para a cara daquela mulher. Tem sido extremamente difícil não cruzar com ela pela delegacia.

— Eu sei, mas ela quer fazer um anúncio. Vamos logo, baixinha.

— Eu não sei se...

— Vamos, Verônica. Acho que dessa notícia você vai gostar — Georgia opinou, entrando na sala.

— É um complô?

— Talvez? — ela perguntou, sorrindo, e observei que isso fez o meu amigo sorrir também. Tinha alguma coisa acontecendo ali. Eles estavam muito diferentes.

— Sim e depois nós vamos sair para comer alguma coisa calórica — ela disse. — Você perdeu peso.

Ultimamente eu não estava gostando de nada. Minha vida se resumia a: acordar, falar com meus filhos, ir trabalhar, ir ao hospital, casa. Exatamente nessa ordem. Não havia motivos para que eu fosse fazer outra coisa.

— Georgia...

— Não quero discussão, quero você linda e maravilhosa. Vamos logo — disse e saiu dala.

— Ouviu? Venha.

Resmunguei algumas coisas, mas os segui para fora da sala em direção à sala da cobra, digo... delegada.

Todos estavam ali e isso incluía um homem que eu nunca havia visto na vida.

— Eu irei me aposentar e por esse motivo estou deixando a delegacia. — A notícia da Geovana fez surgir um burburinho por toda a sala. — Eu já havia entrado com o processo há um tempo e essa semana saiu o resultado com a aprovação, com isso comuniquei a União e eles trataram de convocar a pessoa que irá me substituir. — Ela apontou para o homem elegantemente vestido e com olhar sério. — Este é Antônio Cabral e a partir de amanhã será o novo delegado da Polícia Federal de São Paulo.



Capítulo

43

*Mas talvez, você não entenda
Essa coisa de fazer o mundo acreditar
Que meu amor, não será passageiro
Te amarei de Janeiro a Janeiro
Até o mundo acabar*

De Janeiro a Janeiro – Roberta Campos

Verônica

Eu tinha que admitir, ele era lindo.

Muito lindo mesmo.

Antônio Cabral cumprimentou a todos ali com um aceno de cabeça, então seus olhos pararam em mim, permanecendo alguns segundos a mais, para depois voltar a conversar com a então, ex-delegada. Acreditando que já estávamos dispensados, me virei e voltei para a minha sala. Reiniciei o computador e abri meus e-mails para conferir algo importante. Apenas um e-mail me lembrando que no dia seguinte seria o julgamento do Kelton.

Depois de tudo que havia acontecido, ele finalmente iria pagar por todo mal que causou. Porque nada tirava da minha cabeça que se ele não tivesse entregue o plano para pegar a máfia russa, muita coisa não teria acontecido e talvez o Guilherme não estivesse preso a uma cama de hospital, sem previsão de acordar.

Bóris já havia sido levado para a Rússia e esperava o julgamento preso. A Interpol descobriu que Georgia e o Guilherme eram, na verdade, Murilo de Lima e Nicole de Lima, filhos dos agentes que morreram tentando prender o trio há alguns anos. Depois que saiu do hospital, Georgia teve que ir às pressas para a França. Pelo que ela me contou, foi repreendida por ter envolvido emocional e profissional dentro de uma missão que para ela era mais que isso. Mas ela já estava completamente desligada da sede da Interpol e passou a trabalhar apenas como perita para a Polícia Federal. O Guilherme passaria pelo mesmo processo, mas como ele estava em coma e não havia previsão de acordar, a Interpol estava esperando.

Os irmãos iriam receber uma menção honrosa por terem prendido um dos mafiosos mais procurados pela Interpol depois de mais de 40 anos.

Porém, com tudo isso, eu só queria que ele acordasse, mas esse pedido era o mais difícil de

acontecer.

A porta da sala foi aberta e Georgia e Samara entraram.

— Ele é viúvo — Samara falou e eu arqueei uma sobrancelha.

— Quem é viúvo?

— O novo delegado, Verônica — Georgia disse, se sentando. — Lindo e solteiro, meu Deus.

— Nem me fale — Samara completou, sorrindo, e eu balancei a cabeça. — Mas parece que ele gosta de loiras.

— O que quer dizer? — perguntei.

— Que ele olhou para você cerca de uns 5 segundos a mais que para os outros — Georgia comentou, sorrindo. — E, sim, eu contei o tempo.

— Eu tenho pena do futuro namorado das duas. Nada passa de vocês.

Não é à toa que ambas eram as melhores peritas da delegacia. Nada, absolutamente nada, passava pelos olhos dela.

— O que podemos fazer? É natural. — Georgia deu de ombros.

Olhei a hora e comecei a guardar as minhas coisas.

— Vai aonde?

— Passar em casa. Ver meus filhos e ir ao hospital, preciso resolver algumas coisas e depois eu volto para cá, tenho que...

— Verônica! — Samara disse. — Você está fazendo de novo.

— Fazendo o quê?

— Sobrevivendo — Georgia disse.

— Eu não estou...

— Está sim. Você está mais magra, os olhos vivem cheios de olheiras, anda como se não ligasse para o que as pessoas vão pensar de você. Todos os dias você vai para o hospital e fica horas lá, sentada ao lado dele — Georgia disse. — Guilherme não quer que você apenas sobreviva, ele quer que você viva!

— Mas como?

— Vivendo, Verônica — Samara respondeu. — Você não precisa deixar de amá-lo, deixar de visitá-lo, mas você não pode viver em prol dele. Está definhando, amiga. Todos estão vendo. Dê o tempo que o Guilherme precisa para se recuperar e quando ele sair daquele coma, porque todos temos convicções de que ele vai sair, vocês conversam e vão decidir o que será feito.



Cheguei em casa na hora do almoço, a Vivi estava no colo da Emilly e logo gritou e bateu palmas ao me ver.

— Meu amor! — falei, sorrindo, e indo pegá-la. — Como você está?

— *Mama* — ela disse e eu paralisei. Era a primeira vez que ela dizia isso.

Olhei para Emilly, que estava mais chocada que eu.

— Vivi, meu amor, repete o que você disse — pedi e ela brincou com meus cabelos, balbuciando algumas sílabas incoerentes até dizer novamente.

— *Mama*. — E bateu palmas.

Beije seu rosto várias vezes.

— Ah, meu amor! Que felicidade.

— Eu estou tão feliz que está tudo dando certo... — Emily disse, sorrindo, visivelmente emocionada.

— Eu também, Emily. — Beije o rosto da minha filha novamente. — Eu também.

— Mãe! — Olhei para trás e o Nicolas estava descendo as escadas.

— Oi, meu filho. — Ele veio até mim e deu um abraço, foi então que percebi que ele estava mais alto que eu. — Quando você cresceu tanto?

— Já tem tempo, mãe — disse, sorrindo, e me dando um beijo na bochecha. — Vem, Vivi.

Ele pegou a irmã no colo, que foi facilmente para ele, puxando os cabelos do irmão, e saiu em direção a cozinha.

— Quando foi que ela permitiu que ele a pegasse? — perguntei para a Emily e ela me lançou um sorriso triste. — A senhora tem passado tempo demais no hospital, a Vivi está sentindo sua falta. O Nicolas se aproximou dela nesse período.

Olhei para baixo, envergonhada.

Pelo visto todos tinham razão. Eu estava apenas sobrevivendo, perdendo as coisas ao meu redor. Eu não podia mais ficar daquele jeito. Estava perdendo muito.

— Emily...

— Não precisa pedir desculpas, Verônica. Nós entendemos.

— Mas foi errado e isso não vai acontecer novamente, eu preciso reagir. E eu vou reagir.



Cheguei ao hospital e pedi para falar com a doutora Mariah. Ela estava responsável pelo Guilherme desde o dia que ele saiu do pós-operatório. Ela era uma médica excelente, sem contar que era muito prestativa e sorridente.

A porta da sala dela foi aberta e o doutor Jeferson saiu dali, quando me viu abriu um sorriso e veio me abraçar.

— Como vai, Verônica?

— Estou tentando dar um passo de cada vez.

— Vai conseguir. A Débora falou de você esses dias, está preocupada.

— Irei telefonar para ela, prometo.

— Nos faça uma visita. Acredito que nossa família estará aumentando em breve — disse, sorrindo, e eu sorri de volta.

— Não acredito! Que maravilha! Fico imensamente feliz por vocês. Descobriram quando?

— Tem umas três semanas que descobrimos. O bebê já está com 6 semanas.

— Mande meus parabéns para ela e diga que farei uma visita em breve.

— Falarei. Tenha um bom dia, Verônica. — Ele me abraçou novamente e saiu.

Mariah apareceu na porta e indicou que eu podia entrar.

— Que bom que você veio, Verônica — ela me cumprimentou e me indicou o local para sentar.

— Sim, eu queria saber como está...

— O processo de recuperação do Guilherme.

— Isso.

— Ontem uma nova bateria de exames foi feita, o quadro não mudou muito. — Ela pegou um controle e apontou para a televisão, na qual uma imagem computadorizada de um crânio apareceu. — O inchaço causado pela batida teve uma pequena diminuição, podemos ver aqui um pequeno acúmulo de líquido, que mesmo sendo drenado não acaba.

— Então não existe previsão para ele acordar?

— Não, a batida foi forte. Não temos conhecimento do tamanho do trauma no cérebro, talvez seja por esse motivo que ele ainda não tenha acordado. O cérebro precisa se recuperar por inteiro.

— E a coluna?

Ela apertou os lábios.

— Depois da primeira cirurgia, o Guilherme passou por mais duas na coluna. Quando ele acordar não vai sentir os movimentos das pernas.

— Existe possibilidade de ele voltar a andar?

— A lesão na coluna não foi total, mas só poderemos dar um diagnóstico maior quando ele acordar. Então eu posso dizer a senhora que ele tem 50% de chance de voltar a andar.

Assenti.

— Posso ir vê-lo?

— Não precisa nem pedir, Verônica.

Assenti e saí da sala.

Às vezes temos medo de tomar certas decisões, temos medo do julgamento das pessoas, temos medo de sermos taxados de trouxa, burro ou qualquer outra coisa. Tomar decisões baseadas nesses medos nos fazem, na maioria das vezes, fazer a escolha errada. E foi o que eu fiz. Fiz a pior escolha da minha vida, baseada no que os outros pensariam de mim, baseada no que as pessoas

julgavam ser o correto para mim e não no que eu julgava ser o certo. Com medo do que poderiam falar de mim, que eu estava sendo errada, que se eu o perdoasse estaria sendo burra. Mas a maioria das pessoas não entende que quando duas almas gêmeas estão dispostas a ficar juntas, nem a morte pode separá-las, e eu acreditava que o nosso amor era mais forte que a morte que vivia nos rodando.

— Sabe, Guilherme, quando você foi embora a primeira vez eu consegui me reerguer e tocar a minha vida, tive uma filha sozinha e mesmo com a rebeldia do Nicolas, eu não deixei de pensar que ele poderia voltar a ser o filho amoroso que ele era. Mas agora é diferente de antes. Eu segui em frente naquela época porque eu tinha plena certeza dentro de mim que você estava vivo, eu sentia. Mas agora, agora é diferente. Eu convivo 24 horas com o medo de perder você. Com medo de que você não acorde mais, com medo de que você não volte para mim. Com isso eu deixei meus filhos de lado, perdi fisioterapias da Vivi, perdi consultas que eu queria ter ido, mas eu não consegui porque você estava habitando a minha mente mais do que antes. Hoje ela disse sua primeira palavra, me chamou de mãe e isso me tocou tanto e eu me dei conta de que não podia continuar assim. Não dá pra continuar assim. Você não iria querer que eu continuasse desse jeito, vivendo porque você está vivendo. Eu tenho que viver por mim mesma e é por esse motivo que a partir de hoje, eu vou cuidar de mim e dos meus filhos. A doutora Mariah vai me deixar a par de todos os exames e qualquer alteração ela vai me informar. Não vou deixar de te visitar, não vou deixar de te amar, não seria capaz de fazer isso nem que eu morresse. Infelizmente, o nosso casamento acabou naquele dia em que assinamos o divórcio, naquele mesmo dia nossas vidas mudaram completamente. Eu vou te amar a cada segundo, a cada minuto, a cada hora, a cada dia, a cada mês, a cada janeiro que se passar — falei, recitando o texto que falei no dia em que nos casamos. — Mas agora eu preciso voar e você precisa voar, e se um dia o destino decidir que devemos ficar juntos novamente, nós ficaremos.

Beijeí sua mão e me levantei, saindo do quarto. Pronta para seguir em frente.



Capítulo

44

*O problema dos erros é que as vezes eles
beijam bem
e olha eu aqui, hein?
Errando de novo.
De trás pra frente
De trás para frente – Henrique e Juliano*

Verônica

2 MESES DEPOIS

— Tem certeza que precisa de tudo isso, Verônica? — minha mãe perguntou, entrando no quarto com a Vivi no colo.

— Tenho sim, mãe! Minha princesa está fazendo um aninho! É claro que ela merece! — Terminei de passar o batom vermelho e ajeitar minha nova franja no lugar.

Há algumas semanas eu havia mudado o visual. Escureci um pouco mais o cabelo, estava usando-o totalmente liso, sem as ondas que eu amava tanto e com uma franja que amei na hora que o cabelo foi cortado.

— Vem aqui, meu amor! — falei, estendendo a mão para a Vivi, que foi rindo.

— *Mama, mama!*

— Isso, meu amor! — Dei um beijo estalado em sua bochecha.

— Vamos descer, então? Os convidados já estão chegando.

A Vivi havia completado um ano na quarta-feira, decidi realizar duas festas, uma no hospital em que ela fazia fisioterapia, juntamente com todas as crianças que faziam tratamento ali. Com a ajuda das médicas e de toda a equipe fizemos uma megafesta. Nunca havia visto minha filha tão feliz. Ela estava começando a aprender a firmar as perninhas para ficar em pé e naquele dia, depois de várias sessões de fisioterapia, ela havia ficado em pé sozinha pela primeira vez.

Optei por duas festas e a segunda seria naquele dia. Apenas para os amigos e a família, algo mais simples, mas para que eu pudesse celebrar o aniversário da minha princesa.

— *Mama! Papa!* — ela disse e eu sorri tristemente enquanto descia as escadas.

Eu queria muito que o Guilherme ouvisse a filha chamando “papai”, mas não era possível.

No dia em que ela fez aniversário, eu a levei pela primeira vez ao hospital, queria que ela visse o pai e que de alguma forma ficasse perto dele, mesmo sabendo que seria difícil levá-la ali novamente.

Pela primeira vez minha menina ficou calada enquanto observava o pai dormindo, dormindo por três meses. Parecia um século.

— Mas ela está parecendo uma princesa! — Minha filha riu ao ver a Emilly, que se aproximou de nós assim que chegamos à sala. — Vem aqui, meu amor, vem.

Vivi passou para os braços da babá.

— Vamos dar uma voltinha entre as pessoas que já chegaram — ela disse.

— Tudo bem. Vou procurar saber se está tudo correto na cozinha.

Ela assentiu e minha mãe se virou para mim.

— Vou ao quintal também. Qualquer coisa me procure.

Beijou meu rosto e seguiu na mesma direção da Emilly, me virei para ir para a cozinha, mas acabei batendo num peitoral forte e um perfume amadeirado tomou conta de mim.

Sorri, mas não olhei para cima.

— Eu vou acabar ficando mal-acostumado com você esbarrando em mim sempre.

Acabei rindo do comentário.

— Você não existe, Antônio. — Olhei para cima e o vi sorrindo de lado.

— Você está encantadora, Verônica. Ainda mais. Não sei como consegue.

— E você continua tentando me conquistar. — Desviei dele para ir para a cozinha e o senti atrás de mim.

— Tem pelo menos dado certo? — perguntou e eu sorri, sem que ele pudesse ver.

Talvez.

Minha mente respondeu, mas eu não falaria aquilo em voz alta, não naquele momento. Parei em frente ao balcão e me virei para ele.

— Continue tentando, quem sabe um dia você não consegue?

Ele segurou minha mão esquerda e a levou até os lábios, deixando um beijo suave no local.

— Eu me sentiria imensamente honrado se conseguisse.

Sorri.

Antônio era um belo homem, lindo, atencioso, responsável, um delegado invejável e quando ele estava em alguma busca era extremamente sexy. Muito sexy.

A aproximação maior se deu quando precisamos viajar às pressas para o Rio de Janeiro. Era apenas um fim de semana, precisamos averiguar uma casa ali e ele foi comigo, acabamos tendo que dividir o quarto do hotel. Não aconteceu nada, mas ver aquele homem sem camisa e saber que ele estava tomando banho o lado, me fez desejá-lo e me repreendi mentalmente por isso. Só que depois desse dia ele começou a demonstrar mais o seu interesse. Eu tinha certeza que as rosas que eram deixadas em cima da minha mesa todas as manhãs não apareciam ali por milagre.

— Eu não sabia o que comprar para a sua filha, então pedi ajuda para a minha mãe na hora de comprar o presente. — Me entregou uma sacola. — Espero que sirva e se não servir é só ir até a loja trocar.

— Não precisava trazer nada, mas eu fico agradecida por isso.

— Não poderia vir de mãos vazias.

Sorri e coloquei o presente em cima do balcão.

— Vamos? — perguntei e ele deu passagem para mim.

— Primeiro as damas.

Sorri e segui na frente, sua mão em minhas costas, fazendo um calor se espalhar por todo corpo, me fazendo sorrir sem que ele visse.

Deus, dai-me forças, porque preciso!

Deixei o Antônio conversando com algumas pessoas e fui procurar o meu amigo, o encontrei meio que discutindo com a Georgia. Há um tempo eu pensava que eles tinham algum tipo de envolvimento, tive certeza quando entrei na sala dela sem bater e peguei os dois em um beijo de cinema ali dentro. Saí do mesmo modo que entrei, calada.

— Quer saber, Samuel? Depois a gente conversa! — Ela passou por mim como um furacão e ergui uma sobrancelha para o meu amigo.

— Mulher teimosa! — resmungou.

— Problemas no paraíso?

— A Georgia é teimosa, Verônica, esse é o problema dela. Mulher completamente teimosa!

— E vocês são tão fofos juntos.

Um tempo atrás ele me contou a história deles e eu fiquei de boca aberta, quis acertar uns tapas na cara da Georgia, mas ela me explicou o seu lado e entendi também. Eles se acertaram? Não, mas viviam se pegando escondido, achando que ninguém sabia e discutindo como sempre.

— Fofos, baixinha, é a última coisa que nós dois somos.

— Claro! — Me fiz de desentendida.

— E você? Está feliz?

— Estou. Estou tocando minha vida. — Olhei a movimentação das pessoas.

— Ainda tem medo?

— Todos os dias. Mas aprendi a conviver com ele. Não adianta parar a minha vida. Fui lá essa semana, parece que o inchaço começou a diminuir mais rápido, a pressão dele subiu essa semana também, algo que não tinha acontecido, deixou a Mariah preocupada, foi submetido a uma bateria de exames e tudo mais.

— Acredita que ele vá acordar?

— Todos os dias eu peço a Deus para que ele acorde, não sei como ficaria nossa situação com isso, mas eu peço que ele acorde. Ele merece viver.

— Você também merece.

— Sim e eu estou...

— Estou falando de dar uma chance para certo delegado que está afim de você.

Mordi o lábio.

— Não sei...

— Eu só estou dando uma sugestão, não precisa fazer, mas vocês dois combinam e acho que ele já deixou bem claro para todo mundo que está afim de uma certa agente que não é mais loira.

— Eu tenho medo de me envolver de novo — confessei.

— Faça o que seu coração mandar. Se ele te magoar eu vou quebrar a cara dele, mas se ele te fizer feliz vou agradecer.

Assenti e o observei conversando com a Samara, então ele me olhou e piscou para mim.

— Viu?

Samuel beijou meu rosto e me deixou sozinha. Fiquei observando de longe.

Seria errado?

Sim ou não?

Deus me ajude!



A maioria das pessoas já tinham ido embora. Emilyly disse que ia dormir lá e iria embora no dia seguinte de manhã cedo, minha mãe estava ajudando o Nicolas a recolher alguns copos que ficaram jogados no chão, eu havia acabado de colocar a Vivi no quarto dela porque ela estava exausta.

Desci as escadas disposta a ajudar os outros e dei de cara com o Antônio observando uma foto minha com o Guilherme que estava em um porta-retrato na estante.

— Sinto muito por ele — comentou, colocando a foto de volta no lugar.

— Eu também. Ele ficaria feliz de ver que a filha completou um ano.

Ele assentiu e se aproximou de mim.

— Eu preciso ir. Fiquei apenas para me despedir. — Assenti. — Parabéns pela festa, Verônica, e pelo aniversário da sua filha.

— Obrigada, Antônio. Por ter vindo e pelo presente.

— Não me agradeça. Faço qualquer coisa para colocar um sorriso no seu rosto. — Sorri. — Viu? — Ele tocou meu queixo, me fazendo encará-lo. — Você fica ainda mais linda sorrindo.

— Eu vou acabar acreditando.

— Acredite, porque é a verdade.

Involuntariamente eu passei a língua nos lábios e ele fechou os olhos, respirando fundo.

— Acho melhor eu ir embora. Antes que eu faça alguma besteira — sussurrou.

— E se eu quiser que você faça? — perguntei.

Coragem, de onde você veio, minha filha?

— Verônica...

— Acho que se pensar muito eu vou embora e....

— Não seja por isso!

Ele fechou o espaço entre nós dois. Não foi calmo, não foi paciente. Foi faminto e completamente voraz. Minhas mãos em seus cabelos o traziam para mais perto de mim, seu braço esquerdo em volta da minha cintura e a mão direita em meus cabelos.

Céus, que beijo era aquele?

Ele se afastou alguns centímetros, apenas para respirarmos.

— Sonhei e muito com o dia em que eu descobriria qual era o sabor do seu beijo. — Mordeu meu lábio inferior. — Acho que agora estou viciado e acho que vou ter que beijar você novamente.

— Pode beijar — falei, para logo em seguida ser beijada novamente, dessa vez com mais calma.

Talvez o Antônio fosse a pessoa que precisava para curar a minhas feridas.



2 MESES DEPOIS

Estava observando um vídeo, tentando encontrar algo que não fazia sentido, porque tinha

que haver alguma coisa errada ali, algo que ninguém tenha visto.

— Posso entrar? — Olhei para cima e vi o Antônio. Ele estava encostado no batente da porta e com um copo de café nas mãos.

— Pode — falei, me espreguiçando. Ele deixou o copo em cima da mesa e me deu beijo demorado.

— Acordei sentindo sua falta essa manhã.

Sorri. Nossa rotina era totalmente maluca, mas era algo que estava me fazendo bem. Eu havia avisado que não iria passar a noite na casa dele.

— Eu deixei um bilhete.

— Eu vi. — Beijou a ponta do meu nariz. — Chegou um e-mail da Interpol hoje.

— O que era?

— Bóris foi condenado à pena de morte por todos os crimes que ele cometeu. Será executado em uma semana.

Assenti. Vivo ele pagaria mais pelos seus crimes, mas eu não era a juíza do caso, não podia julgá-lo.

— Esse pesadelo acabou. Eu nem acredito nisso. — Suspirei, fechando os olhos.

— Sim.

O Kelton havia pego 30 anos de prisão, sem direito à liberdade condicional.

Só faltava *ele* acordar, porém, eu começava a duvidar que isso fosse acontecer algum dia.

— Que tal almoçar hoje comigo? Podemos pegar o Nicolas na escola e a Vivi na

fisioterapia.

Ele estava se esforçando com o Nicolas. Desde que assumimos o namoro meu filho deixou claro que não gostava do relacionamento. Tivemos uma pequena discussão, nada que afetasse nosso relacionamento. Ele não era contra o nosso relacionamento, mas também não morria de amores pelo Antônio.

— Podemos fazer isso. Acho que vou gostar.

Ele me deu mais um beijo, porém, fomos interrompidos pelo toque estridente do meu celular. Ri um pouco e me virei para pegar o aparelho. Meu sorriso morreu quando vi o nome da Mariah na tela, pisquei algumas vezes e atendi a chamada.

— Alô? — falei, com medo do que ela poderia me dizer.

— *Verônica? O Guilherme acordou.*



Capítulo

45

*Eu ainda estou aqui
Perdido em mil versões
Irreais de mim
Estou aqui por trás de todo o caos
Em que a vida se fez
Me Espera – Sandy feat Tiago Iorc*

Guilherme

Quando a gente dorme não percebe o tempo passar, a gente pega no sono de noite e quando acorda, o dia já amanheceu. O tempo parece voar, você não sente as horas passando. E sabe quando temos aqueles pesadelos que você quer acordar a todo custo? Que você não quer saber como termina? Eu estava em um que parecia ser infinito. Que parecia que nunca ia acabar. Só que esse meu pesadelo já havia acontecido. Me lembrei dos dois anos que a minha mente havia apagado da minha memória. Os anos que passei sendo torturado pelo Bóris se passaram em minha mente em forma de pesadelo. As surras, o abuso psicológico, os dias de fome e de frio.

Tudo.

Absolutamente tudo.

Eu só queria acordar para me livrar daquela sensação ruim, pois era como se eu estivesse vivendo tudo novamente.

Então, eu acordei.

Minhas memórias surgindo como se fossem uma avalanche de informações e eu tentando entender o que havia acontecido. Em determinado momento eu estava perseguindo um bandido e em outro estava deitado em uma cama de hospital, me perguntando o que estava acontecendo e como eu tinha ido parar ali.

Mas a pior parte não era ter me lembrado de tudo, não era estar em uma cama de hospital. A pior parte disso tudo era não estar sentindo minhas pernas.

Eu gritei por não as sentir em meu corpo, chamando a atenção dos médicos que foram ver o que estava acontecendo. Rapidamente fui tirado dali e levado para fazer uma bateria de exames. Eu só queria respostas, mas ninguém estava disposto a me dar.

— Está tudo bem, Guilherme. Vamos realizar uma tomografia, precisamos avaliar o estado

do seu corpo agora que você acordou.

— Eu só quero saber o porquê de não estar sentindo minhas pernas.

— Após os exames nós iremos conversar, eu prometo — a médica respondeu e eu me calei.

Todos disseram isso.

Eu queria saber o que havia acontecido com o Bóris, se haviam pego aquele filho da puta. Queria saber como estava a Georgia, que estava no carro comigo. Queria saber como estava o meu filho, porque aquele louco tentou matá-lo. Queria saber como estava a Verônica.

Verônica.

Às vezes eu tinha a impressão de que enquanto estava revivendo o meu pesadelo, eu ouvia a voz dela. Sentia sua presença perto de mim, mas era tão rápido que eu não sei se era verdade.

Fiz todos os exames indicados pela médica, e foram muitos. Mas ainda assim eu não conseguia entender o motivo de estar sem os movimentos das pernas.

— De acordo com os exames a lesão cerebral que você teve não afetou a fala, visão, audição e capacidade de compreensão. Sua mente está funcionando muito bem.

— Doutora? — chamei.

— Pode me chamar de Mariah.

— Mariah, quando era criança eu fui sequestrado e passei dois anos mantido em cárcere privado, quando eu consegui sair dali eu tive essas memórias bloqueada, eu sabia que havia acontecido algo, mas eu não lembrava de nada.

— Do que exatamente você se lembra, Guilherme, a partir do momento que sua mente apagou até o momento em que você acordou aqui?

— Estávamos minha irmã e eu perseguindo um bandido, que havia fugido de um estacionamento. O carro estava sem freio, estávamos em alta velocidade. O Bóris já estava encurralado, então ele freou e eu desviei o carro, com isso rodamos na pista e me lembro de termos caído. Depois, vieram as lembranças desse meio cárcere durante a infância e então eu acordei aqui.

— Entendo — disse, me analisando. — Você e a sua irmã sofreram um grave acidente de carro, sua irmã foi arremessada para fora e você ficou preso entre as ferragens. Sua irmã teve que passar por uma cirurgia de retirada de baço, levou pontos no rosto, perna, e teve o braço quebrado na queda.

— Ela está bem?

— Sim, ela está, mas você foi um caso mais delicado, ficou duas horas preso entre as ferragens do carro até o corpo de bombeiros conseguir tirar você dali. Sofreu uma parada cardiorrespiratória quando já estava chegando aqui no hospital, pensamos que você não fosse resistir. Você chegou aqui com um grave traumatismo craniano, tivemos que levá-lo a um coma induzido para que a parte inchada do cérebro pudesse voltar ao tamanho normal. Mas não foi apenas isso que nos preocupou. Você foi submetido a três cirurgias na coluna, por conta do seu acidente. Existem quatro tipos de lesões medulares, quanto mais alta a lesão for, maior comprometimento dos músculos você terá. Nós chamamos a sua de lesão lombar, na qual as vertebrae L4 e L5 foram comprometidas, com isso...

— Você quer dizer que eu perdi os movimentos das pernas — falei, interrompendo sua explicação.

— Não, a sua lesão está incompleta. Você tem atividade motora até o segmento sacral, localizado na parte inferior da coluna vertebral, chamamos a sua condição de paraparético, o que significa que você tem um leve comprometimento nos membros inferiores, mas pode voltar a andar, fisioterapias e medicamentos auxiliam no processo.

— Então, por que eu não sinto as minhas pernas?

Tornei a perguntar. Se eu posso voltar a andar eu deveria sentir ao menos alguma coisa, foi isso o que ela quis me dizer.

— Eu disse que tivemos que levá-lo a um coma induzido, Guilherme, para que houvesse diminuição no inchaço do cérebro. Estávamos realmente preocupados. Os sedativos que o levaram ao coma foram retirados alguns dias depois da segunda cirurgia que fizemos em você, mas você não acordou. Quando maior o grau da lesão cerebral, mais tempo leva para a recuperação total.

— Você disse que eu cheguei com um grave traumatismo craniano.

— Sim, você chegou e...

— Quanto tempo eu dormi?

— Guilherme...

— Doutora, apenas me responda, quanto tempo eu dormi?

— Você ficou em coma por cinco meses e meio, Guilherme.



Não foi fácil assimilar que eu havia dormindo por tanto tempo. Fui chamado de um pequeno milagre, pois havia acordado sem nenhuma sequela cerebral. Apenas os músculos da perna não recebiam as informações do cérebro, parece que durante o tempo que fiquei em coma, meu cérebro bloqueou os comandos que levavam até as minhas pernas, mas não era cerebral e sim emocional.

Bufei.

— Nem parece que você ficou cinco meses em coma, continua impaciente. — Levantei o olhar e vi a minha irmã parada na porta, os olhos dela se encheram de lágrimas e a percebi ela

tentando contê-las.

— Georgia...

Ela fechou a porta e correu para me abraçar.

— Meu Deus, que saudade que eu estava de você! Como eu tive medo de que você morresse, ou que não acordasse mais.

— Você sabe que eu sou teimoso, Georgia. Não iria desistir tão fácil. — Acariciei seus cabelos.

— Eu sei, e foi a isso que eu me agarrei quando recebemos a notícia de que não havia previsão de que você acordasse. — Ela se afastou e sequei as lágrimas de seus olhos. — Eu pedi tanto a Deus que não te levassem, eu pedi tanto...

— Acho que ele atendeu a você.

— E eu fico imensamente grata por isso. — Ela beijou minha testa. — Parece um sonho.

— Mas é real, eu estou aqui. E estou morrendo de saudade de você, de todo mundo, da Verônica...

Ela abaixou o olhar no instante que o nome da Verônica foi citado e percebi que havia algo de errado.

— O que está acontecendo?

— Muita coisa aconteceu enquanto você esteve em coma.

— Imagino que sim — falei, olhando para o outro lado. — Ela não tinha obrigação nenhuma comigo e...

— Guilherme, não é assim, você não sabe o que...

— Onde está o Arthur? — perguntei.

— Eu liguei para ele assim que recebi a notícia. Ele estava em uma audiência importante e por esse motivo virá depois.

Assenti.

— Eu quero tanta coisa, Georgia. Preciso ver meus filhos, preciso saber como eles estão e...

— Você vai ver. Tudo no seu tempo. Você acordou hoje, deveria descansar, dormir um pouco e...

— Georgia, passei cinco meses dormindo, por favor.

Ela riu.

— Está certo. Quer algo?

— Eu quero... — Olhei para a porta e nesse momento eu vi a mulher que na maioria das vezes conseguia me trazer um pouco de lucidez em meio as minhas lembranças. — Verônica.

— Oi? — Georgia disse, mas então olhou para trás e se levantou

— Vou deixar vocês conversarem, volto depois.

Ela beijou meu rosto e caminhou até a minha ex-mulher. Elas se abraçaram e percebi que a Georgia disse algo para ela, que apenas concordou com um aceno de cabeça. Minha irmã saiu fechando a porta.

Verônica e eu ficamos nos encarando por longos segundos. Segundos esses que fizeram meu coração acelerar ao vê-la, segundos esses que foram capazes de me dizer que eu poderia passar 50 anos dormindo, que quando eu acordasse ainda continuaria apaixonado por ela. Ela estava ainda mais linda, se é que era possível.

— Você acordou.

Foi tudo que ela sussurrou, se aproximando devagar da cama. Fiquei calado, esperando que

ela falasse algo, mas ela não disse. Eu sabia que ela tinha perguntas, sempre tinha. Mas olhá-la era natural, admirar sua beleza me fazia bem.

— Eu tive medo que você não acordasse, eu tive medo que você morresse. — Ela piscou algumas vezes para conter as lágrimas.

— Eu sou bem teimoso até para morrer.

— Sim, você é. — Ela se aproximou ainda mais, deixando a bolsa em cima da cadeira, levantou as mãos e tocou meu rosto. Fechei os olhos e desfrutei da sensação de suas mãos em minha pele. — Parece um sonho. — A ouvi sussurrar e abri os olhos, encarando os seus.

— Mas é real.

— Sim, você é real!

Então ela me abraçou, e meu corpo nunca ficou muito feliz em receber um abraço seu. Nós dois nos encaixávamos, sempre foi assim.

— Eu pedi tanto para você não morrer — ela sussurrou em minha orelha.

— Eu estou aqui, pequena. Sempre.

Apertei ainda mais os braços ao redor da sua cintura, mesmo com a posição desconfortável e uma dor começando a se alojar nas minhas costas. Eu precisava desse abraço. Precisava dela.

Ela era a minha casa.

E eu sempre voltaria para ela.

Não importava a situação ou o problema, eu sempre voltaria.



Capítulo

46

*Quando a paixão não dá certo
Não há porque me culpar
Eu não me permito chorar
Já não vai adiantar
E recomeço do zero
Sem reclamar
Coração pirata - Eduardo Costa*

Guilherme

O amor era algo completamente irreal e ilógico. Me perguntava como podia se passar tantos anos e continuar apaixonado por aquela mulher. Como meu coração poderia bater por ela ainda, da mesma maneira que bateu anos atrás, quando a vi pela primeira vez.

Ela se afastou de mim e sequei seus olhos.

— O Nicolas vai ficar muito feliz quando souber que você acordou. Ele sabia que você iria acordar. Ele vinha aqui pelo menos três vezes na semana — disse, se afastando de mim e começando a andar de um lado para o outro. — Eu pedi para o Antônio ir buscá-lo no colégio e trazê-lo para cá. A Vivi estava em casa hoje, acredito que depois eu a traga aqui. Você não vai acreditar. Ela já está falando “mamãe” e “papai” e está aprendendo a se firmar em pé e...

— Verônica — chamei e ela me olhou, respirando rapidamente.

— Sim?

— Quem é Antônio?

— Antônio? Eu disse Antônio? — Ela lambeu os lábios, estava nervosa, isso era óbvio.

— Sim, você disse — falei.

— A Geovana aposentou, Antônio é o novo delegado da Polícia Federal.

— E por que ele foi buscar o nosso filho?

— Ele foi porque... porque... — Minha mente criava milhares de teorias, mas nenhuma delas era boa o bastante.

A porta foi aberta e o meu filho entrou.

— Pai! Eu sabia que o senhor iria acordar! — Ele entrou e foi correndo me abraçar.

— Nicolas, meu filho! — O apertei. — Que saudade! Eu estava morrendo de saudade você.

Meu Deus!

— Eu também, pai, eu também.

— Eu vou deixar vocês dois sozinhos — Verônica disse e antes que eu pudesse impedi-la ela saiu do quarto.

— Está tudo bem, pai?

— Está sim, meu filho. — Olhei para ele. — Você cresceu mais, hein?!

Ele sorriu.

— Quero saber de tudo que você aprontou nesses cinco meses, espero que não tenha sido rude com sua mãe.

— Eu não fui. Só quando ela apresentou o namorado. Eu disse que não apoiava e...

— Espera, Nicolas! Sua mãe está namorando?

— Sim, o novo delegado, Antônio.

Assenti.

Eu deveria ter imaginado algo do tipo. Nós dois estávamos divorciados, não tínhamos nenhum vínculo um com outro a não ser nossos filhos.

— Está tudo bem, pai?

— Sim, eu só estou um pouco cansado — menti.

— É por conta do namoro. Eu deveria ter ficado calado.

— Não, filho, você disse o que havia para dizer, não tem porque esconder. Sua mãe e eu

somos adultos e estamos divorciados, ela só seguiu em frente.

— O senhor ainda gosta dela, não é?

— Gostar é uma palavra muito pequena pra definir o que eu sinto por sua mãe, Nicolas.

Aquela mulher é a minha vida inteira.

— Então porque não luta por ela, pai?

— Porque acredito que não tenha mais como vencer.

— E vai desistir? — perguntou.

— Ela desistiu primeiro. Eu vou cuidar de mim agora, preciso voltar a andar.

— Eu sei que o senhor vai conseguir, e eu vou ajudar o senhor.

— Obrigado, filho. Obrigado!

O abracei novamente.

Eu precisaria de toda a ajuda possível para seguir em frente com essa nova fase da minha vida.

Verônica

Eu ouvi toda a conversa dos dois, eu ouvi toda a conversa e isso me quebrou por dentro. Pensei que havia deixado de amá-lo, pensei que o sentimento havia se extinguido e havia ficado apenas o medo de ele acordar, mas não. Bastou vê-lo, bastou olhar para os seus olhos amendoados, sentir o encaixe perfeito dos nossos corpos, que tudo voltou. O sentimento explodiu dentro de mim de uma forma que eu pensei ser impossível de acontecer. De uma maneira tão grande e calorosa que queria morar no abraço dele, eu queria ficar ali para sempre, porque apenas ele tinha o poder de me restaurar por inteira. Apenas com ele me sentia inteira.

Me encostei na parede e respirei fundo.

Eu precisava manter a calma. Não queria que ele tivesse descoberto sobre o Antônio daquela forma, eu queria ter contato a ele.

As lágrimas surgiram com força novamente, me fazendo colocar a mão na boca para não soluçar alto.

— Vem, Verônica. — A voz da Georgia veio até mim.

— Eu pensei que tinha deixado de amá-lo, Georgia. Eu pensei que o sentimento estivesse acabado, mas não, ele explodiu dentro do meu peito a partir do momento em que eu o vi acordado. E ele está tão forte quanto estava na época em que nos conhecemos, como é possível? Como é possível amar uma pessoa a esse ponto?

— O amor de vocês é verdadeiro, Verônica, tempo nenhum vai apagar isso.

— Mas não podemos ficar juntos...

— Por que não? Por que vocês se divorciaram? Por que você está com outro? Amor vocês dois tem de sobra, esquece o que vão pensar. É a sua felicidade que está em jogo, não a dos outros. Pense em você em primeiro lugar, apenas em você.

Ela me abraçou, não me deixando falar mais nada. Como podia doer tanto? Como podia o amor podia doer às vezes? Como um sentimento tão lindo podia machucar tanto alguém?

Ela me levou até a recepção, Arthur estava conversando com o Antônio, logo depois me avistou e veio me abraçar.

— Como você está, Verônica?

— Eu não sei, Arthur. Está tudo uma bagunça.

— Se dê um tempo para pensar nisso — falou, segurando meu rosto. — Isso inclui o delegado.

Assenti e ele me soltou, abraçando a Georgia. Eles dois aprenderam a cultivar um carinho de irmão um pelo outro e eu achava a coisa mais linda do mundo.

Me afastei dele e caminhei até o Antônio, que abriu os braços e eu me envolvi dentro deles, mas não era a mesma coisa se comparado ao abraço que eu havia recebido um pouco antes. Não tinha o mesmo calor. Era apenas um abraço que, naquele momento, não fazia mais nenhuma diferença para mim.

— Como você está?

— Não sei. — Me afastei dele. — Me desculpa, Antônio, não queria te arrastar para essa bagunça, está tudo confuso e...

— Verônica, se acalma. Eu vou estar com você para o que precisar, prometo. — Voltou a me puxar para um abraço.

Deus, até quando eu vou sofrer desse jeito? Com esse sentimento?

Eu só queria uma resposta.

Apenas uma.

Guilherme

— Eu não sei como vai ser daqui pra frente — falei para o Arthur.

— Você vai se recuperar, você vai ver.

— Não estou falando em relação ao tratamento, estou falando em relação à Verônica.

Fui sincero. Com ele eu poderia falar abertamente.

— Sei que é difícil imaginá-la com outro e...

— Eu quero esquecê-la, Arthur. Eu preciso fazer isso. E você vai me ajudar a esquecê-la.

— E como você pretende fazer isso? — perguntou e eu encostei a cabeça na cama. —

Quando eu receber alta quero ficar bem distante daqui, longe da cidade e de qualquer outra movimentação urbana. Uma fazenda seria o ideal.

— Mas e a fisioterapia?

— Quero que você consiga para mim, nessa fazenda mesmo, um local para que toda a minha fisioterapia seja feita. Eu quero ter que sair de lá apenas para realizar exames.

— Será difícil, mas farei o que posso.

— Eu sei disso.

Ele ficou calado por um tempo, apenas me analisando.

— Vai mesmo desistir? Vai deixar o amor que vocês sentem de lado?

— Ela desistiu antes de mim, enquanto eu estava dormindo. Mas não tiro a razão dela, não temos mais nada, estamos divorciados, não posso exigir que ela me esperasse. Mas não posso fingir que não doeu como o inferno saber que ela estava com outro.

— Ela sofreu quando tudo aconteceu, sofreu mais que qualquer um, passava horas aqui com

você. Ela ainda te ama, mesmo estando com outro.

— Sabe, Arthur, eu não tenho mais certeza se o amor pode ser a cura para todos os males. Eu já causei tanto sofrimento à mulher que eu amo, não quero fazê-la sofrer ainda mais. É por isso que eu vou deixá-la ir e vou seguir a minha vida.

— Guilherme...

— Não, Arthur. Para mim não se passaram cinco meses, para mim nós dois nos divorciamos ontem. Para ela se passaram cinco meses, ela encontrou alguém e eu vou seguir em frente. Primeiro meu tratamento, depois o tempo vai decidir se eu devo encontrar alguém para ficar comigo.

— Faria qualquer coisa por ela, não é?

— Uma vez eu li uma frase de um homem chamado Richard Bach que diz o seguinte: “Se você ama alguém, deixo-o livre. Se ele voltar, é seu. Se não, nunca foi.”

Arthur apenas assentiu e virei a cabeça para o lado.

Tem horas que lutar não adianta mais, ficar dando murro em ponta de faca não resolve o problema. Talvez a solução realmente fosse deixá-la ir, quem sabe assim nós dois não poderíamos arrumar um jeito de sermos felizes?!

Um jeito de recomeçarmos.

Do zero.

Sem amarras.

Sem pendências.

Porém, com pessoas diferentes.



Capítulo

47

*Ninguém disse que seria fácil
É uma pena nos separarmos
Ninguém disse que seria fácil
Mas também não disseram que seria tão difícil
Oh, me leve de volta ao começo*

The Scientist - ColdPlay

Guilherme

Eu olhava para a cadeira de rodas como se ela fosse um monstro.

— Você vai se acostumar — Mariah disse, a empurrando até a cama.

— Eu não quero me acostumar, doutora, esse é o problema.

— É temporário, Guilherme. Sei que você vai conseguir se livrar disso o mais rápido que puder — falou, sorrindo. — Depende de você.

Ela tirou um cartão do jaleco e me entregou.

— Este contato é de uma fisioterapeuta amiga minha, estudamos juntas na universidade, no Canadá. Ela está vindo morar no Brasil e acredito que seja a pessoa ideal para ajudá-lo na recuperação.

— Obrigado, Mariah — falei, segurando o cartão e vendo o nome “Cristina Lewis” destacado em letras pretas.

— Não me agradeça, Guilherme. Nos vemos nos próximos exames. Para onde você está indo mesmo? — perguntou ela, sorrindo.

— Irei para uma fazenda que fica na direção de Guarulhos.

— Tenho certeza de que a natureza lhe fará bem.

— Eu também.

Arthur foi contra a ideia de ficar isolado, mas eu precisava pensar e ficar um tempo longe da cidade seria melhor. Não era como se eu fosse ficar sozinho. Tínhamos contratado um enfermeiro para me ajudar, havia uma cozinheira e uma mulher que iria limpar a casa pelo menos duas vezes na semana, fora a fisioterapeuta que eu preferia que ficasse na fazenda. Seria mais prático para ela.

A porta foi aberta e a Verônica entrou, pedindo licença.

— Eu poderia conversar com o Guilherme um minuto? — ela pediu à Mariah.

— Claro! Daqui a pouco eu venho com os papéis da alta, Guilherme.

Assenti e esperei a médica sair para olhar para a minha ex-mulher.

Fazia duas semanas que eu havia descoberto que ela estava com outro homem e que eu decidi seguir em frente com a minha vida.

— Trouxe as crianças? — perguntei, direto.

— Sim, eles estão lá fora com o...

— O Antônio. Eu sei. — falei.

— Será que pode parar de ser ríspido comigo?

— Eu não estou sendo ríspido, estou falando normalmente.

— Não está, não. Será que pode começar a pelo menos olhar para mim quando conversar comigo?

Respirei fundo e a encarei. Esse era o problema. Olhar para ela. Olhar para ela sem a maldita vontade que eu sentia de beijá-la, sem sentir a saudade arder em meu peito. Por esse motivo eu queria ir para longe, pra ver se eu me livrava daquele sentimento dentro de mim, que parecia querer corroer cada pedaço do meu coração a cada vez que eu olhava para ela.

— Conversar o que, Verônica? O único assunto em comum que temos agora são nossos filhos, apenas eles.

— Eu pensei que...

— Pensou o quê? Verônica, eu amo você, amo você com cada célula do meu ser, pode se passar mil séculos e eu vou continuar amando você. Eu não consigo ser apenas seu amigo, eu não

consigo olhar para você e imaginá-la ao lado de outro homem. Não consigo imaginar minha vida sem você, mas aqui estamos nós, divorciados, com dois filhos, e você já seguiu em frente, eu vou fazer a mesma coisa. Mas eu preciso ficar longe, eu preciso me libertar de você. Eu preciso tirar você de mim para que eu tenha a oportunidade de viver também. Por mais que eu te ame, por mais que você seja a mulher da minha vida, por mais que eu quisesse que as coisas fossem diferentes, elas não são e não podemos voltar atrás em nossas decisões.

Foi impossível controlar as lágrimas. Eu amava tanto que chegava a doer, a amava a tanto a ponto de desistir de nós dois para que ela pudesse ser feliz.

— Você acha que é fácil para mim? Acha que eu imaginei essa situação? Acha mesmo?

— Não, você não imaginou. Você imaginou que eu nunca fosse acordar, pelo visto, já que não pensou em como eu poderia me sentir ao ver o meu filho me contar que a mãe está com um namorado novo.

— Você está distorcendo as coisas! Eu fiquei a droga de um mês nesse hospital esperando você acordar, eu vivi um mês apenas em prol de você, um mês em que eu perdi coisas dos nossos filhos as quais eu me arrependo. Queria que fizesse o quê? Que eu esperasse você acordar? Que eu passasse cinco meses aqui do seu lado? Nem casados nós somos mais!

Ela se calou depois da última frase. Verônica respirava rapidamente, o peito subindo e descendo enquanto ela tentava controlar as próprias lágrimas.

— Você tem razão. Não somos mais casados. Você pode ficar com quem quiser — concordei. — Não sei nem porque estamos discutindo dessa forma. Não faz diferença.

— Não, não faz — ela disse surrando. — Lamento que a nossa história acabe assim, Guilherme.

— Eu lamento também, Verônica.

Fechei os olhos. Lamentava mais do que ela imaginava.

Muito mais.

Ouvi a porta sendo aberta, mas permaneci na mesma posição até ouvir o seu sussurro, o sussurro que fez todo o meu peito se quebrar.

— Eu ainda te amo, te amo tanto que não sei o que fazer com esse sentimento. Eu te amo tanto que talvez seguir caminhos separados seja a melhor opção para ambos.

Então a porta se fechou.

Soltei um grito de garganta presa, com toda a raiva que eu tinha.

Dor.

Como duas pessoas que eram consideradas como almas gêmeas podem viver separadas?

Como?

A não ser que elas não sejam almas gêmeas de verdade.

Minha mente sussurrou e eu começava a pensar que essa poderia ser a verdade, que não havíamos nascido para ficarmos juntos e que a história que construímos juntos havia chegado ao fim, definitivamente.



Arthur empurrou minha cadeira até a recepção onde todos estavam me esperando. Samuel, Samara, Georgia, Verônica, um homem que presumi ser o Antônio, Fernando, Júlia, Eduarda, Bruna, Fellipo, Jeferson, Debora, Heloisa, Nicolas, minha princesa Vivi. Até a dona Rose estava ali.

Sorri para todos e no mesmo instante eles começaram a bater palmas para mim. Não entendi o motivo, mas me emocionei. De alguma forma eu havia ficado cara a cara com a morte e havia vencido uma batalha árdua contra ela.

E eu valorizaria cada minuto do agora.

Todos vieram me cumprimentar, isso incluiu o novo namorado da Verônica.

— Fico feliz com sua melhora. Seu nome é muito bem falado na delegacia — disse ao apertar minha mão.

— Obrigado — agradei e olhei para o Nicolas, que carregava a irmã no colo.

— Posso? — perguntei, ele apenas assentiu e me entregou a irmã. A coloquei em pé contra meu peito e olhei em seus olhinhos. Ela sorriu e começou a puxar meus cabelos, sorri e beijei a ponta de seu nariz.

— Oi, minha princesa, que saudade que eu estava de você.

— *Papa! Papa!*

Meus olhos se encheram de lágrimas na hora que ela me chamou de pai.

— Ah, princesa. — Beijei sua testa. — Eu te amo muito. Lembre-se disso.

Depois de beijá-la novamente, a entreguei para o Nicolas e o Arthur se virou para mim.

— Pronto?

— Mais pronto do que jamais estive.



O caminho até a fazenda foi tranquilo. Enquanto a Yasmim conversa com o Nicolas, o Arthur contava algum caso para a Eduarda e eu ficava observando a paisagem. Perdido em meus pensamentos, perdido entre escolha e destino. Perdido na possibilidade de eu estar ou não fazendo a coisa certa.

Abri a minha mão e olhei para a aliança que havia na palma dela, uma aliança que eu pensei

que jamais tiraria e apertei contra a mão novamente.

— Meu Deus! Até o ar daqui é melhor para respirar! — Eduarda falou logo depois que chegamos, descendo do carro.

Ela, o Arthur e a Yasmim — filha adotiva deles —, e o Nicolas, ficariam comigo por uns três dias, depois eu ficaria apenas com os enfermeiros.

Com a ajuda do enfermeiro que o meu irmão contratou, eles me ajudaram a descer do carro e me colocaram na cadeira de rodas. O sol estava começando a se pôr e eu fiquei ali, parado. Apenas olhando para o horizonte.

Eu começaria do zero.

Doeria.

Mas era o melhor.

Arthur me levou para dentro da casa e a empregada nos mostrou tudo, no entanto, eu só queria ficar sozinho. Mas, para todos era uma péssima ideia. A todo momento eles me perguntavam se eu queria algo, se eu precisava de ajuda, se eu queria mudar de lugar.

Eu já estava ficando irritado.

— Guilherme, você quer...

— Eu quero ficar sozinho, droga! — Explodi na hora do jantar. Eu não queria ser tratado como um inválido. — Eu não sou um inválido! Vocês parem de me tratar como se eu fosse um!

— Guilherme... — Arthur começou.

— Não, só parem. Apenas parem! Eu quero pensar, quero respirar, vocês estão me sufocando com tanto cuidado e eu não preciso disso tudo!

Manobrei a cadeira de rodas e segui para a varanda, onde a noite já reinava e a lua cheia

iluminava a fazenda.

— Desculpa por aquilo. — Arthur apareceu ao meu lado. — Na verdade, não estamos sabendo como tratar você, é uma situação nova para todo mundo.

— Só quero que me tratem da mesma forma que antes. — Eu encarava a escuridão. — Se passaram cinco meses e eu parei no tempo, mas está na hora de progredir.

Peguei o cartão que a Mariah havia me entregado e estendi para ele.

— Cristina Lewis?

— Fisioterapeuta. Pode contratá-la. Foi recomendação da Mariah.

— Farei isso. Eu vou ver como a Duda está.

Assenti sem encará-lo.

Tornei a pegar a aliança em meu bolso e a olhar para ela.

Até aonde você iria por amar alguém? A pergunta era para mim mesmo, então a resposta veio fácil. *Até o fim do mundo.*



— Não fez questão de pesquisar a aparência dela? — André, meu enfermeiro, perguntou ao me entregar uma xícara de café. Era uma manhã de terça-feira e estávamos esperando a fisioterapeuta que havia marcado de chegar antes do almoço.

— Não — respondi de olho na estrada.

— Como vamos saber se é a mulher certa?

— Acredito que não teria motivo para outra mulher vir aqui se passar por fisioterapeuta, André.

Ele deu de ombros e eu sorri.

De repente avistei uma caminhonete preta vindo na pela estrada de terra.

— Acho que ela está chegando. — Tomei um gole do meu café.

— Sim, está.

Alguns minutos depois uma Hilux preta parou na porta da fazenda, observei um par de botas descenderem do carro. A mulher deu a volta e observei o seu visual, estava de óculos escuros e os cabelos compridos, soltos, eram de uma cor mel que misturava com castanho. Como estava de óculos escuros, não consegui decifrar a cor dos olhos. Ela caminhava até onde nós estávamos com passos decididos, quando estava no último degrau para chegar até o piso de madeira, tirou os óculos, revelando um par de olhos castanhos.

Ela era linda.

Muito linda.

— Muito prazer, eu sou Cristina Lewis, sua fisioterapeuta.



Capítulo

48

*E nessa loucura de dizer que não te quero
Vou negando as aparências
Disfarçando as evidências
Mas pra que viver fingindo
Se eu não posso enganar meu coração?
Eu sei que te amo!*

Evidências - Yasmim

Verônica

3 meses depois

Pensei que conseguiria seguir em frente, pensei que iria conseguir ficar com outra pessoa. Eu pensava muitas coisas, porém, todas as minhas convicções caíram por terra completamente.

Fazia três meses que ele havia acordado.

Três meses que ele havia se isolado em uma fazenda que eu não sabia aonde ficava.

Três meses que eu não falava com ele.

Três meses que a saudade doía e parecia que ia destroçar todo o meu coração.

— Você não está feliz — minha mãe disse no instante que entrou em meu quarto.

Era aniversário do Antônio e haveria um almoço em comemoração.

— Estou sim, é impressão sua.

— Impressão? Vem aqui, Verônica. — Ela se sentou na minha cama e bateu a mão no lado vazio, respirei fundo e fui até lá. Me sentei ao seu lado e ela segurou minha mão.

— Eu posso não ter sido a melhor mãe para você, eu disse coisas que te magoaram e te fiz acreditar que o Guilherme não era o homem certo para você.

— Mãe, por favor, pare...

— Não, você vai me ouvir. Eu vi você se apaixonar pelo Guilherme, vi você lutando contra tudo e contra todos que disseram que vocês não dariam certo. Eu vi você ficando contra o seus pais, porque você o amava. Eu vi vocês dois construindo uma família, eu vi vocês dois realizando sonhos que para muitos eram impossíveis. Eu via a felicidade em seus olhos a cada vez que vocês se olhavam, o amor de vocês é, porque não acabou, tão grande que transbordava em palavras, gestos, olhares e sorrisos. Mas eu vi também você sofrer por causa de um bilhete que ele deixou. Vi você

sofrer ao passar por uma gravidez sozinha e o meu desejo era matar o homem que te fez sofrer. Quando ele voltou, eu vi seus olhos voltarem à vida, apesar de toda a dor e mágoa que você sentia. Mas não tem como ignorar o amor de vocês, ele contagia quem quer que esteja perto. Verônica, aquele homem que você está namorado não faz você transbordar um terço do que o Guilherme fazia, você não olha para ele como uma mulher apaixonada, você não suspira quando eu toco no nome dele. Você merece ser feliz por inteira, filha. Já se passou tanto tempo, as feridas já foram curadas, o que falta para que você vá atrás do único homem que é capaz de fazer o seu coração bater mais forte?

— Pensei que a senhora odiasse o Guilherme — falei, soltando uma respiração errática.

— Algumas coisas mudam, eu errei, Verônica. Somos seres humanos, somos falhos e imperfeitos, cometemos erros todos os dias, eu estou aqui tentando reparar um erro meu, tentando a todo custo fazer você enxergar que apenas aquele homem vai fazer você feliz.

— Não é tão simples, mãe. Estou com o Antônio e...

— E nada! Relacionamentos são desfeitos toda hora, não estrague a sua felicidade por medo, porque eu sei que é assim que você está.

Beijou a minha testa e me deixou sozinha, joguei-me no colchão e fechei os olhos.

Deus, o que faço? Só preciso de um sinal, pedi.



Vários amigos estavam lá para prestigiar o aniversário do Antônio, eu estava me sentindo sufocada, parecia que o vestido iria me deixar sem ar a qualquer momento.

— Você está meio pálida ou é apenas impressão minha? — Georgia perguntou, se aproximando de mim.

— Eu não sei.

— Acho que sei o nome disso — Samuel disse ao entregar uma bebida para a namorada.

Depois de muito tempo eles estavam juntos, mas foram necessários muitos pedidos de perdão para que eles ficassem juntos. — Saudade.

— Não sei porque não foi atrás do Guilherme ainda — Georgia comentou.

— Georgia, eu tenho namorado.

— Namorado esse que você não ama — Samuel rebateu.

— Essa conversa toda em torno do Guilherme está me deixando sufocada, eu preciso ir.

Me virei, mas naquele instante o Antônio pediu a atenção de todos e me chamou.

Gemi internamente, mas caminhei até ele, minhas mãos suando.

— Hoje é um dia muito especial para mim — começou. — Completo mais um ano de vida e não poderia estar mais feliz, estou na presença de amigos e tenho como namorada a mulher mais linda e durona de toda a delegacia. — Sorriu para mim e sorri para ele de volta. — E por esta ser uma data tão especial, que eu queria fazer um pedido especial também.

Não!

Arregalei os olhos quando o Antônio se ajoelhou na minha frente e tirou uma caixinha de veludo do bolso do paletó, abrindo-a na minha frente, exibindo um lindo anel cravejado com diamante.

— Verônica Maldonado, você aceita se casar comigo?

Todos estavam em silêncio esperando a minha resposta. O pedido me pegou completamente desprevenida, eu não estava pronta. Na verdade, eu nunca estaria pronta para casar com nenhum outro homem que não fosse o Guilherme. Todos tinham razão, eu estava fugindo, com medo.

— Verônica? — tornou a perguntar.

— Desculpa, Antônio — falei, fechando a caixinha. — Não posso fazer isso com você, não posso fazer isso com a gente, não posso aceitar um pedido de casamento sabendo que não seremos felizes.

Ele se levantou e se aproximou de mim.

— Você tem certeza disso? — perguntou baixinho.

Olhei em volta, observando cada pessoa ali, cada um com uma expectativa diferente. A frase da minha mãe ecoando em minha cabeça.

O que falta para que você vá atrás do único homem que é capaz de fazer o seu coração bater mais forte?

O que falta para que você vá atrás do único homem que é capaz de fazer o seu coração bater mais forte?

O que falta para que você vá atrás do único homem que é capaz de fazer o seu coração bater mais forte?

— Tenho. Eu não posso destruir a minha felicidade. Mil desculpas por estar fazendo isso com você, mas eu não consigo.

Me virei para sair, mas senti sua mão segurar o meu braço. Olhei para ele, que tinha o olhar baixo.

— Você é a mulher mais especial que eu tive o prazer de conhecer, Verônica, mais do que ninguém merece toda a felicidade do mundo. — Ele mexeu no bolso do carro e me entregou a chave do dele. — Meu carro está mais fácil de sair do que o seu e o tanque está cheio. Acredito que sua felicidade esteja um pouco distante.

Olhei dele para a chave então o abracei.

— Obrigada.

— Só quero sua felicidade, e se ela não for comigo, irei aceitar.

Assenti e ele beijou minha testa.

— Vai logo.

Saí correndo entre os convidados, tirando os sapatos de salto no meio do caminho para conseguir correr melhor.

Encontrei a caminhonete dele parada e desliguei o alarme, entrando logo em seguida. Então eu parei. Para onde eu ia? Eu não fazia a mínima ideia de onde era a fazenda dele.

— Ah, meu Deus!

Lamentei, encostando a cabeça no volante.

— Acho que vai precisar disso. — Assustei ao ouvir a voz do Samuel, a Georgia estava sorrindo ao seu lado.

— O que é isso? — Havia um cartão em sua mão.

— Endereço do Guilherme.

Rapidamente peguei o papel e anotei o endereço no GPS do carro, dei a partida e olhei para os meus amigos abraçados.

— Me desejem sorte.

— Vai dar tudo certo, agora vai atrás dele — Georgia falou e eu não precisei de outro incentivo, apenas saí com o carro da vaga e segui as ordens do GPS.

Eu só torcia para não ser tarde demais.

Guilherme

Meus braços queimavam e o suor escorria pelo meu rosto. A cada vez que eu erguia meu corpo com os braços era um esforço sobre-humano que eu fazia. Era o exercício que eu mais gostava, apesar de ser um dos que mais exigiam de mim.

— Apenas mais uma vez, Guilherme — Cristina pediu.

Ergui os braços e segurei na barra de metal, levantando o meu corpo do apoio que estava sentado. Quando já estava com ele no ar, contei até dez e me deixei sentar novamente.

— Você acaba comigo, Cris. — Peguei a garrafa de água e derramei um pouco em mim, bebendo um gole logo depois.

— Você está muito fresco, Guilherme. Não aguenta cinco horas de barras dessa? Vou ter que procurar exercícios mais pesados.

Não falei, apenas balancei a cabeça e peguei as muletas que estavam no chão, me apoiei e ergui o meu corpo, colocando o peso todo nas muletas. Ainda era difícil andar, minhas pernas não aguentavam o peso do meu corpo, eu ainda estava com um “bloqueio emocional” que impedia a comunicação dos neurônios com a vértebra. Não quis discutir com a Mariah, então apenas fiquei calado.

Em casa, para pequenos trajetos, eu usava as muletas, mas a cadeira de rodas ainda era minha grande companheira, principalmente quando eu precisava sair da fazenda para ir à cidade realizar algum exame ou quando eu marcava de visitar a Vivi e o Nicolas. Pelo menos a cada quinze dias eu ia para lá exclusivamente para eles. A Vivi era muito pequena para ficar alguns dias comigo, e acredito que nem mesmo se a Emilly estivesse junto a Verônica não permitiria.

Verônica.

Eu evitava contato com ela, apenas mandava mensagem para marcar uma visita com as

crianças, e todas as vezes que eu ia, ela nunca estava presente. Certo dia tive que ir fazer um exame de emergência e fui à cidade, eu estava na companhia da Cristina e depois de muito custo ela me fez entrar em uma sorveteria, minha surpresa foi vê-la ali, com o namorado, se beijando. Eu pensei que não fosse ficar abalado, mas eu fiquei. Eu pensei que não fosse doer, mas doeu. Eu pensei que não fosse sentir, mas senti.

Como se soubesse que estava sendo observada, ela se afastou dele e sorriu. Um sorriso que sumiu do seu rosto no instante em que me viu.

Eu já estava sem clima para tomar qualquer tipo de sorvete que fosse, pedi que a Cristina me tirasse dali. Naquela mesma noite eu fiquei bêbado e acabei caindo da cadeira de rodas, ainda estava sem força nas pernas. Ganhei uma bronca do André, meu enfermeiro, e uma de Cristina, que nunca havia ficado tão chateada comigo. Depois de me recuperar eu fui pedir desculpas a ela, naquela noite acabamos nos beijando, mas eu não consegui ir além, porque por mais que eu quisesse aquilo, não era o rosto da Cristina que eu via, era o da Verônica.

— Guilherme! Guilherme!

— Sim? — falei, olhando para a Cris, que estava parada na minha frente sorrindo.

— Está tudo bem? Estou te chamando já há alguns minutos.

— Está sim, só estava pensando.

Ela arqueou uma sobrancelha e sorriu.

Cristina tinha um sorriso lindo. Sabe quando você sorri com vontade e não tem medo de fazer isso? Cristina era assim. um sorriso espontâneo e que quando eu estava de mau humor, me fazia sorrir também.

Enquanto ela organizava as coisas que havíamos usado no dia, levei minha cadeira para o banheiro que havia ali e tomei um banho. Me sentia mais revigorado, faltava apenas comer. Fazer

esses exercícios dava uma fome acima do normal. Voltei *pro* salão de treinamento e fui até a Cristina.

— Não pensa que você vai fugir de mim hoje, Guilherme — disse, apontando o dedo para mim.

— Prometo que serei todo seu essa noite, madame.

Fingi um galanteio que a fez rir.

— Vou tomar um banho e me arrumar, nos vemos mais tarde.

E saiu do espaço improvisado que fizemos para que eu realizasse as sessões de fisioterapia.

— Sério, nunca rolou nada entre vocês dois? — André perguntou enquanto eu levava a cadeira de rodas até a saída.

— Um beijo só, e tem algum tempo, já.

— Acho que se dependesse da doutora já teria rolado muito mais

— A Cristina é linda, André, eu constatei isso no dia que ela chegou aqui e você também, mas não quero um relacionamento agora.

— Ainda é apaixonado pela sua ex-mulher, não é?

— Não sei. Eu só quero aproveitar o agora, quero me recuperar totalmente, depois eu penso em me relacionar com alguém.

— Guilherme, sabe se estava previsto para alguém vir para cá hoje? — André questionou de repente.

— Não, por quê?

— Tem um carro vindo aí.

Olhei na direção que ele apontava e vi uma caminhonete se aproximando de nós.

— Me ajude a chegar na varanda — pedi e ele me empurrou até lá.

— Sabe quem é? — perguntei, pois eu não conhecia o carro.

— Não, não conheço.

O carro parou e esperei o motorista descer. Não dava para ver quem era, os vidros escuros impossibilitavam a visão. Quando a porta se abriu e uma mulher pequena, um pouco menos loira que antes, desceu do carro usando um vestido rodado e descalça, meu mundo parou.

Meu coração ficou preso na garganta.

Minhas mãos suaram.

Minha barriga gelou.

O que ela estava fazendo ali?

Devagar, ela se aproximou até estar perto das escadas.

— Verônica... — Seu nome deixou meus lábios em um sussurro.

Ela estava ainda mais linda.

— Guilherme, será que podemos conversar?



Capítulo

49

*Não sentir saudades de você
E até mentir que não quero te ver
Fingir que sou feliz
Mas o amor não deixa*

*Me entregar pra outra emoção
Me aventurar numa nova paixão
E te dizer adeus
Mas o amor não deixa*

Mas o amor não deixa - Wanessa

Verônica

Eu estava com medo. Parecia que havia milhões de borboletas dentro do meu estômago, parecia uma adolescente prestes a conversar com um garoto pela primeira vez. Eu só conseguia me perguntar como ele podia estar ainda mais lindo? Como?

O silêncio dele estava me matando e eu me perguntava o que estava se passando pela sua cabeça.

— Guilherme, eu estava pensando de a gente sair mais cedo, eu queria passar...

Olhei para frente e vi uma mulher sair na varanda, ela era linda. O tipo de mulher totalmente diferente de mim. O corpo avantajado, cabelos longos e dourados, o sorriso largo, olhos castanhos intensos. Ela era linda. Linda e estava com o Guilherme.

Era tarde.

Eu cheguei tarde demais.

Nos olhamos por um tempo, controlei as lágrimas, não iria chorar, não naquele momento. Esperaria estrar no carro.

— Vem, Cristina, vamos entrar — o homem ao lado do Guilherme disse, já indo em direção a porta. — Precisando de alguma coisa só chamar, Guilherme.

Ele acenou, mas não disse nada, os olhos continuavam fixos em mim.

Quando ficamos sozinhos o silêncio parecia um abismo profundo que estava nos engolindo de forma rápida e devastadora.

— Eu não deveria ter vindo... — murmurei para mim mesma, já estava pronta para me virar e ir embora quando ele chamou meu nome.

— Verônica, vamos conversar.

Ele manobrou a cadeira de rodas e desceu a rampa, parando logo a minha frente.

— Se você não se importar de caminhar um pouco — comentou, indicando uma pequena estrada de concreto que ia para o lado esquerdo da fazenda.

— Não me importo.

— Então vamos.

Ele deu início ao percurso, respirei fundo e o segui. Eu sabia, por intermédio da Mariah, da Duda e da Georgia, que o processo de recuperação dele estava sendo lento. Ele não conseguia sentir sensibilidade nas pernas, a fisioterapia era intensa, mas mesmo assim não conseguia largar a cadeira de rodas. Doeu vê-lo daquela forma. Doeu porque eu pensei que ele já tinha pelo menos adquirido boa parte da autonomia novamente, mas não tinha.

Eu não sabia para onde estávamos indo. O silêncio era bem-vindo, pois eu podia colocar os pensamentos em ordem, eu não havia ido ali para brigar. Então eu precisava ficar calma.

Chegamos a uma estufa que era a coisa mais linda que já tinha visto, toda feita de vidro, alta, e possuía arcos de ferro para ajudar na sustentação da estrutura. Guilherme abriu a porta e entrou, fui logo em seguida e fechei os olhos no momento que entrei, o cheiro de terra molhada penetrou em cada parte de mim, juntamente com o perfume das flores.

— É lindo aqui — sussurrei, admirando o local.

— Sim, é. Estava abandonado quando eu me mudei pra cá, decidi que ia começar a cuidar desse local. Venho aqui todas as manhãs, trabalho nas flores, adubo, planto flores novas.

— É incrível!

Estava admirada, tudo parecia ter sido feito com tanto cuidado.

— Eu não esperava ver você descendo daquele carro — disse, se virando para me olhar. —

Eu pensei que aquele dia no hospital, aquela conversa havia sido definitiva, mas aqui está você.

— Eu tentei, Guilherme — falei, não dava para fazer rodeio, comer pelas bordas. Eu precisava ser direta. — Eu tentei durante todos esses meses te esquecer. Eu tentei amar outro homem. Eu tentei ser feliz com ele, mas não deu certo. Hoje ele me pediu em casamento e... — Balancei a cabeça, respirando fundo e olhando para cima, para depois voltar a olhá-lo. — Eu não pude aceitar, eu não consegui. Eu não seria feliz com ele.

— Por que está me dizendo tudo isso, Verônica? Por quê? — perguntou, mas eu via a trilha de lágrimas em seu rosto.

— Como podia me casar com ele se é você que eu ainda amo? Se é você que eu penso todos os dias? Nos momentos mais difíceis? Se você me visita em sonhos? Como eu posso fazer isso com outra pessoa, Guilherme?

Ele ficou calado, apenas me olhando. Meu coração estava batendo tão forte que eu jurava que ele podia escutar. Abracei a mim mesma com medo do que poderia vir, como uma espécie de proteção, uma armadura.

— Você não me ama mais, não é? — perguntei, fechando os olhos, sentindo o gosto salgado das lágrimas.

— Eu me pergunto se algum dia serei capaz de não te amar, Verônica. — Abri os olhos. — Me pergunto como esse sentimento não acaba, como esse sentimento não evapora mesmo que eu fiquei meses sem te ver, sem falar com você, porque basta vê-la para eu ter a certeza de que vou te amar *pro* resto da minha vida.

— Guilherme...

— Eu erreí tanto com você, Verônica. Errei tanto que eu pensei que talvez fosse melhor ficar longe de você, pensei que fosse o melhor para você. Eu me arrependo de muita coisa que eu fiz no

passado, eu me arrependo de ter deixado você, me arrependo daquele bilhete. Eu jamais trocaria o que tínhamos por uma aventura. Às vezes as palavras nos machucam mais que uma surra. Eu pensei que não era digno do seu amor. Eu pensei tanta coisa que... — Ele respirou fundo. — Pensei que fosse melhor vivermos longe um do outro, porque perto demais estávamos apenas nos ferindo.

— Eu acho que a gente está se ferindo ficando separado. Eu não consigo viver sem você. Eu tentei, mas não consigo. Você é o meu primeiro e único amor, Guilherme, não importa o passado, não importa mais nada, o que importa é o que nós dois sentimos. — Me aproximei dele, a passos cautelosos, ainda tinha medo que me mandasse embora. — Sabe o que eu aprendi com essa história toda?

— O quê?

— Que pode acontecer o que for, podem falar o que quiserem, podem pensar o que der na telha, eu sempre vou continuar te amando, para sempre. Me perdoa? — perguntei.

— Verônica...

— Não, eu vou falar só me escuta, por favor — pedi. — Eu fui burra, infantil, pensei pela cabeça dos outros, pensei que um dia eu deixaria de te amar, eu magoei você de uma forma que nem eu consigo entender. Você tem todo o direito não acreditar em mim, de querer que eu vá embora, que eu deixe você viver a sua vida, que quer seguir em frente. Você disse uma vez que não me merecia, mas sou eu que não mereço você, sou eu quem não tem um pinga de direito de estar aqui pedindo uma chance. Você é homem mais perfeito que eu tive a chance de conhecer, é um pai maravilhoso, um exemplo de homem. E eu, eu sou apenas eu. Uma mulher insegura, que depois que tudo se ruiu dentro de mim não soube mais se reconstruir. Agi feito criança, inconsequentemente, não pensei no que meus atos poderiam fazer. Se você me disser que não quer nada comigo, eu vou entender. Não posso exigir nada de você, muito menos cobrar. É uma decisão sua. Demorei pra vir aqui, demorei para entender tudo que eu estava sentindo. Eu demorei para entender que eu estava te amando errado, te

crucificando por algo que não foi sua culpa. Eu disse coisas que me arrependo. Eu demorei para entender que eu precisava crescer para entender tudo isso. Eu te amo, Guilherme. Eu te amo com todo o meu ser. Errei e tenho consciência disso, mas não posso mudar o passado, posso apenas mudar o nosso futuro. Seja juntos ou não.

— Merda — disse, fechando os olhos e suspirando fundo. — Você me magoou, muito.

— Eu sei. — Eu me odiava por isso.

— Grande parte é minha culpa.

— Não é — falei. — É minha culpa, deveria ter acreditado em você, deveria ter lutado mais, só que eu fui fraca e não consegui. Nunca foi sua culpa, se estamos onde estamos hoje, a culpa é minha. Totalmente minha e eu reconheço isso. Não quero empatar sua vida, Guilherme. — Mordi os lábios. — Eu só quero decidir logo o que vai acontecer com a gente.

— Eu deveria dizer que te odeio — ele disse. As lágrimas escorriam rapidamente. Enquanto eu respirava fundo tentando me controlar. — Eu deveria mandar você ir embora daqui, deveria dizer que quero seguir a minha vida, mas porra! Eu não consigo.

Coloquei a mão na boca para impedir os sons do choro.

— Eu não acho que tenhamos volta — disse, ainda chorando. E eu apenas assenti, sentindo com se tivesse uma faca entrando no meu coração.

— Eu te entendo. — Já estava pronta para ir embora, mas sua voz me parou.

— Mas eu acho que sou a droga de um masoquista, por que eu não consigo deixar você ir embora. Amar é perdoar certo?

— Amar é perdoar — confirmei.

— Você foi capaz de me perdoar? — Se aproximou de mim.

— Sim. — Não hesitei em responder. — Eu só não me perdoo por ter demorado tanto a fazer isso. Você é capaz de me perdoar?

— Como eu conseguiria sair inteiro se eu não te perdoasse?

Ele fechou os olhos e respirou fundo, então estendeu uma mão para mim e bem devagar levei a minha até a dele. Quando nossas peles se encostaram foi como se faíscas saltassem de todas as direções.

— Eu te amo, Verônica — disse, olhando dentro dos meus olhos. — Nunca vai existir outra mulher na minha vida.

Então ele me puxou para o seu colo, onde eu me sentei. Nossos rostos próximos um do outro, olhos nos olhos. Passei meus dedos pelos seus cabelos, nossos narizes se encostando, meus olhos se fecharam automaticamente, meu cérebro registrando o seu cheiro e... meu coração? Meu coração batendo feito a bateria de uma escola de samba em plena Sapucaí.

— Desculpa ter demorado a vir atrás de você, não me orgulho disso.

— Você não demorou, veio na hora certa.

Então ele me beijou.

Como havia sentido falta daquele beijo, dos seus lábios, do seu gosto, como havia sentido falta dele.

— Eu te amo, pequena. Com toda a minha vida — disse ao se afastar de mim. — Eu não vou prometer que nossa vida será perfeita, eu ainda vou errar muito, todos os dias, não fiquei perfeito nesse tempo que a gente ficou separado, na verdade fiquei mais imperfeito ainda, mas vou fazer o possível e o impossível para que eu não magoe você, para não te decepcionar.

— Você não precisa ser perfeito — falei sorrindo e acariciando sua bochecha. — Pode ser você mesmo, do jeito que sempre foi, o mesmo homem por quem me apaixonei há 20 anos. —

Encostei minha testa na sua. — Eu quero fazer dar certo, Guilherme. Eu quero tentar fazer o correto dessa vez, eu não quero meias palavras ou falta de diálogo.

— Nós vamos aprender juntos, de novo. Não vai ser fácil, Verônica.

— Não, eu vou errar inúmeras vezes, eu sou a pessoa que mais erra nesse relacionamento, mas eu quero que dê certo.

— Vai dar certo. Amo você — repetiu e voltou a me beijar.

Sendo mais voraz dessa vez, as mãos subindo pelas minhas costas, entrando pela minha blusa.

— Quero você — ele sussurrou.

— Você já me tem, sou sua, completamente sua.

Me levantei e tirei o meu vestido, ficando apenas de lingerie. Seus olhos me observando atentamente, passeando por cada parte do meu corpo. Levei a mão até o fecho do sutiã e o tirei, descartando-o ao lado do vestido, fiz a mesma coisa com a calcinha, ficando nua diante dos seus olhos. Me aproximei dele e me sentei, colocando uma perna de cada lado. Corri meus dedos até a bainha sua camisa e a tirei, jogando-a atrás de mim.

Beijei seu pescoço, passei minhas mãos pelos seus braços ainda mais definidos, subi para o peito onde eu podia sentir seu coração batendo contra a minha palma. Suas mãos em minha cintura, apertando.

— Faça amor comigo — sussurrei em sua orelha.

— A noite inteira.

Então nos beijamos. Um beijo voraz no qual tentávamos matar a fome que um tinha do outro, suas mãos passeavam pelo corpo, brincavam com meus seios. O volume em seu shorts me fazia

rebolar em seu colo e gemidos incoerentes escapavam de nossas bocas.

Já não aguentava mais esperar, precisava dele dentro de mim. Com um pouco de dificuldade eu o ajudei a tirar o shorts e a cueca, e me posicionei para sentar em cima dele.

Gememos juntos conforme eu descia em cima do membro duro. Conforme eu me deixava levar pelas sensações que era tê-lo em mim. Os movimentos eram intercalados em rápidos e devagar.

— Eu te amo — sussurrei contra os seus lábios.

— Eu te amo — disse, apertando minha cintura. — Até o fim da minha existência.

Depois de muito tempo eu estava completa novamente.

Estávamos completos.



Capítulo

50

*Quando você ama alguém
Seu coração bate tão alto
Quando você ama alguém
Seus pés não podem sentir o chão
Parece que todas as estrelas brilhantes
Se reúnem em torno do seu rosto
Quando você ama alguém
Ele vem de volta para você*

Love Someone – Jason Mraz

Guilherme

Eu poderia me considerar um cara sortudo. Acredito que não são todas as pessoas que podem ser agraciadas com um amor tão puro e verdadeiro. Não eram todas as pessoas que tinham capacidade de perdoar. Não eram todas as pessoas que se arrependiam dos seus erros.

Depois daquele dia em que a Verônica foi me procurar, muita coisa mudou. Ela me convenceu a voltar para a cidade, mas eu não queria me desfazer da fazenda. Conversei com meu irmão e juntos conseguimos comprar o lugar. Eu não trabalhava mais na polícia federal desde o acidente e duvidava que um dia voltaria a atuar na profissão, mesmo sendo meu sonho. Meu sonho naquele momento era cuidar da minha família e não perder nenhum detalhe do crescimento dos meus filhos.

O Nicolas completaria 18 anos em alguns meses e estava se preparando para ir estudar nos Estados Unidos, deixando a mãe maluca, já que a Verônica não aceitava que o filho estava crescendo. A Vivi era nossa princesa, graças a todas as fisioterapias ela já estava andando. Era linda, inteligente, e adorava questionar as coisas depois que desenvolveu ainda mais a fala. Fiz questão de acompanhar todos os exames, fisioterapias e fonoaudiologia dela. Adorava saber o estado de saúde, e graças a Eloá, médica dela, estava tudo em perfeita ordem. Algumas semanas antes refizemos o exame do coração nela a fim de saber como estava a cardiopatia congênita, que era um buracozinho entre o ventrículo esquerdo e direito, graças a Deus havia se fechado sozinho e ela não precisou se submeter a uma cirurgia.

Eu ainda estava fazendo fisioterapia, mas no hospital, e continuando o tratamento com a Cristina, que ela era uma ótima profissional. Pensei que teria problemas com ela depois que decidi voltar com a Verônica, mas ela disse que sabia que não teria uma chance comigo desde o dia bebedeira. Não posso dizer que ela e a Verônica se tornaram amigas. Elas apenas se suportavam quando a Verônica decidia me acompanhar em alguma sessão. Havia recuperado boa parte da

mobilidade das pernas, utilizava a cadeira de rodas apenas em último caso, mas a bengala havia se tornado minha companheira fiel. Algumas vezes tive quedas, nada demais, mas talvez eu não a deixasse de usar nunca.

— O que está fazendo acordado? — Verônica apareceu na varanda, usando uma camisola transparente e curta, os olhos inchados de sono e os cabelos revoltados.

— Estava pensando.

Estendi a mão para ela, que aceitou e se acomodou em meu colo.

— Em quê?

— Nosso casamento amanhã.

Sim, havia pedido minha ex-mulher em casamento novamente, só que dessa vez nos casaríamos na igreja e no civil. O casamento que ela sempre sonhou.

— Ainda não acredito que a gente vai fazer isso — ela disse, rindo e encostando a cabeça em meu peito.

— Pois acredite! Amanhã seremos marido e mulher oficialmente.

Ela beijou meu peito e suspirou. Coloquei meus braços em volta da sua cintura e senti o pequeno volume se formando ali.

— Está com medo?

— Um pouco. Mas vai dar certo.

Estávamos juntos novamente a cerca de 4 meses e há 2 meses havíamos descoberto que a Verônica estava grávida novamente.

— Ainda não consigo acreditar, sabe?! Ainda parece que estou sonhando.

— Eu também sinto isso, mas você está comigo então não tenho mais medo de nada.

Peguei sua mão e beijei.

Era possível se apaixonar pela mesma pessoa todos os dias? Porque eu tinha essa sensação com a Verônica. De que todos os dias eu me apaixonava por ela.

— Sabe o que eu estava pensando?

— Não, me diga!

Ela se virou para me olhar.

— Que se for menina nós poderíamos chamar de Lúcia e se for menino de Edgar.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

Ela queria homenagear meus pais. Beijei seus lábios.

— Você é a melhor e mais perfeita que existe.

— Não sou perfeita, amor.

— É perfeita para mim.

Beijei delicadamente, mais uma vez, os lábios dela.

— Sabe o que me deu vontade de comer? — perguntou, rindo, e me beijando de volta.

— O quê?

— Chocolate.

Acabei rindo e beijei a ponta de seu nariz.

— Será que eu preciso ter ciúmes de um chocolate?

Ela mordeu minha orelha e eu reprimi um gemido.

— Não disse como queria o chocolate.

— Como você quer o chocolate? — indaguei, apertando sua cintura e pressionando-a sobre mim.

— Quero chocolate em você, lamber você inteirinho. Só assim vai matar a minha vontade.

Me levantei com ela no colo, fazendo-a soltar um gritinho.

— Guilherme, você é maluco! — ela disse, mas sabia que tinha medo que eu não aguentasse. Eu apenas a deitei no chão da varanda.

— Vou pegar o chocolate e você vai permanecer bem aqui. Vou te amar nessa varanda com a lua e estrelas de testemunhas.

Ela sorriu e ergueu a cabeça para me beijar.

— Eu te amo.

— Eu te amo.



— Por que mesmo ela está demorando? — perguntei para ninguém em especial.

— Vai ver ela desistiu do casamento e fugiu.

Se um olhar matasse, o Samuel estaria em pedaços. Ele apenas riu.

— Não sei porque você está nervoso, Guilherme — Arthur comentou. — Não é a primeira que passa pela berlinda.

Ele e o Samuel riram e eu cerrei os olhos. Logo eles estariam no meu lugar. O Arthur não admitia, mas se fizesse o pedido para a Eduarda eles já estariam casados há muito tempo. Já o Samuel era outra história. Se a Georgia decidisse que queria se casar, ele casaria. Nem que fosse amarrado, mas casaria.

Um dia eu estaria rindo deles. Era apenas o que me confortava.

Nicolas se aproximou da gente e parecia visivelmente nervoso.

— O que foi, Nicolas?

— Nada, pai.

Ele tinha aprontando, eu conhecia meu filho.

— Pode abrir o bico.

— O senhor acha que a minha mãe implicaria com uma tatuagem?

— Uma tatuagem? — Arqueei a sobrancelha.

— E se fosse duas?

Balancei a cabeça.

— Eu não vou acalmar a fera — falei logo.

— Ah, pai, por favor! — implorou.

— Estou tirando o meu da reta, Nicolas. Você sabe muito bem como sua mãe é com essas coisas, não quero estar nem perto quando descobrir.

Ele revirou os olhos e olhou para frente.

A Júlia e o Fernando haviam acabado de entrar na igreja, a Gabi estava com eles. Ela estava se tornando uma adolescente muito bonita e, bem... O Nicolas era apaixonado por ela, mesmo que não admitisse. Mas eu esperaria para ver o que aconteceria com aqueles dois em alguns anos.

Quando eu vi a minha irmã entrando na igreja, eu sabia que a hora havia chegado. Ela estava linda, havia pintado os cabelos de branco e estava atraindo a atenção de vários homens, para o desespero do Samuel.

— Ela está pronta! Se preparem para vislumbrar a noiva mais linda que já viram.

Alguns minutos se passaram, então no instante em que marcha nupcial começou a tocar as portas se abriram, revelando a mulher que eu havia escolhido para passar a vida inteira ao meu lado. Sua mãe a levaria até o altar, no lugar do pai dela.

Ela estava linda.

Na verdade, linda não.

Deslumbrante.

Magnífica.

O vestido a deixava parecendo uma princesa. Mãe e filha caminhavam devagar, acompanhando os passos da nossa porta-aliança, que parava a cada minuto, apontando para o local, nos fazendo rir em meios às lágrimas.

Quando a minha filha me viu foi correndo em minha direção, deixei a bengala de lado e a peguei no colo, esperando a dona do meu coração terminar de passar pelo tapete vermelho.

Quando ela chegou a Rose me lançou um olhar mortal.

— Sonhe em magoar a minha filha, Guilherme, e eu faço picadinho de você.

— Recado anotado, cobra. Digo... sogra.

Ela revirou os olhos, mas sorriu, beijando a testa da filha e pegando a neta do meu colo. Nossa relação estava um pouco mais amigável.

— Você está linda — falei ao beijar a testa da Verônica.

— Você também.

E nos viramos para o padre.

Quando eu conheci aquela mulher eu tinha certeza de que ela iria mudar a minha vida radicalmente. Eu sabia que ela seria a única a ocupar o meu coração. Sabia que ela seria a única em minha vida, não importava o que se passasse.

Quando eu decidi que ela seria minha, eu sabia que faria de tudo para colocar um sorriso nos lábios dela.

Quando eu conheci aquela mulher, eu sabia que nada jamais seria capaz de abalar esse amor que sentimos um pelo outro.

Alguns males vêm para o bem, já dizia um ditado popular. Nós passamos por tanta coisa e mesmo assim não deixamos de nos amar. Eu cheguei a pensar que ela jamais me perdoaria, mas ela perdoou; eu cheguei a pensar que jamais veria aquele sorriso dela direcionado a mim e ali estava ele. O sorriso mais lindo que já vi em toda a minha vida.

A mulher que tinha meu coração por inteiro.

Eu era completamente dela e ela completamente minha.

Então, depois de quase um ano divorciados, estávamos casados novamente e dessa vez era para sempre.

— Eu os declaro marido e mulher. O noivo já pode beijar a noiva.

Me aproximei dela e segurei seu rosto.

— Amo você, pequena.

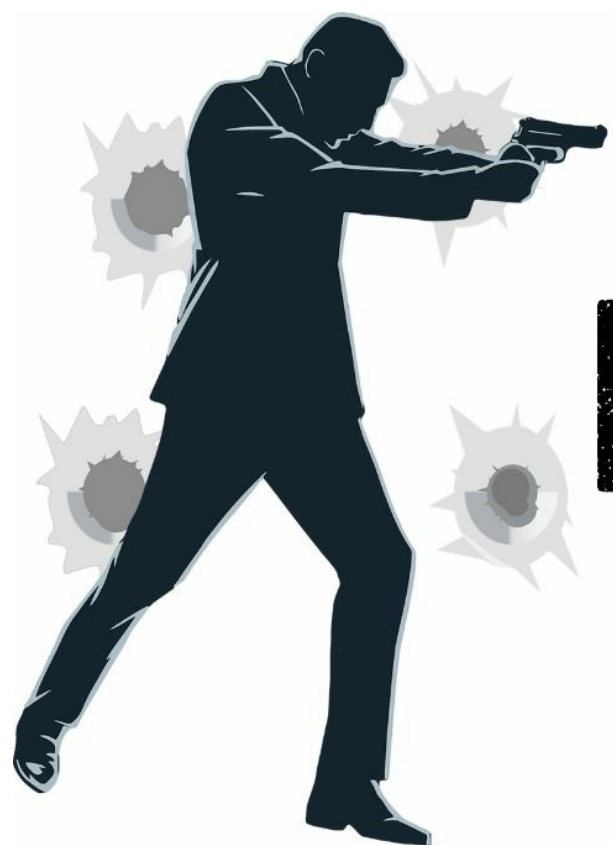
— Amo você, meu amor.

Então a beijei.

Esse não era o fim. Mas não mesmo.

Era o começo.

Um novo começo.



Epílogo

*Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar*

Eu sei que vou te amar – Ana Carolina

Verônica

5 ANOS DEPOIS

Há anos eu não ficava assim, com esse medo de algo acontecer, mas também havia anos que ele não participava de uma missão da polícia. Sim, o Guilherme voltou a usar o distintivo que tanto amava. Sua recuperação total da lesão na medula foi motivo de grande alegria, mas ele não voltou de imediato. Ele queria curtir as crianças, o restante da minha gravidez, tudo que tinha direito.

— Mamãe, por que a senhora está andando de um lado para o outro? — Vivi perguntou.

— Estou preocupada com seu pai, meu amor. — Beije a testa dela.

— Posso comer bolo de chocolate? — perguntou e eu sorri.

— Claro que pode. Só pedir à Heloisa. Pergunte se o Edgar vai querer também.

— Tá bom.

Ela saiu correndo para a cozinha e eu sorri.

Minha terceira gravidez foi tranquila, não tive preocupações e o Edgar é perfeito. Apenas o parto que foi um pouco complicado, já que ele estava sentado, então tivemos que optar por uma cesariana.

Só havia eles dois na casa, pois o Nicolas havia se mudado definitivamente para os Estados Unidos e tinha aberto uma franquia de casas noturnas por lá, em parceria com um colega que conheceu na faculdade.

Meu filho era um verdadeiro perigo para as mulheres. Comprovei isso na última vez que fomos visitá-lo lá. E quando dizia perigoso, era porque eu sabia que não seria qualquer mulher que quebraria aquela casca de *badboy* que ele adquiriu com o passar do tempo. Portanto, eu continuava sem uma nora, não que o posto não tivesse uma preferida, porque tinha e os dois soltavam faíscas

quando se viam, porém, essa era outra história.

Olhei novamente para o relógio.

Guilherme, por que você não dá notícia?

Nesse instante a porta se abriu e ele entrou.

— Graças a Deus!

Corri para abraçá-lo.

— Estou aqui, pequena.

— Como foi?

— Complicado, mas deu tudo certo no final.

A polícia estava lidando com um sequestro relâmpago que ocorreu no dia anterior, o bandido fez várias pessoas de uma lanchonete reféns.

— Que bom que acabou tudo certo.

— Já está com as malas prontas? — perguntou, me beijando.

— Com certeza, e superanimada, mas morrendo de medo de deixar as crianças com a minha mãe.

— Sua mãe vai cuidar deles direitinho.

— Eu sei, mas não quero me separar deles. Será que não conseguimos levá-los de última hora?

— Nada disso! — ele disse, me erguendo e subindo as escadas. — Estamos planejando essa viagem a dois há 3 anos, Verônica. As crianças ficam com a sua mãe.

— Amor...

— Não tem amor, nem mais amor, nem menos amor. — Me colocou no chão do nosso banheiro. — As crianças vão ficar bem.

— Tem certeza?

— Claro! A Vivi é quieta, o Edgar também, pra que se preocupar? Vai dar certo.

Ele ergueu minha blusa e eu levantei os braços para tirá-la. Depois abriu o sutiã e tirou o restante da minha roupa, fazendo o mesmo com ele e em seguida me levou para o chuveiro.

— Nós vamos descansar uma semana e eu já fiz um roteiro de onde quero fazer amor com você... — disse enquanto mordiscava o meu queixo.

— Tem?

— Tenho, com toda a certeza. Você vai amar.

— Com você eu iria até para debaixo da ponte, meu amor, e continuaria te amando.

— Duvido — ele disse gargalhando e eu sorri também.

— Só quero aproveitar o tempo com você agora.

— Vamos aproveitar, com toda a certeza. — Pegou o vidro de shampoo e despejou um pouco na mão, me fez virar de costas e começou a lavar os meus cabelos. — Quem sabe a gente não faz mais um filho lá?

— Deus me livre, Guilherme! Quer me matar?

Ele riu e beijou meu ombro.

— Estou brincando, amor.

Continuou lavando meus cabelos e eu amava esses cuidados. Amava cada coisa que vinha

dele.

O amava.

Cada defeito.

Depois de tomarmos banho nós nos deitamos na cama. Pegaríamos o voo cedo na manhã seguinte, ainda queria conferir as malas e ver se estava tudo certo, mas ficar ali, aconchegada com ele, não tinha preço.

Eu me sentia completa, protegida.

Me sentia a mulher mais sortuda do mundo por ter aquele homem ao meu lado.

Me perguntava como era possível meu amor aumentar cada dia mais. As vezes achava impossível, mas não era.

Chegava um momento que o amor era tanto que transbordava de mim em forma de lágrimas, como naquele momento.

— Está chorando por quê? — Guilherme perguntou, preocupado.

— Porque eu te amo — respondi.

— Eu jurava que isso não fosse motivo para chorar.

— É de felicidade, por ter você em minha vida. Obrigada por não desistir de mim.

— Nunca desistiria de você, e foi você quem não desistiu de mim.

— Ambos não desistimos um do outro — falei.

— Eu te amo, pequena. Eternamente.

— Eu também.

Ele me beijou.

A porta do nosso quarto foi aberta e dois pequenos furacões entraram correndo.

— Guerra de travesseiro! — Edgar gritou e eu sorri, já observando o Guilherme entrar na onda dos filhos.

Guilherme me beijou mais uma vez e eu corri para ir para o time da Vivi, e o Edgar e o Guilherme brincarem contra nós.

Em meio a risos e travesseiradas descobri que não podia pedir família mais perfeita que aquela.

E eu faria de tudo para ser assim até o dia em que não estaríamos mais entre eles.

FIM



O Próximo livro da série, tem por titulo Combustão, volume 4.5, que terá como tema centram Samuel e Georgia e o que exatamente aconteceu com ele.

Previsão de lançamento na Amazon será final de janeiro com início de fevereiro.

Depois deles temos o último livro da série, Meu chefe Envolvente.



Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de escrever e mostrar a vocês o meu trabalho.

Aos meus pais por todo o apoio, carinho e compreensão, sem vocês eu não teria terminado este livro.

Josilene, minha melhor amiga, obrigada por aguentar meu surtos de vez em quando, te amo!

Ana Caroline, obrigada por me ajudar nas cenas de ação e por não surtar comigo quando te contei o enredo do livro, te amo muito.

Minhas betas especiais, Valeria, Ivone e Elen, obrigada por terem lido esse livro antes de todo mundo e por terem me dito que estava perfeito.

Hellen Caroline, um anjo em forma de revisora na minha vida, obrigada por ter dado o toque final que esse livro precisava! Mari Sales, minha capista, mais uma vez captou a verdadeira essência do livro, obrigada!

Minhas leitoras do wattpad, do grupo do face, do whats, obrigada por não terem desistido

de mim, espero que tenham valido a pena no final.

E a você leitor, que esperou ansiosamente por esse livro, muito obrigada!

Juju Figueiredo.



Juju figueiredo, pseudônimo de Alice Lima, tem 21 anos, ex estudante de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Apaixonada por romances e pela escrita. Escreve desde os 14 anos de idade, porém só se aventurou a publicá-los quando tinha 17 anos. Publicou seu primeiro livro na Amazon, Apenas mais um CEO, em março de 2019. Possui mais obras completas e sendo escritas na plataforma wattpad.

[Página da Autora](#)

[Instagram](#)

[perfil wattad](#)

E-mail: autorajujufigueiredo@gmail.com

[Grupo facebook](#)



MEU ENVOLVENTE PROFESSOR

SÉRIE ENVOLVENTE – LIVRO 1



[Clique Aqui](#)

Desde que começou a graduação em Administração, Bruna tem um objetivo: Provar para o seu pai que pode viver sem depender da herança que ela tinha a receber.

Agora em seu último ano de faculdade, quando as coisas estão encaminhadas, ela se depara

com uma situação que não estava em seus planos. Seu orientador é afastado do cargo após um acidente e ela se vê obrigada a trocar de professor.

O que ela não esperava era que seu novo orientador despertasse nela desejos intensos e reações inesperadas.

Bruna tenta resistir, mas se envolver com seu professor vai além do que ela podia imaginar, e isso pode fazer com que feridas do passado sejam reabertas e novas feridas surjam nesse caminho.

“Ela não queria, mas era impossível não se envolver.”



Meu Juiz Envolvente

Série Envolvente – Livro 2

[Clique aqui](#)

Eles sabiam que não deveriam se envolver, mas era aquele ditado: Os apostos se atraem.

Eles sabiam que não deveriam se envolver, mas é aquele ditado: Os apostos se atraem.

Eduarda Medeiros vivia sua vida tranquilamente. Formada com honras na Universidade de São Paulo, é uma advogada de renome dentro do estado.

Ela sabia, desde que colocou seus olhos no juiz Arthur Brandão, que não deveriam se envolver, mas resistir ao charme e as provocações dele era impossível.

Arthur Brandão, juiz de renome, conduta impecável e opinião imparcial. Ele sabia que provocando e atizando a advogada a levaria para sua cama.

Mal sabem eles que o destino gosta de pregar peças.

Arthur esconde um segredo a sete chaves, segredo esse que pode destruir seu novo relacionamento.

Eduarda só queria encontrar um lar para uma criança que perdeu a mãe quando era um bebê.

Juntos, eles irão embarcar em uma história repleta de mistérios, segredos, mentiras e verdades. E no meio disso tudo, irão descobrir que reconstruir dois corações partidos pode ser mais difícil do que parece.

Meu Médico Envolvente – Livro 3



[Clique Aqui](#)

Débora viu seu mundo virar de cabeça para baixo quando perdeu a irmã e se viu sozinha com um recém-nascido e uma criança de sete anos para cuidar.

Desesperada, sem emprego e sem previsão de encontrar algo, ela se encontrava em uma sinuca de bico, entre aceitar a proposta de Henrique e manter sua dignidade. Mas os dias passaram e a situação ficava cada vez pior. Aceitar a proposta do cunhado estava se tornando sua única opção.

Porém, o que ela não sabia era que sair daquela vida seria mais difícil do que imaginava.

Jeferson perdeu seu mundo quando a noiva morreu em um acidente de carro. Desde então havia se fechado para qualquer tipo de sentimento que tivesse a ver com amor. A única coisa que fazia era salvar vidas, dedicando horas ao seu trabalho.

Tudo mudou quando Débora entrou de maneira involuntária em sua vida, fazendo nascer nele um instinto protetor e um lado seu que julgava morto para sempre, mas que parecia querer voltar à vida à medida que ele derrubava as barreiras da mulher que tentava fugir do mundo.

Mas o amor seria forte o suficiente para consertar dois corações que, para ambos, não tinha conserto?

Apenas Mais Um CEO

Duologia CEO – Livro 1



[Clique Aqui](#)

Sinopse

Se você pensa que essa história é sobre um CEO que descobre o amor pela primeira vez, está muito enganado.

Mathew Thompson já amou. Entregou seu corpo, sua alma e seu coração para uma única mulher. Mas o tempo, o destino e a vida são traiçoeiros. E em questão de segundos, aquilo que diziam ser para sempre acabou. Sendo enterrado para sempre dentro de dois corações eternamente feridos.

Anos se passaram e Mathew se tornou apenas mais um CEO arrogante e mulherengo. Todos que conheciam Mathew Thompson intimamente, sabiam que a vida havia lhe tirado o único motivo para viver. E a forma que encontrou para se proteger foi construir um muro entre seus sentimentos e o

mundo.

Seu corpo não mais lhe pertencia, era de todas com quem passava suas noites.

O destino mais uma vez decidiu brincar com sua vida, mas poderia um homem, completamente destruído pelo amor, amar novamente?

Um CEO em busca do amor

Duologia CEO- Livro 2



[Clique aqui](#)

Sinopse

No passado, Mathew e Cassie viveram a história de amor que todo casal queria viver, mas uma decisão errada os separou e com isso ficaram sem ter notícias um do outro por 10 anos.

Em uma noite, Mathew se encantou pela maneira exótica e sensual que Megan dançava e ambos foram tentados a se entregarem em uma noite de descobertas e prazeres.

Porém quando o destino resolve entrar em ação e começa a colocar as cartas na mesa, verdades são descobertas e vidas pagam o preço e foi o que aconteceu.

Mathew mais uma vez está desolado e busca o caminho para a redenção de todos os seus erros.

Cassie está em busca de perdão, redenção e, quem sabe, de um novo amor.

Megan luta por sua vida.

Para que as coisas sejam colocadas em ordem, para que todos possam seguir seus caminhos

é preciso mexer no passado e o passado é sempre complicado de lidar, porque pode fazer sentimentos enterrados, ou até mesmo esquecidos, virem à tona.

No último livro da duologia CEO, conheça a verdade por trás do passado de Cassie Tanner, saiba para quem Mathew Thompson vai entrar entregar seu coração e descubra se Megan Tanner terá uma segunda chance de voltar a vida.

Simplesmente Amor

Trilogia Recomeços – Livro 1



[Clique Aqui](#)

Sinopse

A vida muda do dia para a noite, em um piscar de olhos. Em um dia Júlia estava feliz, na faculdade dos sonhos, com pais amorosos e vivendo bem. Em outro ela se viu em um meio um mar de problemas que jamais pensaria enfrentar.

Uma gravidez inesperada a faz tomar uma decisão a qual ela pode se arrepender profundamente.

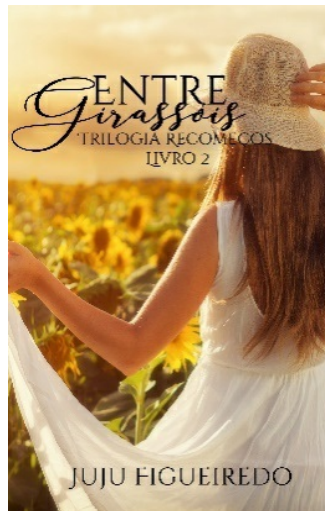
Fernando havia perdido a vontade a vontade de viver, a vida o tinha castigado de maneira monstruosa.

Mas o destino colocou um anjo em sua vida, um anjo tão lindo a qual ele tentará salvar a todo custo.

Simplesmente amor trata de perdão, relacionamento, perdas e o amor, amor mais profundos

Entre Girassóis

Trilogia Recomeços – Livro 2



[Clique aqui](#)

Sinopse

Laura tinha apenas uma prioridade em sua vida: sua filha.

Desde que ficou viúva não pensou em se relacionar novamente, se apaixonar era a última coisa que passava pela sua cabeça.

Afinal, quem iria querer uma mulher viúva, com uma filha de quatro anos e um passado um tanto conturbado?

Mas quando o destino quer, os pequenos imprevistos do dia a dia trabalham para que você conheça sua alma gêmea.

William não acreditava em amor à primeira vista, destino, alma gêmea e até mesmo o amor era algo duvidoso.

Mas algo na ruiva de olhos verdes, sorriso encantador, que pararia o mundo por sua filha, o

fez questionar esse pensamento.

Podemos nos apaixonar à primeira vista? Podemos descobrir que o amor existe?

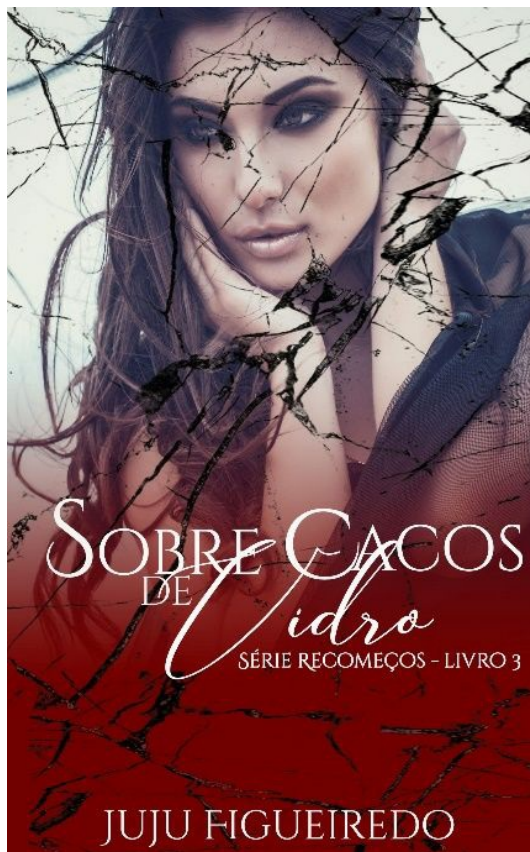
Um homem que não acreditava no amor.

Uma mulher que não pensava em se relacionar.

Uma confissão feita em um campo de girassóis.

Sobre Cacos de Vidro

Trilogia Recomeços – Livro 3



[Clique Aqui](#)

Lily tinha uma vida perfeita, um trabalho perfeito e uma família que a apoiava. Até seu mundo virar de cabeça para baixo e ela não saber o que fazer ou que direção tomar, se ela pudesse teria desistido da vida há muito tempo, porém não podia fazer isso com a única alegria que todo aquele pesadelo lhe trouxe, seu filho. Vivia apenas por ele e para ele. Pelo menos até Pedro aparecer.

"Não sabia dizer em que ponto eu me quebrei ou até mesmo quando desisti de me reconstruir. Apenas sei que minha vida não era nada menos que cacos espelhados pelo chão."

Desde que conheceu Lily, Pedro queria descobrir os mistérios da mulher que se escondia de tudo e todos. Sabia que não seria fácil, mas não desistiria até tentar entender cada caco seu que iria juntando a medida que Lily se desprendia de suas camadas.

"Eu sempre soube que estar com ela era como andar sobre cacos de vidro, mas eu não tinha medo de ferir, queria reconstruir cada traço da mulher que ela foi um dia, nem que isso me ferisse no caminho."



Meu Conto de Fadas

[Clique aqui](#)

Esqueça tudo que sabe sobre contos de fadas.

Lindsay, ou Branca de Neve – como é popularmente conhecida – é a CEO da Fruto Proibido, uma revista erótica feminina, que está diante de um grande problema com o lançamento da próxima edição. Por falta de tato de sua amiga e sócia, Branca de Neve está sem um modelo para ser sua capa e, completamente desesperada, acabou pedindo para um homem, completamente desconhecido por ela, que fosse seu modelo. O que ela não esperava era que a noite rendesse mais do que algumas fotos sensuais.

George William Rossetti, ou príncipe encantando, está de volta ao reino após longos anos estudando fora, mas sua volta tem um motivo bem simples, pelo menos para seus pais, ele precisa se casar. Ele só não esperava chegar e já ter a data do casamento marcada e uma futura noiva. As coisas só complicam ainda mais depois de conhecer uma certa princesa que abalou todo o seu psicológico.

E como em todos os contos de fadas, sempre temos a rainha má, que fará de tudo para que as coisas aconteçam de acordo com seus planos.

Para Branca de Neve e seu Príncipe Encantado, um conto de fadas nunca foi tão real.



- ^[1] Comunicação interventricular

^[2] um cinto de **pano** que vai ao redor da cintura e fica quase na altura da barriga.

^[3] Nota da autora: O que eu devo fazer sem você?

É tarde demais para catar os pedaços?

Muito cedo para se desfazer deles?

Você se sente abatida assim como eu?

Seu rosto, ele faz meu corpo doer

Isso não vai me deixar em paz

^[4] E me sinto como se estivesse afogando

Dificuldades para dormir

Sonhos inquietos

^[5] Você está em meus pensamentos

Sempre, sempre

Eu só me apavorei, apavorei

Prefiro me sufocar com minhas más decisões

Do que carregá-las para o meu túmulo

Você está em meus pensamentos

Sempre, sempre, sempre

^[6] Me desculpe, eu não entendo

De onde tudo isso está vindo

Eu pensei que estávamos bem

(Oh, tínhamos tudo)

Sua mente está fora de controle novamente

Minha querida, ainda temos tudo

E está tudo na sua cabeça

(Sim, mas isso está acontecendo)